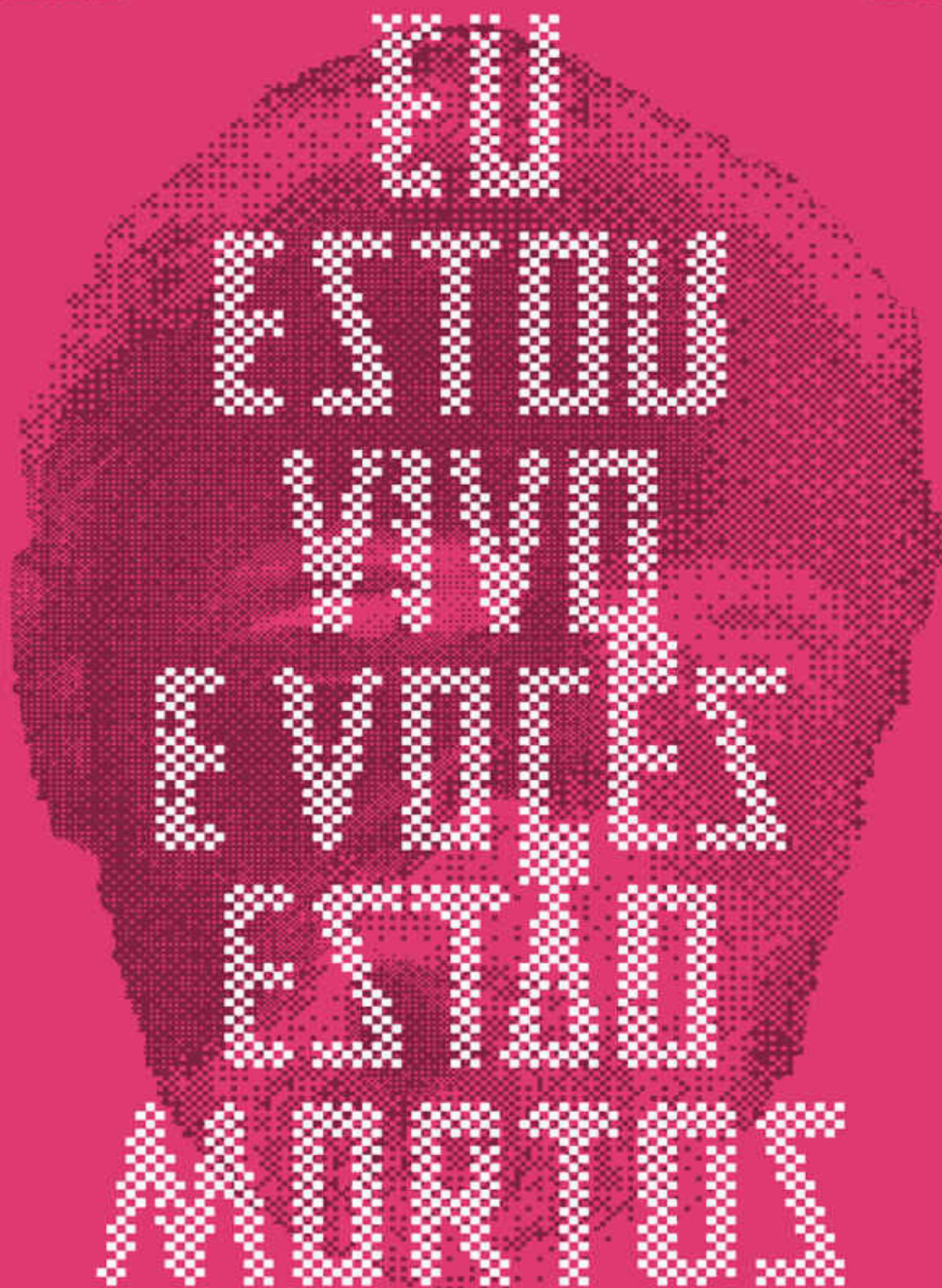


EMMANUEL

CARRÈRE



A VIDA DE PHILIP K. DICK





EU
ESTOU
VIVO
E VOÇES
ESTÃO
MORTOS

EMMANUEL

CARRÈRE

EU
ESTOU
VIVO
E VOÇES
ESTÃO
MORTOS

A VIDA DE PHILIP K. DICK

Tradução: Daniel Lüthmann


ALEPH

Para Anne

Trecho de discurso

feito por Philip K. Dick em

Metz, na França, em 24 de

setembro de 1977.

“Tenho certeza de que vocês não acreditam em mim, e não achem que eu mesmo acredito no que digo. No entanto, é verdade. Vocês têm toda liberdade para acreditar em mim ou não, mas acreditem pelo menos nisso: eu não estou brincando. É muito sério, muito importante. Vocês precisam entender que, para mim, o fato de declarar isto também é alucinante. Um monte de gente alega se lembrar de vidas passadas. Eu alego me lembrar de outra vida presente. Nunca ouvi falar de declarações parecidas, mas suspeito que minha experiência não seja única. O que talvez o seja é o desejo de falar a respeito.”

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Citação](#)

[Cap. 01. Berkeley.](#)

[Cap. 02. Homenzinhos verdes](#)

[Cap. 03. George Smith e George Scruggs](#)

[Cap. 04. O que ele fazia na realidade](#)

[Cap. 05. O rato em família](#)

[Cap. 06. Chung Fu, a verdade interior](#)

[Cap. 07. A Idiotice](#)

[Cap. 08. Folie à Deux](#)

[Cap. 09. Presença real](#)

[Cap. 10. Ko, a revolução, a muda](#)

[Cap. 11. Definindo o humano](#)

[Cap. 12. Retrato do artista quando herege](#)

[Cap. 13. Onde vivem os mortos](#)

[Cap. 14. Freaks](#)

[Cap. 15. Fluam, minhas lágrimas](#)

Cap. 16. O inverno da alma

Cap. 17. O império nunca acabou

Cap. 18. A queda do tirano

Cap. 19. O que o amigo gordo dos cavalos acabou encontrando

Cap. 20. Fim da linha

Cap. 21. Massa crítica

Cap. 22. Aquela por quem ele esperava

Cap. 23. Verdades penúltimas

Cap. 24. O insolúvel

Nota

BERKELEY

em 16 de dezembro de 1928, em Chicago, Dorothy Kindred, sobrenome de casada Dick, deu à luz um casal de gêmeos, prematuros de seis semanas e ambos mirrados. Foram chamados de Philip e Jane. Parece que, por ignorância, já que ela não tinha leite o suficiente para os dois e porque ninguém, fosse um ente próximo ou um médico, lhe havia sugerido completar o regime das crianças com mamadeiras, a mãe os deixou sofrendo de fome durante suas primeiras semanas de vida. Em 26 de janeiro, Jane morreu.

Ela foi enterrada no cemitério de Fort Morgan, no Colorado, cidade de origem de sua família paterna. Ao lado de seu nome, foi gravado na lápide também o de seu irmão sobrevivente junto com a data de nascimento deles e um traço, seguido de um espaço em branco. Pouco tempo depois, a família Dick partiu rumo à Califórnia.

• • •

Nas raras fotos familiares, Edgar Dick aparece com o rosto magro e anguloso, paletó de abotoamento duplo e aquele chapéu de feltro que os agentes do FBI costumam usar nos filmes americanos sobre a época da Lei Seca. De fato, ele era funcionário público, mas do departamento de agricultura. Sua função consistia em controlar que o gado declarado como abatido pelos fazendeiros o tinha sido realmente e, se não fosse o caso, abatê-los por conta própria – ganhava-se uma recompensa por cada animal morto, fraudes aconteciam por causa disso. No volante de seu Buick, ele vagueava por campos minguados pela Grande Depressão, em meio a pessoas mal-encaradas e desconfiadas, capazes de chacoalhar de maneira odiosa diante do nariz de um fiscal o rato que cozinhavam sobre um

braseiro improvisado. O que o reconfortava nessas incursões era encontrar antigos combatentes como ele. Tendo se alistado voluntariamente, ele trouxera consigo da guerra na Europa algumas lembranças heroicas, uma patente de sargento e uma máscara de gás que, certo dia, tirou de seu estojo para divertir seu pequeno, então com três anos de idade. Phil, no entanto, não se divertiu nada com a brincadeira. Diante dos olhos redondos e opacos e da tromba de borracha dependurada de maneira sinistra, ele berrou de terror, acreditando que um monstro, um inseto gigante, havia tomado o lugar de seu pai. Por semanas ele esquadrinhou o rosto paterno de volta ao estado normal, procurando e temendo encontrar nele outros sinais daquela substituição. As tentativas de adulação só faziam aumentar sua desconfiança. Depois desse desatino, Dorothy, que tinha alguns pensamentos sobre a educação do filho, levantava os olhos rumo ao céu soltando o ar furiosamente pelas narinas a cada vez que cruzava com o olhar envergonhado de Edgar.

Quando, ao voltar do *front*, ele se casara com ela, diziam que Dorothy se parecia com Greta Garbo. Com a chegada da idade e de diversas doenças, ela assumiu ares de um espantalho desprovido de qualquer sensualidade, mas sem abrir mão de certa sedução autoritária. Leitora bulímica, ela dividia a humanidade em dois grupos: aqueles que se entregam a uma atividade criativa e aqueles que não o fazem. Incapaz de conceber a existência de pessoas realizadas fora da primeira categoria, ela deveria consumir a própria vida mergulhada numa espécie de bovarismo puritano e estritamente intelectual, sem nunca conseguir forçar a porta do círculo de escolhidos que, a seus olhos, era formado pelos autores publicados. Ela desprezava seu marido, que, exceto o que se relacionava à vida militar, só tinha interesse pelo futebol. Ele tentava inspirar esse gosto em Phil, levando-o ao estádio escondido de sua mãe, mas o garoto, solidário a ela mesmo quando se orgulhava de desobedecê-la, recusava-se a entender por que os adultos se agitavam em torno de uma bola ridícula.

Sua infância lembra a do Lujin de Nabokov, ou ainda a de Glenn Gould, seu exato correspondente contemporâneo e, sob certos aspectos, seu primo espiritual: meninos gorduchos e emburrados que são feitos para serem campeões de xadrez ou pianistas prodígio. Sua calma e seu gosto precoce pela música eram enaltecidos. Seu maior prazer era se esconder em velhas caixas de papelão e nelas ficar por horas em silêncio, protegido.

Ele tinha cinco anos quando seus pais se divorciaram, por iniciativa de Dorothy, que obtivera de um psiquiatra a garantia de que a criança não sofreria com a separação (ele viria a reclamar disso a vida toda). Edgar gostaria de não ter rompido os vínculos, mas suas primeiras visitas foram recebidas com tamanha frieza, que ele se viu desencorajado e partiu para Nevada. Por sua parte, movida pela esperança de um trabalho mais interessante e mais bem remunerado do que o secretariado em que ela vegetava, Dorothy se estabeleceu com o filho em Washington.

Lá eles passaram três anos assustadores. Em Chicago, Phil era pequeno demais para se lembrar de qualquer coisa além do clima abençoado da Costa Oeste e, na nova cidade, descobriu com doloroso assombro a chuva, o frio, a pobreza, a solidão. Sua mãe trabalhava o dia todo no departamento federal da infância, corrigindo provas de cartilhas pedagógicas. Voltando da escola quaker em que ela o havia matriculado, e onde formavam rodas na esperança de conseguir falar com o Espírito Santo, ele a esperava por horas, sozinho no apartamento escuro e triste. Como ela voltava muito tarde para casa para lhe contar histórias, ele tinha que contar a si próprio aquelas que já conhecia. Sua favorita era o conto dos três desejos concedidos por uma fada a um casal de camponeses. “Eu adoraria uma bela língua!”, exclamou a mulher. A língua surgiu na sua frente, para furor do marido: “Você por acaso está louca de desperdiçar um dos seus desejos assim? Essa língua deveria ficar pendurada para sempre no seu nariz!”. E eis que o nariz da mulher é prolongado por uma língua, algo de que só poderia se safar com o terceiro desejo. A partir desse modelo, o garoto imaginava variantes sem fim. Depois, ele aprendeu a ler e

descobriu o *Ursinho Pooh*. Mais tarde, uma versão simplificada de *Quo vadis?* o perturbou. Sob os encantos da narrativa, tudo o que lhe contavam na escola quaker ganhava vida. Sua mãe nunca soube que ele fingira um inverno inteiro, sozinho e sem dizer a ninguém, que era um dos primeiros cristãos aterrados nas catacumbas.

Em 1938, Dorothy conseguiu um cargo no departamento florestal da Califórnia, que se situava no campus de Berkeley. Depois do exílio em Washington, mãe e filho respiravam novamente. Eles se sentiam, ao mesmo tempo, em casa e no centro do mundo, como qualquer um que morasse em Berkeley há mais de uma semana. Uma vez lá, parecia não existir nenhum outro lugar sobre a Terra. Feminista, pacifista, vidrada em cultura e em ideias avançadas, Dorothy desabrochava nesse território onde era possível ser funcionária pública e sufragista ao mesmo tempo sem se indispor com ninguém. Quanto a Phil, ele gostava da luz difusa da baía, da grama e do pequeno riacho do campus onde as crianças da cidade brincavam com toda liberdade, e do carrilhão da Sather Tower, que despejava sobre os telhados seu tilintar tão tranquilo e alegre, como se recompensasse as horas por transcorrerem de maneira tão frutífera. Ele gostava menos da escola, mas sofria de crises de asma e taquicardia que lhe permitiam faltar com frequência e, mesmo quando não as tinha, Dorothy era complacente e fazia vista grossa a suas faltas, deixando-o de bobeira em casa. No fundo, ela se deleitava com o fato de ele se parecer tão pouco com o pai e também com seu desdém pelos esportes, pela bagunça e por todas essas asneiras coletivas que só servem para transformar os americanos médios em moleques crescidos. Obviamente ele era mais parecido com ela, do lado dos artistas, dos albatrozes cujas asas gigantes impedem de caminhar.

Aos doze anos, ele já gostava do que viria gostar a vida toda: ouvir música, ler e escrever à máquina. Ele fazia sua mãe presentear-lhe com discos clássicos, a princípio de 78 rotações, e

desenvolveu o talento – algo de que ambos se orgulhavam bastante – de identificar, ao fim de alguns compassos, qualquer ópera, sinfonia ou concerto que fosse tocado ou até mesmo cantarolado diante dele. Ele colecionava revistas ilustradas que, sob o pretexto de vulgarização científica, tratavam de continentes engolfados, pirâmides malditas e navios misteriosamente desaparecidos no Mar dos Sargaços. Epítetos sugestivos compunham seus títulos: *Astounding, Amazing, Unknown...* Mas ele também lia as narrativas de Edgar Allan Poe e H. P. Lovecraft, o recluso da cidade de Providence cujos heróis enfrentavam abominações tão monstruosas que eram incapazes de descrevê-las.

Muito cedo começaria a imitar esses modelos. Em Washington, ele havia rabiscado alguns poemas lúgubres, evocando um gato ligeiro que devorava um pássaro, uma formiga que arrastava a carcaça de um zangão, uma família chorosa que enterrava um cachorro cego. Datilografar libertava sua inspiração. Tão logo passou a ter uma máquina de escrever, tornou-se um virtuose: segundo aqueles que o conheceram, ninguém era capaz de digitar tão rápido e por tanto tempo; as teclas pareciam ir ao encontro de seus dedos. Em dez dias, ele arrematou seu primeiro romance, uma continuação das *Viagens de Gulliver* cujo manuscrito se perdeu. Seus primeiros textos publicados, contos macabros inspirados em Poe, saíram sob a rubrica “Talentos futuros” na *Berkeley Gazette*. O responsável literário por essa revista, que assinava como “tia Flo” e se apegava ao realismo (na linha de Tchekhov e Nathanael West), o incentivava a escrever sobre aquilo que ele conhecia – a vida cotidiana, os pequenos detalhes verdadeiros – e a manter as rédeas de sua imaginação. Julgando-se incompreendido, Phil fundou seu próprio jornal, do qual ele era o único redator. Espero suscitar apenas uma aprovação distraída ao considerar premonitórios o título desse jornal – *The Truth* –, a petição de princípio que abre sua única edição – “Este jornal tem o compromisso de publicar somente aquilo que, sem nenhuma possibilidade de dúvida, é a verdade” – e o fato de que essa verdade intransigente tenha assumido a forma de

aventuras intergalácticas, fruto dos devaneios de um copista inepto de treze anos.

Uma noite, nessa época, ele teve um sonho que se repetiu várias vezes. Ele se via numa livraria, procurando um número da *Astounding* que faltava à sua coleção. Nesse número raríssimo, de valor inestimável, fora publicada uma história intitulada “O Império nunca acabou”. Se ele conseguisse colocar a mão nela, se pudesse lê-la, saberia de tudo. O primeiro sonho foi interrompido antes que ele chegasse ao fim da pilha de revistas desgastadas na qual, acreditava ele, repousava o precioso exemplar. Ele esperou sua volta com um fervor inquieto e, quando isso aconteceu, aliviado porque a pilha continuava ali, pôs-se a revirá-la febrilmente. Ela ia encolhendo a cada sonho, mas ele acordava sempre antes do último exemplar. Ele passava os dias se repetindo o título da história, cuja sonoridade acabou por se confundir com a pulsação do sangue em suas orelhas num dia em que teve febre. Ele imaginava a fonte que a compunha, a ilustração da capa. Essa ilustração, por mais vaga que fosse, ou talvez por isso mesmo, o inquietava. Depois de semanas, seu desejo ganhava tons de angústia. Ele sabia que, se lesse “O Império nunca acabou”, todos os segredos do mundo lhe seriam revelados; mas adivinhava também que tal conhecimento não viria sem atribulações. Lovecraft havia escrito: se soubéssemos de tudo, o terror nos deixaria loucos. Ele chegou a representar o sonho para si como uma armadilha diabólica, e o número sepultado sob a pilha, como um monstro à espreita, pronto a devorá-lo quando ele terminasse de percorrer o tobogã que levava até sua embocadura. Em vez de se precipitar como fazia de início, ele tentava frear o movimento de seus dedos que, afastando uma revista após a outra, o aproximava da apreensão derradeira. Ele temia o sono, se familiarizava com a vigília.

Sem motivo aparente, o sonho cessou. Ele esperava seu retorno com ansiedade, e depois novamente com impaciência; passadas duas semanas, teria dado tudo para que ele voltasse. Lembrava-se

do conto dos três desejos, em que cada um era desperdiçado para remediar a catástrofe da imprudência do precedente: ele desejara ler “O Império nunca acabou”; depois, pressentindo o perigo, desejou que essa leitura lhe fosse poupada; agora, de novo, ele desejava lê-lo, e, se essa realização lhe fosse recusada, talvez fosse por misericórdia, já que ele não tinha direito a um quarto desejo, pensava. No entanto, sem a volta do sonho, ele ficou decepcionado. Ele definhou. Depois acabou esquecendo.

Era um garoto um pouco gordinho demais, ofegante, que vivia só com a mãe. Eles se chamavam Philip e Dorothy e se tratavam com uma cerimônia curiosa. À noite, deitados cada um em sua cama, eles se falavam cada um de um quarto, deixando as portas abertas para o corredor. Seus tópicos favoritos de conversa eram os livros, as doenças e os medicamentos que supostamente as tratavam. Hipocondríaca confirmada, Dorothy possuía uma farmácia tão ampla quanto a discoteca do filho e igualmente aberta à novidade: quando, depois da guerra, surgiram os primeiros calmantes, ela figurava entre os pioneiros desse eldorado químico, experimentando Thorazin, Valium, Tofranil e Librium à medida que chegavam ao mercado, comparando os torpores que proporcionavam e enaltecendo-os para as pessoas ao seu redor.

De tempos em tempos, Phil revia o pai, casado novamente e instalado em Pasadena, onde se tornou locutor de uma rádio local. Esse trabalho exercia grande prestígio sobre o adolescente tímido, que sonhava em exercer influência sobre os outros. Ele foi, como todo mundo, patriota durante a guerra, mas também fascinado pela propaganda de Goebbels. Ele se gabava de poder admirar, caso fosse impecável, a execução de um plano que ele próprio reprovava. Um tribuno, um líder dos homens dormia dentro dele, mas, como ele não chegava a angariar ninguém, acabava ficando em seu canto.

Sim, o que ele mais gostava, por falta de coisa melhor, era isto: ficar em seu canto e nele acumular seus pertences. Ritualmente, sua mãe lhe pedia que arrumasse o quarto, onde reinava o tipo de

desordem habitual dos maníacos que, tão capazes quanto Sherlock Holmes de afirmar a data de uma pasta a partir da camada de poeira acumulada nela, conseguem se encontrar sozinhos em meio à confusão: uma baderna de miniaturas de aviões ou de charretes, jogos de xadrez, discos, revistas de ficção científica – e também fotos de mulheres nuas, estas mais bem escondidas que o restante.

Pois, obviamente, ele começava a se interessar pelas garotas. Sem sucesso, de tanto que lhe faltava segurança, mas o suficiente para que a osmose que o unia a Dorothy sofresse com isso. Desamparada, ela se dava conta de que, de repente, a apatia escolar, a introversão e as crises de ansiedade do filho pediam os serviços de um psiquiatra. Ele tinha catorze anos quando ela o levou à primeira de uma série de consultas quase ininterruptas até sua morte.

Ao cabo de algumas sessões, amparadas pela consulta de livros que traziam anotações frenéticas de sua mãe, o jovem Dick falava com desenvoltura sobre neuroses, complexos e fobias, e submetia seus colegas de classe a testes de personalidade dos quais, sem revelar o segredo do seu conhecimento, ele tirava conclusões distintamente lisonjeiras e apreciadas para cada um.

Por volta do fim dos anos 1930, o desenvolvimento desses testes havia modificado consideravelmente as ideias do americano médio sobre o que se passava em sua cabeça e na do vizinho. No momento da declaração de guerra, eles tinham revelado que mais de 2 milhões de convocados, num universo de 14 milhões, apresentavam problemas neuropsiquiátricos que os invalidavam. Diante desse número que ninguém suspeitaria antes que reputados parâmetros científicos fossem estabelecidos, as pessoas entraram em pânico, fizeram despesas enormes no setor da saúde mental e favoreceram o arroubo da psicanálise, contando com ela para transformar esses cidadãos semidegenerados em seres responsáveis e equilibrados.

Tal confiança pode parecer ingênua e colocava um sorriso na cara do velho Freud, que desembarcava em Nova York acreditando

trazer a peste para o Novo Mundo. Mas os psiquiatras e psicanalistas americanos, que hesitavam menos sobre a diferença entre suas disciplinas do que na Europa, tinham ajustado o freudismo a suas visões pragmáticas e visavam menos o conhecimento e a aceitação de si, incluindo todas as singularidades, do que a adaptação às normas sociais. Os testes que eles realizavam com todas as suas forças avaliavam o progresso dos pacientes rumo ao objetivo de funcionar normalmente. Ou pelo menos *ter a impressão* de funcionar normalmente.

Quando criança e já míope, lembro-me de ter desconcertado um oculista recitando de cor as letras do quadro que permitia avaliar minha visão: como eu conseguia ler tudo, até mesmo os pequenos caracteres inferiores, alegava que não era o caso de me botar óculos (o que não funcionou). Quando adolescente, Dick adquiriu o mesmo tipo de familiaridade com os testes, mas deu a eles outro uso virtuoso. Brincando com sua intuição, com sua recente experiência e com a rigidez do sistema, ele aprendeu a desbancar as armadilhas escondidas pelas perguntas e a adivinhar as respostas que esperavam dele. Feito um aluno que obtém o livro do professor, ele sabia quais campos marcar no *Wordsworth Personal Data Sheet* ou no *Minnesota Multiphasic* para despertar satisfação, qual desenho identificar em determinada mancha do Rorschach para causar perplexidade, e acabou sendo classificado, de acordo com sua vontade, como normalmente normal, normalmente anormal, anormalmente anormal, anormalmente normal (seu triunfo) e, de tanto variar seus sintomas, enervou seu primeiro psiquiatra.

Um psicanalista de São Francisco, claramente mais inteligente, veio na sequência: era um junguiano, o que a vulgata de Berkeley havia pouco começava a considerar a nata da nata, reservada aos espíritos criativos. Assim, duas vezes por semana, Phil tomava a balsa para atravessar a baía. A um amigo que se impressionava ao ver tais deslocamentos atípicos, ele contou que estava fazendo aulas para superdotados com Q.I. excepcionalmente elevado e – nem precisava dizer – que ele havia roubado para passar nos

testes. O amigo zombava dele como costumam fazer os pestinhas que se orgulham de sê-lo, mas Phil se valeu de um tom petulante que conferia ainda mais genialidade a um impostor capaz de se passar por gênio do que a um gênio autêntico, e o amigo então o olhava quase com o mesmo olhar que lhe lançara seu primeiro psiquiatra mais perto do final. Depois disso, passou a evitá-lo.

Ao longo de seu segundo tratamento, Phil descobriu o efeito extraordinário que a história de Jane podia produzir sobre uma pessoa dada à psicologia, bem como a espécie de consideração que, entre os conhecedores, mobiliza um traumatismo de calibre tão elevado. Ele compreendeu que falar de sua irmã gêmea morta fazia dele alguém interessante, e passou longas sessões a se perguntar quem, em qual ocasião, o havia informado do drama do nascimento deles. Sem dúvida fora sua mãe, e sem dúvida cedo. Ele tinha a impressão de sempre ter sabido disso. Lembrava-se, em sua primeira infância, de uma companhia imaginária chamada Jane, que tinha cabelos e olhos pretos e se safava com uma insolência endiabrada das situações mais arriscadas – ao contrário dele, o desajeitado, sempre escondido no fundo de suas velhas caixas de papelão. Ele dizia também se lembrar de sua mãe gritando, num momento de ira, que seria melhor se ele tivesse morrido, e não Jane.

Quando ele descobriu o que era uma mãe castradora, a revelação lhe acarretou de certa forma o efeito de uma traição (Dorothy pagava aquele sujeito para que ele falasse mal dela), mas a informação não chegava aos ouvidos de um surdo, e logo se transformou em inquietação. Munido de uma mãe como aquela, com um pai ausente e um gosto tão pronunciado pelas coisas relacionadas à arte e ao espírito, não reunia ele todas as condições para se tornar homossexual?

Essa foi uma das assombrações da sua adolescência, mas não a única. Ele sofria de vertigens, de agorafobia. Temia os transportes públicos, era incapaz de comer diante dos outros, até mesmo um sanduíche. Aos quinze anos, durante um concerto sinfônico, foi assolado por um ataque de pânico: ele se sentia submerso, avistando o mundo pelo periscópio de um submarino.

Em outra ocasião, passou mal no cinema durante uma sequência de atualidades que mostrava as tropas americanas massacrando soldados japoneses com seu lança-chamas numa ilha do Pacífico. O pior de tudo não era tanto o suplício dos japoneses, mas o entusiasmo da sala, satisfeita em ver aqueles primatas transformados em tochas. Ele teve que sair precipitado, seguido por uma Dorothy desesperada, e levou anos até voltar a colocar os pés numa sala de espetáculos.

Tais crises não facilitavam a continuidade de seus estudos. Ele não ia mais às aulas, mas estudava em casa ouvindo discos. Por combinar tão bem com esse fundo sonoro, uma matéria lhe agradava mais: o alemão, que ele debochadamente havia escolhido como língua estrangeira na época do fim da guerra, e da qual ele acabava de descobrir a poesia, feita para ser cantada. As melodias de Schubert, Schumann e Brahms entraram em sua vida. Ele não imaginava que se pudesse fazer algo melhor do que escutá-las e, aos dezesseis anos, decidiu transformar isso em profissão.

Encontrou um emprego de meio período numa loja chamada University Music. Lá eram vendidos discos, rádios, vitrolas, os primeiros televisores. Também consertavam esses itens, e os que trabalhavam na oficina formavam uma aristocracia cuja competência era invejada pelo jovem Phil. O verbo inglês *to fix*, que significa ao mesmo tempo “consertar”, “confeccionar”, “remendar”, “manter junto”, e que, além disso, evoca, mais do que seu correspondente “fixar” em português, uma ideia de estabilidade conquistada com grande esforço, englobava tudo o que ele mais estimava na genialidade humana; os heróis de seus livros serão eternos fuçadores, pequenos artesãos grudados em suas bancadas. Isso pode parecer bizarro da parte de um menino que lia feito louco e crescia no meio da mais intelectual das cidades universitárias, mas ele tinha escolhido seu rumo muito cedo, antes mesmo que se pudesse acusá-lo de desdenhar as uvas que não conseguia alcançar. Seu meio de predileção nunca seria a academia,

tampouco os cafés onde os universitários inflamados remodelam o mundo, mas sim o pequeno empreendimento, a loja cuja calçada é varrida pela manhã antes de levantar a porta de ferro e receber os primeiros clientes.

Seu trabalho consistia em abrir as caixas de discos clássicos enviados pelas distribuidoras, organizá-los nas prateleiras – hesitando bastante na classificação quando um programa parecia obras de compositores diferentes –, comprá-los com desconto para sua própria coleção, comparar com os clientes ou com outros vendedores os méritos das diferentes versões de *A flauta mágica*, varrer o chão e trocar os rolos de papel higiênico dos banheiros situados atrás da cabine de audição número 3. A University Music era o seu mundo, um mundo estável e familiar onde nenhum inconveniente podia lhe acontecer. Ali ele se sentia protegido das crises de ansiedade ou de agorafobia. Ele ganhava segurança. Quando uma cliente o atraía, ele a convidava a ir até uma cabine para escutar os primeiros discos daquele jovem barítono milagroso, Dietrich Fischer-Dieskau, que cantava os *lieder* de Schubert como ninguém antes dele. Enquanto o disco girava, ele fixava seus olhos de um azul intenso sobre a garota e cantarolava a música com sua voz bela e profunda, um pouco turva, que havia pouco substituíra seu falsete de adolescente.

Para desenvolver esse registro de sedução, ele sonhava em apresentar o programa apadrinhado por seu chefe numa rádio local. Lamentavelmente, só lhe era permitido compor os programas; o monopólio do microfone ficava com uma figura de cabelos engomados, paletó xadrez e sapatos bicolores, que ele odiava com todas as suas forças. Em um de seus devaneios favoritos, ele se imaginava um astronauta orbitando a Terra devastada por uma catástrofe atômica. No satélite que, por falta de tecnologia para ser repatriado, estava condenado a girar até morrer, ele recebia mensagens de rádio dos sobreviventes espalhados pelo planeta devastado. Ele, por sua vez, também emitia suas mensagens, os outros que se esforçassem para ouvi-las lá embaixo, um pouco como os franceses recebiam notícias de Londres durante a

Ocupação. Ele tocava discos, lia livros, transmitia informações. Graças a ele, subsistia um vínculo entre os grupos isolados a quem sua voz calorosa dava coragem para aguentar o tranco. As pessoas se reuniam para escutá-lo em volta de rádios de galena devotamente improvisados que os homens consideravam seu bem mais precioso. Sem esses rádios, sem o *disk jockey* solitário que olhava por eles lá de cima, teriam voltado ao estado de selvageria. Se a civilização renascesse, seria sob sua égide. E o momento mais requintado desse sonho acordado era aquele em que ele enfrentava a tentação de se deixar adorar pelos homens como um deus. Ele triunfava, mas sem excessos.

Sobre a saída da casa de sua mãe, os testemunhos divergem, com Phil se lamentando de que Dorothy o entendera mal e ameaçara chamar a polícia para impedi-lo de ir embora e de se tornar homossexual, algo que não deixaria de acontecer se ela estivesse mais presente para cuidar dele; e Dorothy garantindo que, pelo contrário, ela teve que colocá-lo da porta pra fora, pois ele não tinha mais idade para morar com ela. Qual fosse o caso, ele se mudou com seu precioso toca-discos Magnavox e suas coleções de livros, discos e revistas para um apartamento ocupado por um grupo de estudantes boêmios, sob influência dos quais seus gostos literários evoluíram. Nesse meio cultivado e enfático, somente a “grande literatura” era admitida: a moda demoraria ainda um pouco a repousar com benevolência sobre os gêneros populares. Dick, um dócil camaleão, parou então de ler ficção científica, escondeu as revistas baratas que encantaram sua adolescência e só recorria a Joyce, Kafka, Pound, Wittgenstein e Albert Camus. De agora em diante, uma noite ideal para ele consistia em escutar Buxtehude ou Monteverdi junto com poetas vanguardistas, citando de memória passagens inteiras de *Finnegans Wake* e assinalando nelas os traços da influência de Dante. Todo mundo em volta dele se metia a escrever e, em meio a um excessivo *name-dropping* cultural, trocavam manuscritos e conselhos. Exceto por um apanhado de

contos que ele tentava em vão publicar em revistas, Dick escreveu dois romances nessa época, com os quais só se saberia mais tarde o que ele pretendia dizer. O primeiro era um longo monólogo interior acerca de uma impossível busca amorosa com arquétipos junguianos, e o segundo descrevia o complexo rendilhado de mentiras e não ditos em meio a um *ménage à trois* ambientado na China maoísta.

Foi então que ele perdeu a virgindade e, de uma só tacada, também o medo de que fosse homossexual, com uma cliente da loja que outro funcionário mais atrevido o havia incentivado a dar em cima. Recusando-se a lhe vender as músicas de natal melosas que ela tinha ido comprar, ele a fez escutar seus discos favoritos na cabine, levou-a até o subsolo desertado pelo pessoal da oficina no horário do almoço e, uma semana depois, casou-se com ela, inaugurando sem pompa uma longa carreira de monógamo compulsivo. Eles alugaram juntos uma quitinete sinistra onde Phil conheceu, ao mesmo tempo, as limitações da vida de um casal pobre e o pouco de afinidades que tinha com sua mulher. Ela dormia enquanto ele lia seus próprios contos ou *As variedades da experiência religiosa*, de William James, achava *Finnegans Wake* incompreensível e não suportava mais os discos que ele ouvia sem parar. Ao fim de algumas semanas, ela falou em quebrá-los: a ruptura tornara-se inevitável. O juiz, aparentemente, considerou vazio esse motivo de divórcio, mas a ameaça assombrou Dick por muito tempo. Em 1984, Orwell imagina que a polícia, a fim de exercer uma pressão personalizada sobre cada cidadão, aplica-se a descobrir o que lhes causa mais medo: para um, ser enterrado vivo; para outro, ser devorado por um rato. A simples ideia de que alguém quebrasse seus preciosos discos tinha para Dick o caráter de terror absoluto. Um livro após o outro, esposas cruéis cometem esse gesto maldoso com seus maridos em frangalhos e, em seu penúltimo romance, é a essa ameaça que Javé em pessoa deve recorrer para mobilizar o herói, rebelde em acatar Sua vontade.

O perigo se afastou com sua segunda mulher, que ele também conheceu na loja de discos, onde ela explorava a seção de ópera italiana. Escaldado, ele testou seus gostos antes, esperando a certeza de que ela gostava das mesmas interpretações que ele antes de partir para o galanteio. Kleo Apostolides tinha 19 anos. Era uma universitária de origem grega, morena, bastante bonita, grande leitora e, se considerarmos os futuros padrões dickianos em termos de esposas, excepcionalmente equilibrada. Eles se casaram em junho de 1950 e financiaram uma casa degradada na parte baixa e popular de Berkeley. O telhado estava se desmanchando, a pintura descascava e, na época das fortes chuvas de inverno, era preciso espalhar bacias por todos os lados para evitar uma inundação. Nem Phil nem Kleo cogitavam fazer reformas – ele, por descuido, porque dedicava a maior parte de seu dinheiro para comprar discos, e o seu tempo livre, para escutá-los; ela, por uma escolha deliberada em favor da boemia e de tudo o que se opusesse ao modo de vida burguês. Como uma valente soldadinha do radicalismo local, Kleo usava jeans, óculos de acetato, entoava os cantos das Brigadas Internacionais que falavam sobre protestar em Madri com o coração flamejando de ódio, e falava sobre qualquer assunto com a mesma veemência, fosse algo que a entusiasmasse ou que a indignasse. Ela tinha um gosto particular pela indignação.

Para pagar seus estudos de ciências políticas, ela exercia vários bicos. Phil, por sua vez, passava então todos os seus dias na University Music. Diferente de quase todo mundo em Berkeley, ele não era estudante. Alguns dias depois de ter se inscrito em alguns cursos sobre o movimento *Sturm und Drang* e a filosofia de Hume, uma crise de angústia especialmente severa foi despertada por sua carreira acadêmica. Como a ambição social não o atormentava, para dizer o mínimo, ele a havia enterrado tranquilamente. Mas depois de se tornar vendedor de discos em período integral, sem nenhuma outra perspectiva senão chegar à gerência da loja – ainda assim, uma miragem distante –, ele se pôs a lamentar essa escolha que, com o passar dos anos, poderia fazer dele uma figura pitoresca de Berkeley, tratado com desenvoltura amigável por gerações de

estudantes: o velho e tão instruído vendedor da University Music, sempre pronto a ter um dedo de prosa se alguém puxasse o assunto do idealismo alemão ou da segunda oitava de dó emprestada por Elisabeth Schwarzkopf para Kirsten Flagstad no *Tristão* de Furtwängler.

Nessa época, ainda na University Music, ele teve um encontro decisivo com um escritor chamado Anthony Boucher, espécie de homem-orquestra da literatura popular e que, sob vários pseudônimos, compunha, fazia críticas e editava romances policiais e de ficção científica. O fato de um adulto, um melômano experimentado, um homem distinto a todos os olhares, não desdenhar o gênero ao qual ele acreditou ter sido obrigado a dar as costas para não ser considerado um subdesenvolvido foi para Dick um motivo de estupor, e depois de alívio. Sua timidez o impedia de assistir aos cursos de *creative writing* que Boucher dava em sua própria casa uma vez por semana, mas Kleo levava às aulas alguns textos de seu marido, entre os quais estava uma narrativa de ficção científica. Mais uma surpresa, justamente esse texto foi considerado promissor. Incentivado, Dick abandonou as tentativas de fina psicologia e seus monólogos interiores para deixar a imaginação partir rumo às estrelas. Foi assim que, em outubro de 1951, a revista da qual Boucher era redator-chefe publicou o primeiro conto “profissional” de Philip K. Dick: “Roog”. Nele, acompanhamos um cão que persegue os lixeiros com seus latidos por ter adivinhado que eles não eram lixeiros de verdade, mas sim extraterrestres que começaram a confiscar e analisar os resíduos dos terráqueos antes de, adivinha-se, levar embora os próprios terráqueos.

Esse texto lhe foi mal pago, mas pago. Dick concluiu que era possível ganhar a vida assim. Ele deixou seu emprego na University Music e, tomado por uma mistura de angústia e exaltação, estabeleceu-se como escritor em tempo integral. Ele arrumou um agente. Em 1952, vendeu 4 contos, 30 em 1953, 28 em 1954 e, em 1955, foi a vez de sua primeira antologia e de seu primeiro romance.

HOMENZINHOS VERDES

ao se estabelecer, aos 24 anos, como escritor profissional de ficção científica, Dick não imaginava que essa decisão fosse envolver toda a sua vida. Ele achava que estava aproveitando uma ocasião, reagindo de maneira temporariamente adequada a uma situação tão temporária quanto. Uma vez afastada a via acadêmica, sua coleção de fobias o impedia de se apegar à maioria das profissões abertas a um adulto americano comum. Pelo menos isso os testes lhe haviam ensinado. Ele se sabia capaz de tapear seus resultados, de se passar durante todo o tempo de uma entrevista por um rapaz sério que o chefe de pessoal contrataria sem pestanejar, mas não sabia como continuar a encenação, dia após dia, num escritório. Além do mais, ele não sentia nenhum desejo que pudesse ser satisfeito pela vida de escritório. O poder, por mais que ele se recusasse a reconhecer, o atraía, mas certamente não o tipo de poder que um cargo médio exerce sobre alguns funcionários ou que um cargo superior exerce sobre os cargos médios. Quanto ao modo de vida dos colarinhos-brancos, um modelo que a publicidade propunha a um país há pouco perplexo com sua própria prosperidade, um morador de Berkeley só poderia considerar grotesco o movimento browniano desses sorridentes robôs engravatados que, todo dia bem cedo, empestevavam seu trem vindo do subúrbio com a mesma loção pós-barba e, à noite, depois de terem se agitado em vão, reencontravam suas casas suburbanas, onde suas esposas loiras e sorridentes ofereciam um martini enquanto perguntavam sempre com o mesmo tom de voz: “E então, querido, você teve um bom dia?”. Valia mais a pena cultivar sua singularidade – no caso, seu gosto adolescente e ligeiramente regressivo pela ficção científica –, posto que nessa área existia um mercado em plena expansão e aberto o suficiente para que um jovem escritor cujos textos “literários” não eram aceitos por ninguém pudesse cogitar viver disso, de maneira bastante parcimoniosa, obviamente, mas pago para exercer e aprender o único ofício que correspondia a suas aspirações. Era preciso jogar o jogo, claro: produzir a toda velocidade, aceitar os cortes, os títulos impossíveis e as ilustrações espalhafatosas representando homenzinhos verdes com olhos pedunculados. Se a Bíblia tivesse sido publicada numa coleção de ficção científica, brincava Boucher, sairia em dois volumes de 20 mil palavras cada, o Antigo Testamento com o título *O mestre do caos*, e o Novo, *A coisa de três almas*. Mas isso não duraria muito, assim esperava Dick. Em breve seus contos seriam lidos na *New Yorker*, seus livros de verdade seriam publicados por editoras de verdade e receberiam críticas de verdade, falariam dele como falam de Norman Mailer ou de Nelson Algren, e esse aprendizado pouco radiante daria à sua biografia o toque velhaco que convém ao grande romancista americano.

O mais estranho é que isso não tenha se concretizado. Suas obras “sérias”, ou *mainstream*, como se diz nos Estados Unidos, talvez não fossem lá muito boas, mas outras muito piores eram publicadas e, quando tantos escritores, antes de caírem no esquecimento, são saudados como revelações, Dick, como todo mundo, também deveria ter tido a sua chance de dar um gorjeio pelo salão da literatura burguesa que, no fundo, nem é tão fechado assim. Algo o impediu de fazê-lo, o que lhe pareceu a princípio um inexplicável revés e, depois – mas muito mais tarde –, como o indício de uma vocação incomparavelmente mais elevada.

Nos anos 1950, além de uns oitenta contos e sete romances de ficção científica, ele escreveu nada menos que oito romances *mainstream*, todos eles recusados. Esses fracassos não desanimaram Kleo, que acreditava nos mitos do artista incompreendido e da boemia alegre: o artista, em seu espírito, *tinha* que ser incompreendido, pelo menos no início, e a boemia *tinha* que ser alegre, assim como os militares *tinham* que ser brutos com patentes, e os filmes de Hollywood, máquinas comerciais estúpidas. Enquanto afixava na parede as cartas de recusa que caíam em ritmo alarmante na caixa de correio deles – um dia, encontraram dezessete delas –, ela não duvidava em momento algum de que estavam a provar tanto da tolice dos zumbis de terno cinza que reinavam no mundo da edição quanto da originalidade de seu marido, que em breve seria reconhecida. Os jornais começavam a falar da *beat generation*, dando um modelo plausível ao modelo do escritor rebelde e descontraído do qual Phil usava pelo menos o uniforme: jeans, camisa xadrez em estilo lenhador e botas velhas do exército. Ela sonhava com a glória de um Kerouac para ele e, nas raras vezes em que atravessaram a baía rumo a São Francisco, dava um jeito de arrastá-lo para os pequenos cafés enfumaçados de North Beach onde os poetas *beat* ouviam jazz e liam suas obras até tarde da noite.

Infelizmente, Phil não gostava de atravessar a baía, nem dos cafés enfumaçados, nem de jazz, nem de reuniões de escritores.

Ele tinha um medo agudo de que lhe perguntassem o que havia escrito, já habituado ao sorrisinho superior com o qual até o mais obscuro dos poetas publicados na condição de autor recebia os balbucios nos quais ele tentava abafar as palavras “ficção científica”. Menos confiante do que sua mulher e dado com mais facilidade à indignação, ele desconfiava de que o insucesso era o estigma do gênio e, sem ousar ordenar que lhe tirassem esses troféus – “O quê?”, teria gritado Kleo, “Não me diga que você tem vergonha deles!” –, desviava da parede das rejeições com um olhar infeliz. Ele preferia, quando sozinho, tirar de sua carteira e contemplar feito uma relíquia a carta perfeitamente insignificante de um romancista *mainstream* chamado Herb Gold, a quem ele mal conhecia, mas que teve a bondade de lhe chamar de “caro colega”, como se também ele fosse um escritor de verdade.

Mortificado entre aqueles que ele adoraria considerar como seus pares, ele não tardou a ficar assim também diante das pessoas comuns, que faziam carreira, moravam em belas casas e ganhavam dinheiro. Como Kleo, ele sempre podia desprezar o sucesso delas; mas sabia que elas também desprezavam seu fracasso. O orgulho de se dizer independente e de ignorar a autoridade de um patrão pesava pouco comparado com as incessantes vexações da pobreza. Havia, perto da casa deles, uma loja de comida para cães, The Lucky Dog Pet Store, aonde de vez em quando ele ia comprar carne de cavalo, considerada imprópria nos Estados Unidos para o consumo humano. Um dia, o vendedor o mediu com desprezo, e de uma só frase cravou-lhe sua condição de perdedor: “Me diga pelo menos que isso não é para consumo próprio”. Quando ele contou em casa, Kleo explodiu em risadas e, para consolá-lo, ensinou o significado grego de seu nome: *Philippe*, aquele que ama os cavalos. Mas esse amor pelos cavalos deveria chegar ao ponto de comer a carne deles ou, pelo contrário, recusá-la com horror? – perguntava-se ele. Os hindus não comem carne de vaca, pois elas são reverenciadas como um animal sagrado; por outro lado, os judeus não comem carne de porco, que consideram ser um animal ignóbil. Em termos de religiões comparadas, as duas teses eram

equivalentes, concluíram eles. Isso não impedia que eles comessem carne de cavalo e que, na Califórnia, por volta de 1955, isso fosse o alimento dos párias.

• • •

Da época em que exercia outro ofício, ele havia mantido o hábito de escrever à noite. De manhã, passeava em torno de casa percorrendo um círculo cada vez mais reduzido, examinava bancas de discos usados e, principalmente, lia em seu pequeno jardim desleixado, em vez de ficar fazendo consertos e arrumações, como não deixaria de fazer seu vizinho caso tivesse os dias livres como ele. Ao sair para o trabalho, o vizinho lhe lançava um olhar atravessado, suspeito, e Phil, depois que ele partia, disparava outro, tímido e langoroso, para a mulher do vizinho, que começava suas atividades domésticas no momento em que ele cogitava ir se deitar. Flertes vagos se entrelaçariam, e passariam sem maiores consequências até 1958.

O que ele costumava ler? Meio embaralhado: Dostoiévski, Lucrécio, as minutas do processo de Nuremberg, poesia alemã, filosofia também alemã, ficção científica, psicanálise – especialmente Jung, cujas obras completas foi comprando à medida que eram publicadas na grande edição da Bollingen. Foi assim que ele descobriu os *Sete sermões aos mortos*, que o jovem médico suíço havia publicado em 1916 sob o pseudônimo de Basíledes, emprestado de um alexandrino gnóstico do século 2. Essa prosa de estilo arcaizante dá conta de uma espécie de experiência mística, repleta de sons e luzes inexplicáveis, além de revelações formuladas por figuras como o profeta Elias, Simão, o mágico, ou ainda um certo Filémon, em quem Jung reconhece uma instância de seu próprio espírito, mais instruído e sábio, embora ele próprio não o fosse. Dick se apaixonou por esse texto bizarro, brincou por alguns dias com a ideia de nele se inspirar para um romance, uma vida de escritor imaginário a partir do modelo do *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, que acabara de ser publicado e que ele tinha lido com uma admiração fervorosa; depois, acabou se esquecendo.

De maneira geral, os romances *mainstream* que ele escreveu nessa época não portam traço algum de suas leituras. Vemos evoluírem neles gente que conserta televisões velhas, angustiados vendedores de discos que aspiram se tornar *disk jockeys*, casais mal resolvidos. Falar em “evoluir” é exagerar um pouco: colados a uma vida cotidiana desoladora, eles se arrastam por um caminho que os leva da depressão ao desespero. Livros de fatura flácida, desfiada, repletos de diálogos de uma vacuidade ameaçadora e que revelam a melancolia de base de seu autor em estado bruto – era isso que ele pagaria para escrever e porque acreditava parecer-se com Thomas Mann. As histórias de homenzinhos verdes e discos voadores, por outro lado, ele era pago para escrever e, no melhor dos casos, o aproximariam de A. E. Van Vogt, junto de quem havia sido fotografado numa dessas convenções em que os adeptos do gênero mostram seu gregarismo de hilotas. A foto foi publicada num fanzine com o título “O antigo e o novo”: três anos de carreira o haviam içado ao nível de jovem promessa.

A especialidade de Van Vogt e de alguns outros, entre os quais se encontrava Lafayette Ron Hubbard, que na sequência fundaria a igreja da cientologia, era um *aggiornamento* galáctico da canção de gesta, chamada de *space opera*. Viam-se aí corajosos terráqueos abatendo hordas de mutantes vindos de outros lugares; não passavam de combates de titãs, provas iniciáticas, demonstrações de poderes sobrenaturais. Diante desse gênero ingênuo e astuto que, não sem motivos, alguns espíritos críticos repreendiam por abastecer de fantasmas compensatórios um público de desfavorecidos, existia outra escola, mais adulta de acordo com seus representantes, que retinha da expressão “ficção científica” somente o segundo termo e visava, antes de tudo, pintar o futuro com exatidão: os autores quebravam a cabeça para extrapolar o desenvolvimento das técnicas existentes ou, pelo menos, plausíveis, na esperança de que um leitor dos anos 2000 não se sentisse perdido ao ler seus livros.

Nada levava Dick espontaneamente rumo a essas formas de imaginação fanfarreada ou tecnológica. Respeitoso com o mercado, sacrificava-se a ele no início de sua carreira, escrevendo *space operas* à moda de Van Vogt e assinando diversas revistas de vulgarização científica para se manter atualizado. Ele impulsionou a consciência profissional depois de ter lido um artigo sobre impactos que aproximava a pesquisa russa da teoria da relatividade restrita, a ponto de escrever para um dos estudiosos nele mencionados, o professor Alexandre Topchev, da Academia Soviética de Ciências, esperando obter como resposta informações em primeira mão, algo como um furo jornalístico para físicos, do qual poderia tirar o material de um conto. Ele nunca obteve resposta, e os editores perceberam bastante rápido que o escrúpulo científico inspirava textos de um tédio mortal, de modo que voltaram a pensar em qualquer coisa: reversão do curso do tempo, viagens à quarta dimensão e táxis espaciais que levassem as pessoas para uma noite nos anéis de Saturno.

Por volta de meados dos anos 1950, veio à luz uma nova tendência, com a qual ele se sentia claramente mais à vontade. Autores como Robert Sheckley, Fredric Brown e Richard Matheson se puseram a publicar narrativas de um humor negro e seco, ancorados num cotidiano que suas intrigas complicadas faziam incorrer no pesadelo. Normalmente eram narrativas sobre desgraças, construídas em vista de uma inversão final que borrava os pontos de referência e minava sorratoriamente a ordem das coisas. No meio do caminho entre o fantástico tradicional e a ficção científica, essa escola é pouco conhecida na França – verifiquei isso quando publiquei um romance, *O bigode*, que era quase um pastiche de Matheson, cujo nome não foi evocado por nenhum crítico, ao passo que Kafka aparecia na maioria das resenhas. Ou, se é conhecida, o faz por meio da televisão e do cinema: seu espírito repousa em séries como *Além da imaginação* ou *Os invasores*, para as quais os autores citados escreviam roteiros, e no exemplar filme de Don Siegel, *Vampiros de almas*.

Eis o argumento do filme: numa pequena cidade americana, estranhos legumes começam a possuir os moradores. Na aparência, nenhuma mudança, eles continuam sendo o médico, o dono da tabacaria, o barman que todo mundo conhece e gosta. No entanto, não são mais eles, e sim mutantes, extraterrestres decididos a invadir nosso planeta de maneira perversa. O herói, que a princípio não suspeita de nada, observa uma atitude bizarra em alguns de seus vizinhos e pessoas próximas; começa a se fazer perguntas e buscar respostas razoáveis; até que a resposta desarrazoada, impossível e verdadeira se impõe: as espécies de abóboras vistas nas estufas, quando crescem, assumem o aspecto de um corpo humano, mais especificamente dos moradores dali, e, ao terminarem de crescer, passam a substituí-los e se desfazem deles. Portanto, é preciso desafiar todo mundo. Cada um dos rostos familiares e amados pode esconder um monstro frio. Nada permite distinguir os homens de verdade, se é que eles ainda restam, daqueles que foram “substituídos”. Até o próprio herói corre o risco de ser um deles. Ele queria ter certeza, se fosse o caso, de ser colocado pelos homens sobreviventes fora da condição de prejudicar os outros. Mas ele sabe que, quando isso acontecer, não vai mais pensar assim, querendo somente prejudicar os homens, porque não será mais um deles, porque não será nem mais si próprio.

Sentindo-se desconfortável em salas de cinema, Dick não viu o filme quando saiu, mas alguém lhe contou a respeito e, por alguns dias, ele ficou achando que alguém lhe roubara a ideia. Dois anos antes, ele havia publicado um conto sobre o mesmo tema, adotando o ponto de vista de um menino convencido de que seu pai tinha sido substituído por uma criatura monstruosa. Quanto mais exata é a semelhança, mais o garoto tem certeza da substituição; e, enquanto ele procura no incinerador da garagem os restos de seu verdadeiro pai, o impostor, na sala, reclama para sua mãe da imaginação excessiva do filho deles.

Conferindo as informações, descobriu que o filme era inspirado num conto de Jack Finney, publicado alguns meses antes do seu. Disso concluiu, com razão, que a ideia estava no ar naquela época.

GEORGE SMITH E GEORGE SCRUGGS

Naqueles tempos de Guerra Fria e caça às bruxas, uma dupla suspeita castigava. De um lado, o FBI, galvanizado pelas imprecações do senador Joseph McCarthy, desconfiava de que cada cidadão americano fosse um comunista disfarçado – por mais que, a partir da própria confissão de Edgar Hoover, não houvesse muito mais do que 25 mil membros do partido no país, incluindo os agentes federais infiltrados entre eles numa proporção de um a cada seis. De outro lado, os cidadãos americanos que não eram de fato comunistas, mas eram suspeitos de o serem, desconfiavam, por sua vez, de que seus vizinhos fossem policiais que desconfiavam deles, ou pelo menos que fossem delatores prontos para denunciá-los. Os malfetores que, em *Vampiros de almas* e outras dezenas de fábulas comparáveis, tinham se infiltrado entre nós, podiam muito bem ser tanto agentes de Moscou quanto os do FBI encarregados de persegui-los: as intenções dos autores importavam menos do que as disposições receptivas do público. Cada um, de maneira mais ou menos consciente, identificava seu inimigo por trás do rosto terrivelmente familiar e inalterado de seu vizinho: comunista imundo para o fazendeiro do Meio-Oeste, policial imprestável para o indígena de Berkeley.

Desde os anos 1930, Berkeley era a capital vermelha dos Estados Unidos. Não só porque ali se encontrava um núcleo de “verdadeiros” comunistas, membros do partido americano, mas porque todo mundo se considerava mais ou menos companheiro de estrada e falava um mesmo dialeto de obediência marxista no qual “capitalista” queria dizer “fascista” e designava qualquer um que tivesse alguma relação com autoridade ou que simplesmente usava uma gravata.

Dick crescera nesse meio. Sua babá, uma certa Olive Holt, não se cansava de opor a bela vida que levavam os trabalhadores da União

Soviética ao destino do proletário americano, cujo suor e sangue engordavam os vampiros de Wall Street. Sua mãe, sem chegar a ponto de se inscrever no partido, aprovava esse discurso. Sua mulher tinha falas quase parecidas, com uma voz retumbante; aconteceu que, ao sair de suas aulas de ciências políticas, ela ia a encontros e depois adotava seus slogans. Dick, por sua vez, não tinha nenhuma simpatia pelo comunismo e, para os amigos que Kleo levava em casa, passava por um perfeito reacionário. Ele havia tirado de suas leituras, particularmente de Orwell e Hannah Arendt, uma filosofia política que colocava comunismo e fascismo lado a lado, recusando ao primeiro o crédito de ter as melhores intenções e considerando somente os resultados, ou seja, a instauração de regimes totalitários. Discutindo um dia com um comunista, ele ficou exasperado com seu dogmatismo e sua estreiteza de espírito. Nada que o impedisse de admirar grandes figuras revolucionárias, de se colocar instintivamente do lado dos perseguidos e, sem gostar da União Soviética, de odiar os burgueses que ela alarmava. Ele não destoava, portanto, do seu entorno, onde se era “radical”, isto é, de acordo com a fórmula notavelmente precisa do FBI, “favoravelmente orientado em relação a grupos e pessoas que são também orientados favoravelmente em relação ao comunismo”.

As pessoas dessa orientação não tinham falhado em notar os primeiros passos brilhantes de Richard Nixon, o senador republicano da Califórnia que surgiu em fins dos anos 1940 no condado de Orange. Essa região terrivelmente reacionária, situada mil quilômetros ao sul e onde nenhum ser humano jamais tinha colocado e jamais colocaria os pés, figurava para Berkeley uma espécie de antimundo, algo como o departamento de Var, no sul da França, lotado de aposentados que votam no Front National, para uma comunidade de defensores do maio de 1968 da região de Ardèche. Nixon era a emanção ideal disso, uma besta furtiva com o rosto sombreado de barba e cabelos engomados, que se fazia fotografar de chapéu Stetson diante de sua coleção de armas de fogo. A pergunta se você compraria um carro usado de uma figura dessas ainda não havia sido feita explicitamente, mas ele já era chamado de “Tricky Dick”, Dick trapaceiro e, desde a aurora da

carreira de ambos, o Dick de quem falo aqui via nele um inimigo pessoal. Contava-se, na *Berkeley Gazette*, que ele tinha os dedos peludos e devia sua eleição a uma feroz campanha de difamação contra sua rival democrata, acusada de ser lésbica e “cor-de-rosa até as calcinhas”. Ninguém ficou surpreso quando o senador Nixon, nomeado membro da comissão encarregada de investigar atividades antiamericanas, notabilizou-se por seu zelo. McCarthy, comparado a ele, era um simples chorão a quem o Congresso soube calar quando se fartou dele. Mas Nixon não se deixava calar: ele não falava alto, dava seus golpes feito um traidor. Em 1952, quando Phil Dick publicou seu primeiro conto, Tricky Dick, da chapa de Eisenhower, tornou-se vice-presidente dos Estados Unidos. O tempo em que as babás podiam se declarar abertamente comunistas estava efetivamente encerrado.

Num dia do inverno de 1955, Dick, sozinho em casa, escutava uma sinfonia de Beethoven quando se apresentaram dois sujeitos, que ele a princípio pensou serem vendedores de porta em porta. Um era grande e gordo, e o outro, pequeno e magro, um contraste que acentuava o aspecto idêntico com que se vestiam. Ambos usavam terno cinza de três peças, chapéu de feltro e sapatos pretos envernizados, como *Os intocáveis*, cujos primeiros episódios começavam a passar na TV, e como seu pai, que se tornou tão intolerante, rígido e conservador que ele tinha parado de visitá-lo havia anos – na verdade, desde Hiroshima, quando Edgar não admitia que seu filho desaprovasse essa demonstração enérgica de repreensão ao pessoal de olhos puxados.

Os dois sujeitos não estavam vendendo nada. Eles lhe mostraram suas identificações do FBI. Para transmitir desenvoltura, ele também quis contar uma piada. Tinha lido isso na seção “Talk of the town” da *New Yorker*: agentes do FBI interrogam o vizinho de um indivíduo suspeito; o vizinho aponta que o sujeito escuta sinfonias com frequência. “Sinfonias, olha só”, dizem os agentes do FBI, “mas em que língua?”.

Por mais simplória que fosse, ele se embananou contando a história. Como sempre quando se sentia perturbado, sua voz derrapou para o agudo, retomando o falsete de sua adolescência. Os dois agentes, no pé da porta, sequer riram.

“Com certeza não eram os caras do nosso regimento”, disse um deles.

Dentro da casa, eles perceberam a máquina de escrever e a vitrola, que ele interrompeu com um gesto nervoso. Eles desaprovavam visivelmente o fato de aquele sujeito grande, em mangas de camisa e mal barbeado, ficava à toa em casa às onze horas da manhã em vez de trabalhar como todo mundo, num escritório, numa oficina ou numa loja. O mais corpulento dos dois lhe perguntou o que estava escrevendo exatamente, e sua resposta o divertiu: histórias de marcianos, de homenzinhos verdes, essas coisas para moleques; claro, ele nunca lia isso, mas ele via... Seu sorrisinho traía o desdém a que Dick estava acostumado, mas que o envergonhava mais particularmente vindo de um tal interlocutor. Ele acreditou por um momento que alguém se interessara por ele enquanto autor de ficção científica. A suspeita seria lógica; se ele fosse agente do FBI, também a teria tentado. Um autor de ficção científica se dirige ao grande público, pessoas sem cultura que não leem mais nada e são, conseqüentemente, maleáveis; ele está tão bem posicionado para intoxicar os espíritos quanto um engenheiro de águas está para lançar veneno nos reservatórios de água potável de uma grande cidade. Sem falar que ele podia muito bem, acreditando seguir sua imaginação, descobrir e revelar segredos tecnológicos vitais para a defesa do país. Sim, se ele fosse um caçador de bruxas, Dick não desconfiaria dos escritores elegantes da Costa Leste ou dos diretores de cinema ostensivamente vermelhos de Hollywood, sem dúvida encarregados de desviar a atenção; ele não se deixaria ocupar por estes, e sim vigiaria sem folga os verdadeiros manipuladores de opinião, aqueles que lidam com ela direto da fonte, servindo-se dessa literatura proletária e pueril que todo mundo finge desprezar.

– Você realiza atividades políticas, senhor Dick? – perguntou-lhe o agente gordo.

Ele respondeu que não, sinceramente. Ele nunca tinha militado em lugar algum nem nunca votara, o que de mais subversivo havia na sua vida era a paixão por Dostoiévski e por *Boris Godunov*, ópera da qual ele tinha dois registros.

– Mas a sua mulher – retomou o agente gordo – pertence ao departamento de estudantes do Partido Socialista dos Trabalhadores. Ela fala com você sobre as reuniões das quais ela participa?

– Não. Ela sabe que não me interessa por isso.

– Se você manifestasse interesse, ela sem dúvidas lhe falaria a respeito. Você não acha que isso seria uma boa ideia?

Dick custava a crer que lhe propunham de maneira tão direta que espionasse sua mulher. Isso não podia acontecer assim: talvez ele estivesse na presença de falsos agentes do FBI. Por que se dirigir a ele quando todo mundo, até mesmo Kleo, sabia que o PST e todos esses partidinhos esquerdistas estavam infestados de espiões? E depois, supondo que por uma razão qualquer precisassem dele, deveriam acontecer longas e sutis manobras de aproximação, deveriam ter armado alguma para ele, passando-lhe a batata quente somente depois de terem eliminado qualquer possibilidade de recusa. Mas talvez a armadilha estivesse ali mesmo e ele não estivesse se dando conta.

Por falta de conhecer o que realmente estava em xeque, ele assumiu um ar obtuso e repetiu que não, que aquilo não o interessava. Isso pareceu não interessar muito também ao agente magro e silencioso que, em pé diante de sua escrivaninha, lia sem cerimônia a folha que estava presa no rolo da máquina de escrever. Seu colega gordo quis, então, saber se Dick nutria alguma simpatia pelo Partido Comunista.

Intelectualmente, ele não tinha nenhuma, mas mais uma vez o sentido da pergunta lhe escapava. Como era proibido ser comunista, que resposta estavam esperando dele? Ele se lembrou na hora da resposta de um célebre espião inglês a uma pergunta semelhante. A elegância no trato o havia encantado, e ele buscara em vão uma tentativa de usá-la.

– Não – disse ele –, não tenho nenhuma simpatia pelo Partido Comunista. Mas você bem sabe que, se eu tivesse, lhe responderia a mesma coisa.

Por mais pertinente que tenha sido, essa réplica pareceu confundir os dois homens, que se olharam e depois se despediram anunciando que voltariam. Sozinho, ele se perguntava se tinha sutilmente feito dois imbecis debandarem ou se, pelo contrário, tinha caído na sutil arapuca. Ele se lembrava, pensativo, de uma frase que havia grifado num livro de Bertolt Brecht, notório autor vermelho, o favorito de sua mulher: “Ele ria porque seus inimigos não conseguiam o alcançar; mas o que ele não sabia era que eles se esforçavam para não pegá-lo”.

Kleo, a princípio, levou o caso muito a sério, ou seja, gritou aos quatro ventos que os Estados Unidos tinham se tornado um país fascista. Depois, as coisas se atenuaram. Por algum tempo, George Smith e George Scruggs – assim se chamavam eles – os visitaram uma vez por semana. Smith, o gordo, fazia perguntas, falava sobre uns e outros assuntos, enquanto Scruggs, o magro, assistia com discrição, como se, não tendo nada melhor a fazer, acompanhasse seu amigo a um encontro que não lhe dizia respeito. Por isso, Kleo concluiu que ele era o mais perigoso dos dois, uma impressão que nenhuma prova veio a sustentar. Ao partir, eles deixavam formulários que recolhiam preenchidos na visita seguinte. Eles alegavam ser pesquisas de opinião, ao passo que certamente eram testes destinados a definir até que ponto as pessoas pensavam corretamente. Esses testes, assim como a conduta dos dois George, confundiam pela dificuldade de determinar em que nível deviam ser levados em conta. As perguntas lembravam aquelas feitas pelos serviços de imigração ao entrar no país: “Você é toxicômano? Terrorista? Tem a intenção de assassinar o presidente dos Estados Unidos?”. Quanto mais idiotas pareciam e mais óbvias as respostas esperadas, maiores eram as chances, segundo Dick, de esconderem armadilhas, como no nível K do *Minnesota*

Multiphasic, o suposto “nível da mentira”. Por exemplo, tinha que se escolher entre os três seguintes enunciados:

“A Rússia está 1) se enfraquecendo; 2) ficando mais forte; 3) quase no mesmo nível que o mundo livre”.

Naturalmente, bastava marcar a segunda opção para mostrar que se partilhava da mesma inquietação dos dirigentes diante da crescente potência russa e de sua fé na necessidade de o mundo livre dobrar o seu orçamento militar ininterruptamente. Mas a pergunta seguinte tornava a anterior suspeita:

“A tecnologia russa é 1) muito boa; 2) correta; 3) irrelevante”.

Optar pela primeira alternativa era como elogiar os comunistas. A segunda parecia ser a melhor escolha e, sem dúvidas, correspondia à realidade. A formulação da terceira, por outro lado, convidava qualquer cidadão conservador a marcá-la sem pestanejar: o que mais esperar da parte de bestas escravizadas e submissas senão uma tecnologia irrelevante? Mas, nesse caso, como era possível que uma nação tecnologicamente irrelevante se reforçasse sem interrupção? Felizmente a resposta estava subentendida na pergunta seguinte:

“O maior inimigo do homem livre é 1) a Rússia; 2) nosso elevado nível de vida; 3) os elementos infiltrados secretamente entre nós”.

– Tudo bem – dizia Kleo –, vamos marcar a terceira. Mas, se estou entendendo bem a ideia deles, os elementos infiltrados secretamente entre nós *só podem ser nós mesmos!*

Eles riam e brincavam de sentir medo. Eles sabiam que eram peixe pequeno.

. . .

Mais tarde, George Scruggs passou a vir sozinho ou acompanhado de Merton, seu cão de caça alemão. Os Dick se perguntavam se essa mudança de regime anunciava uma nova manobra ou simplesmente um abrandamento da vigilância. Descobriu-se que, morando não longe dali, George, o Magro, gostava de parar na casa deles a caminho do trabalho para papear um pouco. Suas visitas não eram mais muito ameaçadoras. À

diferença de seu colega de trabalho inculto e desdenhoso, ele parecia impressionado de conhecer um escritor. Perguntava como as ideias lhe surgiam e até leu um de seus livros. Esse interesse lisonjeava Phil. Por mais que desconfiasse de que George Scruggs conquistava sua confiança para o encurralar melhor, acabou se unindo a ele numa espécie de camaradagem. Depois de ser informado de que ele não sabia dirigir, George se ofereceu para lhe dar aulas. Esse homenzinho tinha um carro também surpreendentemente pequeno: Phil precisava se contorcer para nele acomodar suas longas pernas. Todos os domingos de manhã, espremido entre o banco e o volante, ele passava uma ou duas horas discutindo com o agente federal e descobria o prazer de desmistificá-lo. Havia em George Scruggs, sob a camada de certezas caga-regra exigidas por sua função, um fundo de honestidade e boa-fé que faziam dele a vítima ideal para um sofista. Mais do que o necessário para seu ofício, ele era acessível à argumentação, e Phil se aproveitava disso para fazer com que engolisse, sob pretexto de piada, imaginação ou pura lógica, ideias perfeitamente subversivas.

Um dia, quando eles conduziam em baixa velocidade em volta do bloco de casas, o aluno questionou seu instrutor sobre os registros que o FBI deveria ter a respeito dele e de Kleo. Constrangido, George Scruggs dava de ombros e resmungava algumas coisas vagas.

– Diga – insistia Dick –, vocês ainda acham que minha mulher é comunista.

– Ela frequenta as reuniões do Partido Socialista dos Trabalhadores, e o Partido Socialista dos Trabalhadores é um submarino do Partido Comunista. Ela assinou o Apelo de Estocolmo. Sinto muito, mas não vou deixar vocês.

– Tô sabendo... – disse Phil dando uma piscada. – Ela acompanha as reuniões, ela repete os slogans de esquerda, ela assina petições. Isso tudo só prova uma coisa, e você sabe disso tão bem quanto eu: significa justamente que ela não é comunista. Se ela fosse, desconfiaria disso.

– Tudo bem – disse George Scruggs. (Essa simples concessão provava que Phil o havia enrolado bem: George Smith jamais teria dito que tudo bem.) – Mas, então, como reconhecer os comunistas? Se eles não participam das reuniões, não repetem os slogans e não assinam petições?

– Mas é justamente porque eles não fazem nada dessas coisas. Além do mais, você sabe: vocês fingem vigiar os bravos companheiros de luta inofensivos, como a minha mulher, mas aqueles que realmente lhes interessam são os sujeitos que passam despercebidos. Ou aqueles que gritam mais alto contra os comunistas. Não venha achar que eu sou ingênuo.

George Scruggs coçou a cabeça. Phil tinha observado que ele podia ser facilmente confundido quando lhe incutiam segundas intenções maquiavélicas. Daí ele começava a se perguntar se não *deveria* ter esses pensamentos de fato.

– Mesmo assim – protestava ele sem firmeza –, nós somos obrigados a nos basear em provas, naquilo que as pessoas *fazem*. Além disso, como você quer que a gente saiba o que se passa na cabeça deles?

– Vamos lá, George, eu não nasci ontem.

George ia ficando cada vez mais nervoso. Sem entender quando e como aquilo tinha começado, ele parecia ter trocado de papéis com o seu interlocutor. Phil não o teria impressionado se dissesse que também ele era um agente do FBI, seu superior hierárquico camuflado de escritor desvalido e maltrapilho.

– Mas, se a gente pensasse como você, todo mundo neste país seria perigoso...

– E quem está dizendo o contrário?

– Pare com isso... Aliás, o Nixon é um vermelho.

Os olhos azuis de Phil lançaram um raio sardônico. Ele sorriu.

– Olhe, George, eu espero que você se lembre de que não fui eu quem disse isso.

Essa conversa o fez refletir, sobretudo a observação desencorajada do homem do FBI a respeito da dificuldade de saber o que se passa na cabeça das pessoas. Ele se perguntava que efeito teria sobre si o fato de se flagrar dentro da cabeça de alguém tão diferente dele quanto George Scruggs. Ou, pior ainda, George Smith. Ou seu pai. Ou Richard Nixon.

Ele brincou um momento com a ideia de trocar seu cérebro, durante o tempo de um livro, pelo cérebro de Nixon, depois abandonou a ideia: Phil Dick acordando um belo dia na pele do senador da Califórnia e este, na pele de um escriba de Berkeley, o que certamente daria uma boa história, fértil em repercussões. Mas não era nisso que ele pensava. Num manual de filosofia, ele tinha descoberto a distinção entre o *idios kosmos*, a visão singular do universo que cada um de nós leva dentro da cabeça, e o *koinos kosmos*, que passa pelo universo objetivo. Enquanto falamos da “realidade”, nos referimos por comodidade ao *koinos kosmos*, mas este não existe, propriamente falando: sua percepção resulta de um acordo convencional entre os homens, desconfiados de que suas relações se desenrolam sobre um terreno estável; é uma espécie de ficção diplomática, o menor denominador comum entre o meu *idios kosmos* e o de meus vizinhos – supondo que meus vizinhos existem e que eu não esteja sozinho no mundo, como conviria a um idealismo intransigente.

Na verdade, sua ideia não era trocar o seu *idios kosmos* pelo de outra pessoa – correndo o risco de nem se dar conta disso, pois ele seria essa outra pessoa, e não mais si próprio –, mas visitar o *idios kosmos* de outra pessoa sem se desfazer do seu. De nele viajar como se fosse um país estrangeiro. Ele precisaria só de um artifício para possibilitar essa viagem, e o gênero com que ele trabalhava tinha pelo menos a vantagem de lhe permitir uma profusão dessas coisas. Na mesma noite, ele digitou estas linhas, um notável apanhado daquilo que, em ficção científica, é capaz de dissuadir parte importante do público cultivado a se arriscar até a página seguinte:

“Em 2 de outubro de 1959 [o ano atual era 1956, tratava-se de uma antecipação a curtíssimo prazo], o defletor do feixe de prótons do Bevatron de Belmont sofreu uma avaria: um arco de 6 milhões de volts disparou rumo ao teto da sala, queimando tudo o que estava no caminho, em especial a plataforma de observação sobre a qual estavam oito pessoas. Estas caíram no chão e nele permaneceram, feridas ou mergulhadas no coma até que o campo magnético foi interrompido e as radiações mais rigorosas foram parcialmente reabsorvidas”.

No parágrafo seguinte, os oito acidentados retomam a consciência e são transportados ao hospital ou, nos casos de ferimentos mais leves, voltam para casa. Tudo parece ter retomado a ordem, exceto por alguns detalhes menores que deixam uma impressão inquietante. Não tarda até que esses detalhes se tornem menos irrelevantes: um blasfemador atira na cabeça daquele que lhe rogou uma nuvem de gafanhotos; uma oração murmurada maquinalmente logo se concretiza. Em breve, os fugitivos não podem mais esconder o fato de terem falhado e ido parar, só Deus sabe como, num mundo desregrado: as mais crassas superstições assumem uma autoridade objetiva que, no mundo “de verdade”, é reservada às leis da física; a oração substitui a técnica; qualquer um que dê um passo em falso é castigado pelos fogos do céu – enfim, o universo mental de um pregador desvairado.

De fato, é um pouco isso mesmo: os heróis entendem que, na verdade, eles continuam no Bevatron, inanimados; no entanto, a energia liberada pelo acidente transformou o universo pessoal de um deles – sem dúvida, o mais próximo de retomar a consciência – num universo mental coletivo de que todos os outros são prisioneiros. Como lhe diz uma heroína amedrontada: “Estamos submissos à lógica de uma religião inverossímil, uma mistura de islamismo e cristianismo medieval, a crença de um velho homem que se deixou enganar por um culto de malucos em Chicago na década de 1930. Estamos dentro da alma dele”.

Dick se divertia muito pintando esse universo delirante, mas não tinha a intenção de passar todo o livro dentro dele: ao colocar oito

pessoas no Bevatron, ele contava com visitar o *idios kosmos* de cada uma delas. Ao fundamentalismo religioso de um velho combatente que lembrava seu pai, sucedeu-se a utopia puritana de uma senhorita gentil cheia de bons sentimentos, e, como sua mãe, amante da arte, da beleza e da pureza; e também como ela odiosa da desordem, do sexo e da vida orgânica, convencida de que é possível separar o bem do mal, ou seja, acabar com o mal. Em troca disso, ao abolir os males do mundo, ela some não só com alguns objetos, mas com algumas categorias inteiras: as buzinas, os varredores de rua que fazem barulho arrastando suas lixeiras, os vendedores de porta em porta, a carne, a miséria, os órgãos sexuais, a asma, a embriaguez, a sujeira, a Rússia, a música dodecafônica...

Assim, melhorado pela subtração cada vez mais frenética dos elementos por ela julgados indesejáveis, o mundo da dama benfeitora se dissolve e dá lugar à versão ainda mais temível de uma jovem paranoica. Um mundo glacial, pérfido, incontestavelmente normal e, no entanto, carregado de ameaças. Tudo nele tem um significado e faz parte de um complô. Tudo é hostil, perigoso e enganador, até mesmo os objetos. Os personagens, entregues a esse espírito doente, entram em pânico. Até então, cada mundo é pior do que o anterior. Qual será o próximo, se é que chegará a existir? Três deles, de aparência bastante anódina – um milico das antigas, uma senhora benfazeja e uma secretária um pouco prostrada –, se revelaram ser um fanático religioso, uma puritana monomaníaca e uma psicótica. Que abismos esconderiam os outros? Ainda pior, perguntam-se os mais inteligentes, que abismo cada um deles traz dentro de si? Que pesadelo seu próprio universo seria para os outros companheiros, caso lhes fosse imposto?

Já no começo do romance, Dick tomara o cuidado de apresentar, entre os visitantes do Bevatron, um casal cuja esposa, Marsha, é suspeita de ser comunista. Ela jura para seu marido que não, mas ele começa a levantar algumas suspeitas. De tal modo que, tendo encerrado o mundo da paranoica – como pedia sua lógica, depois

de ser devorada por dois de seus companheiros que tinham se transformado em insetos gigantes –, muda-se mais uma vez para vivenciar a percepção de uma militante comunista. Ao escrever esse capítulo, Dick se lembrava das narrativas de Olive Holt, dos tópicos defendidos pelo exasperante camarada de Kleo, e nisso mergulhou a seu bel-prazer: capitalistas sedentos de sangue, milícias fascistas, negros linchados a cada esquina, cidades povoadas de gângsteres, hordas de crianças famintas revirando lixeiras – eis a visão que um comunista de carteirinha fazia da América.

Mas quem é o comunista de carteirinha? De que integrante do grupo emana essa visão ao mesmo tempo monstruosa e grotesca? Todas as desconfianças levam a Marsha, denunciada desde o princípio pelo responsável pela segurança do Bevatron. E, apesar de suas negativas, o próprio marido, desesperado, começa a acreditar também que Marsha mente para ele desde sempre.

Sobre esse aspecto, Dick exagerava: suas divergências políticas com Kleo nunca tinham assumido contornos tão dramáticos. Mas ele fazia questão de que a identificação do personagem vermelho fosse o auge de seu livro. Ao digitar o último capítulo, mal passadas duas semanas de tê-lo começado, ele imaginava George Scruggs fazendo sua leitura: será que ele esperaria por essa peripécia final digna de teatro? Desconfiaria ele que o comunista escondido no grupo não era a generosa ativista de esquerda, mas sim o pegajoso responsável pela segurança, o capataz do grande capital que se finge obcecado pelos comunistas, o caçador das bruxas que encabeça o movimento?

Quando, no ano seguinte, o romance *Os olhos do céu* foi publicado, ele enviou um dos três exemplares que o editor lhe concedera a seu amigo do FBI. McCarthy tinha acabado de morrer de cirrose e uma bateria de prisões do supremo tribunal colocara um ponto final na caça às bruxas. Depois de algum tempo, George Scruggs não vinha mais visitá-los. Contudo, voltou ainda uma vez para agradecer pelo presente e prestar contas de sua leitura. Parece que a maioria das alusões políticas, embora claras, tinham lhe escapado, isso para não falar da dimensão filosófica. Dick

tentava, em vão, iniciá-lo às noções de *koinos* e *idios kosmos*. Só lhe interessava a verossimilhança científica do postulado: será que essa espécie de dominação psíquica era possível? Talvez por meio de uma hipnose ou fazendo uso de alguma droga? Dick não resistia ao prazer de enrolar seu amigo uma última vez e, lembrando-se da ingênua carta que ele próprio escrevera cinco ou seis anos antes, declarou que trocava correspondências regularmente sobre o assunto com o professor Alexandre Topchev, da Academia Soviética de Ciências.

– Sim, disso eu sei – disse George Scruggs distraído, e foi a vez de Dick se perguntar se ele estava zombando dele.

O QUE ELE FAZIA NA REALIDADE

O primeiro alerta aconteceu numa noite em que Kleo tinha feito lasanha. Acabado o jantar, eles conversavam e ouviam música quando Phil se sentiu mal do estômago. Ele se levantou, dizendo que ia buscar um medicamento, e adentrou o pequeno corredor obscuro que levava até o banheiro.

Na entrada do cômodo ele procurou, tateando, o cordão da luminária. “Tudo bem?”, soltou Kleo da sala de jantar. “Tudo”, respondeu ele. Mas ele não encontrava o cordão. No entanto, sabia que ele costumava ficar pendurado à sua esquerda, ao longo da porta. Era absurdo. De braços esticados e dedos bem abertos, ele se pôs a fazer gestos circulares no escuro. Uma espécie de pânico o dominava, como se tudo tivesse desaparecido ao seu redor. De tanto se agitar, ele deu com a cabeça no armarinho de remédios. Os frascos de vidro posicionados na estante bateram uns contra os outros. Ele disparou um improperio. A voz surpreendentemente distante de Kleo repetiu: “Tudo bem?”. E em seguida: “O que está acontecendo?”. Ele resmungava, obviamente não alto o suficiente para que ela o ouvisse, que não conseguia encontrar a porcaria do cordão da luminária... quando bruscamente lhe ocorreu que o cordão da luminária não existia. O que tinha e sempre teve ali era um interruptor, do lado direito da porta. Ele o encontrou sem dificuldades e o acionou de um golpe seco. A lâmpada que pendia do teto se acendeu. Ele olhava desconfiado para o banheiro. Tudo parecia normal, não tão limpo assim, mas normal. Roupas secavam sobre a banheira. Uma barata atravessava os azulejos. Ele se conteve para não esmagá-la.

Ele abriu o armarinho de remédios afastando seu reflexo no espelho, levantou um frasco caído, pegou o que continha os comprimidos para o estômago, engoliu um deles com um copo d’água e, depois de ter apagado a luz vagarosamente para que o interruptor não fizesse nenhum barulho, voltou para a sala de jantar. Kleo tinha acabado de tirar a mesa e lavava a louça na cozinha. Ele se aproximou, refletindo: “De onde será que me vem essa

lembrança de um cordão de luminária? Um cordão específico, de comprimento específico, num lugar específico. Eu não estava tateando ao acaso, como teria feito em outro banheiro que não fosse o meu. Não, eu estava procurando o cordão de uma luminária que estou acostumado a usar, pelo menos o suficiente para criar um reflexo no meu sistema nervoso”.

– Isso já te aconteceu – perguntou ele – de procurar, em vez do interruptor, um cordão de luminária que não existe?

– Foi por isso que você demorou esse tempo todo? – disse Kleo sem parar de lavar a louça.

– Onde eu poderia ter adquirido o hábito de procurar um cordão de luminária?

– Não sei, isso quase não existe mais. Todas as lâmpadas funcionam com interruptor hoje em dia. Talvez seja uma lembrança de infância que voltou à sua cabeça.

Depois, ela foi se deitar e ele ficou sozinho com o gato Magnificat na sala de jantar, que naquele horário fazia as vezes de seu escritório. Ele colocou o disco do *Liederkreis* opus 39 de Schumann, que Fischer-Dieskau acabara de gravar, e se sentou diante da mesa sobre a qual Kleo tinha reposicionado sua máquina de escrever. Um carro passou do lado de fora, e, depois de se afastar, não se ouviu mais nenhum outro barulho. Era o momento do dia de que ele mais gostava. A primeira melodia da coletânea, a mais bela delas, falava de um homem que andava pela neve pensando com nostalgia em sua pátria, em seu lar. Para falar a verdade, não tinha nenhuma neve no poema, mas o disco fazia parte de uma caixa que também continha a *Viagem de inverno*, de Schubert, e sua capa trazia a representação de flocos de neve, o que deixava pouco espaço para um microclima ensolarado na alma de quem ouvia. Ele se perguntava, e isso o fazia rir, se seria possível compor um poema, e depois uma melodia, a partir de uma experiência como a que tivera há pouco: um sujeito entra no banheiro e, em vez de apertar o interruptor, fica procurando o cordão de uma luminária que não existe. Ele afastou a ideia de se levantar e acordar Kleo para lhe cantar, no compasso da melodia

que acabara de tocar, e imitando a voz de Fischer-Dieskau, os últimos versos do poema que ele improvisara: *Es gab keine Lampen-schnur...* Não havia nenhum cordão de luminária...

Na falta de uma melodia, talvez ele pudesse tirar disso uma história. A maioria das pessoas, diante desse tipo de incidente, diz: “Que bizarro” e ignora o acontecido. Ele, por sua vez, fazia parte da categoria de pessoas que não ignoram essas coisas e ficam buscando um significado no que talvez nem tenha, uma resposta àquilo que já é arriscado considerar como uma pergunta. Seu trabalho consistia em imaginar tais perguntas.

Ele tinha escrito várias histórias baseadas nesse princípio. Um sujeito que, a partir de um detalhe ínfimo, se dá conta de que *alguma coisa não está certa*. Numa dessas histórias, o sujeito entrava em seu escritório e se dava conta de que tudo tinha sido levemente *retocado*: difícil dizer o quê, mas tudo, da posição dos móveis até os móveis em si, a disposição do cômodo, o rosto da secretária, sim, tudo tinha mudado. No final, ele comprovava que um serviço ao mesmo tempo oculto e oficial se dedicava a reorganizar a realidade regularmente, um pouco como se faz a restauração de um imóvel, por motivos de segurança bastante vagos e que ele não estava nada disposto a deixar passar. Em outra história, um sujeito, sua família, seus amigos e todos aqueles que acreditavam viver numa cidadezinha americana da década de 1950 moravam, na verdade, num imenso cenário, uma reconstituição histórica exposta num museu do século 23. Eram como índios numa reserva, exceto pelo fato de que não sabiam disso: as pessoas do século 23 vinham em multidões para vê-los no museu, mas um sofisticado sistema óptico não permitia que eles percebessem isso. Num determinado momento, o herói se dava conta da verdade e se esforçava para convencer seus concidadãos. E passava por louco, obviamente.

Dick adorava escrever essas cenas, detalhando a argumentação do sujeito que diz a verdade e em quem ninguém acredita – talvez até ele próprio, caso ouvisse isso, também não acreditasse. Elas

tinham que ser enfadonhas, como costumam ser as cenas obrigatórias e inevitáveis no desenrolar de uma intriga, mas ele não se cansava delas. Quando escreveu o caso da reconstituição histórica, tinha feito um trabalho bastante competente na cena em que o sujeito vai encontrar seu psiquiatra, que é, por definição, o pior interlocutor possível, pois, independente do que lhe seja dito, ele jamais se perguntará se é verdade ou não, atendo-se apenas a que sintoma pode ser aquele. Ele detestava essa certeza inabalável que têm os psiquiatras de saber o que é real e verdadeiro, essa maneira que eles tinham de dar um sorriso benigno e fazer qualquer um falar da infância, mesmo que estivessem diante de Galileu a lhes contar pela primeira vez que a Terra gira em torno do Sol ou de Moisés repetindo o que Javé lhe havia dito. No fundo, o que mais o agradava em tais histórias, nesse ponto preciso delas, era ter a palavra final, poder mostrar que os psiquiatras estavam errados e dar razão aos pacientes que eles julgavam delirantes. Ele desfrutava de ocupar essa posição suprema, de ser aquele que escrevia a história e que, portanto, podia decidir que o psiquiatra, inconscientemente, também fazia parte daquela reconstituição histórica: os visitantes do museu, no século 23, se contorciam de rir ao escutá-lo explicar para seu infeliz paciente, o único a ter adivinhado a verdade, que ele se recusa a enfrentar a vida real e que, para escapar dela, se refugia numa construção delirante. Síndrome de abstinência, diagnostica o douto especialista, e assim os colegas de Dick explicavam que ele escrevia essas histórias de homenzinhos verdes em vez de exercer um trabalho de adulto responsável: porque ele se sentia culpado e temia levar bronca ou ser demitido por seu chefe; porque ele se recusava a amadurecer. Síndrome de abstinência. E talvez, no fim das contas, fosse isso mesmo.

Alguns meses antes, ele tinha descoberto, ao ler as *Cinco lições de psicanálise*, o caso do presidente Schreber, magistrado que Freud tinha transformado em modelo de paranoico, e pensado que sua história, se contada de outra forma, daria uma ficção científica de primeira qualidade. *O homem que Deus queria transformar*

em mulher para ser fodido por larvas e salvar o mundo era um título um pouco comprido demais, mas se a ficção científica, como sustentava Anthony Boucher, consistia na pergunta “e se?”, havia ali algum material com o qual se divertir: e se o presidente Schreber tivesse razão? E se seu suposto delírio fosse uma descrição exata da realidade? E se Freud não passasse de um sábio obscurantista, perseguindo com seu despeito o homem que tinha entendido tudo? A ideia de que o único homem que *sabia* de fato estava trancado num asilo não tinha nada de insensata, mas, de certa forma, também não era vendável para o mercado ao qual ele oferecia: nenhum editor de ficção científica queria ter Freud e Schreber como heróis de um romance. Por outro lado, nada o impedia de escrever a história do cordão da luminária tomando a si próprio como herói. Afinal de contas, esse episódio tinha realmente lhe acontecido.

Sim, contar a história de um escritor de ficção científica que, um belo dia, ao procurar o cordão de uma luminária, descobria que alguma coisa estava truncada.

Isso deveria acontecer num contexto *mainstream*, bem encorpado: cidadezinha, casinhas, jardins, o cão dos vizinhos, o mecânico rude com um cachimbo feito de sabugo de milho, o cheiro da torta de maçã feita pela vizinha gentil. Exceto que, na realidade, seria um romance de ficção científica, o que significa, em primeiro lugar, que ele seria publicado e, em segundo, que o herói teria razão: alguma coisa estava realmente truncada, o mundo não era aquilo que aparentava ser, mas um cenário, um *trompe l'œil* disposto com maestria para ludibriar seus moradores e deles esconder... o quê?

Como os romances em que o herói é um escritor despertam legítima desconfiança dos editores, ele mudou de nome e de emprego em *O homem mais importante do mundo*. Há muitos anos, depois de ter obtido sucesso pela primeira vez, Ragle Gumm ganha a vida respondendo às perguntas de um concurso organizado

pela gazeta local e intitulado “Onde estará o homenzinho verde amanhã?”.

Os cartões de resposta se apresentam na forma de tabelas quadriculadas: o homenzinho verde se encontra em uma das centenas de quadrados nelas desenhados. Ele muda de quadrado a cada dia, e todos os dias o jornal publica uma série de frases enigmáticas – do tipo: “Mais vale um gato na mão do que dois voando” – que, a princípio, devem ajudar a solucionar o enigma seguinte. Supondo que elas contêm informações camufladas, Ragle procede a fazer livres associações a partir dessas frases, mas conta também com os resultados anteriores arquivados cuidadosamente por ele desde que começou a participar do concurso. Mistura de dedução e pura inspiração, seu método se revela como sendo curiosamente eficaz: ele vence em todas as suas tentativas, e seus ganhos o permitem levar a vida assim. Meio mal, claro, mas vivendo mesmo assim. O que no começo não passava de uma brincadeira, um meio de conseguir alguns dólares brincando de charada, tornou-se uma tarefa cotidiana. O jogo virou sujeição. As pessoas não entendiam aquilo: acreditavam que lhe bastava se sentar diante da mesa, marcar um quadrado a esmo, enviar uma resposta e, na sequência, botar as mãos no seu cheque; era tomado por um malandro que se aproveita sem a menor vergonha de um dom não merecido para levar vida boa enquanto as outras pessoas vão para o escritório. Ninguém conseguia conceber o trabalho e a tensão nervosa exigida por essa ocupação de adolescente tardio e que, ao se felicitar por sua independência, Ragle sofria com a mistura de inveja e desprezo que despertava no seu entorno. Muitas vezes ele sonhava em mudar de vida, em abandonar o concurso para fazer outra coisa: suar nas plataformas de petróleo usando um capacete de alumínio, recolher folhas secas com um ancinho, lidar com números num escritório. Qualquer outra ocupação seria mais adulta, mais produtiva, mais *real* do que essa maciota absurda na qual ele se fechou... Mas, a cada manhã, o jornal chega. Depois de tomar seu café, antes mesmo de tirar a mesa, ele abria na página do concurso e a roda de sua vida dava mais uma volta. Não havia

dúvida – ele acabara de ler os *Vedas* – de que era o seu carma que queria que as coisas fossem assim.

Algo o consolava: ele sabia que precisavam dele. Visivelmente, seus reiterados lucros e seu posto de vencedor inamovível desempenhavam um papel importante para a publicidade do concurso. Na verdade, os organizadores *queriam* que ele ganhasse. Para aumentar suas chances eles lhe davam o direito a vários cartões de resposta, um acordo feito secretamente.

Um dia, Ragle tomou coragem de perguntar ao inspetor do concurso se os enigmas submetidos à sua sagacidade, dos quais ele se aproveitava intuitivamente, tinham algum significado.

– Não literalmente – disse o inspetor.

– Eu sei, mas o que eu gostaria de entender é se eles têm algum sentido verdadeiramente ou se servem só para nos convencer de que alguém acima de nós sabe a resposta.

– Não estou te entendendo muito bem.

– Eu tenho uma teoria. Ela não é muito séria, mas gosto de pensar a respeito: talvez não exista uma resposta exata.

– Nesse caso, em que critérios nós iríamos nos basear para julgar que uma resposta é a vencedora, e não as outras?

– Talvez vocês escolham a resposta vencedora posteriormente. Porque ela parece mais estética para vocês ou porque é a minha e, por um motivo ou por outro, eu *tenho* que ser o vencedor do concurso.

– Tome cuidado: você está começando a projetar sua técnica sobre nós.

Então ocorre o incidente do cordão da luminária, que confirma a Ragle a ideia ainda errada de que algo não vai bem. Depois, brincando num terreno baldio, algumas crianças desenterram uma velha lista telefônica que contém informações que não correspondem a nada de conhecido. Os números não atendem.

Impressões bizarras de deslocamento e de *déjà-vu* o tomam de assalto. Ele se dá conta de que todo mundo o reconhece na rua, o que talvez possa ser explicado por sua foto no jornal local como eterno ganhador do concurso, mas mesmo assim... Mais tarde, consertando um velho transmissor de rádio, ele capta mensagens que parecem vir de aviões que sobrevoam a região sem folga. Ora, ninguém na cidade faz a menor ideia desse tráfego aéreo intenso, ou pelo menos não diz nada a respeito. Talvez, imagina Ragle, eu seja o único a ignorar isso. Talvez eu seja o alvo disso que está sendo tramado nas minhas costas. Mas não, preciso ficar calmo: mais uma vez estou me imaginando como o centro de uma conspiração. Que o universo gira em torno de mim, sem nenhuma outra finalidade que não me engambelar. Estou desenvolvendo uma paranoia... E, assim que ele diz isso, as mensagens de rádio começam a falar dele, que ouve em meio aos ruídos: “Sim, sim, é o Ragle Gumm que você está sobrevoando agora. Não, ele não desconfia de nada...”.

Nas histórias que Dick tinha escrito sobre esse tema, o herói apanhava em flagrante um segredo que dizia respeito a nada menos do que a ordem do mundo e se desgastava para tentar explicar isso às pessoas ao seu redor, sem esperança de ser acreditado. Desta vez, ele experimentou usar outro recurso dramático, mais inquietante. Não mais “todo mundo ignorava esse fato, menos ele”, mas sim “todo mundo sabia disso, menos ele”; todo mundo conspirava para que ele ignorasse. Ele não se desgastava menos para explicar aquilo que tinha entendido e que era recebido de maneira igualmente incrédula: a diferença é que essa recepção faz parte da conspiração e que seus concidadãos, ao seguir o progresso das suspeitas de Ragle Gumm, se dizem: “Ai, ai, ai, está ficando cada vez mais quente”.

Para conduzir sua investigação, acompanhado por um pelotão de espões sem que ele saiba, Ragle tenta deixar a cidade, algo que se revela como inexplicavelmente impossível, tanto quanto na série *O prisioneiro*. Como se, para além dos subúrbios, não houvesse mais nada e fosse preciso evitar que ele soubesse disso a todo custo.

Quando ele dirige um carro, o motor morre. Quando ele tenta pegar um bonde, a estação desaparece na noite. Ele entra em desespero. Se eu ligar o rádio, pensa, vou ouvi-los falando de mim. Porque eu sou o centro deste universo. Eles tiveram um trabalhão para construir um mundo fictício ao meu redor, para que eu ficasse tranquilo. Prédios, carros, uma cidade inteira. Tudo parece ser de verdade, mas é totalmente artificial. O que não entendo é por que eu. E o que significa esse concurso. Claramente, ele desempenha uma função vital aos olhos deles, todo aquele *trompe l'œil* foi construído à sua volta. Quando tento calcular onde o homenzinho verde fará sua aparição da próxima vez, certamente estou fazendo outra coisa, na verdade. Eles sabem disso, mas eu não.

Não vou contar o romance até o fim, apenas revelar seu argumento. Depois de tantas maquinações, Ragle atravessa as aparências e acessa a realidade. Uma das primeiras coisas que ele então descobre é uma edição da *Time Magazine*, datada de 1997, com uma foto sua adornando a capa sob o título “Ragle Gumm: o homem do ano”. Eis o que ele fica sabendo: ao fim do século 20, a guerra desperta a fúria entre a Terra e seus rebeldes colonizadores da Lua, que bombardeiam nosso planeta ininterruptamente. Por sorte, a defesa terráquea é chefiada por um gênio estratégico, Ragle Gumm, que, munido de reflexão, experiência e sobretudo de faro, consegue quase sempre prever onde irão cair os próximos mísseis, de modo que as cidades visadas podem ser evacuadas antes da catástrofe. Mas um dia o peso esmagador de sua responsabilidade é vencido por sua resistência psicológica. Para escapar, ele se refugia numa quimera de tranquilidade, os despreocupados anos 1950 de sua tenra infância. Síndrome de abstinência, declaram os desolados psiquiatras: não havia o que fazer para demovê-lo disso. Então, as autoridades terráqueas têm a ideia de adaptar seu ambiente a essa psicose, reconstituindo ao seu redor o mundo onde ele se sente amparado. Em uma zona militar ultrassecreta, constroem uma cidadezinha de acordo com o modelo das cidades

americanas anteriores à guerra, povoam a cidade de moradores-atores e concedem a Ragle um hobby que, apesar de tudo, permite explorar seu talento. Acreditando resolver os pueris enigmas do jornal – localizar a próxima aparição do homenzinho verde –, ele encontrava, na verdade, as coordenadas dos pontos de impacto dos mísseis e, assim, continuava protegendo as populações da Terra. Até o dia em que ele desconfia disso e, graças a incidentes minúsculos, começa a recuperar sua memória. O cordão de uma luminária foi o gatilho de tudo isso.

Como este capítulo encerra os anos de aprendizado do meu herói, sugiro uma pausa e um jogo para torná-lo mais agradável. Eis aqui três exercícios como preparação para adivinhar onde, nas próximas páginas, o homenzinho verde irá aparecer:

1) Aos trinta anos, enquanto escrevia o livro que acabo de resumir, Philip K. Dick pensava ser um desventurado escritor proletário, condenado a ganhar mal por toda a sua vida datilografando, o mais rápido possível, histórias para adolescentes que o desviavam da grande obra literária com a qual ele contava para deixar sua marca nas areias do tempo. No entanto, ele pressentia que essa valoração era insuficiente para dar conta da realidade: na verdade, e sem que ele próprio o soubesse, estava fazendo outra coisa. Mas o quê?

2) Você tem nas mãos uma edição da *Time Magazine* de 1997, cuja capa vem enfeitada com um retrato de Philip K. Dick, “o homem do ano”. Tente imaginar o texto da matéria.

3) Variação do exercício: a edição é datada de 1993, um detalhe que indica que ele não provém do universo em que você lê este livro, mas sim de outro, provavelmente aparentado. Refaça o exercício considerando esse novo dado.

O RATO EM FAMÍLIA

berkeley, que era uma cidade sossegada durante a infância de Dick, se tornava cada vez mais barulhenta e agitada. Quando um colégio Montessori abriu as portas em frente à casa deles, Dick passou a reclamar dos gritos do recreio. Ele também reclamava a cada vez que atravessava a baía, desde o dano infligido até a velha São Francisco pela estrada do Embarcadero, que estava sendo construída com um estardalhaço ensurdecedor de britadeiras e betoneiras. Kleo e ele se puseram a sonhar com o campo. Eles se viam como membros de uma dessas comunidades rurais onde todo mundo se conhece, se cumprimenta e se ajuda, onde a vida corre suavemente, inalterada, entre uma pesca de truta e as abóboras de Halloween. Compraram, então, uma casinha em Point Reyes Station, no condado de Marin. Situado a 60 quilômetros ao norte da Golden Gate Bridge, esse povoado rico com duas ruas principais e alguns comércios atraía, aos fins de semana, os visitantes de um magnífico parque costeiro, célebre por suas falésias de um recorte acidentado onde se aninhavam mais de trezentas espécies de pássaros marinhos, mas que durante a semana experimentava a mais pura calma.

Mais do que nos arredores do campus, onde a excentricidade era praxe, o modo de vida dos dois recém-chegados intrigava. Três vezes por semana, Kleo pegava o carro para ir a Berkeley, onde trabalhava meio período como secretária. Ele, que escrevia principalmente à noite, parecia sem propósito. Esse sujeito grande e com jeito de *beatnik* era visto se arrastando, manso, e não dava para saber se ele era muito tímido ou se, na sua intimidade, caçoava do mundo. Quando se espalhou o rumor de que ele escrevia ficção científica, um grupo local que se dedicava ao estudo de óvnis fez suas investidas. Por gentileza e curiosidade, ele acabou indo a uma de suas reuniões. Lá encontrou, comendo bolos caseiros, uma dezena de pessoas aparentemente normais: um

sujeito que trabalhava na loja de ferragens de Point Reyes, o dono de uma fazenda leiteira, a mulher do gerente da lanchonete e também a esposa do técnico da emissora local da RCA... O auge da fantasia era representado por um pintor paisagista estabelecido há tempos na região e que usava uma gravata de caubói cuja fivela era enfeitada com um símbolo sem dúvida esotérico. Bem, essas pessoas ordinárias acreditavam piamente em coisas extraordinárias: afirmavam que o Cristo viera de outro planeta; alegavam ter estabelecido contato com seus habitantes, seres evoluídos e superiores que controlavam a evolução de nosso planeta e o estavam conduzindo ao adeus espiritual por meio de uma completa destruição material. Sabiam inclusive a data do fim do mundo: 23 de abril de 1959. Tinham três meses para se preparar para isso.

Quando Dick contou a Kleo como fora sua tarde, os dois riram muito e se perguntaram por meio de que processo misterioso crenças como aquela podiam brotar no espírito das pessoas. Em seguida, ele teve bastante dificuldade para escapar dos membros daquele clube. Para dissuadi-los, precisou confessar seu ceticismo, algo que lhe era penoso, pois tinha horror de contradizer os outros. “É precisamente por escrever sobre extraterrestres que não posso acreditar neles”, esforçou-se para dar uma explicação. “Um escritor de ficção científica não tem o direito de acreditar no que conta; caso contrário, podem imaginar a confusão.” Tal declaração foi recebida com incredulidade e, depois, com hostilidade. Rirá melhor quem rir no dia 23 de abril, disseram-lhe.

Poucos dias depois que chegaram, receberam a visita de uma vizinha chamada Anne Rubenstein. Como a porta do jardimzinho estava emperrada, ela a pulou sem hesitar e sem se desculpar pela intrusão. Loira, nervosa, colocando e tirando seus óculos escuros sem parar, ela tinha modos ao mesmo tempo bruscos e sedutores que inquietaram o jovem casal. Quando lhes apertava a mão, ela dava a impressão de convocar uma queda de braço e, quando vinha de seus lábios, até o mais insignificante dos comentários parecia comportar um subentendido de cunho sexual. Por mais que ela

fosse pouco mais velha que eles, Phil e Kleo ficavam com jeito de adolescentes desengonçados na presença dessa mulher que, aos 31 anos, já tinha enterrado um marido e, sozinha, criava três filhas.

Mais do que convidados, eles foram convocados a tomar um drinque. Anne morava a alguma distância do povoado, numa grande casa moderna com uma grande abertura de vidro que dava para um pátio, uma lareira circular no meio do salão e os alto-falantes do aparelho de som embutidos nas paredes impecavelmente brancas. Um cavalo trotava pela pradaria. Havia três banheiros e uma cozinha que parecia a cabine de comando de uma nave espacial. Era o tipo de decoração fotografada por revistas que um nativo mediano de Berkeley logo menosprezava para não ter que invejar. Phil, que havia dado o melhor de si para professar seu desprezo e que, junto com Kleo, julgava pitoresco e antiburguês quando, ao ligar a torradeira, caíam os fusíveis da casa deles, de repente passou a achar miserável o lugar boêmio onde vivia. Claro, não era o conforto material que o fascinava, mas parte da atmosfera que rondava Anne. Enquanto ela evoluía pela sala, vestida com uma blusa e shorts de seda, ele a seguia com o olhar, seduzido por sua leveza, pelos músculos de suas pernas bronzeadas, pela energia que ela emanava. Ela tinha a graça de uma bailarina, sem qualquer afetação: ela praguejava, dizia palavras indecentes; repousava os olhos verdes sobre os seus, como se o desafiasse; depois, num abrandamento súbito, desviava e se afastava, batendo os chinelos sarcástica.

Ele voltou a encontrá-la sozinho tão logo Kleo virou as costas. Ela o arrastou até as falésias para lhe apresentar uma praia que ninguém conhecia, só ela, e que era supostamente a extremidade mais ocidental da América. Era preciso descer até lá com ajuda de uma corda, fato que o aterrorizou, mas ela o esculhambou até que ele a seguisse: ele nunca tinha encontrado uma mulher tão ágil e determinada. Chegando à beira d'água que chiava com violência, procuraram por ossos de baleias, depois se recostaram num rochedo e conversaram. De Jung, por quem ela tinha se apaixonado a ponto de sonhar com ele, passaram ao clube dos amantes dos óvnis.

– Um bando de destrambelhados – disse Anne com desprezo. – Eles acham que são os brinquedinhos de seres superiores, enquanto na verdade foi o subconsciente deles que perdeu o controle.

– Mesmo assim – observou Phil maliciosamente –, lembre-se de que diziam a mesma coisa de todos os santos e profetas: seus contemporâneos sempre os chamaram de loucos.

– Eles tinham razão. Mas e você, acredita nos profetas e nos santos?

– Não, na verdade não. De qualquer jeito, vamos ver o que acontece no dia 23 de abril. Você está sabendo que estão anunciando o fim do mundo para esse dia?

Anne o encarou e, com aquele ar sarcástico que lhe era típico mesmo nos momentos descontraídos, disse que muitas coisas podiam acontecer até o dia 23 de abril. Phil notou uma alusão que não ousou compreender. Sem nenhuma transição, ela se pôs a falar de seu marido, filho de família rica e poeta febril que editava uma revista chamada *Neurotica*; ele havia morrido no ano anterior num hospital psiquiátrico, por consequência de reação alérgica aos tranquilizantes que nele estavam sendo experimentados. Phil se perguntou quanto tempo convinha ficar em silêncio depois de ser informado de uma tal notícia, mas ela explodiu num riso estridente e lhe disse para não fazer aquela cara, que não valia a pena. Para não ficar em dívida, ele contou sobre a morte de sua irmã gêmea e emendou um de seus episódios favoritos: a entrevista de Mark Twain.

Interrogado por um jornalista sobre sua infância, Mark Twain falou sobre seu irmão gêmeo, Bill. Os dois, quando bebês, se pareciam a tal ponto que, para diferenciá-los, amarravam pulseiras de cores diferentes no pulso de cada um. Um dia, foram deixados sozinhos na banheira e um deles se afogou. As pulseiras tinham se soltado. “De modo que nunca se soube quem morreu, Bill ou eu”, concluiu Mark Twain.

– É exatamente a sua história – disse Anne, de um tom grave repentino. E ele reconheceu que sim, era bem a sua história.

Eles começaram a passar dias inteiros juntos. Ela amoleceu, ele ganhou segurança. Antes mesmo de fazerem amor, eles já se falavam como quem o faz: na confiança, em estado de abandono, se maravilhando de terem a mesma ideia ao mesmo tempo. Ao cabo de duas semanas, a ideia foi de ir para a cama e, quando estavam deitados, tiveram a impressão de continuar a conversa, cujo encadeamento seus corpos iam mimetizando de maneira caprichosa e natural, imprevisível e inevitável. Os dois confessaram que não conseguiam pensar em outra coisa desde o dia em que se conheceram. Ao saber disso, sentiram um prazer intenso em rememorar essas duas semanas, revisitando os acontecimentos e contando como tinham percebido em cada uma das ocasiões:

- Eu tinha te achado tão agressiva...
- É que eu estava te desejando muito...

Não pensaram um minuto sequer em levar uma relação clandestina – algo que também não duraria muito tempo num fim de mundo como Point Reyes. Foi amor à primeira vista, cuja existência repudiava a vida ordinária e invalidava seus contratos. Anne abriu o jogo para seu psicanalista, depois para suas filhas, e Phil para sua mulher. Kleo foi triste, calma e digna: saiu de cena. Consentiu o divórcio com um desinteresse que ele, tomado pelo grande amor, considerou natural, mas que a experiência viria a lhe ensinar na sequência que não era bem assim que costumava acontecer com uma esposa americana. Ela lhe deixou a casa, porque ele continuaria ali, ficou com o carro, porque ia partir, não pediu pensão alimentar, porque os dois ganhavam tão pouco quanto, deu-lhe um abraço e voltou a Berkeley, assoviando seu grito de guerra das Brigadas Internacionais para se inspirar coragem.

Foi uma grande paixão. Era só se separarem por alguns dias, quando Anne ia acertar alguns assuntos com a rica família de seu marido, que Phil lhe escrevia cartas do tipo: “Existe uma relação direta entre minha experiência de te ouvir ao telefone e a de um

religioso que, de tanto jejum, solidão e meditação, acaba por ouvir a voz de seu Deus. Com a diferença de que você existe e, em relação a Deus, tenho lá minhas dúvidas”.

Eles se casaram no mês de abril, quinze dias antes do fim do mundo, que não aconteceu – no entanto, na noite do dia 23, quando deu meia-noite, eles não conseguiram negar certo alívio. Phil se instalou, com sua Magnavox e suas coleções de discos, livros e revistas na grande casa iluminada e na vida familiar, uma novidade para ele. A princípio, demonstrou uma devoção tocante brincando com as garotas, lendo o *Ursinho Pooh* para a caçula, *Quo vadis?* para a do meio e as histórias de terror de Lovecraft para a primogênita, ajudando nas atividades de casa, aprendendo a fazer consertos domésticos, preparando o café da manhã para todas as suas mulheres no início de cada dia e, ao final deles, os drinques que tomava ritualmente com Anne antes do jantar: martíni seco para ela, uma taça de vinho zinfandel da Califórnia para ele. Também parou de trabalhar à noite e adotou um horário de escritório: de nove às dezoito horas, reservando uma hora de pausa para o almoço, que ele passava conversando com Anne.

Ambos tinham muito apreço por essas longas conversas do meio-dia e à noite: eles se conheceram conversando e consideravam a arte da conversa uma forma de torneio amoroso. Anne não estava mais disposta do que antes a reconhecer a supremacia de quem quer que fosse nesse domínio. Ela tinha um diploma de psicóloga, dissertava sobre Freud e Jung como se os tivesse conhecido em pessoa e tendia naturalmente a considerar sua opinião sobre qualquer assunto como a revelação da verdade. Mas ficou desconcertada e logo se deixou conquistar pelo jeito de Dick, cuja originalidade ela se gabava de ter percebido desde o primeiro dia. Assim como existem amantes excepcionais, ele era um conversador único, a quem só faltara uma parceira receptiva para a qual se revelar. Ao contrário de Kleo, muito camarada, muito sincera e sem desvios para erotizar as palavras, Anne soube ser essa parceira.

Não era apenas uma questão de cultura: é sempre possível encontrar gente para falar com a mesma facilidade sobre

Schopenhauer, os aborígenes da Austrália ou o processo de Nuremberg. Não, era outra coisa: uma maneira ao mesmo tempo calorosa e páfida de minar o terreno enquanto se defende com igual convicção de opiniões radicalmente opostas. Por isso, qualquer que fosse a opinião com a qual se concordava, tinha-se a impressão de que fora ele quem conduziu até o raciocínio, deixando a pessoa achar que fora enganada para pensar o que estava pensando. Nada nunca era fixo, definitivo, adquirido. O mais sólido dos argumentos, aquele especialmente reservado para confundi-lo, voltava-se a seu favor e ficava a seu serviço. Assim como algumas pessoas encantam serpentes, ele encantava ideias, fazia com que elas dissessem o que ele queria e, depois, quando elas o diziam de fato, exigia que dissessem o contrário, e elas o obedeciam mais uma vez. Uma conversa com ele não se parecia em nada com uma troca de argumentos, estava mais para uma volta de montanha-russa em que o interlocutor fazia as vezes de passageiro e ele, o de vagão, trilho e de leis da física. Ou ainda com o seu jogo favorito, o Jogo do Rato.

Ele tinha convertido as meninas a essa variante do Banco Imobiliário para tornar menos entediantes as intermináveis compras de imóveis que elas tanto adoravam. O princípio é que o banqueiro, em vez de se contentar com o papel de mediador do jogo, também detém, enquanto Rato, o poder arbitrário de mudar suas regras. Quando quer, como quer e sem que ninguém tenha o direito de questionar o porquê desses ucasses achando que vai passar incólume na sequência. Era uma tábula rasa perpétua, uma ditadura em estado bruto, a negação da ideia de direito. Para que uma partida fosse bem sucedida, era interessante para os jogadores escolher o Rato mais vicioso e inventivo entre eles (“O Phil! O Phil!”, pediam as garotas, arrebatadas). Um Rato digno desse título deve saber dosar as tormentas que inflige aos jogadores, deixando-os supor que um plano orienta suas decisões tirânicas e, a partir de cruéis decepções e falaciosos incentivos, tirá-los progressivamente de seus hábitos de Banco Imobiliário para mergulhá-los no caos sem que o interesse fosse prejudicado. Dick era um Rato inato que, na época de que falo, começava a se descobrir. Não contente em se

contradizer, ele chegava a negar, ao longo de uma conversa, que tinha dito aquilo que o tinham ouvido dizer minutos antes; se alguém se esforçasse para confundi-lo, receberia de volta um olhar penoso e perplexo, como se ele perguntasse a si mesmo se estava lidando com um surdo, um perverso ou um louco. Tais procedimentos deixavam Anne boquiaberta e, antes de lhe suscitar exasperação, inspiravam uma espécie de respeito fascinado: “Felizmente você não se enveredou na política”, exclamava. “Você teria dado o truque até no doutor Goebbels!”

Ela adivinhava em seu novo marido algo de genial de que nem ele próprio tinha consciência. Ele se via como um pobre sujeito um pouco desatinado e excêntrico, e ela como a mulher inteligente e sensível que soube descobrir o diamante bruto e saberia dele extrair a ganga, poli-lo e expor sua beleza à admiração do público. Ela estava convencida de que, com os dons excepcionais que eram confirmados por suas conversas quando ele se sentia confiante, Phil se tornaria um escritor célebre, mas para isso ele precisaria trabalhar, e com seriedade. Para início de conversa, que ele começasse a escrever livros de verdade, e não mais essas asneiras para adolescentes que, desde o princípio, lhe arrancavam todas as chances de ser reconhecido um dia. Esse foi o tema de uma longa conferência conjugal. Phil concordava de bom grado, ele não desejava nada mais do que se tornar um escritor célebre. Mas acontece que ele já tinha tentado isso sem sucesso e aprendido, por experiência própria, que só essas asneiras o permitiriam ganhar a vida, e muito mal, ainda por cima. Anne afastava a objeção: o antes ficou para trás; agora era ela quem o pegava pela mão. Quanto à questão do dinheiro, eles dariam um jeito. Ela própria e suas filhas viviam da pensão paga pela família de seu marido defunto; quanto a ele, poderia muito bem contar com um pouco de dinheiro para seu livro que estava para ser lançado...

Phil balançou a cabeça acanhado: por causa de seu caráter mais *mainstream*, *O homem mais importante do mundo*, cujas

provas ele estava lendo no momento em que eles se conheceram, foi comprado por um valor um pouco *menor* que os outros e, como o adiantamento já tinha sido usado, só lhes restava correr atrás dos royalties. “Bom, tanto faz”, disse Anne impaciente, “era só ele vender aquela porcaria daquele barraco onde morava com a Kleo e pagar para ela um pouco depois, de fortuna feita, a parte que lhe cabia.” Enfim, fizeram algumas contas e a partir delas concluíram que Phil tinha dois anos pela frente para escrever, com dedicação integral, um romance *mainstream* que, em primeiro lugar, seria publicado e, em segundo lugar, alcançaria um grande sucesso.

Confrontado com essa injunção que, para muitos, teria sido um balde de água fria, ele assumiu a tarefa com coragem e, durante esses dois anos, escreveu não só um romance, mas quatro. Deu a ela o manuscrito do primeiro, *Confessions of a Crap Artist* [*Confissões de um artista do lixo*, em tradução livre], alguns meses depois de terem se casado. Ela esperava um filho dele e, sem dúvidas, estava inclinada a considerar esse livro como outro fruto da idílica lua de mel do casal. De fato era outro fruto, mas não o que ela esperava.

Ela tentava acreditar nele quando, convocado a se explicar, o homem de quem ela decidira se tornar musa resmungou que esse retrato prodigiosamente melancólico do inferno conjugal era a mais pura ficção, e não uma autobiografia. No entanto, ele não tinha feito o menor esforço para dar um átomo que fosse de verossimilhança a essa resposta; sequer tentou consertar as coisas. É claro que ele era incapaz disso. A ficção científica mobilizava todas as suas capacidades de invenção e, quando ele se punha a escrever um *verdadeiro* romance, seguia à risca os conselhos da tia Flo, seu primeiro editor, tão hipnotizado quanto uma galinha diante da qual se desenha um risco de giz: limite-se àquilo que você conhece; se mora em Point Reyes, descreva Point Reyes e seus moradores; se você, que era casado com uma mulher amorosa e correta, cometeu o erro de se apaixonar por uma rapariga castradora, faça um registro desse erro. Não omita nenhum detalhe. Conte como você se deixou seduzir pelo seu canto de sereia, iludido por sua bela e

branca casa, enganado por uma ilusão de intimidade que o levou a confiar até mesmo seus pensamentos mais secretos – e ainda não terá o suficiente de sua vida para se arrepender de ter dado todas essas armas contra você. Tampouco se poupe: conte sua humilhação cotidiana devido ao fato de que ela tem dinheiro e que, mesmo que você se mate de trabalhar, não é capaz de ganhar o bastante para manter a família *dela* de acordo com os padrões burgueses a que ela está acostumada; conte toda a sua amargura de perdedor, seus rancores inconfessáveis; sua vontade de matá-la quando ela te manda ir até a cidade para comprar seus Tampax...

Anne não conseguia entender. Por que todo esse desespero? Essa misoginia furiosa? Esse clima de pesadelo alquebrado, em que cada gesto fica ainda mais incrustado? No entanto, ele parecia feliz. Ele se ocupava das meninas como um pai atencioso. O anúncio da gravidez o havia enchido de alegria. A agorafobia, que ele alegava ter envenenado sua juventude, aparentemente não o atormentava mais. Quando recebiam visitas de amigos, ele bancava o chefe de família com todo prazer; levava-os até o prado onde pastavam suas ovelhas e apresentava-as uma a uma, fingindo aborrecimento quando Anne contava, tirando delicadamente um sarro dele, o drama que era cada vez que tinham que sacrificar uma delas. Claro que, de quando em vez, eles brigavam e, como ela não era do tipo de deixar por menos, o tom subia. Claro que ele se preocupava com sua carreira, com o dinheiro, com seu status social, e que a chegada de uma quarta criança não ia facilitar as coisas. Claro que os artistas são atormentados, mas mesmo assim: ela tinha dito umas cem vezes que escrevesse para ela, que quando seu primeiro livro sério fosse publicado ele o dedicaria a ela e às grandes conversas deles, e tudo o que ele encontrou para escrever foi aquilo?!

– Enfim, era só você recusar, já que te incomoda tanto sair para comprar meus Tampax! – protestou. – Como assim, só um livro? Você vive comigo, transa comigo, me faz um filho, e ainda sorri para os anjos dizendo que me ama, e é só ficar sozinho que escreve que

me odeia, que sonha comigo à noite como se fosse sua pior inimiga...

– Justamente – ele tentava contemporizar –, um livro é como um sonho, não tem nada a ver com a vida. Até na Inquisição eles consideravam que não dava para pecar em sonho. Eu li isso num livro do Mircea Eliade: você sabia que só os selvagens...

– *Fuck you!*

Laura nasceu em 25 de fevereiro de 1960. Assim que a mãe e a criança voltaram da clínica, foi a vez de ele ser hospitalizado por espasmos no piloro, que ele apresentava comicamente como sua participação somática aos sofrimentos da parturição. Era mais provável que fosse um efeito dos vários comprimidos que ele tomava há algum tempo em quantidade crescente: ansiolíticos para superar a angústia da paternidade, anfetaminas para trabalhar mais e melhor. De volta ao lar, ele se entregou raivosamente a um romance furioso, trazendo à cena dois casais infelizes de Marin County: de um lado, um *self-made man* de ambições bloqueadas pela mulher alcoólatra e, de outro, uma mulher cheia de segurança, vinda de um meio rico e que não perde nenhuma oportunidade de massacrar seu marido inútil. Ele tomou seus vizinhos como modelo para descrever o primeiro casal e para o segundo...

– Não, eu juro – ele protestava inerte. – Isso é uma obsessão sua. Para começar, eu nem perdi minha carteira de habilitação.

No começo do livro, de fato, o personagem tem sua carteira de habilitação suspensa, o que obriga a mulher a fazer as vezes de motorista todas as manhãs para que ele possa trabalhar em São Francisco. Entediada de fazer o trajeto à toa, ela dá um jeito de conseguir um emprego na agência de publicidade onde ele é desenhista e suplanta seu lugar de tal forma que faz com que o chefe o demita. No auge da humilhação, o inútil e agora desempregado não encontra nenhum meio de fazer ruir a carreira de sua mulher, inaugurada de maneira tão brilhante, senão estuprá-la num dia em que ela está sem seu diafragma, de modo que,

grávida, ela seja obrigada a se demitir. “Isso não muda nada, eu vou abortar”, triunfa ela.

Naquele outono, Anne ficou grávida outra vez. Isso não estava previsto e, se analisado friamente, cairia mal. Temendo ao mesmo tempo as consequências físicas de uma quinta gravidez, o fardo financeiro e as disposições em que via seu marido, também ela resolveu abortar. Phil se opôs a isso com violência, acusando-a de ter tantos sentimentos quanto um robô. Anne observou que ele não desejava aquela criança mais do que ela: o que ele queria, na verdade, era vê-la gorda e dependente para, enfim, se sentir superior. A guerra durou alguns dias, ao fim dos quais Anne partiu e voltou dizendo, com uma voz cândida, que não falassem mais a respeito. Phil se fechou em seu escritório batendo a porta.

Por falta de conseguir precisar a data de redação em cerca de um ou dois meses no ano de 1960, é difícil estabelecer se o romance *The Man Whose Teeth Were All Exactly Alike* [O homem cujos dentes eram todos idênticos] transpõe os eventos da vida conjugal deles no calor do momento ou se, numa variante da segunda hipótese, Anne, depois de ler o manuscrito, levou a ferro e fogo a reprodução do roteiro nos mínimos detalhes. Fato é que, pouco tempo depois do aborto, esperando aumentar os recursos da família e principalmente tentando escapar de uma atmosfera doméstica sofrível, ela decidiu trabalhar também. Obviamente tinha que ser um trabalho mais ou menos artístico. Algumas vezes tinham elogiado as formas que ela esculpia em argila. De uma conversa com uma vizinha nasceu a ideia de montar uma loja de bijuterias.

Nada poderia desagradar mais a Phil que, como o herói de seu romance, via nessa iniciativa um sarcasmo que apontava para sua incapacidade. Sobre o episódio que se segue, as versões divergem um pouco: ele afirma que sua mulher, estimando que a brincadeira tinha durado tempo demais, queria desviá-lo de sua vocação pouco lucrativa e transformar o escritor maldito em um responsável homem de negócios; de acordo com Anne, pelo contrário, era ele quem queria se reciclar com as bijuterias para escapar da impotência criativa, enquanto ela militava para que ele voltasse à sua máquina.

Uma coisa é certa: depois de um tempo de desavenças, ele adquiriu o hábito de ficar no ateliê. Ele fuçava nos moldes e pinças, deu para aprender a manusear as ferramentas de precisão. Mesmo os trabalhos subalternos que lhe eram confiados, como o de polimento, lisonjeavam seu gosto antigo pelo artesanato. Avaliando as bijuterias saídas do forno, ele comparava com tristeza sua plenitude compacta com a fatura de seus romances que lhe pareciam vulgares, costurados de maneira hedionda. Ele aspirava à esfera, à produção de algo que tivesse peso justo e fosse de um molde único. A sócia de Anne tinha lhe mostrado livros sobre a arte japonesa tradicional, na qual ela se inspirava para fazer suas criações. Tratava-se de um ponto em que os contrários se equilibram, respeitando o tao, e ele sonhava com um livro que tivesse essa harmonia; mas se sentia terrivelmente despossuído para escrevê-lo, inclusive até para concebê-lo. Ele estava mal. E quanto pior se sentia, mais insuportável se tornava em casa. Um dia, Anne lhe fez uma proposta: por que ele não alugava o chalé do xerife, que ficava num terreno isolado e a dez minutos a pé da casa deles? Ela se informara a respeito: não usavam mais aquilo, não ia custar quase nada e ele ficaria tranquilo para trabalhar. Ele hesitou, sabendo que, se aceitasse, estaria em maus lençóis. Não tinha mais meios de fugir da raia. Se dessa vez ele não escrevesse um livro que realmente valesse a pena, não escreveria mais nada. Esse chalé seria a última etapa. Ele teria que sair dele vencedor ou morto.

Ele fez girar as engrenagens e, prendendo a respiração, construiu o hexagrama. Nove, oito, sete, sete, seis, oito: *Fêng*, abundância, plenitude.

“Clareza interna e movimento externo geram grandeza e abundância. Este hexagrama representa uma época de grande desenvolvimento cultural. Mas o próprio fato de se ter atingido a culminância implica a impossibilidade de permanência dessa condição excepcional de abundância.”

Ele aceitou.

CHUNG FU, A VERDADE INTERIOR

por volta do final do século 17, jesuítas que voltavam de Pequim introduziram na Europa um tratado de adivinhação que abordava o livro mais antigo da China e a chave da sabedoria. Nele, todo o universo é condicionado por dois princípios complementares, *yin* e *yang*, que podem ser identificados à vontade como sombra e luz, fêmea e macho, repouso e movimento, terra e céu, frio e quente etc. Uma técnica simples, do tipo cara ou coroa, permite definir um hexagrama que figura a dosagem exata desses princípios na situação do mundo no momento em que se consulta o oráculo e, por conseguinte, também deixa ajustar sua conduta a isso. Em 64 hexagramas, nenhum a mais ou a menos, se desdobra toda a variedade infinita da vida e das situações cujo fluxo é modificado a cada instante. É por isso que o *I Ching* é chamado de *O livro das mutações*. Ele não descreve estados fixos, e sim as tendências que os animam. Ele sabe que todo momento é uma passagem, que o apogeu anuncia o declínio e que a perda traz uma vitória futura. Para quem tateia na escuridão, ele ensina que a luz voltará; para quem se regozija sob o sol do meio-dia, que o crepúsculo já começou; e, ao homem sábio, a sutil arte de se deixar levar pelo curso dos acontecimentos, como um barco vazio é carregado pelo rio.

Ao longo de dois séculos, foram sugeridas várias traduções de textos sibilinos que, atribuídos a Confúcio e a outras autoridades, comentam cada um dos hexagramas. Elas ficaram restritas ao círculo de orientalistas até que em 1924, Richard Wilhelm, um pastor de origem alemã apaixonado pela China, sugeriu uma tradução cuja qualidade excepcional aumentou de uma só tacada o público do *I Ching*. Carl Gustav Jung estava entre seus mais fervorosos adeptos, e foi justamente um de seus alunos, Cary F. Baynes, quem publicou a versão americana em 1951 (foi necessário esperar até 1968 pela versão francesa de Étienne Perrot). Nos anos

1950, a obra vivenciou um sucesso subterrâneo e fecundo, o que acabou se transformando em uma verdadeira popularidade durante as duas décadas seguintes: John Cage se utilizou dele para tirar suas progressões de acordes; alguns físicos, para determinar o comportamento de partículas subatômicas; e, descendo um andar até chegar aos hippies, era só fumar alguns baseados e pronto, as três moedas eram lançadas por seis vezes consecutivas sobre um tapetinho turco. Depois, o jeito era se virar com frases como: “A perseverança é favorável. Cuidar da vaca traz boa fortuna”. Ou ainda: “Liberte-se de seu dedão do pé. Virá então o companheiro e nele você poderá confiar”.

Dick fez parte da rabeira da vanguarda, por assim dizer. Alertado por um artigo de Jung, ele descobriu o livro em 1960 e dele não se separou mais. Anne também acabou sendo iniciada. Não tardou para que toda a casa começasse a viver sob a evasiva lei do oráculo, recorrendo a ele a cada passo e confiando as mais prosaicas decisões à sua arbitragem.

Há duas maneiras de praticar o *I Ching*: como um livro de sabedoria e como uma técnica de adivinhação. Pode-se esperar dele um aprendizado geral sobre a maneira de acolher a vida, independente da circunstância, ou respostas precisas a perguntas precisas, do tipo: terei o suficiente de combustível para dirigir até o próximo posto de gasolina? A primeira abordagem parece mais respeitável e sensata e, de todo modo, expõe a menos decepções do que a segunda. Infelizmente para ele, se tinha algo que Dick não perseguia era a sabedoria. Tudo o que ensina o taoísmo, para o qual o *I Ching* compõe um quadro de referência, sobre as benfeitorias da leveza, da paciência e da entrega, todo o conhecimento da vida construída sobre a experiência e a ascese de um modo geral, para ele não passava de letra morta. Nesse ponto ele era profundamente esotérico: acreditando na existência de um segredo escondido por trás do plano visível, ele não imaginava que a vida o ensinasse pouco a pouco, mas sim que cabia ao intelecto dominar tudo isso à força. Ele não esperava que a cultura, a psicanálise ou a religião a formassem, mas sim que lhe dessem a

senha que permitisse escapar da caverna onde nos é mostrada apenas uma sombra do mundo real, como acreditava Platão.

Na época de seus primeiros passos literários, ele tinha gostado desse conto de um de seus colegas, o malicioso Fredric Brown: sábios de todo o mundo colaboram na construção de um computador gigantesco onde abarrotavam *todos* os dados que compõem o saber humano, junto com um programa capaz de conectá-los. Chega o solene momento em que a máquina é posta para funcionar. Tremelicando um pouco, é digitada em seu teclado a primeira pergunta: “Deus existe?”. A resposta não demora: “Agora, sim”.

De certa maneira, o *I Ching* parecia um pouco com esse computador, e seu jogo de 64 ideogramas, com um programa que permite compreender – em mais de um sentido do verbo – o universo. Com seu pedantismo costumeiro, Dick explicava a Anne como, a partir dessa combinação de traços cheios ou interrompidos, Leibniz reconheceu a antecipação de seu próprio sistema, baseado exclusivamente no uso dos numerais 0 e 1, ele próprio antecipando a alternância binária da informática moderna. Para um inventor de perguntas derradeiras, sempre buscando uma ocasião para encaixá-las, isso parecia ser um verdadeiro presente dos deuses.

O *I Ching* o havia aconselhado a alugar a cabana do xerife para nela escrever um livro que valesse realmente a pena ou a morte. (É claro que essa alternativa dramática vinha dele, o *I Ching* jamais diria algo parecido; em caso de derrota, ele insinuaria simplesmente que a situação não tinha amadurecido, que o sujeito havia se apressado com imprudência.) Quando transportou toda a sua equipagem para lá, colocou sobre a mesa, ao lado da máquina de escrever, os dois volumes pretos da edição de Baynes e as três moedas chinesas furadas que ele usava para compor os hexagramas. Depois, ele se sentou e esperou. Recomendava-se afastar todos os pensamentos antes de consultar o oráculo, mas ele tinha uma dificuldade louca em afastar todos os pensamentos.

Imagens e ideias ruminadas com frequência boiavam na superfície de sua consciência. Ele suspeitava que alguns desses destroços encontrariam seu lugar no livro, mas não era preciso se precipitar a esse respeito. Era só deixá-los à deriva, sendo levados pela corrente.

No centro, havia a imagem de uma joia. Um broche ou talvez um pingente: algo compacto que encaixava na cavidade da mão. Não era uma joia preciosa, mas, quando observada e sopesada sem pressa, percebia-se uma mudança dentro de si. A maré se apaziguava. Sem mais oposições, ou talvez sim, mas tão equilibradas que deixavam de ser percebidas como oposições. Calmaria, evidência. Essa joia tinha que estar no livro. O livro tinha que se parecer com essa joia.

Mas como, se ele tratava do nazismo, que vinha rondando seus pensamentos há meses? Ele tinha lido toneladas de livros sobre o assunto, por último o de Hannah Arendt acerca do processo de Eichmann em Jerusalém, e sabia que, quando escrevesse a sério, seria sobre esse assunto. O nazismo é um assunto com que todos os habitantes da segunda metade do século 20 precisam lidar, conviver com a ideia de que aquilo aconteceu, assim como ele tinha que conviver com a morte de sua irmã Jane. Você pode até não pensar a respeito, mas isso não significa que não está lá, e tinha que estar também em seu livro.

E nada poderia ser mais distante do tao do que o nazismo. No entanto, os japoneses, que veneram o tao, tinham se aliado aos nazistas. Se eles tivessem levado a melhor... Por um momento, ele deixou essa ideia cintilar. Livros desse tipo já tinham sido feitos, ele, inclusive, tinha lido um deles de acordo com o qual o sul vencera a Guerra de Secessão. Ele se perguntava como seria o mundo resultante da vitória do Eixo, quinze anos antes. Quem chefiaria o Reich? O mesmo Hitler ou algum de seus tenentes? Algo mudaria se fosse Bormann, Himmler, Goering ou Baldur von Schirach? Algo mudaria para ele, que morava em Point Reyes, Marin County? O quê?

Era uma impressão estranha imaginar não um futuro hipotético, mas um outro passado. Quanto mais ele pensava nisso, mais esse

passado e o presente dele resultante ganhavam consistência. Eles poderiam ter existido e, em certo sentido, eles existiam: faziam uso de seu cérebro para existir. Mas eles podiam existir sob mil formas diferentes, isso dependia das escolhas efetuadas por ele. A cada instante, milhões de acontecimentos se sucedem ou não; a cada instante, variáveis se transformam em dados, o virtual se torna presente, e é assim que, a cada instante, o mundo se apresenta num estado diferente. Em sua escala diminuta, o que quer que um escritor venha a compor, está sempre fadado a fazer esse tipo de trabalho: como tudo pode acontecer, cabe a ele decidir que uma coisa aconteça, e não outra.

Ele sentia que era hora de pedir um conselho ao *I Ching*. Obteve como resposta o hexagrama 60: *Chieh*, a limitação.

“Água sobre o lago: a imagem da limitação. Assim, o homem superior cria número e medida, examina a natureza da virtude e da conduta correta.”

Comentário: “O lago é limitado, a água, inesgotável. O lago só pode conter uma parcela restrita da quantidade indefinida de água existente no mundo. Nisso consiste sua particularidade. Do mesmo modo, a vida humana adquire um significado quando o homem exerce um discernimento seletivo e estabelece limites”.

É impressionante, refletiu ele, como o oráculo quase sempre acerta em cheio. Seus detratores ressaltam que ele só dá conselhos de bom senso e muito generalizantes para convir a qualquer ocasião: paciência, moderação, perseverança – e, em certa medida, isso é verdade. É verdade que normalmente não preciso dele para pensar que um romance exige um contexto preciso; mas, como ele me disse isso, e como eu me questionava o problema com precisão, de repente percebo melhor a importância desse contexto. Entendo que a primeira coisa a se fazer é estabelecer algumas fronteiras.

Depois de sua vitória esmagadora em 1947, as potências do Eixo dividiram o mundo, decidiu ele. A Europa, a África e o leste da América, até as Montanhas Rochosas, voltaram a ser do Reich. O

chanceler Martin Bormann deu continuidade à política de seu antecessor, transformando uma porcentagem considerável de suas populações em sabão e o continente africano em... não se sabe muito bem o quê, as pessoas preferem evitar pensar nisso. Na Ásia, no Pacífico e no oeste da América paira uma submissão mais humana. Sem campos de concentração, menos terror policial. Os americanos interiorizaram com perfeição o código social dos ocupantes: como eles, o que mais temem é infringir a etiqueta e ser humilhados; como eles, não tomam nenhuma decisão sem consultar a opinião do *I Ching*. A todo momento, o californiano médio joga suas moedas e observa, fascinado, a formação do hexagrama que, produzido pelo acaso, não faz com que suas raízes chafurdem menos na trama do mundo. A alternância de traços cheios e interrompidos oferece, a cada um, uma chave ao mesmo tempo singular e universal para compreender a situação atual das coisas: se existe um lugar que lhe é atribuído, isso se dá em relação ao lugar de todo ser, vivo ou que já viveu um dia, em relação ao cosmos como um todo.

A fim de ilustrar essa interdependência, ele optou por multiplicar a quantidade de protagonistas e pontos de vista. No começo, eles tinham apenas nomes: Frank e Juliana Frink, Nobusuke Tagomi, Robert Childan, o casal Kasoura... Mas bastava escrever seus nomes e tirar o *I Ching* na intenção deles para que esses fantasmas ganhassem vida. Sem que se conhecessem necessariamente, surgiam conexões entre eles. O senhor Tagomi, alto funcionário japonês na Califórnia, buscava um presente precioso para honrar um visitante do Reich. Com essa finalidade, dirigiu-se a Robert Childan, americano de estirpe que tinha uma loja de antiguidades nativas: quadrinhos de antes da guerra, relógios do Mickey, discos de Glenn Miller, pistolas Colt 44 da Guerra de Secessão, todo tipo de bugiganga que a elite no poder adorava, com autenticidade garantida por Childan. Em vão: a maioria dessas peças eram falsas, oferecidas pela oficina clandestina onde Frank Frink trabalhava. Demitido depois do escândalo, ele tentou a sorte no mercado de joias. Noutros tempos, ele fora casado com uma

certa Juliana, que, no começo da história, servia hambúrgueres em uma lanchonete no Colorado. Dick não sabia muito bem o que fazer com ela, mas não se incomodava muito com isso. A partir das margens da história, ela daria conta de forjar para si um caminho até o núcleo do livro: tinha certeza de que ela daria uma perfeita heroína e, enquanto esperava por seu momento, bastava mantê-la em movimento, andando pelas ruas ou tomando um banho. O hexagrama de número 5 confirmava: “A espera na planície. É favorável aguardar no que é duradouro. Nenhuma culpa”. Sem muitas maneiras, ele confessava para si próprio que inventara Juliana principalmente para se apaixonar por ela.

Ele tinha um ritmo de trabalho febril, de nove a dez horas diárias. Para ele, era como se o livro já existisse em algum lugar, seu trabalho consistia unicamente em seguir as diretrizes do oráculo para trazê-lo à luz. Quando um dos personagens tirava um hexagrama que sugeria uma escolha contrária aos vagos planos estabelecidos, ele resistia à tentação de recomeçar até que o veredicto organizasse melhor as coisas: ele deixava acontecer, seguia o movimento; a história se desenvolvia por conta própria. À noite, ele tinha cada vez mais dificuldade de se retirar dela. Seguia pensativo pelo caminho de terra que, com algumas barreiras no caminho, levava da cabana até a casa grande e branca. De dentro dela vinham vozes, músicas, barulhos de talheres. Diante da porta, ele batia demoradamente suas botinas militares incrustadas de terra. Lá dentro, encontrava com certa incredulidade aquela mulher a quem havia prometido dedicar seu primeiro romance sério, mas cujo lugar não conseguia encontrar nele: como se o livro admitisse apenas personagens reais e ela não o fosse suficientemente. Juliana era morena, asa de graúna; que ideia a dele ter se casado com uma loira, e ainda por cima tão estridente! Ela importunava e praguejava o tempo todo, igual ao peregrino russo que repete o nome de Jesus incessantemente para incorporá-lo à sua respiração, exceto que ela o fazia com seus *shit* e *fuck*, dando a impressão de

que sapos saíam de sua boca. Ele adentrava com suavidade, ajudava a pôr a mesa. Brincava com as meninas e a bebê. Ia ao banheiro tomar os diversos comprimidos necessários para seu equilíbrio. Algumas vezes, tarde da noite, quando tinha certeza de não haver ninguém por perto, ele ia para conferir as bijuterias. Sozinho no ateliê, se sentava diante da bancada. Seus dedos se demoravam analisando as escovas, pinças, alicates, polidores e todas as demais ferramentas minúsculas e precisas que ele adoraria saber manusear. Mas isso não lhe causava melancolia: essa parte de sua vida estava salva. Tinha encontrado seu lugar no mundo dos livros, onde Frank Frink também havia montado um ateliê. Com a diferença de que aquilo que ele produzia não eram bugigangas charmosas como as que estavam diante dos olhos de Phil. Sem que ninguém o quisesse conscientemente, os objetos sem valor histórico ou até mesmo estético que saíam de seu forno recendiam um valor imaterial mais elevado: estavam em equilíbrio, em repouso, de acordo com o tao; bastava contemplá-los para entrar em contato com o mundo real, adormecido por sob as aparências. Não existiam objetos parecidos no ateliê de Anne, mas em seu livro sim, e de alguma maneira era possível que o livro como um todo fosse um objeto desses: uma criação sem dúvidas secundária no plano literário, mas que, misteriosamente, oferecia um acesso à verdade. Cada vez mais lhe parecia que alguma coisa não estava indo bem em seu mundo, no mundo de Anne. O livro seria como um buraco, uma fenda nessa tela pintada através da qual aqueles que soubessem lê-lo poderiam passar para o outro lado. Mas pouquíssimos saberiam disso. Anne com certeza não.

Por uma dessas voltas complicadas e naturais favorecidas pela construção de sua história, uma das joias de Frank Frink foi parar nas mãos do senhor Tagomi, o alto funcionário japonês cujas buscas por um presente tinham provocado indiretamente seu retorno ao artesão e a reconversão deste – isso sem que os dois soubessem ou tivessem se encontrado antes. Também o senhor Tagomi tinha suas preocupações. Para salvar uma vida, ele tivera

que sacrificar duas, uma realidade dificilmente sustentável para um budista. Ele estava prostrado num banco, com sua pequena e frágil silhueta coberta por um terno preto, numa praça pública de São Francisco. De maneira maquinal, tirou a joia de seu bolso e pôs-se a apalpá-la, depois a fitou. O triângulo de prata refletia os raios de sol.

Ao deixar a praça, pensativo, o senhor Tagomi ficou impressionado de não ver nenhum bicitáxi. Depois, percorrendo as docas, ele se deteve, boquiaberto: uma gigantesca faixa de concreto se estendia ao longo da baía. Parecia uma esteira monstruosa de parque de diversões, sobre a qual deslizavam uns veículos de formatos bizarros. A princípio, o senhor Tagomi achou que estava sonhando: ele passava por ali todos os dias e nunca tinha visto aquela via de circulação de ares futuristas cuja construção deveria ter durado meses, anos até. Mas, por mais que ele tornasse a fechar os olhos, a imagem não se dissipava. Perturbado, questionou um passante, que lhe disse se tratar da estrada do Embarcadero. O tom da resposta carregava surpresa e diversão ao mesmo tempo, como se o sujeito estivesse lidando com um caipira abobalhado. Essa falta de respeito da parte de um branco atingiu em cheio o senhor Tagomi. Esperando se reconfortar, ele entrou num bar, mas nenhum dos brancos sentados no balcão lhe cedeu assento. Ele sentia o chão se dissolvendo sob seus pés. Onde e em que pesadelo ele tinha caído? O triângulo de prata o havia desorientado, arrancando-o do seu universo, do seu espaço, do seu tempo. Ele deambulava, destituído de suas referências, numa zona crepuscular e ameaçante que ele não sabia se tinha uma existência objetiva ou só provava uma falha repentina nele próprio: um problema agudo no ouvido interno, sonambulismo, alucinações...

Depois, os bicitáxis reapareceram, com americanos que pedalavam para os japoneses. O mundo familiar se recompôs. O senhor Tagomi devia ter se afastado dele não mais que dez minutos. Mas ele se perguntaria até o fim de sua vida *onde* ele tinha passado esses dez minutos, e nunca mais ousou olhar de novo para a estranha joia que tinha lhe aberto aquelas portas. Tampouco

folheou o famoso e escandaloso romance de Hawthorne Abendsen, *O gafanhoto torna-se pesado*.

Esse tal de Hawthorne Abendsen era um escritor de ficção científica cujo livro, censurado pelo Reich, circulava mais ou menos livre pela zona japonesa e provocava controvérsias apaixonadas. Ele descrevia um mundo imaginário no qual os Aliados tinham ganhado a guerra em 1945.

Da mesma maneira que as pessoas tendem a testar algo com os mais chegados, Dick submeteu o romance de Abendsen a quase todos os personagens de seu livro. Aos olhos de alguns leitores, ele remontava a um gênero de ficção particularmente absurdo e vão, ainda mais absurdo e vão do que a antecipação, pois ninguém poderia jurar que uma coisa dessas viria a acontecer, mas sim que ela de fato não aconteceu, então, qual o sentido? Para outros, ele pareceu perturbador. Um deles observou: “Estranho que ninguém tenha pensado em escrevê-lo antes. Devia fazer com que a gente percebesse a sorte que tem. Apesar das evidentes desvantagens... podia ser muito pior. Esse livro nos dá uma grande lição de moral. Sim, os japoneses estão no poder aqui e nós somos uma nação derrotada. Mas é preciso olhar além; é preciso construir. Disso tudo deverão sair coisas grandiosas, como a colonização dos planetas, por exemplo”.

A reação mais sagaz foi a de Juliana. Ao imaginar essa morena sedutora e bastante neurótica, Dick não só tinha dado livre curso a um fantasma erótico, como também traçara o retrato da leitora ideal – para ele, eram a mesma coisa. Ela não o decepcionou. Ela não achava que o romance de Abendsen fosse bizarro, recreativo, nem que levasse à reflexão, mas que era *verdadeiro*. “Sou eu a única que sabe? Aposto que sim; ninguém mais entendeu realmente o sentido do Gafanhoto: os outros apenas imaginam que entenderam.”

Quando, para agravar a intriga, ele havia introduzido esse escritor que, no universo de seu livro, lhe escrevia uma contrapartida, Dick não sabia se o faria aparecer na história ou se os personagens o veriam ou não. Talvez fosse melhor que não soubessem se ele realmente existia. A ideia de representá-lo era ao mesmo tempo sedutora e intimidante. Como se aproximar de um espelho.

Ir ao seu próprio encontro e, então, perguntar-se quem está se aproximando. Um reflexo, claro, um simples reflexo. Mas, para determinado tipo de pessoa, é impossível imaginar que o espelho não esteja escondendo certa profundidade, que não exista, do outro lado dessa superfície que acreditamos plana, um mundo tão completo e real quanto o nosso, talvez até mais. Que esse corredor do qual vemos apenas uma isca não continua do mesmo jeito no mundo do espelho. E, pouco a pouco, chega-se facilmente à ideia de que o verdadeiro mundo se encontra do outro lado e que somos nós os habitantes do reflexo. Phil sabia disso desde a mais tenra infância, e sabia até mesmo um pouco mais do que os outros: porque ele sabia que vivia do outro lado do espelho. Deste lado, que lhe diziam ser o real, Jane é que tinha morrido, e não ele. Mas, do outro, era o contrário. Ele tinha morrido e Jane examinava o espelho onde seu pobre irmãozinho vivia. Talvez o verdadeiro mundo fosse o de Jane, talvez ele vivesse no reflexo, no limbo. O real tinha sido imitado à perfeição para que ele não se assustasse, mas ele vivia entre os mortos. Um dia, pensava ele, será preciso escrever um livro que conte isso: como alguém que descobre que, na verdade, estamos todos mortos.

O oráculo tinha lhe ordenado que descrevesse o mundo escondido do outro lado do espelho e, guiado passo a passo, ele o obedecera. Ele tinha descrito o livro que Hawthorne Abendsen escrevera em seu lugar. Ele tinha descrito aquela moça de cabelos escuros, o contrário de Anne, pois era sobretudo Jane que ele acreditava assim, e aquela moça o entendeu, assim como Jane teria entendido e como Anne jamais entenderia, que Hawthorne Abendsen não estava falando de um outro mundo, imaginário, mas sim do mundo real. E agora ela queria conhecê-lo. No lugar de Abendsen, ele acha que sentiria ao mesmo tempo um medo e uma

vontade terrível, como o de encontrar Jane ou a morte. Mas não caberia a ele decidir.

O fim do livro se aproximava. Ao escrevê-lo, ele sabia disso com tanta certeza quanto um leitor a quem basta contar quantas páginas restam. Juliana tinha parado seu carro à beira de uma estrada deserta que atravessava as Montanhas Rochosas. Seus cabelos negros estavam molhados. Seus seios miúdos e firmes palpitavam livremente sob seu novo vestido, presente de um nazista cuja carótida ela tinha fatiado com uma navalha algumas horas antes. Ela tirou de sua bolsa os dois livros pretos da edição de Baynes e ali, dentro do carro cujo motor continuava ligado, jogou as três moedas e perguntou: “O que devo fazer agora? Diga-me o que fazer; por favor”.

Ela obteve o hexagrama 42 – o aumento –, que, com linhas móveis em três posições, se transformou no hexagrama 43 – o irromper.

“Deve-se dar a conhecer o assunto na corte do rei com determinação. Deve ser exposto com veracidade. Perigo.”

Dick mordeu os lábios. Ele esperava uma daquelas respostas vagas que o *I Ching* às vezes dá e que podem ser interpretadas ao gosto do freguês. Mas aquela era de uma clareza aterrorizante. Era preciso chegar à corte do rei. Juliana partiu novamente.

Dizia-se desde o começo do livro que Abendsen morava num bunker isolado em plena montanha – daí seu apelido Homem do castelo alto –, mas não interessava mais a Dick descrevê-lo e, além disso, ele sabia muito bem que isso não era verdade. A viagem de Juliana chegou a termo no subúrbio de Cheyenne, no Colorado, diante de uma espaçosa casa branca, com uma alameda pavimentada de pedras planas que dava numa garagem e um triciclo de criança sobre a grama aparada. O térreo estava iluminado, dava para ouvir uma música e algumas vozes: uma festa... uma festa trivial.

Ela entrou. “Mais algumas páginas”, pensou Dick, “um diálogo difícil e pronto: saberei o que esse maldito livro está contando.”

Perigo.

Um convidado indicou o chefe da casa a Juliana. Eis então a imagem de Hawthorne Abendsen: um sujeito grande, robusto e barbudo, bebendo um *old-fashioned*. Ela se aproximou dele e, sem que se apresentasse, engataram uma conversa. Ele lhe ofereceu um drinque, ela aceitou. O quê? Ah, um *old-fashioned* está de bom tamanho.

Ela disse o que a levava até lá e o questionou. Por que ele tinha escrito aquele livro? Ele explicou como tinha se valido do oráculo, que decidira tudo por ele – o assunto, o período histórico, as personagens – e ainda feito os milhares de pequenas escolhas necessárias para a elaboração de uma história. Ele confessou inclusive que tinha perguntado para saber como o livro seria recebido: o oráculo respondeu que seria algo grande, o primeiro grande sucesso de sua carreira.

Dick tocou a madeira de sua mesa, mas Juliana balançou a cabeça com impaciência. Ela não tinha ido até lá para saber como Abendsen e o oráculo tinham escrito o livro, isso ela tinha adivinhado há tempos. Ela queria saber por quê. Por que o oráculo tinha decidido escrever um romance tendo Abendsen como intermediário? E por que *aquela* romance? Por que aquele tema espinhoso e não qualquer outro?

Abendsen não tinha resposta. Dick também não. A única saída era perguntar ao oráculo. Dispôs, então, o livro, as três moedas chinesas, a folha e o lápis para construir o hexagrama. Em seguida, fez-se a pergunta: “Oráculo, por que escreveu *O gafanhoto torna-se pesado*? Que lição devemos tirar dele?”.

Dick prendeu a respiração por um momento, em seguida lançou as moedas, seis vezes. Construiu o hexagrama.

Acima *Sun*, abaixo *Tui*.

61. *Chung Fu*, a verdade interior.

“O vento sopra sobre o lago e agita a superfície da água. Assim, do invisível manifestam-se efeitos visíveis.”

Houve um momento de silêncio.

– Sei o que significa.

– Isso quer dizer que meu livro é verdade, não é?

– Sim – ela disse.

– Alemanha e Japão perderam a guerra.

– Sim.

– Nem mesmo você quer aceitar isso – disse Juliana com desprezo.

Ela sorri.

Dick a acompanhou, perplexo. Será que era aquele mesmo o fim do livro? Nenhum editor ia querer isso. Iam exigir que ele explicasse, se justificasse. Até ele próprio, o autor, se colocaria em maus lençóis. Em *O homem mais importante do mundo*, ele não se contentara em afirmar que Ragle Gumm tinha razão, mas ele tinha explicado por quê; esforçara-se para inventar a história da defesa antimísseis que impusera a reconstituição de um mundo passado em torno do herói. Essa explicação fazia parte do seu dever junto ao público. E ele se dava conta agora de que não tinha desconfiado disso um instante sequer enquanto escrevia *O homem do castelo alto* – como um autor de romance policial que espera pelo último capítulo para se perguntar quem matou, como e por quê. Ele contava com o *I Ching*. O *I Ching* ia dar um jeito de tirá-lo dessa. E eis que o *I Ching* o deixara na mão, sem nenhum outro recurso além daquela confirmação evasiva, jocosa, uma espécie de *koan* zen imprestável. Um descaso tão impertinente, pensou, que, se ele tivesse se dado conta a tempo e colocado os marcos necessários ao longo da narrativa, uma revelação desse tipo teria encontrado seu lugar perfeitamente num livro que tratasse do nazismo, ainda que parcialmente. É uma ideia que tinha lhe acertado em cheio ao ler Hannah Arendt: que a finalidade de um Estado totalitário é a de desvincular as pessoas do real, fazendo-as viver num mundo fictício. Os Estados totalitários deram consistência a essa quimera que é a criação de um universo paralelo. O privilégio

que São Tomás de Aquino negava e que São Pedro Damião reconhecia ao Todo-Poderoso, de modificar o passado, fazer com que ele não tenha sido o que de fato foi, foi algo de que os nazistas e os bolcheviques se arrogaram ao reescrever a história e impor suas versões apócrifas. Trótski nunca encabeçou o Exército Vermelho, Beria desaparecia da enciclopédia soviética para o benefício de seu vizinho na ordem alfabética, o estreito de Bering, e, quanto às vítimas menos ilustres dos campos de concentração, o objetivo era não só matá-las, mas fazer com que nunca tivessem existido. Num trecho extraordinário, Arendt descreve a grande folha na qual a polícia figura o entorno de cada pessoa considerada indigna de viver: ao redor de um ponto que a representa está ordenada, em círculos concêntricos, uma multidão de pontos que representam a família e os amigos próximos; depois vêm as relações de trabalho, os conhecidos meio vagos; depois as pessoas que, sem conhecê-la pessoalmente, já ouviram falar dessa indesejável, e somente a questão prática das dimensões da folha impede de estender esse círculo a toda a humanidade. Dick uma vez leu, da pluma de um estatístico, uma teoria que o agradou bastante, segundo a qual nenhuma pessoa sobre a terra está a mais de cinco ou seis apertos de mão de qualquer um de seus semelhantes: “Isso significa que, ao longo da sua vida, você obrigatoriamente deu um aperto de mão em alguém que deu um aperto de mão que deu um aperto de mão que deu um aperto de mão que deu um aperto de mão que deu um aperto de mão, digamos, no Richard Nixon ou em tal habitante de Varanasi”, ele explicou a Anne. Esse princípio de contaminação universal, pesadelo e combustível da utopia totalitária, leva logicamente a deportar todo mundo, inclusive aqueles que deportam. Contudo, assim como até mesmo um Estado totalitário não está totalmente protegido do princípio de realidade, foi preciso encontrar outra solução, que consiste em apagar os desaparecidos não só dos documentos, mas também da memória daqueles que tinham sido provisoriamente poupados. E uma das coisas mais aterradoras que os Estados totalitários trouxeram ao conhecimento da humanidade foi o fato de que essa operação é possível. Se o Terceiro Reich

reinava hoje sobre a Europa, pensava Dick, não é apenas provável que sua lógica exponencial o tenha feito exterminar dezenas de milhões de homens, como também é provável que os sobreviventes, com a garganta sempre irritada pela fumaça dos fornos de cremação, não soubessem disso. Quando a sobrevivência está por esse preço, bom, a gente não sabe de nada.

Ele também tinha lido numa revista de vulgarização o registro de uma experiência psicológica: são traçados dois riscos num quadro negro, o primeiro deles, A, claramente mais longo que o segundo, B. Depois, o quadro é mostrado a um grupo de cinco pessoas ao qual se pede que digam qual é o mais longo, A ou B. Depois de todo mundo gargalhar diante de um teste ridiculamente fácil desses, cada um responde. Quatro membros do grupo, cúmplices do pesquisador, afirmam, contra as evidências, que B é mais longo do que A. O quinto membro, que na verdade é o sujeito da experiência, acaba, invariavelmente e à custa de um grande transtorno psíquico, por rejeitar o testemunho de seus sentidos e se une à opinião geral. É esse tipo de experiência que os Estados totalitários levaram à grande escala. Eles desenvolveram a capacidade de mostrar uma cadeira para as pessoas e de fazê-las dizer que é uma mesa. Melhor: de fazê-las acreditar nisso. Desse ponto de vista, aquilo que ele, impulsionado pelo oráculo, tinha contado em seu livro, não era de todo absurdo. Tinha inclusive atingido uma verdade profunda.

Obviamente, refletia ele, a hipótese teria sido mais plausível no sentido contrário: não há motivos o suficiente para que uma democracia, mesmo que gangrenada pela caça às bruxas, envolva as pessoas na ideia de que elas vivem sob um regime totalitário; pelo contrário, se a Alemanha e o Japão tivessem ganhado a guerra, poderíamos de fato imaginar que eles faziam os americanos acreditar no contrário para dominá-los com mais certeza. Estes continuariam levando suas vidinhas suburbanas em paz, se vangloriando de sua Constituição sem saber que são sujeitos totalmente alienados do Reich. Ano após ano, milhões de seus cidadãos desapareceriam sem deixar rastros e ninguém repararia nisso nem faria perguntas, tamanho é potente o instinto do homem de ignorar, por menos que ele seja incentivado a isso. Mas, neste

caso, caberia a Phil Dick, habitante da América supostamente livre, e não a Hawthorne Abendsen, seu duplo especular, conceber essas suspeitas e delas tirar a trama de um romance.

Ora, era exatamente isso que ele tinha acabado de fazer.

Calma.

Ele balançou a cabeça e se alongou para tentar fugir da engrenagem desse pensamento absurdo. Percorreu mais uma vez o comentário do hexagrama, esperando encontrar nele uma inspiração para concluir.

“Isso indica um coração livre de preconceito e, portanto, aberto à verdade.”

Imaginando a si próprio dizendo isso ao editor furioso, ele ria solto. Depois, fez uma última tentativa.

Meng, a insensatez juvenil.

“Não sou eu quem procura o jovem insensato, é o jovem insensato quem me procura. À primeira consulta eu respondo. Se ele pergunta duas ou três vezes, torna-se importuno. Ao que se torna importuno não dou nenhuma informação. A perseverança tem suas vantagens.”

Tudo bem, tudo bem, disse ele envergonhado. Entendi.

Juliana tinha dito, então, tudo o que havia a dizer. Ele datilografou a palavra “fim” e, em seguida, voltou para casa pensando que ele adoraria ler as últimas páginas de *O gafanhoto torna-se pesado* para saber se tratava dele e como o outro tinha se safado dessa.

A IDIOTICE

Como o oráculo havia previsto, *O homem do castelo alto* foi o primeiro sucesso de sua carreira: ele ganhou o prêmio Hugo, a mais importante recompensa que um autor de ficção científica americano pode esperar.

Algumas semanas depois, chegou um grande pacote contendo os manuscritos de seus onze romances *mainstream*, acompanhados de uma carta de seu agente explicando que tinham feito tudo o que podiam, mas que ninguém queria saber daquilo e que, a contragosto, estavam deixando de lado aquele aspecto de sua produção. Ele ficou decepcionado, mas nada surpreso. Tinha se habituado à ideia de que um obstáculo ao mesmo tempo incompreensível e intransponível, como um campo magnético, o separava da terra prometida, a literatura respeitável. O destino estava lançado: ele seria rei de seu vilarejo em vez de coadjuvante em Roma. Seu carma queria isso, ele brincava meio a sério.

Esse duplo veredicto lhe atribuíra, parece que de maneira definitiva, um lugar repugnado por seu amor-próprio e pelo de Anne, mas que ele começava a entender que era mesmo o seu e que somente ele poderia determinar a medida disso. Mais do que o prêmio, cujas recompensas materiais que ele esperava nunca vieram, o júbilo e a impressão de domínio experimentadas ao tentar assumir, do outro lado do espelho, o papel de Hawthorne Abendsen, o convenciam de ter encontrado seu caminho. Aquilo que ele escrevia, que só podia ser abarcado pelo pavilhão da ficção científica, cabia a ninguém, senão ele, escrevê-lo. Tanto faz se isso implicava continuar sendo pobre, obscuro ou célebre num meio cuja limitação sua lucidez o impedia de ignorar: ele não se resignava a isso voluntariamente, mas suspeitava ser uma sorte o fato de não ter escolha.

Depois que um oráculo de 5 mil anos de idade lhe havia assegurado a “verdade interior”, ele mergulhou de maneira metódica no labirinto de seu *idios kosmos*. Sua “idiotice” pessoal agora se organizava em torno da intuição de que não só é impossível apreender o real diretamente, posto que passa pelo filtro da subjetividade de cada um, mas também que o consenso um pouco generalizado em relação a isso resulta de uma enganação. Aquilo que todos os seres razoáveis concordam em considerar realidade, para além de suas diferenças de percepção e julgamento, não passa de uma ilusão, um simulacro forjado ou por uma minoria para se aproveitar da maioria, ou por uma potência exterior para se aproveitar de todo mundo. O que chamamos de realidade não é a realidade.

A essa intuição se juntava uma ideia que o espírito da época então trazia às margens do Pacífico e que tendia a apresentar determinados modos de alteração de consciência como via de acesso direto à Realidade com erre maiúsculo.

Em 1954, Aldous Huxley publicou o relato de uma sessão de consumo de mescalina, emprestando o título de uma frase de William Blake: “Se *as portas da percepção* fossem limpas, todas as coisas apareceriam para o homem da maneira como são: infinitas”. Brilhante satírico no início de sua carreira, Huxley tinha surpreendido e até mesmo consternado grande parte de seus admiradores quando se voltou ao estudo do misticismo e da experiência comum resultante disso, indo além da diversidade das religiões. A mescalina teve para ele um efeito fulgurante. Reconhecendo, contra sua vontade, que aquilo que se produz sob a influência de uma droga não pode ser comparado à iluminação mística, ele alegava que “a experiência com a mescalina é o que os teólogos católicos chamam de ‘uma graça gratuita’, não necessariamente para a salvação, mas potencialmente valiosa e que, se realizada, será prazerosamente aceita. Ver-se livre da rotina e da percepção ordinária, ser-lhe permitido contemplar, por umas

poucas horas em que a noção de tempo se esvai, os mundos exterior e interior, não como eles se mostram ao animal dominado pela ideia de sobrevivência ou ao ser humano obcecado por termos e ideias, mas tais como são percebidos pela Onisciência – direta e incondicionalmente –, eis uma experiência de inestimável valor para qualquer indivíduo (...).”

Resumidamente, ele apresentava a mescalina como um meio de dar um gorjeio pelo *idios kosmos* de Buda ou do Mestre Eckhart, ou seja, a realidade derradeira. Um meio fácil, quase desconcertante, ao acesso de todos, sem riscos. Enfim, quase sem riscos. Ao detalhar sua experiência, Huxley não pôde deixar de sinalizar um abismo que ele próprio, cobaia isenta de problemas psíquicos, tinha entrevisto de maneira fugidia: a imersão na Realidade não caracteriza somente o estado místico, mas também a loucura, e, conseqüentemente, tendências das quais nem sempre se tem consciência podem conduzir o usuário tanto ao inferno quanto ao paraíso. Na esteira de Bergson e da filosofia vitalista, Huxley considerava o cérebro como um mecanismo de filtragem da Realidade, rico demais para os modestos receptores com os quais somos equipados. Esse mecanismo pode ser destravado pontualmente pela droga ou sofrer danos crônicos com doenças mentais. E se a Realidade se deixa contemplar com serenidade por alguns que, como Huxley, ficam extasiados em reconhecer o *Dharma-corpóreo* do Buda nos vincos de suas calças de flanela, chega a aterrorizar outros, pois “força-o a interpretar suas incessantes singularidades, sua candente intensidade de valores, como a manifestação da maldade humana ou até cósmica, levando-o às mais desesperadas contramedidas que vão da violência assassina, de um lado da escala, até a catatonia – ou suicídio psicológico –, do outro. E, uma vez iniciada a descida pela rampa infernal, ninguém poderá mais deter-se”. Quando então perguntado se sabia onde se alojava a loucura, Huxley concluiu horrorizado com um contundente “sim”.

Os primeiros a experimentar o LSD 25, sintetizado em 1943 por Albert Hofmann para benefício dos laboratórios Sandoz, sequer

imaginavam que essa substância de efeitos bastante avizinados poderia servir a outra coisa: saber, do lado de dentro, o que era a loucura. Em sua maioria psiquiatras, eles o consideravam um “simulador de esquizofrenia” que permitia experimentar, por um curto período, aquilo que seus pacientes vivenciavam. Foi somente depois disso que, sob influência de Huxley e de alguns grupelhos meio científicos, meio religiosos que, em Los Angeles, lhe davam crédito, passou-se a cogitar servir-se dessa substância para acessar a Realidade absoluta. Alguns não hesitaram em designá-la sob o mais antigo de seus codinomes: Deus.

Quando descobriu *As portas da percepção*, que contava com grande público na Califórnia no início dos anos 1960, as ideias desenvolvidas por Huxley despertaram em Dick um eco de familiaridade. Ele pensava nisso desde sempre. Mas, naquela época, nunca tinha tomado LSD nem mescalina, sequer tocara num baseado, e ele se impressionaria bastante se o tomassem por drogado. A isso, responderia dando de ombros e alegando que não era um desses escritores elegantes que, em seus escritórios enfeitados com telas de grandes mestres, fazem esse tipo de experiência a título de lazer e dissertam sabiamente a respeito, mas sim um proletário acorrentado à sua mesa de trabalho, que tinha de sustentar a família e não contava com o tempo ou os meios necessários para se drogar. Claro, ele tomava comprimidos sem parar – Serpasil para a taquicardia, Semoxidrina para a agorafobia, Benzedrina para estimular o cérebro, além de algumas outras pílulas para corrigir os efeitos colaterais das anteriores. Claro, todos esses comprimidos às vezes o deixavam em estados bizarros, faziam com que ele visse coisas e enxergasse as pessoas em raios X, e o interior das pessoas lembrava o de um rádio ou televisor: toda uma baderna de fios e componentes de metal e plástico. Essas visões nada tinham de agradável. Tampouco lhe era agradável quando tinha a curiosidade de ler uma notícia informando que descobriram que o uso abusivo de um medicamento que ele tomava

em dose máxima há anos podia causar “alucinações, delírios, problemas vasculares sérios, *morte*”. Mas ele não podia abrir mão, seu ritmo de trabalho dependia disso. Realmente, não era por prazer nem para descobrir o *Dharma-corpóreo* do Buda em meio à flanela de uma calça de duzentos dólares. Além do mais, ele só usava jeans.

Quanto à doença mental, por outro lado, ele se considerava uma espécie de autoridade, como testemunha o cuidado exaustivo e quase paródico com o quadro clínico composto por seu romance de 1963, *Clãs da Lua Alfa*. Essa Lua Alfa servia a princípio como centro de atendimento para os colonos terráqueos acometidos por problemas psiquiátricos, mas uma guerra acabou desvinculando-a do planeta-mãe, de modo que os doentes mentais, abandonados à sua própria sorte há duas gerações, nela construíram uma sociedade de clãs comparável ao sistema indiano de castas: tem os Mans, maníacos, dominadores e agressivos que, do alto do bairro de Da Vinci Heights, exercem sua autoridade imperiosa; os Pares, paranoicos, políticos e estrategistas de primeira, refugiados no bunker de Adolf-ville; os Deps, portadores de psicose maníaco-depressiva que vivem chafurdados na obscura cidade de Cotton Mather; os Comps, acometidos por transtorno obsessivo-compulsivo e entre os quais são recrutados os funcionários públicos do planeta; os Polis, esquizofrênicos polimorfos que alegam o povoado de Hamlet-Hamlet com seu caprichoso gênio criativo; os Esquizes, poetas e visionários errantes; e finalmente, na base da pirâmide, os Heebbs, hebefrênicos vegetativos que vivem estagnados na sujeira de Gandhitown, por mais que contem com santos de elevados poderes psíquicos entre eles. Nesse romance, Dick tinha se proposto a comparar os méritos das diversas psicoses do ponto de vista da sobrevivência e, como assim exigia o espírito daquele tempo, traçou um apanhado amplamente positivo: a sociedade de Alfa funcionava bastante bem e mal se diferenciava da nossa, em que cada um, por mais que tenha o espírito oficialmente são, pode ser vinculado a uma ou outra dessas categorias clínicas. Assim, essa classificação é empregada como uma formalidade aduaneira

aos visitantes terráqueos tão logo eles chegam lá, e os resultados dos testes mostram a que ponto as pessoas autoproclamadas normais quase não conhecem a si próprias.

Essa ideia devolvia Dick ao esporte favorito de sua juventude. Ele se pôs a observar seus próximos e anotar suas respostas às perguntas que ele tentava colocar com o máximo de naturalidade possível a fim de determinar qual tipo de psicose acometia cada um. Claro, ele não dispunha de testes tão elaborados quanto os psiquiatras de seu livro, mas fiava-se em sua própria intuição e, dependendo da ocasião, o *I Ching* dava uma mãozinha para montar seus diagnósticos. As meninas receberam com entusiasmo a nova brincadeira que ele propunha: “Que tipo de louco você seria?”. Aquele que acha que é um rato? Aquele que acha que é Abraham Lincoln? Aquele que acha que é o diretor do asilo? Ou ainda: por quê? Elas brincavam disso sem parar, convertendo até seus colegas à novidade. A brincadeira acabou por se tornar a coqueluche da estação e também a cruz da professora, que ficou exasperada pelos ataques de riso provocados em seus alunos por diálogos absurdos do tipo:

– Mas tigres não comem tapetes!

– Não, mas não tenho certeza se a diretora sabe disso.

Quando se averiguou que a moda tinha sido lançada pelas pequenas Rubenstein, a professora quis comunicar o fato aos pais delas. Na ausência de Anne, Dick a recebeu mostrando vivo interesse por suas teorias pedagógicas e garantiu que cuidaria de acalmar a imaginação das filhas. Mas, ao acompanhá-la até a porta, ele não pôde deixar de assumir por alguns instantes a cara de visionário que fazia Laura rir à beça – os olhos brilhantes, um jeito ao mesmo tempo sardônico e encantado – e de soltar num cochicho: “Você não pode dizer a ninguém, mas eu sou Phil Dick, o famoso escritor”.

A professora olhou para ele com estupor. Seu rosto tinha voltado a ser o de um atento e responsável pai de aluno que dera ouvidos a suas queixas.

– Perdão? – murmurou ela.

– Eu não disse nada.

Ela preferia pensar que tinha sonhado.

Anne apreciava esses gracejos com moderação. Ela não teria gostado de relembrar suas filhas de que o pai delas tinha morrido num hospital psiquiátrico, mas tampouco se privava de atacar Phil quanto a seus próprios antecedentes. Ele tinha se entregado o bastante no começo do relacionamento deles. Além disso, Anne tinha um senso de família e convidava Dorothy a aparecer regularmente, ao passo que esta lhe fazia todo tipo de confidências que uma mãe pode fazer a sua nora, para desespero de seu filho: como ele era gentil quando pequeno, como ele era selvagem, o que os psiquiatras diziam sobre sua irmã morta, até que idade ele tinha feito xixi na cama. Ela também não economizava em falar de sua própria irmã, Marion, que, como ela, também tinha tido gêmeos. Diferente dela, Marion não tinha deixado nenhum dos dois morrer, provando ser uma mãe de família realizada. Mas por volta do fim da década de 1940, quando Phil ainda estudava, ela passou a sofrer de graves problemas mentais, tudo de forma repentina e sem motivo aparente, o que acabou desembocando numa esquizofrenia catatônica. Dorothy tinha cuidado bastante dela, visitando-a no hospital sempre que possível e, no intervalo entre duas internações, a recebia em casa, já que a recente partida de seu filho tinha lhe deixado um quarto vago. Ela paparicava a irmã com cuidados dedicados mas excêntricos, passando de um tratamento miraculoso a outro ao sabor de suas fantasias – indo da dianética aos caixotes de orgônio reichiano. Ela fazia para si uma ideia bastante romântica do mal de sua irmã e quando Marion, já perto do fim, vivia uma atroz e permanente sensação de afogamento, Dorothy fingia que ela se regozijava com visões maravilhosas. Um dia, ela leu com tom solene para Phil e Anne a prece fúnebre que tinha guardado em seu diário pessoal quando Marion morreu, dez anos antes: “Ela não queria mais viver. A atração do outro mundo onde ela vivia, e que contém tudo aquilo que consideramos ser a essência da criação, era forte demais. Ela tentou em vão viver ao mesmo tempo naquele

mundo e no mundo comum aos outros. Mas, quanto mais eu vivo, mais tenho certeza de que cada um tem seu próprio mundo e de que ninguém pertence realmente ao mundo real. Somos todos estrangeiros”.

Essa leitura deixou Phil desconfortável. Anne lançou uma piscadela meio cúmplice, meio cruel na direção dele, como se dissesse claramente: “Vejo que você tem a quem puxar”.

(Para completar a história: pouco depois da morte de Marion, seu viúvo afirmava ter recebido mensagens da defunta ordenando que ele se casasse com Dorothy, com quem ele se entendia parcamente até aí. O casamento aconteceu em 1954 e, desde então, Dorothy criou os gêmeos de sua irmã – um detalhe que Phil usava como a cereja do bolo quando queria mostrar como ele era um caso interessante.)

Logo depois de *O homem do castelo alto*, ele escreveu outro livro, *Martian Time-Slip*, em que assume maior seriedade do que Huxley depois de sua pequena viagem de mescalina ao se perguntar: como é ser psicótico?

A história, que começa com um suicídio cujas ondas se propagam de um personagem a outro ao longo de todo o romance, é a de um cenário de especulação imobiliária em Marte, uma colônia negligenciada pela Terra e onde se desenvolvem baronagens e rivalidades entre clãs. Para fazer suas manobras como lhe convém, o chefe do poderoso sindicato de encanadores gostaria de dar uma olhadela no porvir. Então, um psiquiatra melífluo lhe apresenta uma tese em voga, segundo a qual o autismo e a esquizofrenia são, de modo geral, problemas da percepção do tempo: o que distingue a existência do esquizofrênico da nossa é que ele tem tudo, quer queira ou não – como se todo o rolo do filme a que assistimos desfilando imagem atrás de imagem tivesse lhe caído na cabeça. Para ele, a causalidade não existe, e sim, em seu lugar, esse princípio de conexão desprovido de causa que Wolfgang Pauli chamou de “sincronicidade” e pelo qual Jung, substituindo um

enigma por outro, pretendia explicar as coincidências. Como uma pessoa sob efeito de LSD ou como Deus, por mais que se conheça a maneira de seu *idios kosmos*, ele está mergulhado num presente eterno. A realidade lhe chega num bloco: uma espécie de acidente de carro perpétuo, que segue persistindo e persistirá para sempre. De certa maneira, é possível defender que um esquizofrênico tem acesso àquilo que chamamos de futuro. O chefe dos encanadores não precisa de nada mais para se precipitar e recorrer ao eterno *gauche* dos romances de Dick, um ex-esquizofrênico que se dedica ao conserto de utensílios que vão desde uma torradeira até hélices de helicóptero – um tipo de artesanato bastante prezado em Marte, onde peças soltas são raridade. Ele é encarregado de fazer funcionar um sistema que permitirá entrar em contato com uma criança autista de nome Manfred, para arrancar do seu âmago a preciosa informação.

O restaurador não fica muito empolgado. Ele não gosta de nada que ecoe seu próprio passado esquizofrênico e desperte a questão da qual ele fez de tudo para fugir: em outra ocasião, ao ver seu patrão como uma construção artificial feita de engrenagens e fios elétricos, ele se perguntava se tinha sido uma alucinação ou uma visão, um acesso psicótico ou uma percepção da verdadeira realidade cuja fachada havia sido retirada. No entanto, ele agora se vinculava ao jovem autista a ponto de imaginar, com a mesma medida de otimismo que Dorothy tinha em relação a Marion, que “deve haver na alma fechada desse garoto um mundo feérico, puro, belo e de verdadeira inocência”.

Um erro grave. Logo, estranhos incidentes começariam a se produzir: um disco de Mozart gravado por Bruno Walter se revela como uma espantosa cacofonia; ao passar uma noite com os amigos, bastou não fixar o olhar neles para que, na periferia do campo de visão, seus corpos comesçassem a ruir e a se desfazer, entregues à decomposição orgânica. O universo objetivo onde os personagens transitam é invadido progressivamente pelo de Manfred. Por mais que não os considere um terreno favorável, o menino acaba atraindo para seu mundo aqueles com quem convive.

E essa realidade é atroz, minada pela entropia, território da morte. Ao ler os ensaios do psiquiatra suíço Ludwig Binswanger, Dick ficara abalado com o conceito de “mundo-tumba”. E é justamente num mundo-tumba, onde tudo aconteceu e acontece ao mesmo tempo, onde mais nada poderá lhe acontecer, em uma morte eterna, que vive um esquizofrênico – se é que podemos chamar isso de vida. E essa tumba espera para engolir todos aqueles que dela se aproximam; ela espera se transformar em todas as criaturas e todas as coisas.

Todo mundo se torna Manfred. De todas as bocas sai um resmungo lamentoso que assume o lugar da voz. “Eu gostaria de falar com alguém que não fosse ele”, grita o restaurador desesperado, e mais uma vez é Manfred quem controla os movimentos de seus lábios. O chefe dos encanadores viaja no tempo como esperava, mas esse tempo continua sendo o de Manfred, o tempo morto do mundo-tumba, e a viagem se torna um pesadelo. Sua fiel secretária se transforma num monstro predador, os objetos são angulosos e hostis, o café é amargo e envenenado. Uma máscara de nada, de treva total, aparece por sobre o encanador e cobre seu rosto. Ele entende que jamais voltará a ver a realidade cálida e viva que ele tinha cometido a loucura de descartar, que se encontra perdido para sempre no mundo do autista e que vai morrer ali. E lá ele morre.

Morrer no pesadelo de outra pessoa, existe algo mais atroz? Dick poupou o encanador desse destino e reservou-lhe algo mais misericordioso, e também mais irônico. O sortilégio é interrompido, ele sai do mundo-tumba. No entanto, mal ele consegue sair de lá e acaba sendo morto, assassinado estupidamente por um personagem secundário que ressurgiu de um braço esquecido da intriga. Enquanto é transportado para o hospital, agonizante, ele se recusa a acreditar nisso. Ele ri. Não vai ser pego duas vezes. Sabe muito bem que ainda está num desses universos esquizofrênicos de merda onde se morre por um motivo qualquer, para em seguida acordar. Logo acordará na realidade cálida e viva onde essas coisas não podem acontecer. E é acreditando nisso que ele morre, dessa vez em definitivo.

Talvez seja melhor assim, conclui o restaurador. Dick achava que era duplamente melhor, de fato: o encanador morto consolado por acreditar que não estava morrendo, mas que morre mesmo assim, só que no mundo real, e não dentro de uma ilusão na qual sempre pode acontecer algo muito pior.

Ele adorou escrever o fim desse livro. Era tranquilizante para ele. Ilusão e realidade claramente separadas, os sobreviventes caminhando sobre a terra firme do *koinos kosmos*. Enquanto isso, a dúvida do restaurador persiste, pois um esquizofrênico nunca se cura verdadeiramente. “Quando alguém se torna psicótico, nada mais pode lhe acontecer. E eu estou à margem dessa situação. Talvez eu sempre tenha estado nessa posição”, pensava ele.

Talvez eu sempre tenha estado nessa posição.

Ele já havia pensado nisso. No cinema, no famoso dia em que passou mal porque eram exibidas notícias nas quais os marinheiros queimavam os japoneses com lança-chamas. Dorothy tinha contado essa anedota a Anne para enaltecer a sensibilidade e o antimilitarismo precoces de seu filho. Mas ela não sabia o que ele tinha sentido de verdade naquele dia. Sentado em sua desgastada poltrona de camurça vermelha e com um saco de pipocas na mão, ele olhava as paredes daquela caixa onde o haviam trancado com uma centena de pessoas, a maioria desconhecidas, e via o feixe luminoso que, saindo da cabine atrás dele, ia se ampliando em forma de cone até a tela, as poeiras que dançavam no meio desse cone, uma protuberância no carpete sob seus pés e, de repente, antes que começasse a exibição das notícias, ele *soube*. Soube, com toda certeza, que não existia nada além daquilo. As quatro paredes, o teto, o chão e os outros prisioneiros. Aquilo que ele acreditava saber do mundo externo e de sua vida nesse mundo não passava de um estoque de velhas lembranças, uma ilusão insinuada em seu cérebro por malícia ou pena, era impossível saber. Ele sempre estivera ali, sempre assistiu àquele filme que acreditava ser sua própria vida. Em um instante, ele acreditaria estar

saindo, caminhando com sua mãe pelas ruas de uma cidade da América chamada Berkeley, até voltar para casa e pôr gravações de Schubert para tocar, sendo que na verdade nada daquilo existia, nem sua mãe, nem Schubert, nem a América, nem a Alemanha, talvez nem mesmo os outros espectadores fechados na sala com ele: talvez aqueles figurantes fizessem parte do filme. Então, ele fez uma promessa a si próprio: quando saísse, quando acreditasse ter saído, tentaria não ser um tolo lembrando que, na verdade, sempre esteve na sala e que não havia outra realidade. Ele pressentia que, a partir de então, aquele pensamento não teria mais o mesmo peso de certeza, que teria sobre ele o efeito de um paradoxo sedutor, e não de uma verdade vital. Ele queria ser aquele que ele mesmo seria em algumas horas e gritar para si próprio que não se deixasse enganar. Para acelerar esse instante e reconquistar o mundo da ilusão com toda sua lucidez, fingiu sentir-se mal durante a projeção das notícias. Sua mãe, inquieta, guiou-o, apoiando-o até a saída. Eles se viram na rua, sob o sol, e durante alguns instantes ele saboreou o prazer de saber que aquela rua, aquele sol e aquela mulher magra de sobrancelhas franzidas que lhe interrogava com avidez não existiam, que na verdade ele sempre estava na sala de cinema, que nela sempre tinha estado e para sempre estaria. Se ele pudesse continuar indo e vindo no mundo da ilusão e nele mantivesse seu papel sem perder aquela preciosa lucidez, isso seria... O quê? Agradável? Não há dúvidas de que não. Mas ele tirava um sarro do que era agradável, ele só aspirava *saber*, não ser enganado. E desde já ele sentia que estava acontecendo o que ele tinha previsto: a ilusão retomava seus direitos, de nada servia lutar, ele já não acreditava mais naquilo. Seu último pedido consciente foi que a lucidez lhe voltasse um dia, mesmo que apenas por alguns instantes.

Ela lhe voltara, aos lampejos: na entrada de um banheiro cuja luz ele não sabia como acender; depois em outro banheiro, um dos três banheiros da casa que ele dividia com uma mulher loira de caráter ditatorial. Atrás da porta fechada a chave, ele a ouvia indo e vindo e praguejando. Ilusão. Novo episódio do filme. De acordo com esse

episódio, ele era um homem barbudo de 35 anos que escrevia ficção científica. Um homem bastante erudito, amante das vertigens e paradoxos. Ele jamais se trancava num banheiro sem fazer uma alusão jocosa à iluminação de Martinho Lutero, que aconteceu, dizem os manuscritos latinos, *in latrinis*. Ele conhecia todas as formas culturais que tinham dominado sua intuição: a caverna de Platão; o sonho de Chuang-Tzu, que, quatro séculos antes de nossa era, perguntou-se se ele próprio era um filósofo chinês que sonhou ser uma borboleta ou uma borboleta que sonhou ser um filósofo chinês; e a versão mais ameaçadora dessa pergunta, formulada por René Descartes em 1641: “Como posso saber se não estou sendo enganado por um gênio maligno que quer me levar a acreditar na existência do mundo externo – e de meu próprio corpo?”. Ele havia transformado tais especulações em especialidade profissional e, desde que lhe voltara à memória aquela rajada de certeza infantil, no cinema, aprendeu a ressuscitá-la a gosto. Sozinho no banheiro, bastava-lhe olhar por um instante no espelho o seu rosto, o seu corpo, os azulejos e a barata morta que ficara presa na cortina do chuveiro para que voltasse com uma facilidade desconcertante a certeza da irreabilidade de todo o resto.

Ele sempre esteve nessa posição.

FOLIE À DEUX

apesar de ter-lhe rendido o prêmio Hugo, o salto literário realizado com *O homem do castelo alto* não mudou em nada sua condição social e material. Já *Martian Time-Slip*, romance do qual ele esperava muito, passou despercebido. Agora, apesar da pensão paga pela rica família do finado marido de Anne, apesar das primeiras vendas das bijuterias, era preciso ter dinheiro, muito dinheiro de acordo com os critérios de Berkeley, para sustentar quatro mulheres, cinco com a bebê, habituadas a um estilo de vida burguês. E para ganhar aquilo que, de todo modo, Anne continuava achando pouco, devia trabalhar imensamente. As anfetaminas permitiam que ele, em dedicação integral, escrevesse um romance em poucas semanas, e foi assim que publicou uma dezena deles em dois anos, mas esse empenho lhe custava depressões atroz. Sentia-se aquém de sua atividade, incapaz de assumir suas responsabilidades. Estava ficando feio. Por trás da barba, seu rosto se tornava abatido e inchado. Grandes insetos negros zumbiam nos cantos de seu campo de visão. Anne lhe aparecia agora como uma inimiga. Segundo ele, ela se deleitava ao lhe provar que era um fracassado, aprisionando-o em uma dupla coação paralisante: você só tem que trabalhar menos e ganhar mais, como acha que os outros homens fazem isso? Ela o desprezava dizendo-lhe que era um miserável, mas ela precisava de um miserável para desprezar, enquanto ele sentia uma volúpia sinistra ao dar-lhe razão, portando-se como um miserável. Dedicara a ela *O homem do castelo alto*, como prometido, mas ela empalideceu ao descobrir os termos da dedicatória: “Para Anne, minha mulher, de quem sem o silêncio eu não teria escrito este livro”. Uma pequena obra-prima da grosseria, golpe baixo de um *Untermensch*, mas era ela quem tinha provocado. Sob seu aspecto de modelo de esposa americana, havia algo de nazista: a crueldade baseada na certeza absoluta de ter sempre razão, de ser a detentora do direito, do uso e da ordem da Natureza. Quando ele havia imaginado o sistema de castas da Lua Alfa, perguntou-se se ele próprio não seria classificado entre os Esquizes (hipótese lisonjeira, afinal eram os visionários do grupo) ou entre os Deps (chafurdados na depressão, algo que infelizmente lhe parecia mais plausível a cada dia), mas não tinha nenhuma dúvida em relação à sua mulher: era cem por cento dos Mans, fria, predadora, totalmente desprovida de empatia.

Ele tinha se divertido, se é que dá para falar em termos de diversão, ao transformar aquele romance num psicodrama descrevendo a relação do casal. O herói, Chuck Rittersdorf, exercia o mesmo tipo de trabalho que ele: programador de simulacros para

a CIA. Um ofício mal pago e sem prestígio, mas que lhe dava prazer ao saber que suas frases, sem que ninguém soubesse, saíam das bocas imitadas à perfeição dos robôs humanoides que a agência usava em algumas situações delicadas. Isso lhe causava uma impressão de poder secreto e também de utilidade, algo que obviamente sua mulher não podia entender. Ela achava esse trabalho desprezível, não criativo, indigno do homem a quem ela dera a honra de se casar. De modo geral, ela achava Chuck desprezível e indigno dela. Era uma mulher sedutora, ambiciosa. Especialista nos problemas alheios, dos quais tratava sem a menor compaixão, ela estava persuadida de não ter nenhum deles pessoalmente. Dick gargalhava ao digitar essas linhas. Sua jornada ganhou uma dose de alegria quando encontrou um trabalho também para ela. Um achado, honestamente: Mary Rittersdorf era conselheira conjugal. Do tipo tagarela e cheia de si, sempre com Freud e Jung na ponta da língua.

Apesar disso ou talvez até mesmo por causa disso, o marido da conselheira escapara pela tangente. Sim, Chuck tinha fugido e se refugiado num hotel sórdido esperando que ela demorasse a encontrar seu endereço. Dessa fuga de seu herói, Dick extraía um alívio precário. Quantas vezes ele havia maquinado a sua própria? Mas tinha as meninas, a sua filha e ainda aquela paralisia da vontade, aqueles tremores ao sair de casa. Aonde ir? Quando ele pegava a estrada ao acaso, com sua mala feita às pressas no portamalas do carro, a escapulida acabava invariavelmente na casa de sua mãe, aonde Anne ia procurá-lo algumas horas depois. Ele sabia que ela o encontraria mesmo que se escondesse melhor. E logo no primeiro capítulo Mary encontrava Chuck. Inútil explicar como, aquele tipo de mulher sempre encontra você e dentro dos menores intervalos possíveis. Com frieza, ela lhe explicava que agora ele ia ter que trabalhar *de verdade* para conseguir arcar com a colossal pensão alimentícia que o tribunal não deixaria de obrigá-lo a pagar.

– Você sabe muito bem que eu lhe dou o que você quiser – protestava Chuck.

– Mas o que você pode me dar não basta.

– Eu não posso dar o que eu não tenho.

– Ah, você pode sim. O juiz está começando a tomar consciência do que eu sempre soube a seu respeito. Se alguém o forçar a fazer isso, você vai precisar enfrentar de um jeito ou de outro os problemas que se colocam para um adulto com a responsabilidade de uma mulher e filhos.

– Mas... Eu devo manter um modo de vida que seja próprio para mim...

– Você deve a nós, em primeiro lugar – disse Mary. – Você jamais vai entender o que caiu em cima de você. Vai ter que pagar até o final dos seus dias. Enquanto você viver, querido, não vai se livrar de mim. Sempre vou te custar mais do que você será capaz de pagar.

Depois desse belo discurso, Mary partiu voando para a Lua povoada de loucos como parte de uma missão que exigia seus serviços de psicóloga. Exceto por esse detalhe, Dick suspeitava que as coisas com Anne se passariam exatamente assim. Mesmo depois de o transformar num molusco, ela jamais o deixaria em paz. Como Chuck, ele sentia uma terrível necessidade de simpatia e compaixão, e não conhecia ninguém que pudesse lhe oferecer isso. Como estava isolado! Ao atraí-lo para sua teia, Anne esvaziara seu entorno. Seus amigos eram os dela. Seus animais eram os dela. Até seu psiquiatra era o dela. Se ao menos ele pudesse ter uma amante... Ele tinha vontade de ligar para Kleo, ouvir sua voz e seu riso de corneta que por fim o irritaram, mas cuja franqueza ele agora lamentava, sua alegria sem segundas intenções; queria contar para ela, apenas contar, o inferno em que ele tinha se metido desde que se separaram. Mas ele não ousava fazer isso. Ela tinha se casado novamente, de novo com um vendedor da University Music. Ela devia odiá-lo. Talvez tivesse sabido que ele vendera a casa *deles*, sem tê-la avisado ou mandado um tostão sequer. Foi Anne quem o levou a fazer isso, dizendo que eles a reembolsariam depois que as finanças estivessem organizadas, mas ele sabia muito bem que isso nunca iria acontecer. Ele tinha sido frouxo de ceder, frouxo e ignóbil.

Como sempre quando se sentia culpado, comovia-se por sua própria conta.

Mas não era necessário se comover. Necessário mesmo era continuar digitando, custasse o que custar, com o olho pregado no calendário e prevendo que esse livro mal começado seria terminado em três semanas. Era necessário encontrar um meio de conectar as duas intrigas que foram mal postas em prática: a guerra entre Chuck e Mary e a empreendida pelos clãs da Lua Alfa.

Os superiores da CIA tinham ordenado a Chuck que fizesse um simulacro que faria parte da missão da qual Mary estava participando. Ela pensaria estar tendo um caso com um companheiro de viagem sedutor, enquanto na verdade seria uma máquina controlada remotamente por seu marido. Chuck logo percebeu a vantagem que poderia tirar daquela conjuntura escabrosa. Um ciumento se aproveitaria da situação para seduzir sua própria mulher e sofrer o equivalente a mil mortes ao fazer amor com ela sob a aparência de outrem; mas ele não era ciumento, pelo contrário: era o marido de uma mulher odiosa e com fúria em prejudicá-lo, a quem de repente surgia uma ocasião para *matá-la*. Ele diria que o robô tinha fugido de seu controle – sem dúvida desconfiariam dele, mas não poderiam provar nada.

Depois de concebida, uma ideia dessas não se dissipa com facilidade. Chuck estava obcecado com isso, Phil também. Durante uns dez dias, todo mundo em casa achou que seu humor estava melhor, algo notável em seus períodos de escrita, quando ele se entupia de comprimidos e quase não dormia. “Você está bancando o marido exemplar, é isso?”, perguntava Anne. Na verdade, ele estava bancando outra coisa: o papel de um robô concebido à sua semelhança e encarregado de assassinar Anne. Ao mesmo tempo, fazia as vezes de programador do robô, que, ao executar o programa “Marido exemplar”, buscava o melhor momento para atacar. Isso apimentava as atividades mais enfadonhas, como secar a louça enquanto Anne a lavava. Ele seguia seus movimentos, ouvia seus pensamentos empertigados e acompanhava o desenrolar de

seu rosário de *shits* e *fucks*, apreciando o fato de saber aquilo que ela não sabia: que dentro de instantes ele poderia estrangulá-la.

Duas semanas depois, Chuck e ele terminaram o percurso do combatente num ombro a ombro extenuante. Eles tinham transformado o planeta dos loucos num sepulcro sem sequer tocar, fosse no simulacro ou não, no único alvo que lhes importava e, escondidos no fundo de uma trincheira, ruminavam a falha cometida tentando nela encontrar um sentido. “Talvez um dia eu possa olhar para trás e ver o que eu deveria ter feito para evitar essa coisa horrível, Mary e eu revolvendo na lama, tentando matar um ao outro em meio a uma paisagem fúnebre e num planeta estrangeiro onde passaríamos o resto de nossa existência”, dizia Chuck.

Na verdade, Mary e Chuck ficariam na Lua Alfa, em meio aos doentes mentais. Eles deveriam, então, ser submetidos aos testes que permitiriam saber a qual família clínica seriam atribuídos. Dick, nessas circunstâncias, despertou do embotamento que tinham lhe causado o massacre do penúltimo capítulo, o pandemônio de um romance cuja intriga estava cheia de vazamentos e se inundava por todos os lados, seu sentimento de insuficiência, e ainda sua própria desgraça conjugal. Ele confiou à própria Mary, em sua qualidade de psicóloga, a tarefa de conduzir os testes, mas reservou para si o anúncio dos resultados. Para surpresa geral, Mary, que se julgava normal e que seu marido considerava uma típica Mans, acabou se revelando uma depressiva profunda, integrante justamente do clã dos Deps e destinada a apodrecer nos cafundós do Malempiat de Cotton Mather Estates. Quanto ao desajustado Chuck, que sua mulher acusava de ter tendências hebefrênicas, era forçoso reconhecer que ele não sofria de nenhuma patologia. Normal. Único de sua espécie, ele logo fundou o clã dos Norms, cuja capital era Thomas Jeffersonburg, e assumiu o voto de trabalhar na recuperação dos demais. Sua mulher olhava para ele com respeitosa gratidão. Fim.

É difícil imaginar uma ilustração mais perfeita do que esse final triunfalista para o que em inglês é chamado de *wishful thinking*. Mas o aspecto mais bizarro de toda a história foi que, na realidade, e não somente nos romances de Dick, um psiquiatra tenha concordado com essas visões.

Há dois anos Phil e Anne iam, alternadamente, a San Rafael, um subúrbio ao norte de São Francisco, para consultar certo doutor Flibe, que eles tinham chegado a considerar o árbitro de suas diferenças. Agora eles visavam mais convencê-lo do que se entender entre si. Anne, sua paciente de longa data, contava ao mesmo tempo com esse privilégio de senioridade e com o bom fundamento, segundo ela própria, de suas queixas: seu marido se recusava a encarar responsabilidades e se fechava numa atitude imatura e teimosa; ele não tinha nenhum senso de realidade, seus complexos de Édipo (“Ah, doutor, se você conhecesse a mãe dele!”), de inferioridade e de culpabilidade o tornavam insuportável, talvez até perigoso. Phil, por sua vez, não era nada muquirana no discurso: ele não só acusava Anne de dissimular, por debaixo de uma fachada amável e civilizada, uma natureza profundamente agressiva, como também era capaz de passar ao ato em si – inclusive já fizera isso. Ele se convencera de que ela tinha, sabe Deus como, matado seu primeiro marido e que a sua vez estava chegando. Ela tinha mandado internar Rubenstein e faria o mesmo com ele. E isso no melhor dos casos. Mais provável era que ela nem se desse todo esse trabalho e o executasse com as próprias mãos. Uma vez, dando ré no carro em uma alameda, ela tinha tentado atropelá-lo. Noutra, o ameaçara com uma faca. Se alguém dissesse ter observado nele uma tendência à insegurança psicológica, ele explodia num riso doloroso: é lógico que se tratava de insegurança psicológica quando sua vida estava em perigo! Era bem possível que ele fosse paranoico, mas até mesmo os paranoicos podem ser mortos. Qualquer dia desses ele seria encontrado asfixiado por gás de escapamento ou afogado na banheira, e a investigação seria concluída confirmando um lamentável acidente, mas o doutor Flibe

então se lembraria de suas palavras e se arrependeria de não ter feito nada enquanto ainda havia tempo.

– Não lhe dê ouvidos – berrou Anne quando o doutor Flibe, impressionado, ecoou aquilo que chamava prudentemente de “insinuações”. – Esse homem é um demônio! Ele é capaz de fazer qualquer um acreditar em qualquer coisa!

Ela teve a oportunidade de verificar isso numa noite do outono de 1963, quando o xerife, o mesmo de quem alugavam a cabana, apresentou-se no meio do jantar da família munido de um documento que ordenava que ela fosse conduzida ao hospital psiquiátrico para ficar em observação por três dias. A crise em que ela desabou ao descobrir no pé da página a assinatura do *seu* psiquiatra terminou de convencer o xerife de que seu desafortunado inquilino tinha mesmo se casado com uma louca furiosa, como ele costumava reclamar cotidianamente.

A cena foi muito angustiante. Foi preciso levar Anne à força. As meninas choraram. Phil tomou conta delas com a dolorosa gravidade de um pai responsável que continua a preparar uma refeição mesmo depois de o céu ter caído sobre sua cabeça.

Os três dias de observação duraram duas semanas. Phil e as meninas iam todas as manhãs ao hospital, tão logo ele abria. O choque da internação fora amortecido por doses maciças de calmantes, de tal modo que Anne os recebia tranquilamente, como se estivessem lhe visitando depois de uma operação de apêndice. Ela usava um roupão cor-de-rosa e bisbilhotava seus botões sem trégua, mas também sem precipitação. Seus movimentos eram lentos, seu olhar, vazio.

Dick a rigor não tinha nenhum remorso por isso, pois ele realmente achava que sua vida estava sendo ameaçada, mas sentia uma espécie de mal-estar, a impressão de um mundo às avessas. A despeito de sua própria argumentação, ele parecia ter dado corpo a uma dessas histórias dignas de pesadelo em que os loucos tomam o poder e vestem a camisa de força no pessoal do asilo. Uma cena clássica: o falso diretor acompanha um policial que visita o estabelecimento alertado por estranhos rumores e, ao passar por

uma cela de paredes acolchoadas, começa a discorrer: “Sim, eu lhe garanto, é um de nossos casos mais curiosos. Ele acha que é o diretor daqui e afirma ter sido detido pelos doentes supostamente liderados por mim. Um delírio de coerência notável: aposto que ele seria capaz de convencer o senhor. Hahaha!”.

Agora que Anne, desnorteada por medicamentos, não podia mais lhe tirar a razão, ele não estava mais tão certo de ser o detentor da verdade. Por falta de um inimigo contra quem pudesse polir seus argumentos, estes perdiam seu caráter afiado. Ao fim de alguns dias, ele não pôde deixar de consultar os psiquiatras e explicar-lhes que tudo aquilo não passava de um tremendo mal-entendido, quem devia ser internado era ele: ele sim sofria de tendências esquizoides, sua mãe tinha deixado sua irmã morrer de fome quando eles tinham seis semanas de vida e, além do mais, ele fora submetido a testes que indicavam claramente que tinha isso ou aquilo... Os psiquiatras, amedrontados por esse tratado ambulante de patologias, o encaminharam sem muita podidez de volta para seu médico.

Depois que o doutor Flibe teve a fraqueza de acreditar nele e tomar seu partido, Phil não confiava mais muito nele. O médico, por sua vez, começava a temer ter cometido um erro, e a visita de Dick, com seus objetivos ao mesmo tempo agitados e desconfiados, só fizeram confirmar o temor. Mas ele não ousava voltar atrás e, por falta de escolha, preferia consolidar as certezas vacilantes de seu paciente: nada mais normal do que ele se culpabilizar; o contrário, conhecendo-o como conhecia, é que o teria surpreendido. Mas era imperioso que ele consentisse em encarar a realidade em vez de fugir dela e substituí-la por ficções.

A partir do momento em que reconheciam que ele não encarava a realidade ou que alguma coisa estava capenga em sua maneira de vê-la, Dick se tranquilizava. Era possível fazê-lo admitir que seu erro, seu imperdoável erro, tinha sido o de não compreender que ele era perfeitamente normal e que sua mulher se encontrava num estado psíquico desesperador. Ele se comportava feito um sujeito que tenta dar partida num carro sem motor e se acusa por não conseguir fazê-lo funcionar.

– O que não está bem – repetia o doutor Flibe com uma convicção insinuante – é que não tem motor. E você não pode fazer nada. Você não tem nada a ver com isso. Não é sua culpa. Por outro lado, sua culpa é achar que tem culpa. E isso sim é uma verdadeira culpa. Eu chamo isso de recusa em encarar a realidade. Sua mulher está doente, e não você. É com esse dado que você tem que se virar. Não admitir isso seria loucura.

Dick saiu quase convencido do consultório do doutor Flibe. Ele esperava, sem botar muita fé nisso, que um dia Anne também reconhecesse a verdade dessas palavras. Ele imaginava sua mulher lhe confessando com um sorriso tímido, como Mary na última cena de *Clãs da Lua Alfa*: “Eu faço parte dos Deps. Meus testes revelam uma depressão doentia, muito profunda. As críticas contínuas que eu fazia a você por causa dos seus ganhos com certeza se deviam à minha angústia, à visão deformada que eu tinha de que tudo estava indo mal, de que algo tinha que ser feito e de que, sem isso, estaríamos condenados”.

Ao reler essas linhas nas provas de preparação do livro, ele sentia um violento impulso de ternura em relação a Anne. Lágrimas lhe subiam aos olhos. Ele a via mais uma vez tão frágil, tão desamparada com seu roupão cor-de-rosa. Como ele tinha sido louco de tomar por uma megera obstinada a acabar com ele essa triste garotinha amedrontada e que precisava de proteção! Tudo o que ele queria era envolvê-la com seus braços e lhe dar tranquilidade, dizer que ele jamais a abandonaria, que ele nadaria para levá-la de volta às margens da razão. Sim, ele a tiraria do glacial e desolado mundo da loucura, cheio de arestas cortantes. Com muita paciência e amor ele faria com que ela reencontrasse o calor suave do mundo real.

Anne voltou para casa transformada em zumbi por um potente psicoléptico que, de acordo com o doutor Flibe, ela deveria tomar até o fim de seus dias. Ele incumbira Phil de cuidar para que ela engolissem os comprimidos, mas como eles não subtraíam o

suficiente de sua lucidez a ponto de parar de aspirar à recuperação total dela, Anne tentava fazer suas artimanhas, cuspiendo-os antes de engolir. Suspeitando disso, ele ficava em volta dela, vigiava sua deglutição, fuçava na terra das plantas. Ele sentia pena de sua própria tristeza por estar unido a uma mulher com uma doença tão grave. Um dia, ela ouviu um telefonema dele para a mãe, em que ele reconhecia, se queixando, que “era difícil *para ela também*, com certeza”. Por mais comatosa que estivesse, ela quase se enforcou de raiva.

Ele se perguntava o que faria se o estado de Anne não melhorasse. Será que ele pediria o divórcio, procuraria outra mulher? Ou será que arrastaria esse fardo por toda a vida? Um cristão teria dito: será que ele carregaria essa cruz?

Durante a internação de Anne, uma estranha e sedutora mulher apareceu para ajudá-lo. De origem sueca, atlética e contumaz bebedora, essa tal de Maren Hackett, que fora inspetora de polícia, motorista de veículos pesados e ainda fazia parte da sociedade Mensa, que reunia pessoas de Q.I. excepcionalmente elevado, não se parecia em nada com a imagem que Dick fazia de uma beata. Apesar disso, ela era também uma integrante ativa da paróquia católica episcopal de Inverness, vilarejo onde morava e que ficava não muito longe de Point Reyes. Seguindo seus conselhos, ele se pôs a ler as epístolas de São Paulo, especialmente as passagens que abordam a caridade, nas quais ele reconheceu aquilo que até então chamava de empatia e que, igual ao apóstolo, considerava uma das virtudes mais elevadas. No fim das contas, ele se via confortável como marido de uma doente de verdade, cuidando dela com admirável devoção, sacrificando por ela a vida brilhante e os amores lisonjeiros que, caso contrário, teriam sido seu caminho, sem dúvida alguma. Confrontado a um dilema desse calibre, o herói de um romance que ele estava escrevendo naquele outono, *À espera do ano passado*, encontrou junto de um robô-táxi a coragem e a consolação que, por sua vez, ele encontrara junto de Maren Hackett.

– Me diga, e se sua mulher fosse doente?

– Eu não tenho mulher, senhor. Mecanismos autônomos não contraem matrimônio.

– Que seja. Se você estivesse no meu lugar e sua mulher fosse uma doente incurável, sem nenhuma esperança de cura, você a deixaria? Ou ficaria com ela mesmo assim, mesmo depois de ter dado um salto de dez anos no futuro e descoberto que os danos causados por sua lesão cerebral continuarão sendo irreversíveis?

– Isso significaria que a única finalidade de sua existência seria tomar conta dela.

– Sim.

– Eu ficaria – diz o taxista.

– Por quê?

– Porque a vida é composta por configurações de realidade constituídas assim. Abandoná-la seria o mesmo que dizer: eu não consigo mais suportar a realidade como ela é. Preciso de condições específicas, mais toleráveis.

– Acho que concordo com você. Acho que vou continuar com ela.

– Deus te abençoe, senhor. Você é um homem corajoso.

PRESENÇA REAL

n uma tarde de novembro de 1963, ele caminhava por entre as pastagens que as chuvas contínuas tinham transformado em lamaçais. Nos vales, galhos de árvores emergiam das águas; em breve seria necessário contar com um barco para ir da casa até a cabana. Aquele aguaceiro lhe lembrava uma de suas passagens favoritas do *Ursinho Pooh*, mas nem mesmo a lembrança do adorado livro da infância conseguia alegrá-lo. Desde que tinha parado de tomar os medicamentos do doutor Flibe, Anne voltara a ser como antes, pois sentia um ódio mortal por ele, de modo que era preciso submetê-la de novo à posição de imaginar que ele a estava salvando. Perguntado se, nessas condições, era melhor partir ou ficar, o *I Ching* acabara de lhe dar uma resposta pouco atraente: *Ku*, o trabalho sobre o que está deteriorado.

O hexagrama representa uma tigela na qual proliferam vermes. Isso não lembrava em nada seu estado de espírito, seu casamento, sua vida. A conclusão parecia se impor por conta própria: quando se tem o mínimo instinto de conservação, o jeito é dar um pontapé nessa tigela e escapar correndo, antes que seu cérebro derreta definitivamente e você passe o resto de seus dias olhando os vermes comendo uns aos outros. Exceto que, segundo o *I Ching*, nada é definitivo, tudo muda, os hexagramas triunfantes contêm os germens do declínio, e os mais avassaladores, como esse que ele acabara de tirar, apontam para a renovação. O comentário dizia: “O trabalho visando à melhoria das condições é promissor, pois está em harmonia com as possibilidades do momento. Aquilo que se deteriorou por culpa dos homens pode ser pelo seu trabalho restaurado. É favorável atravessar a grande água”.

Em outras palavras, em vez de fugir e se desvencilhar da areia movediça para a qual Anne o arrastava, era preciso continuar tentando salvar o casamento. Talvez a travessia da grande água estivesse chegando ao fim. Seria muito estúpido abrir mão disso às vésperas, como se Cristóvão Colombo, desencorajado, tivesse voltado atrás quando estava a uma curta distância da costa americana. Por outro lado, ao teimar num erro, você pode desperdiçar ou até perder sua vida, e não há nada que permita saber se o destino é a terra firme ou a morte.

Um pássaro cantou em cima dele. Ele olhou para o alto.

Tinha um rosto no céu, assumindo seu lugar. Um rosto gigante, metálico e horrível que, debruçado sobre ele, o observava.

Amedrontado, ele fechou os olhos. O que perdurava por trás de suas pálpebras não era o formato do rosto, e sim sua expressão de uma maldade inacreditável, como se todo o mal do mundo estivesse concentrado ali, naquele olhar que saía das fendas ao redor do nariz ou do lugar onde deveria existir um nariz. Ele logo entendeu que, por toda sua vida, temia ver aquilo. A máscara de gás de seu pai, que tanto espanto lhe causou quando pequeno, anunciava isso. E agora, enfim, ele a tinha visto. Jamais se esqueceria. Nunca mais poderia dormir tranquilamente.

Devagar, ele abriu as pálpebras. Como tinha inclinado a cabeça rumo ao chão, a primeira coisa que viu foram seus sapatos, seus grandes sapatos do exército, fincados com firmeza na terra úmida. Era reconfortante se deparar com eles, pesados e bastante reais. Ele tornou a erguer o olhar.

O rosto continuava lá, sempre a observá-lo.

Desta vez, ele não voltou a fechar os olhos, mas abriu a boca e tentou falar algo. A voz trêmula que dele saía dizia: “Eu não tenho medo. Você não existe”. Ele não a reconhecia, mas, como ela se propunha a articular as palavras que ele tinha escolhido, forçou-a a continuar: “Você não existe. Você é uma alucinação produzida pelo meu cérebro. Eu fui muito infeliz nos últimos tempos. Muita solidão, muito sofrimento, é por isso. Mas você não existe”.

O rosto pareceu zombar dele. Era puro escárnio. Morte e escárnio. Dick fugiu correndo. Correu até chegar em casa sem

parar, sem encontrar ninguém, sem tentar evitar as poças d'água que faziam a lama espirrar em suas roupas, sem olhar para o céu acima dele, sem esperar que o rosto não estivesse mais ali.

Durante vários dias, o rosto no céu parecia estar brincando de esconde-esconde, desaparecendo quando ele reunia coragem o suficiente para levantar o olhar e ver se continuava lá, e se insinuando em seu campo de visão assim que ele desistia de encontrá-lo. Tudo aquilo que o olho é capaz de captar, incluindo os fosfenos sob as pálpebras, continha aquilo ou o anunciava.

À beira de um ataque de nervos, ele foi até San Rafael para consultar o doutor Flibe, que lhe perguntou com um tom desconfiado se por acaso ele não tinha tomado alguma droga alucinógena, assunto que era cada vez mais frequente nas revistas. Falava-se (essa informação tinha deixado o doutor particularmente pensativo) em curas à base de LSD que os psicanalistas mais chiques de Los Angeles sugeriam a seus pacientes mais chiques por duzentos dólares a sessão. O ator Cary Grant havia confessado à *Time Magazine* que ele fazia isso toda semana há um ano, hábito que tinha mudado completamente sua maneira de ver o mundo e de atuar. Ao saber disso, o doutor Flibe foi assistir a seu último filme, *Charada*, esperando conseguir notar a mudança e, de fato, com um aviso prévio dava para notar. A exultação não atingia somente os adoráveis doidos de Hollywood, mas também os mais respeitados meios acadêmicos: um professor de Harvard acabara de ser afastado de seu cargo por ter preconizado o uso intensivo da droga a seus alunos. Sob seu império, ele alegava ter vivido experiências transformadoras...

Dick deu de ombros: sim, ele tinha ouvido falar disso e havia lido Huxley, que tinha mais ou menos o mesmo discurso, mas ele não tinha tomado LSD, não era o tipo de coisa que se buscava em Point Reyes, e sua experiência certamente não lembrava em nada a do professor de Harvard. Ou então ele estava entendendo mal todo aquele proselitismo dele. Se ele tivesse visto a mesma coisa, aquele

rosto monstruoso no céu procurando a quem devorar, com certeza não teria incentivado seus alunos a segui-lo. A menos que ele fosse o último dos sacanas: um criado de Satã, isso mesmo, abatendo novas presas para seu mestre. Pensando bem, isso até que era possível. Possível e assustador: se aquele tal de Leary fazia isso mesmo, Adolf Hitler seria uma criancinha do coral comparado a ele...

Devagar, devagar, disse o doutor Flibe, que seu paciente estava ficando cada vez mais nervoso. Acreditando bater em retirada por um território mais seguro, ele explicou a alucinação pelo cansaço, pela ansiedade, pela internação de Anne, mas Dick não se deixou convencer: em primeiro lugar, não tinha nada de tranquilizante para ele no fato de um horror desses existir em seu cérebro, e não na realidade, e então, se o argumento buscava acalmá-lo, sinto muito, mas tinha saído pela culatra; em segundo lugar, ele sabia muito bem o que se passara com ele e aquilo não se chamava alucinação, era até mesmo o contrário. Por uma série de motivos, o cansaço, de fato, as anfetaminas, a tristeza e talvez certa disposição íntima, o mecanismo psíquico voltado a filtrar a realidade tinha sofrido uma pane em seu caso. A tela que a encobria e permitia suportá-la estava rasgada: ele tinha visto, e agora seu problema era sobreviver àquela visão.

– Você sabe o que dizia John Collier? – perguntou ele. – O universo é um sujeito servindo cerveja num copo. O que produz muita espuma, e o nosso mundo nada mais é do que uma das bolhinhas no meio dessa espuma. Acontece que alguns, de dentro de suas bolhas, conseguem entrever o rosto do sujeito que serve a cerveja e, para esses, nada mais será como antes. Foi isso o que me aconteceu.

– Então você está me dizendo que viu Deus? – arriscou o doutor Flibe.

De San Rafael ele foi dirigindo até Inverness, onde ficava a igreja que Maren Hackett frequentava. Era uma bela construção de madeira situada à beira de um fiorde e que, por mais que fosse

dedicada ao rito católico, evocava imagens de uma severa quietude nórdica, assim como Maren. Ele entrou e pediu para se confessar. O padre lhe pareceu menos travado que o psiquiatra – pelo menos escutava aquilo que lhe diziam. Seu rosto foi se crispando repetida e dolorosamente, como se ele entendesse. Parecia um velho caçador que, no passado, tinha enfrentado um lobo monstruoso e acreditava ter salvado o mundo com isso, até o dia em que a história de um assustado principiante o fizera entender que seu adversário estava de volta e que seria necessário, então, entrar em combate mais uma vez. Ao fim da confissão, ele disse simplesmente: “Você encontrou Satã”.

Esse diagnóstico reconfortou Dick: a igreja o levava a sério, sabia do problema. Mas ela escapava disso de bom grado, pensava, ao recusar-se considerar que ele próprio havia encontrado Deus, que aquele pesadelo fosse mesmo Deus, e não um subalterno maléfico. O mundo, afinal de contas, seria tão bem feito a ponto de podermos, sem pestanejar, atribuir seu mérito a uma divindade benevolente? Depois de formulada, essa hipótese aumentou o pesar do padre, mas não chegou a impressioná-lo. Nada parecia ser capaz disso. A mais violenta blasfêmia devia fazê-lo balançar a cabeça tristemente, como um sintoma alarmante mas banal faz a um médico experiente. Era irritante, mas também tranquilizante. Ele não estava mais sozinho diante do rosto de metal que preenchia o céu. Outros, mesmo sem vê-lo, sabiam que ele existia e rezariam junto com ele, por ele.

• • •

A reação de Anne o surpreendeu quando ele lhe anunciou sua intenção de entrar para a igreja católica. Kleo teria caído na risada, e Berkeley inteira junto com ela; ele próprio teria caído na risada alguns meses antes. Mas Anne ficou emocionada. Ela o acolheu em seus braços e murmurou que seria batizada junto com ele, as meninas também. A tristeza atenua o senso do ridículo, que se dirige a Deus: é para isso mesmo que ele serve, segundo os cristãos. Dick entendeu que, aos olhos de Anne, essa conversão era

a derradeira tentativa de salvar o casamento deles ou pelo menos suportar seu naufrágio. Ele prometeu a si mesmo não desperdiçá-la.

Para se preparar para o batismo, eles fizeram alguns cursos de catecismo. Nem um nem outro tinham recebido uma educação religiosa, mas a ignorância agradava ao padre mais do que as vagas e profusas noções teológicas de Phil, sempre inclinado a reabilitar os hereges e a colocar os apócrifos em posição mais elevada que os evangelhos canônicos, mesmo antes de os ter lido.

As meninas não entendiam muito bem o princípio da comunhão. Isso as chocava. Quando Jesus exortava a comer seu corpo e beber seu sangue, algo parecia-lhes terrível, uma espécie de canibalismo. Para tranquilizá-las, Anne disse que se tratava de uma imagem, um pouco como na expressão “beber as palavras de alguém”, mas Phil protestou: não valia a pena virar católico para racionalizar todos os mistérios de maneira rasa.

– Mas também não vale a pena virar católico para tratar a religião como uma das suas histórias de ficção científica – replicou Anne.

– É exatamente aonde eu ia chegar – disse Phil. – Se a gente levar a sério o que diz o Novo Testamento, é obrigado a acreditar que, há pouco mais de dezenove séculos, desde a partida do Cristo que nos deixou o Espírito Santo, a humanidade passou por uma espécie de mutação. Isso talvez não seja percebido, mas é assim; se você não acredita em mim, não é católica, simples assim. Isso não sou eu quem diz, é São Paulo, e não posso fazer nada se parece de fato com uma história de ficção científica. O sacramento da eucaristia é o agente dessa mutação, então não vá apresentá-lo para suas meninas como uma espécie de comemoração estúpida. Me ouçam, meninas. Eu vou lhes contar a história do gato e do filé de costela. Uma dona de casa ia receber convidados para o jantar e colocou um belo filé de costela de dois quilos e meio sobre o balcão da cozinha. Quando chegam os convidados, ela papeia com eles na sala, tomam uns e outros martinis, até que pede licença e corre para a cozinha para preparar o filé de costela... Quando se dá conta de que ele desapareceu. Então, quem ela vê no canto, lambendo tranquilamente os beiços? O gato da casa.

– O gato comeu o filé de costela – diz a mais velha das meninas, solene.

– Acha isso mesmo? Você não é boba, mas espere. Os convidados se apressam. Eles discutem. Os dois quilos e meio de filé de costela sumiram e o gato está com cara de perfeitamente satisfeito e farto. “Vamos pesar o gato”, alguém sugere. Todos eles já beberam um pouco e a ideia lhes parece excelente. Vão até o banheiro, colocam o gato sobre a balança. Ele pesa dois quilos e meio. Todos eles se colocam em volta da balança e um dos convidados diz: “É isso mesmo, a conta fecha”. Eles estão certos de ter descoberto o que aconteceu, até que outro convidado, tomado pela dúvida, pergunta: “Mas cadê o gato?”.

Chegou o Natal. As chuvas pararam, o rosto no céu desapareceu. Sob o pinheiro natalino, Phil e Anne trocaram obras de devoção. A mais velha das meninas ganhou uma Barbie equipada com vários produtos de beleza, acessórios para os cabelos, maquiagens e um namorado chamado Ken. Passado o primeiro reflexo de deboche que essas representações idealmente caricaturais do sonho americano despertavam num velho de Berkeley, Barbie e Ken deixaram Dick fascinado. Ele imaginava arqueólogos do futuro, ou marcianos, reconstituindo nossa civilização a partir desses únicos vestígios. Como qualquer um que se debruça sobre uma miniatura, ele não deixava de lado os detalhes, suas precisões e suas lacunas. O secador de cabelos da Barbie parecia mais sofisticado, mais realista que o de Anne, de maneira geral. Seu sutiã era fixado como um de verdade, e também oferecia a mesma dificuldade para ser retirado, mas guardava seios sem bicos nem aréolas, e se – aproveitando que Anne tinha dado as costas – alguém se encorajasse a abaixar sua calcinha, catapof, nada de pelos, nada de nada, os arqueólogos do futuro iam correr atrás do próprio rabo para saber como os humanos do século 20 se reproduziam. Mas talvez os arqueólogos do futuro não se impressionassem com nada, porque seriam exatamente como Ken e Barbie. Os dois bonecos prefiguravam a humanidade de amanhã, fadada a nos substituir. Ou

ainda – e por que não? – eles eram a vanguarda de uma invasão extraterrestre.

Esse tema lhe era sedutor, mas ele já o tinha explorado bastante, especialmente num conto escrito no dia seguinte ao Natal, o primeiro que ele passara com Anne e as meninas. Nele, viam-se funcionários da alfândega testando com suspeita uma infinidade de brinquedos com os quais o planeta Ganimedes pretendia inundar o mercado terráqueo. Brinquedos pacíficos e educativos a princípio, mas, considerando o lendário expansionismo dos ganimedianos, era de se desconfiar. Suspeitava-se de uma forma de invasão bastante viciosa, como eles tinham levado a cabo para conquistar sem dificuldades outros planetas. Mais simples, claro, teria sido recusar toda forma de importação vinda de lá, mas a lei se opunha a isso. Portanto, era preciso abrir o olho para identificar um eventual cavalo de Troia. De três protótipos de brinquedos enviados para testes, dois casos pareciam adequados, e o terceiro, duvidoso. Não era preciso ser nenhum especialista no assunto para rejeitar horrorizado uma armadura de caubói concebida de modo a “embaralhar” a aparência daquele que a usava e favorecer o desmembramento de personalidade. Nem para deixar passar uma variação bem boba, que nem beligerante era, do Banco Imobiliário. Mas tinha também uma fortaleza bizarra dominada por robôs-soldadinhos cujo papel aparentemente era o de sitiá-la, exceto pelo fato de que, a cada três horas, a ponte levadiça se erguia e os soldados não eram mais vistos. Era impossível abrir a fortaleza, mas ela podia ser pesada e, então, constatava-se que seu peso não aumentava um miligrama sequer, mesmo depois de ter engolido dezenas de soldados. O interesse lúdico e educativo desse sistema ao mesmo tempo complexo e sem finalidade aparente lhes escapava. Qual era o sentido? Onde estava o perigo, supondo que houvesse algum, mas o que mais? Eles se perguntavam que raios podia ter dentro da tal fortaleza misteriosa e, como a “brincadeira” parecia não ter outra finalidade, o que aconteceria quando não mais restasse nenhum soldado para engolir. Para saber, era preciso esperar, mas não sem uma ligeira inquietação e, enquanto os examinadores esperavam,

sugiro voltar à nossa própria história, quatro anos mais tarde. (O resultado do teste será revelado ao final do capítulo.)

Dick teve outra ideia para explorar Barbie e Ken: uma ideia marciana. Ele já tinha ambientado dois ou três romances em Marte, lugar que ele via como uma colônia particularmente inospitaleira para a qual só se imigrava a contragosto. Disseminados num deserto sem fauna atraente além das hordas de chacais telepatas, bibocas subterrâneas abrigam esses colonos que apodrecem em meio ao tédio e ao abandono, uma promiscuidade amorfa. Entende-se que toda forma de divertimento, num sentido pascaliano amplo, que inclui a religião, seja bem-vinda em tais condições e, assim, são abertos mercados rentáveis para as indústrias terráqueas capazes de fornecê-las. Em Marte, o ópio do povo são os ambientes da boneca Pat.

A boneca Pat e seu namorado Walt, clones de Barbie e Ken, tinham que viver na Terra, mais especificamente na Califórnia. É possível obter uma série de acessórios em miniatura que ajudam a representar suas invejáveis existências com o máximo de realismo. Depois de adquiridos os elementos de base – casas, jardins, carros, biquíni sexy, cortador de grama –, os habitantes das bibocas, incitados a essa febre consumista por um par de *disk-jockeys* planetários a serviço do fabricante dos ambientes, não param de ampliar e aprimorar o universo de suas bonecas: ruas vizinhas, cafeteria, salão de cabeleireiro, amigas do tempo do colégio com quem papear, centro comercial, praia com coqueiros na orla, psicanalista equipado com direito a divã no consultório, cachimbo e as obras completas de Freud – um item esplêndido, bastante solicitado. Oficialmente, os colonos deveriam sentir um bem-estar inigualável ao operar o sistema de portão elétrico pelo qual pagaram caro para aprovisionar sua garagem em miniatura, ou então ao conduzir a boneca Pat até a cidade no volante de seu novo Ford conversível, fazendo-lhe colocar uma moeda de um dólar miniatura num parquímetro também em miniatura, tudo isso comprado por dez dólares, pois a miniaturização e o transporte estavam ficando caros. Na verdade, eles não são idiotas e não se acreditam mais próximos

da Terra por conta desses jogos pueris do que os branquinhos dos romances coloniais quando cheiram um velho bilhete de metrô e se sentem mais próximos de sua Paris natal. Mas os ambientes da boneca Pat não passam de uma carapaça legal para um tráfico ilícito, ainda que tolerado. A empresa de Leo Bulero, responsável por comercializá-los, vende uma droga junto com eles, um líquen de origem ganimediana chamado Can-D que dá a seus usuários a ilusão de serem *realmente* Pat ou Walt, de deixarem seus pobres corpos miseráveis para assumir essas identidades gloriosas. Enquanto eles ficam estagnados, inertes em algum canto de suas sórdidas bibocas marcianas percorrendo a boneca de plástico desprovida de pelos pubianos com seus dedos nervosos, a alma lhes escapa, voa para longe. No pior dos casos, resta apenas uma vaga lembrança da personalidade que antes os habitava – algo como a intuição que podemos ter de uma encarnação anterior. Libertos dessa crisálida, eles podem, sob a identidade de Pat ou de Walt, viver experiências ilimitadas e sem nenhuma censura moral com seus parceiros. Adultério, incesto e assassinato só são impedidos em sonho ou em puro estado de desejo. São apenas sonhos compartilhados, desejos atualizados em outra dimensão. E melhor – ou pior: quando a droga é consumida por várias pessoas, passam a ser vários habitando o mesmo corpo, partilhando das mesmas sensações. Assim, numa das primeiras cenas do livro que Dick escreveu naquele inverno, acompanhamos seis pessoas, moradores da mesma biboca, participando de uma langorosa transa entre Walt e Pat numa praia ensolarada. “As ondas do mar batiam nos dois, enquanto eles se reclinavam em silêncio na praia, duas figuras contendo a essência de seis pessoas. Dois em seis (...). O mistério repetiu-se, como era possível?”

Confrontados a esse mistério da “tradução” a cada vez que consomem Can-D, os colonos se dividem entre “crentes” e “descrentes”. Para estes últimos, os ambientes não passam de uma representação simbólica do universo do qual foram exilados, e a identificação com Pat ou Walt, uma ilusão que ajuda a aguentar o tranco. Os primeiros, por outro lado, consideram real o instante

sagrado em que os elementos miniaturizados do ambiente deixam de *representar* a Terra para *tornar-se* a Terra.

Seria a eucaristia apenas um memorial ou ela suscita a presença real do Salvador? Algumas semanas antes, Dick teria considerado essa questão como o pretexto de uma divertida controvérsia, o ponto de divergência de duas famílias de almas. Mas neste inverno, tremendo, ele se perguntava outra coisa: o que aconteceria se a presença real fosse a daquele ser que ele havia visto no céu e que não gostava muito de verificar de tempos em tempos se ainda continuava lá?

“Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele” (João 6, 56). O que aconteceria àqueles que, sem más intenções, comessem da carne e bebessem do sangue de Palmer Eldritch?

Nas histórias de Lovecraft – as quais ele devorava na infância e que gosto de pensar que tenham determinado sua vocação simplesmente porque também determinaram a minha – acontecem o tempo todo coisas tão horríveis que o autor renuncia a descrevê-las. Entre os diversos adjetivos que ele convoca ritualmente para justificar esse desfalque ao mesmo tempo enfático e eficaz, existe um mais idiossincrático que os frequentes *eerie*, *uncanny* e *hideous*: *eldritch*. Aos olhos de Dick, esse *eldritch* realizava a façanha de englobar tudo aquilo que Freud consolidava na palavra *unheimlich*, a inquietante estranheza, mas acrescentando a ela uma dimensão de pânico. Ele via nisso um lado malicioso, pérfido, falsamente familiar, mas também um transbordamento, o pavor, aquilo que leva a urrar, assim como se urra para acordar, mas o verdadeiro horror é que, neste caso, já se está acordado, não existe refúgio: é aquilo mesmo.

Ao começar esse livro, ele sabia aonde estava indo. Mas tinha medo de chegar lá, um medo atroz. Entre o Natal e o Ano-Novo, escreveu as primeiras cem páginas, definiu o cenário marciano, as bibocas, a boneca Pat, a Can-D. Como chefe dos ambientes e do

tráfico de drogas que eles ocultavam, valeu-se de um simpático traste chamado Leo Bulero, e um certo Barney Mayerson como seu assistente, um sujeito depressivo e sempre inclinado a se culpar e se arrepender eternamente por ter tomado a direção errada nas encruzilhadas decisivas da vida. Ele poderia ter parado por ali, fazendo com que esses elementos brincassem entre eles – com os paradoxos provocados pela tradução, ele tinha um material bastante honesto para um romance. Mas também derrapara aqui e ali em rumores inquietantes acerca da volta de Palmer Eldritch.

Esse Palmer Eldritch era um aventureiro que há dez anos havia partido para o sistema de Próxima Centauri e de quem nunca mais tinham ouvido falar. Achavam que tivesse morrido, ou até pior. Mas eis que algumas testemunhas diziam tê-lo visto novamente, que ele estava de volta e que o tinham reconhecido por suas três próteses: um braço artificial, dentes de aço brilhante e, no lugar dos olhos, finas fendas equipadas com câmeras panorâmicas. De sua expedição para além dos mundos conhecidos, Eldritch – ou, como logo se suspeitou, a coisa que tinha tomado o lugar dele – trouxera uma nova droga destinada a enterrar a boa e velha Can-D das famílias. Um slogan vinha junto com essa droga, a Chew-Z: “Deus promete a vida eterna. Nós cumprimos a promessa”.

No décimo dia, Dick escreveu a cena em que Leo Bulero chega à Lua para lá encontrar Palmer Eldritch e, assim acreditava ele, pobre ingênuo, estabelecer um acordo comercial. Ele abandonou a máquina na hora do jantar sabendo que, quando estivesse diante dela novamente, seria para dar Chew-Z a seu herói. Ao ir para a cama, perguntou-se o que aconteceria se ele morresse no sono, como Eldritch iria se virar sem ele. Mas ele não morreu, tampouco dormiu. Para terminar, levantou-se sem fazer barulho. No banheiro, antes de abrir o armário dos remédios, olhou-se demoradamente no espelho tentando memorizar o próprio rosto. Ao passar pela campina, um cavalo relinchou brevemente, aproximando-se da cerca. Um vapor escapava de seu focinho úmido. Ele lhe fez um carinho e depois tornou a partir noite adentro. Foi então acometido por relances de um sonho de infância em que ele construía um tobogã e escalava suas escadas até chegar o momento em que era

preciso escorregar, pegar embalo e descer cada vez mais rápido rumo ao céu sem estrelas lá embaixo onde Palmer Eldritch esperava para devorá-lo.

Leo estava sentado numa cadeira, numa sala branca e insípida. De uma mala posicionada a seu lado saía a voz de Eldritch, anunciando sua intenção de invadir o sistema solar, mas de maneira especial, inédita. Leo tira um sarro disso. Ele tinha vindo para falar de negócios, ver se tinha algum jeito de se entenderem ou se seria preciso lutar até a morte contra a concorrência daquele peiete extraterrestre. Ele fica nervoso.

Até que a sala explode bem na sua cara.

Ele se encontra num barranco gramado. Perto dele, uma menina brinca com um ioiô. Tudo parece normal e tudo parece bizarro. O ambiente poderia muito bem ser o de *Alice no País das Maravilhas*, mas não: existe algo além, e muito mais desagradável.

Eldritch.

De maneira óbvia e inexplicável, a menina é Eldritch. O gramado do barranco é Eldritch. O ioiô e o ar que se respira estão cheios de Eldritch. Então, Leo entende que está lá aonde se chega ao consumir Chew-Z e que devem tê-lo feito tomar a droga sem saber. Provavelmente naquela sala branca e insípida onde eles o sequestraram, na Lua. Mas talvez essa sala branca e insípida já fizesse parte da alucinação. Então teria acontecido antes de ele embarcar para a Lua? Mas antes, muito antes, nada podia provar que ainda não tivesse começado, que Eldritch estava se divertindo ao fazê-lo acreditar que estava vivendo sua própria vida no mundo normal, assim como um pescador cruel dá linha ao peixe fogado antes de arrancá-lo da água com um golpe seco. Foi exatamente o que aconteceu. Ele apareceu pessoalmente com suas três próteses numa encruzilhada do labirinto ao qual atraiu Leo e, de maneira bastante civil, assim como o pescador expõe ao peixe as regras de ouro da pesca à linha, detalhou todas as virtudes do “produto autêntico” do qual a Can-D não passava de uma imitação.

“– Quando retornarmos ao nosso antigo corpo – note o uso da palavra ‘antigo’, um termo que não se aplicaria com a Can-D, e por uma boa razão –, perceberá que nenhum tempo se passou. Poderíamos ficar aqui cinquenta anos, e seria o mesmo. Voltaríamos à propriedade em Luna e encontraríamos tudo igual, e qualquer um que estivesse nos observando não veria nenhum lapso de consciência, como acontece com a Can-D, nenhum transe, nenhuma letargia. Ah, talvez um tremular de pálpebras. Uma fração de segundo, posso admitir.

– O que determina quanto tempo vamos permanecer aqui? – perguntou Leo.

– Nossa atitude. Não a quantidade usada. Podemos voltar a hora que quisermos. Portanto, a quantidade de droga usada não precisa ser...

– Não é verdade. Porque estou querendo sair daqui há algum tempo já.

– Mas você não construiu este... estabelecimento, aqui. Eu o construí, e ele é meu. (...) Cada mísera coisa que vê, inclusive seu corpo.

– Meu corpo? – Leo examinou a si mesmo. Era o seu corpo normal, familiar, conhecido por ele intimamente. Era dele, não de Eldritch.

– Determinei que você aparecesse aqui exatamente como é em nosso universo – disse Eldritch. (...) Você pode reencarnar sob qualquer forma que deseje, ou que seja desejada para você, como nesta situação. (...)

– Muitas pessoas sentem isso em relação à Can-D – observou Leo. – Consideram-na uma profissão de fé de que estão de fato na Terra.

– Fanáticos – disse Eldritch com desprezo. (...) E é melhor acreditar em mim, porque, do contrário, não vai sair vivo deste mundo.

– Não se pode morrer numa alucinação – disse Leo. – Assim como não se pode nascer de novo. Vou voltar para a Ambientes P. I.”

E, usando uma escada suscitada unicamente por sua vontade, Leo deixa aquele universo-emboscada de Eldritch. Ele se encontra de volta à Terra, em seu escritório, cercado por seus colaboradores. Muito empolgado, ele começa a contar aos outros sua experiência com a droga rival, que ele declara ser inferior à Can-D:

“– É possível perceber, sem dúvida, que se está passando por uma experiência alucinógena. (...) O que foi, srta. Fugate? O que está olhando? (...)

– Desculpe-me, sr. Bulero, mas tem uma criatura debaixo da sua mesa.

Leo curvou-se e olhou debaixo da mesa.

Uma coisa havia se espremido entre a base da mesa e o chão. Seus olhos vivos observavam-no, sem piscar. (...)

– Bom, então é isso. Sinto muito, srta. Fugate, mas é melhor voltar para a sua sala. Não faz sentido discutirmos que medidas tomar diante do surgimento iminente da Chew-Z no mercado. Porque não estou falando com ninguém. Estou sentado aqui, tagarelando sozinho. – Ficou deprimido. Estava nas mãos de Eldritch. Além disso, a validação ou, pelo menos, a aparente validação da experiência com a Chew-Z tinha sido demonstrada. Ele mesmo a havia confundido com a realidade. Mas o bicho maligno criado, deliberadamente, por Palmer Eldritch havia revelado tudo.

‘Caso contrário’, ele percebeu, ‘eu teria continuado me enganando para sempre.’

Teria passado um século, como disse Eldritch, neste universo sucedâneo.

‘Minha nossa’, pensou, ‘estou perdido’.

‘(...) Deus’, pensou, ‘me ajude. Por favor? E se ajudar, se conseguir atingir este mundo, eu farei qualquer coisa, o que o Senhor quiser.’”

. . .

O batismo, previsto há várias semanas, aconteceu no dia seguinte.

A família inteira se dirigiu até a igreja, todos com roupas de domingo. Phil usava uma gravata e o paletó de *tweed* com cotoveleiras de couro que, de acordo com Anne, dava-lhe o aspecto de um verdadeiro escritor. Até onde ele podia julgar, considerando que não tinha o hábito de frequentar cerimônias religiosas, tudo corria normalmente. O padre pronunciava as palavras reconfortantes da liturgia. As meninas, Anne e Maren Hackett, que se candidataram a madrinha, tinham um ar concentrado. A pequena Laura se comportava bem. O clima estava agradável dentro da igreja de madeira, dava a sensação de proteção. Isso não impedia que ele estivesse tremendo. A cena despertava-lhe o efeito de uma paródia sacrílega. A todo momento, fosse de maneira espetacular ou discreta, Eldritch podia manifestar sua presença. Ele era capaz de deslocar um elemento minúsculo da decoração que ele mesmo havia montado ou fazer com que o padre levitasse no ar para depois batê-lo contra a parede. Transformar a água do batismo em ácido sulfúrico. Ou apenas se contentar em lhe lançar uma piscada de olhos, como se fossem íntimos, sem que ninguém se desse conta disso. Para tanto, usava os olhos do padre. Ele temia que, ao cruzar com o olhar do sacerdote, reconheceria nele os olhos do rosto do céu.

O salmo que cantaram, de número 139, dizia o seguinte:

Senhor, tu me sondaste, e me conheces.
Tu conheces o meu assentar e o meu levantar:
de longe entendes o meu pensamento.
Cercas o meu andar, e o meu deitar;
e conheces todos os meus caminhos.
Sem que haja uma palavra na minha língua,
eis que, ó Senhor, tudo conheces.
Tu me cercaste em volta;
e puseste sobre mim a tua mão. (...)
Para onde me irei do teu Espírito,
ou para onde fugirei da tua face?
Se subir ao céu, tu aí estás;

se fizer no Seol a minha cama, eis que tu ali estás também.

Ao voltar da igreja, Phil assumiu aquele ar mefistofélico que tanto divertia as meninas e disse ter visto se desprender, detrás do batistério e claramente incomodado pela visita deles, um diabinho com chifres e uma longa cauda forquilhada. Mas isso era só para despertar risadas. E, para todos os fins úteis, ele agora era batizado.

Voltando a mergulhar no caldeirão do livro, ele sentiu a necessidade de contar com novas tropas. Era preciso ter um testemunho de seu batizado, um ministro do Deus de amor no qual ele acabara de renascer em água e espírito, para acompanhar Barney, seu *alter ego*, a partir de então na primeira linha. Por mais que a princípio fosse um pouco tarde para introduzir um novo personagem, ele pôs em seu caminho, por ocasião de uma viagem a Marte, uma jovem neocristã chamada Anne, vestida da mais cândida honestidade e de linho branco, persuadida de que uma sórdida realidade vale mais do que a mais exaltante das ilusões, e de que recorrer às drogas revelava a sede espiritual dos colonos, o quanto eles aspiravam àquilo que só a igreja pode oferecer. Ora, se tinha algo que Dick não podia pintar, por melhores que fossem suas resoluções, era um herói ou heroína positivos, uma santa... Assim que chega a Marte, a missionária galáctica sofre um colapso e não há nenhuma alternativa para se livrar do desespero que lhe sobe pela garganta senão engolir uma dose de Can-D. Porque só existe essa possibilidade ou as trevas. E quando chegar a hora da tentação infinitamente pior da Chew-Z – algo que também não demora a acontecer –, ela sabe que a oração não lhe servirá de nada e que vai sucumbir. O slogan de Eldritch já tinha lhe acertado: “Deus promete a vida eterna. Nós cumprimos a promessa”. No entanto, ela sabe que isso é uma mentira e que, se fosse verdade, seria pior ainda.

“– Um visitante malvado vindo a público depois de viajar ao sistema Prox, (...) oferecendo-nos o que pedimos em orações por um período de mais de dois mil anos. E por que isso é tão claramente ruim? Difícil dizer, mas, apesar disso, é. Porque talvez signifique sujeição a Eldritch, como a que Leo sofreu. Eldritch estará constantemente conosco a partir de agora, infiltrando-se em nossa vida. (...)”

‘Cada vez que formos traduzidos’, ele pensou, ‘veremos... não Deus, mas Palmer Eldritch.’”

É isso que começa a acontecer. Barney, por sua vez, toma uma dose de Chew-Z e, como Dick se identifica mais com ele do que com seu chefe, todo o livro vem abaixo sob o império de Eldritch. Barney reluta, tropeça e se debate num pandemônio de universos engavetados, que se renovam e se repelem a todo momento, onde basta se fiar a um ser por um instante para que sua aparência familiar se fissure, deixando sair os olhos de fendas, o braço artificial e a mandíbula de aço: os três estigmas de Palmer Eldritch – eis o título do romance. Ao voltar do pesadelo, ele se depara em seu leito com Anne, a neocristã, e seu ranger de dentes, um escárnio silencioso, o desilude: o pesadelo nunca acabou. Quem tomou Chew-Z fica por toda a eternidade em Palmer Eldritch. Depois de entrar nesse mundo, não há mais escapatória, não tem saída. O pior é que todo mundo se precipita em meio a essa rede e, uma vez lá dentro, não dá para alertar ninguém. Ninguém de fora desconfia de nada. Eldritch irá devorar todos os homens, todos os seres vivos, um a um. Ele próprio se tornará um planeta e todos os habitantes desse planeta ao mesmo tempo. Ele será a alma de toda a civilização e também a de cada um. Ele será a civilização em si e cada um de seus integrantes, não haverá mais nada, talvez inclusive já não haja nada além de Palmer Eldritch. Talvez esses pensamentos agitados que inquietam Barney Mayerson, transcrito por Phil Dick, parafraseado por mim, e que abrem uma fenda naquilo que você acredita ser seu cérebro, só existem em Palmer Eldritch, que se serve de nós, criaturas evasivas, para animar seu eterno teatro de marionetes.

Talvez seja na alma, sob controle de Palmer Eldritch, que Barney, Anne e os colonos marcianos, acreditando ter terminado a tradução, trocam suas impressões. Todos eles consideraram a experiência fascinante, mas concordam achando que tinha, como dizer... algo bizarro, algum incômodo, uma espécie de “presença assustadora” em algum lugar, “desfigurando as coisas”...

“– Aquela coisa (...) tem um nome que vocês reconheceriam se eu lhes dissesse. Embora ela mesma jamais se chamaria assim. Fomos nós que lhe demos um título. A partir da experiência, de longe, ao longo de milhares de anos. Mas cedo ou tarde estaríamos fadados a confrontá-la. Sem a distância. Ou os anos.

– Você quer dizer Deus – disse Anne.

– Mas... cruel? – sussurrou Fran Schein.

– Um aspecto – disse Barney. – Nossa experiência dele. Nada mais.”

Dick era católico. De pouco tempo e à sua maneira, mas católico. Depois de ter datilografado essas réplicas, pensou que não podia terminar as coisas assim, e acabou acrescentando uma conversa teológica muito bonita e estranha entre Anne e Barney. Os dois sabiam que agora, e até o fim daquilo que acreditavam ser a vida, Eldritch estaria dentro deles. Tudo parece ter voltado ao normal, mas ele está lá e assim continuará para sempre. Talvez Deus seja isso mesmo, esse pesadelo. Entretanto, eles sabem também que existe uma diferença entre aquela presença e aquele “que veio dois mil anos antes”. A diferença é que Eldritch apenas reproduz nosso desejo humano de crescer ao invés de diminuir, de imolar ao invés de sermos imolados, nossa preferência limitada, animal e expansionista por nós mesmos: esse Deus predador é um Deus estupidamente natural. Enquanto o outro, aquele que veio há dois mil anos, gentil e de coração humilde, tende somente a se reduzir, a dar ao invés de tomar, até mesmo sua própria vida: um sinal do sobrenatural que faz com que ele seja, paradoxalmente, mais real do que Eldritch.

Dick era católico, mas também era Dick, o Rato, que não podia deixar de acrescentar mais uma volta do parafuso em suas ficções e que, por isso, tinha uma dificuldade louca de terminá-los. Arrematar o livro de Palmer Eldritch com a evocação do Cristo, tudo bem. Mas, depois de escrever o capítulo, ele ficou terrivelmente tentado a deixar, apesar de tudo, a palavra final na boca de Eldritch. Essa tentação destacava, ao mesmo tempo, o horror propriamente filosófico de concluir e um gosto mais antigo, infantil e perverso pelas histórias malfadadas, a retórica dos filmes de terror que parece acabar com uma cena apaziguada, o monstro morto de vez, a vida retomando o prumo, todo mundo suspirando de alívio, sobreviventes e espectadores, exceto os mais escolados destes últimos, pois eles sabem muito bem que, se o diretor conhece bem seu ofício, está lhes reservando uma vingança sorrateira, um plano que retoma tudo e prega você à poltrona. Por mais católico que fosse, para Dick a palavra final voltava obrigatoriamente ao monstro, às trevas, ao horror. E, de fato, Leo, no foguete que o leva até Marte, se dá conta de que todos os passageiros, inclusive ele, portam os três estigmas de Palmer Eldritch e que a peste se espalha mesmo sem fazer uso da droga. “E se atingir nossa mente? (...) Não só a sua anatomia, mas a mentalidade também... o que aconteceria ao nosso plano de matar a coisa?”, inquietou-se.

Dick parou por aí. Acho muito mais sutil a solução do teste apresentado algumas páginas atrás. A fortaleza misteriosa, depois de devorar todos os seus soldados, fica imobilizada. Ela não explode, não se transforma em outra coisa, não faz mais nada. O jogo parece ter acabado. O enigma persiste, intocado e decepcionante. Na dúvida, os funcionários da alfândega recusam-lhe a entrada na Terra, assim como a fantasia de caubói propagadora de esquizofrenia. No entanto, eles deixam passar a versão benigna do Banco Imobiliário, que logo descobrem operar de acordo com a lógica do “quem perde ganha” e que faz um sucesso

estrondoso entre os jovens. Os jovens terráqueos se deixam enfeitiçar por esse jogo e se convertem a essa regra que, a partir de então, informa tudo sobre seus comportamentos. A inquietante fortaleza e a fantasia que deixava louco só serviam à diversão; a verdadeira máquina de guerra era aquela. Quando forem atacados, os terráqueos deixarão isso acontecer numa boa e oferecerão a outra face, vítimas maravilhosamente dispostas a uma forma de conquista inédita que, em suma, consiste em fazer com que se tornem cristãos: ovelhas prontas para o abate. E a mensagem não vem de um Deus do amor, mas sim, como se supõe, de beligerantes conquistadores. O próprio Jesus, se é que existia, não passava de um agente de Palmer Eldritch.

KO, A REVOLUÇÃO, A MUDA

Na primavera ele fugiu e voltou para a cidade, a princípio para Berkeley. Emergindo desse nauseante parêntese, dessa periferia da vida que é um casamento infeliz, ele descobriu que o mundo tinha mudado na sua ausência e que essas mudanças lhe agradavam. Do fundo de seu cafundó, ele soube, vagamente, que algumas coisas aconteciam em seu país no começo dos anos 1960. Tinha ouvido falar dos primeiros *sit-in* dos estudantes, de Caryl Chessman, de Martin Luther King, de novas drogas que o doutor Flibe achava que ele estava usando; tinha chorado ao saber do assassinato de John Kennedy. Mas tudo isso parecia estar acontecendo só pelo rádio, onde a voz anasalada e cortante de um gênio de vinte anos anunciava: “*The times, they are a-changing*”, como se se tratasse de um outro tempo, um universo paralelo, um teatro da vida real à qual ele jamais teria acesso. Sua nova liberdade transformava tudo: essa peça não seria encenada sem ele, que nela encontraria um papel à sua altura.

Um suboficial que conheci era irredutível em dividir os convocados, e por extensão toda a humanidade, em dois grupos opostos: os bons garotos e os transgressores do mal. Dá para notar bem, me parece, o que abrangem essas categorias, que sigo considerando válidas. Para quem não entende, sugiro dar uma olhadela no retrato de Bob Dylan na capa do disco citado algumas linhas atrás: frágil, arrogante e determinado com seus cílios femininos e a postura de um sujeito que diz não ao que quer que lhe peçam – eis um transgressor do mal em toda sua majestade. Em meio à grande desordem que transformava indivíduos parecidos em heróis de seu tempo, as deficiências de Dick, que costumavam ser mais modestas, tornaram-se trunfos na mesma medida. Não tinha concluído os estudos? Melhor assim, os *drop-out* que recusam o sistema e seus valores eram adorados. Tinha ficado sob a mira do

FBI? Um título de virtude. Trabalhava com um gênero obscuro, meio proletário? Uma admirável recusa a cortejar os zumbis engravatados do *establishment* literário. Tinha falhado em ser um bom menino? Seria, então, um extravagante transgressor do mal.

Adolescente tímido e pequeno-burguês nada à vontade consigo mesmo, em 1964 Dick teve a surpresa divina de acordar em plena sintonia com o *Zeitgeist*. Ele, que sempre se sentira um marginal, caiu em cheio naqueles anos em que a margem virou o centro do mundo e se inseriu sem dificuldades numa margem dessa margem, o pequeno círculo de autores de ficção científica da baía, todos eles convertidos coletivamente aos cabelos compridos, aos acessórios étnicos e aos baseados. Um meio que, além da comodidade, era bastante endogâmico: o romancista Avram Davidson tinha acabado de se separar amigavelmente de sua jovem esposa Grania, que admirava Dick e que, apesar de um sério problema de peso, tinha charme de sobra. O *I Ching*, tirado em conjunto, trouxe *Pi*, manter-se unido, solidariedade: decidiram dividir, em pé de camaradagem amorosa, uma pequena casa que se tornou ponto de encontro do pessoal da vizinhança que era amante da ficção científica. Depois do exílio em Point Reyes e da asfixia da prisão familiar, essa calorosa vida social alegrava Dick e revigorava seu amor-próprio, maltratado ao longo de cinco anos pela devoção de Anne à “grande literatura”. Agora, sentado no chão de pernas cruzadas ou largado em sofás velhos que ninguém ligava se estavam ou não manchados, ele estava vivendo entre os seus, pessoas que consideravam a ficção científica uma via da realeza e o tinham como seu mais audacioso explorador. Ele parou de aparar a barba. Enquanto, na época da University Music, recusava-se a vender outra coisa que não discos de música clássica e tinha recebido o rock’n’roll com um desdém de jovem idoso – Elvis só escapava por ter sobrevivido a uma irmã gêmea natimorta –, agora se tornava um especialista naquilo que começavam a chamar de *pop music*, estalando os dedos, sacudindo-se e exprimindo com sua pesada carcaça uma aplicada vontade de descontração. A vida finalmente estava começando, pensava ele.

O público que agora o cercava libertava o cabotino que existia dentro dele. Depois que uma pequena lenda se criou em torno de si, ele teve o capricho de não desmenti-la. Com base em seus livros, em suas raras aparições públicas e naquelas que, no tempo de Point Reyes, ele tinha recusado, passou a ser considerado bizarro, drogado, paranoico, genial. E foi tudo isso, sem precisar fazer força alguma.

Seus novos amigos passavam o tempo fazendo visitas uns aos outros, mas Dick, enfático em sua agorafobia, não se deslocava. Seu carro, dizia, só aceitava fazer o trajeto de casa até o consultório do psiquiatra; qualquer outro caminho seria desconcertante, levaria direto a um acidente. Criaram o hábito de visitá-lo. Essa posição de ancião da montanha, detentor do território de encontro e das regras do jogo, lisonjeava o Rato dentro dele.

Quanto à paranoia, seus temores pareciam fundados à primeira vista. Ele estava passando por um divórcio que caminhava bastante mal, e todas aquelas inúmeras pessoas que já haviam passado pela mesma provação entendiam que ele continuasse de tocaia e, em meio ao conflito jurídico que se sucede à guerrilha privada, temendo fornecer as armas para uma mulher que preferiam acreditar ser uma megera. Assim, mesmo que dividissem a mesma casa, ele preferia esconder sua ligação com Grania – ou seja, explicar para todo mundo o quanto era necessário escondê-la. Também gostavam de acreditar que Anne o vigiava com um detetive particular e que grampeava seu telefone. Rigorosamente. Mas quando, levado por seu impulso, ele começou a procurar por microfones na caixa de areia do gato e, sem nada encontrar, deduzia tratar-se de um adversário ainda pior, fossem seus velhos inimigos do FBI ou os neonazistas que o juraram de morte desde a publicação de *O homem do castelo alto*; quando, antes de qualquer conversa telefônica, era preciso passar por testes para estabelecer que do outro lado da linha era mesmo Ray Nelson ou Jack Newkom, seu fiel companheiro, e não um impostor qualquer quem estava falando;

quando a conversa possibilitada pelo resultado favorável do teste era interrompida por insultos dirigidos aos auditores escondidos (*"Hey, guys, I know you're hearing us, but you're not supposed to answer me. So I can tell you, fuck you. FUCK YOU, guys!"*), só restava pensar, dividido entre um ataque de riso e a inquietação, que de fato se tratava de Phil Dick, desatinado como seus livros e, também como eles, sempre apaixonante.

Porque ele era mesmo apaixonante, nisso todo mundo concordava. Ele colocava a favor de suas obsessões uma imaginação artística em perpétua ebulição. Numa conversa com ele, tudo podia acontecer. Ele não tinha aquela monomania enfadonha fundamental aos paranoicos. Seus inimigos, seus métodos, seus objetivos e principalmente o nível de seriedade que ele empregava para denunciá-los variavam de acordo com as circunstâncias, a inspiração e o interlocutor. Havia nele um camaleão, um ator hábil farejando seu público, adivinhando suas expectativas e, se às vezes ele se desencaminhava, é porque estava se desdobrando para satisfazê-los. Vítima de um complô planetário numa noite, ele podia ter esquecido o assunto completamente no dia seguinte ou ainda se referir a ele com desenvoltura como se fosse uma manifestação de sua lendária paranoia, impressionado por ter sido levado a sério – e, se você o tivesse levado a sério mesmo, significava que você ou era paranoico também ou tinha bons motivos para acreditar que ele estava certo e, portanto, estava mancomunado com seus inimigos.

Exceto em seu trabalho, algo que ele precisava fazer muito rápido para não pegar nojo, a perseverança lhe faltava a um ponto patológico. Ele mostrava solenemente a Grania a pequena pistola que havia comprado para se defender caso Anne o atacasse. Dizia-se decidido a utilizá-la contra ela ou, se assim precisasse, contra si próprio. Grania, bastante inquieta, falava disso a todos os amigos deles. Desconfiavam do pior. Uma manhã de domingo, Anne apareceu na frente da casa com a pequena Laura em seus braços. Queria falar com ele. Desesperado, ele correu por todos os lados antes de abrir a porta, agitando a pistola numa mão e com a outra, como num *vaudeville*, empurrou Grania para dentro de um armário.

Ali ela passou várias horas, temendo ouvir um tiro. Mas não ouviu nada além dos balbucios de Laura e do frigar dos ovos com bacon que Phil preparava cantando os *lieder* de Schubert com sua bela voz de baixo, seguido dos ecos de uma pacífica reunião familiar ao redor de uma mesa bem posta. O *brunch* durou até o começo da tarde. Depois que Anne e sua filha tinham partido, quando a heroica Grania, quase asfixiada e com a bexiga explodindo, saiu do armário, Phil pareceu bastante surpreso com sua presença: por que você não veio dar bom dia? Diante dos protestos de Grania, ele concordou que sua memória devia estar pregando uma peça nele e que as drogas que ele usava provavelmente tinham alguma parte nisso. No dia seguinte, voltou a chacoalhar sua pistola falando de Anne e a submeter seus amigos a complicados testes para saber se eram espiões a serviço dela – ou do FBI, dos nazistas etc.

Ao fim de alguns meses, Grania encontrou uma *roommate* mais sossegada e se mudou. Esperando conseguir dissuadi-la, Phil em vão a pediu em casamento e, depois, como não suportava ficar sozinho, convidou um casal de amigos a se instalar na casa dele. Eles aguentaram o tranco por três semanas, durante as quais ele tomou o primeiro ácido de sua vida.

Ele tinha acompanhado pelos jornais o que acontecera em Harvard há não muito e que parecia um roteiro de ficção científica dos anos 1950, no melhor estilo *Vampiros de almas*. Respeitáveis universitários colocavam em prática um programa de pesquisa sobre uma droga supostamente útil ao domínio psiquiátrico. Logo nas primeiras experiências, seus colegas e as pessoas em volta já os viam transformados: as pupilas dilatadas, um ar ao mesmo tempo extático e misterioso e, antes materialistas até a ponta do cabelo, agora só falavam de amor, êxtase, fusão com a divindade. Se perguntados sobre detalhes ou informações precisas, ficavam evasivos: não tinha como descrever aquilo, o único jeito era mesmo experimentar. Aqueles que por curiosidade se arriscavam na experiência voltavam dela metamorfoseados. Ou você seguia o

exemplo deles, ou não lhes dirigia a palavra. Com o burburinho se espalhando pelo campus, eles foram se tornando cada vez mais numerosos a bater na porta da salinha ocupada pelo doutor Timothy Leary para pedir que fossem iniciados, e cada vez mais numerosos também a fazê-lo cantarolando, com os olhos brilhando, esses tipos de discursos inacreditáveis que deixavam o reitor exasperado. Parecia uma epidemia.

Leary, que até então era considerado um excêntrico do bem, pôs-se a aumentar o tom de voz, a realizar conferências, a explicar para os jornalistas que um momento decisivo para a história da humanidade estava por vir. Não foi por acaso que Albert Hofmann descobrira o LSD ao mesmo tempo que Enrico Fermi tinha descoberto a fissão do átomo. O homem estava recebendo, de um lado, os meios para destruir sua espécie e, do outro, a maneira de acessar um degrau superior na evolução. Se aceitasse essa segunda dádiva, estava consentindo mergulhar nos inexplorados oceanos contidos em seu cérebro e ultrapassaria o *Homo sapiens*, entraria numa sábia e alegre comunicação com o cosmos, viria a conhecer Deus; de alguma maneira, ele viria a *ser* Deus.

Esses discursos, por si só, seriam capazes de convencer bastante gente. Mas, diferente de outros visionários, Leary tinha os meios para controlá-los, fornecidos pelos laboratórios Sandoz. De fato, quem se submetia à ação perturbadora do LSD saía dela, no pior dos casos, assustado, e, na maioria deles, convertido. Intelectuais de peso, artistas, mas também homens de negócios, entre eles o chefe da Fundação Ford, tornaram-se partidários. Ele conseguiu com a administração penitenciária que os detentos da prisão estadual de Concord, em Massachusetts, fossem submetidos a um tratamento com LSD: a absorção do novo sacramento abasteceu esses implacáveis criminosos de inspirações místicas, deixando os guardas maravilhados.

Amedrontados por apoiar experiências tão pouco compatíveis com o rigor científico, as autoridades de Harvard demitiram Leary e, ao fazer isso, confirmaram sua vocação de profeta. Ele tratava seus detratores como verdadeiros túmulos esbranquiçados e citava a

fórmula de Niels Bohr segundo a qual uma nova verdade não triunfa por meio da persuasão de seus adversários, mas sim porque esses mesmos adversários acabam morrendo e são substituídos por uma geração para quem a verdade é óbvia. Num solar emprestado por um mecenas, ele reuniu uma comunidade de fiéis que, sob sua direção e em meio à fumaça de incenso e às sonoridades do raga indiano, entregaram-se à exploração metódica dos mundos desabrochados pelo ácido. Um livro fazia as vezes de guia nessas viagens: o *Bardo Thodol*, *O livro tibetano dos mortos*. Esse verdadeiro Baedeker dos espaços internos era o presente de adeus do velho Aldous Huxley para a nova geração: dizia-se que ele o tinha lido em seu leito de morte e que, algumas horas antes do fim, pediu que lhe aplicassem uma injeção de LSD não por covardia, mas, ao contrário, para aproveitar plenamente sua passagem para o outro lado.

De acordo com Leary e seus amigos, essa cerimônia precursora logo viria a se tornar moeda corrente. Eles se consideravam “antropólogos do século 21 habitando numa cápsula do tempo nas sombras dos anos 1960”, mas não duvidavam de que a conversão geral estava se aproximando. Eles contavam com um crescimento exponencial: 25 mil usuários de LSD em 1961 significariam quatro milhões em 1969, ou seja, uma massa crítica a partir da qual a sociedade não teria mais como não mudar. A julgar pelo ritmo com que o descondicionamento cerebral induzido pela droga crescia entre as classes médias, parecia certo para eles que, em meados da década de 1970, o presidente dos Estados Unidos se entregaria a essa onda, que as conferências internacionais aconteceriam sob efeito de ácido e que, claro, o mundo só tinha a ganhar com isso.

Em 1964, essa perspectiva messiânica parecia plausível, pelo menos um pouco mais do que ver ocupando a Casa Branca, vinte anos depois, um sujeito que confessaria ter fumado uns baseados, mas sem tragar a fumaça. O que Leary falava era reproduzido nos jornais. A palavra *bardo* vivenciou uma popularidade singular: falava-se em experiências *bardo*, música *bardo*, filmes *bardo*. Um monte de gente que não tinha nada a ver com os meios da arte, da

ciência ou da vida mundana, que não eram Cary Grant e que não se consideravam nem um pouco drogadas, estavam passando pela experiência do ácido e reconheciam que isso de fato abria algumas portas na alma: o equivalente a três anos de psicanálise, como se repetia bastante por aí. A dose-padrão de 250 microgramas era negociada em Berkeley, em plena legalidade, por uma dezena de dólares. Os amigos de Dick tomavam regularmente e diziam maravilhas a respeito. Enfim, ele não tinha como evitar.

Muito menos ainda porque ele passava por um caçador experiente nessa nova fronteira. Quando *Os três estigmas de Palmer Eldritch* foi publicado, todos os leitores achavam que era o grande romance do ácido, e esse rumor, correndo de boca em boca, fez muito por sua reputação. Como Dick detestava contradizer as pessoas e não conhecia o argumento de Goscinnny, segundo o qual Obelix, para gozar de força sobre-humana, não precisa de nenhuma poção mágica simplesmente porque caiu dentro dela quando pequeno, ele se deixava ser tratado como uma autoridade psicodélica e assumia um ar sagaz para dar conselhos tirados de sua experiência passada. Na verdade, ele tinha medo, e tinha razão.

Pois, claro, isso não se passou lá muito bem. Menos de uma hora depois de ter tomado sua dose, ele perdeu qualquer contato com seus companheiros e se viu “lá aonde se vai depois de tomar Chew-Z”: no mundo de Palmer Eldritch. Tinha um túnel obscuro, povoado de sombras hostis; uma paisagem congelada com arestas cortantes; catacumbas; um anfiteatro romano onde ele sofreria o mesmo suplício dos primeiros cristãos; a certeza de estar perdido, de nunca mais ter a menor chance de encontrar a saída. Ele tentou se tranquilizar com um argumento razoável: o que acontece comigo pode ser explicado pelo fato de que absorvi uma substância tóxica; ela vai continuar agindo por algumas horas, nove ou dez, segundo dizem, e em seguida serei devolvido. Infelizmente, ele não tinha a menor certeza de ainda estar vivo dali a nove ou dez horas e, de todo modo, existia o risco de essas nove ou dez horas no tempo

oficial durarem vários séculos em sua experiência subjetiva, ou seja, na única realidade que lhe era acessível. Tinha alguma verdade naquilo que ele acreditava quando criança: quando a gente vai ao dentista, aquilo *realmente* dura uma eternidade. Ele ficaria ali para sempre. Ele sempre tinha estado ali. Todo o resto não passava de ilusão e a ele só restava implorar misericordiosamente, como Leo Bulero, para que essa ilusão lhe fosse devolvida. Do lado de fora, aqueles que corriam em volta dele e cuja presença ele não notava mais, o ouviram falando em latim. Como ninguém entendia latim, só guardaram desse episódio de glossolalia a construção: “*Libera me, domine*”. Ele repetia isso sem folga, suando gotas portentosas e com o rosto decomposto pelo terror.

Quando, ao final do tempo regulamentar, e depois de ter dado muito trabalho para suas babás, Dick reintegrou seu *koinos kosmos* e dormiu um dia inteiro, resumiu sua viagem da seguinte forma: “Minhas crianças, eu estive no inferno e demorei dois mil anos para sair, rastejando”.

Ingenuamente, isso causou surpresa. As *bad trips* eram raras naqueles tempos de euforia. Nadava-se em oceanos de luz iridescente, a impressão era de entender e dominar tudo. Tinha opções para todos os gostos e temperamentos: para os contemplativos, sob efeito do ácido, o mundo aparecia como uma calma epifania, um quadro de Vermeer que pulsava suavemente ao ritmo de seu sistema nervoso; para os mais agitados, como um fliperama gigante, piscando até a abóbada dos céus e esbanjando partidas gratuitas. Só ele ia parar no mundo de pesadelo de seus livros e em seguida ficava perguntando sem parar se aquilo que ele tinha visto era a Realidade derradeira ou somente um reflexo de sua psique – uma hipótese que não ganhava em nada no quesito animação.

Fiel à sua lógica binária, ele chegou a pensar que havia apenas duas famílias de almas: aqueles para quem a realidade da realidade é luz, vida e alegria, e aqueles para quem ela é morte, túmulo, caos; aqueles que no fundo do fundo veem Deus, e aqueles que, como o Svidrigáilov de Dostoiévski, têm para si a imagem de que a

eternidade se assemelha a um banheiro sujo, tomado por teias de aranha; aqueles que acreditam no amor e na misericórdia infinitos, apesar de Auschwitz, e aqueles que conhecem o profundo horror de tudo, apesar do céu azul e dos prazeres da vida. Sem dúvida a configuração psíquica, da qual o LSD é um impiedoso revelador, explicava muito sobre uma ou outra reação. Mas não podia se tratar de uma simples desavença de opiniões ou temperamentos: a verdade tinha que estar obrigatoriamente num desses dois campos, e não no outro. Sem concessões possíveis. Em termos cristãos – que há pouco tempo tinham se tornado também os seus –, das duas, uma: ou o Cristo ressuscitou, ou não.

Ele sabia no que queria acreditar, mas sabia também, e o ácido tinha confirmado, em que acreditavam as profundezas da sua psique. Sabendo ainda de qual campo ele fazia parte independente de sua vontade, ele teria pagado caro para se enganar e para ser convencido de que estava enganado.

Ele não tinha escolhido o melhor momento para experimentar o ácido, supondo que houvesse algum no caso dele. O celibato não lhe servia de nada. Mesmo morando com Grania, não conseguia impedir-se de atacar qualquer uma que lhe passasse à frente. Sozinho, ele se desacorrentou e enriqueceu seu repertório de anedotas lamentáveis. De maneira mais ou menos platônica e jamais discreta, apaixonou-se por todas as mulheres com quem saiu. Considerando quanto era restrito o meio que frequentava, a maioria delas eram suas amigas. Alguns se ofenderam com os insistentes cortejos, outros se divertiram com isso, simplesmente por estarem persuadidos de que não havia muito a temer com um rival daqueles: por mais que fosse um escritor brilhante e de conversa surpreendente, aquela criança barbuda carregava consigo uma demanda afetiva pesada demais para inspirar qualquer coisa que não uma terna curiosidade. Durante o inverno de 1964, quatro ou cinco mulheres de escritores de ficção científica receberam cartas apaixonadas, hilárias e choronas nas quais Dick falava sobre sua irmã Jane, copiava poemas metafísicos da era elisabetana ou o

texto da *Viagem de inverno* de Schubert para manifestar a medida de sua solidão e melancolia. Ele também telefonava para elas, de preferência bêbado e às altas horas da noite, e se espantava com a falta de entusiasmo, sem contar na de seus maridos quando eles desligavam o telefone, ao ouvir seus monólogos. Assim, quando em sociedade, esse defunto romântico podia se transformar num perfeito cafajeste, tratar de cadela uma *ferne Geliebte* que gentilmente o recusasse, deixá-la de lado por um novo rabo de saia e ainda atacar com sua mão-boba o joelho de uma terceira. Depois de tais demonstrações, sóbrio, ele se dava conta de que estava passando por ridículo e de que perdia muito ao trocar o status de gênio desconfiado pelo de desmiolado pitoresco. Mas, para endireitar seus disparos, ele não via opção melhor do que escrever novas cartas e fazer novos telefonemas tão intempestivos quanto os anteriores. Ou, então, assumia seus despautérios e tentava impor orgulhosamente uma figura de barbudo grandalhão e irreverente à la Falstaff, sempre no intuito de dar uma – coisa que, na realidade, nunca conseguia.

Entendendo que jamais haveria uma mulher para ele no meio da ficção científica, buscou ampliar seu círculo de amizades, esquadrinhou sua agenda telefônica e acabou por reatar com Maren Hackett, sua amiga dos últimos tempos em Point Reyes, que o havia apresentado a São Paulo e o levado à igreja episcopal. Ela tinha se casado e depois se separado de um alcoólatra cujas duas filhas de um casamento anterior tinham ficado com ela. Nancy, a mais velha, acabara de voltar da França, onde estudava psicologia e, mais importante, tinha sido hospitalizada por anorexia. Era uma menina de 19 anos, simpática, tímida, de voz quase inaudível, corpo gracioso e delgado, o rosto escondido por uma cortina de cabelos longos e lisos. Quando não estava sendo observada, ela tirava do bolso de seus jeans uma foto de si mesma e a fitava longamente, para garantir que existia de fato. Dick frequentou as três Hackett por algumas semanas sem que ninguém, nem mesmo ele, soubesse em qual delas estava interessado, se na madrasta ainda apetitosa ou em uma das duas meninas. Por fim, ele se decidiu por Nancy e

demonstrou a ela não somente o amor que sentia, mas o desastre que seria sua vida caso o rejeitasse: “Vou tomar cada vez mais comprimidos, não vou conseguir comer, não vou conseguir dormir, não vou conseguir escrever, não demorarei a morrer”. Depois de muitos silêncios envergonhados e sorrisos nervosos, Nancy se entregou a esses motivos, consentiu em ser sua musa e, na primavera de 1965, foi morar com ele.

DEFININDO O HUMANO

Um ano antes, quando ele havia deixado Point Reyes à beira de um colapso psíquico, o hexagrama 49 do *I Ching*, *Ko*, anunciara-lhe “a revolução, a muda”. Ele tinha visto isso acontecer na sociedade em torno de si e, depois, em seu próprio destino. Ele tinha sofrido e feito sofrer ao longo dessa metamorfose, mas se considerava agora envolvido num ciclo novo e mais favorável.

A cada dia, parabenizava-se por ter rompido com a lógica de fracassos que governava sua vida sentimental ao se casar com essa esposa-filha a quem ele queria proteger e que, por sua vez, o amava assim como ele era, sem querer mudá-lo. O casal formado por eles respeitava o equilíbrio dos sexos: barbudo, corpulento, criador, ele era *yang*; frágil, aquática, escusa, ela era *yin* – o tao olhava por eles. Eles riam juntos, faziam brincadeiras e davam apelidos esquisitos e açucarados um ao outro. Assim como os amantes tuberculosos de *A montanha mágica*, que trocam radiografias de seus pulmões em vez de fotos, eles se contavam mutuamente suas fobias e diagnosticavam seus sintomas psiquiátricos, ficando maravilhados por se entenderem tão bem. Ele não se cansava de opor o jeito cálido de Nancy, seus risos loucos e cheios de inocência dignos de um bebê perverso polimorfo, à frieza de tudo aquilo que ele conhecera antes; a charmosa desordem da pequena cabana para onde eles tinham acabado de se mudar em San Rafael, bem perto da água, à impecável e paranoica brancura da casa com jardim de Point Reyes. Imbuída em princípios pediátricos absurdos, sua mãe o tocara muito pouco; sua irmã morrera; a sensualidade de Anne se exprimia por acessos de fúria erótica que, na maioria das vezes, o amedrontavam; enquanto isso, Nancy gostava de pegar na sua barba já grisalha, vinha se juntar a ele e fazia ondas na banheira, achava sua barriguinha confortável. Esse novo corpo que ele via com espanto se espalhando pelos espelhos há alguns anos se tornava, sob os dedos de Nancy, algo aconchegante e quente, algo amado e, conseqüentemente, também amável. Assim, estabilizado, mimado, cercado de amigos que admiravam sua obra e se deixavam entorpecer com complacência por suas teorias, ele conseguiu, passado um ano de farra improdutiva, retomar seus hábitos regulares. Voltara a escrever e, como Nancy lhe havia revelado o que era um autêntico ser humano – terno, compassivo, vulnerável –, ele não podia fazer menos do que escrever em honra desse ser.

Então, Dick estava decidido de que, para glorificar o homem, antes era preciso definir e encurralar seu contrário. Ora, o contrário do homem não é o animal nem o objeto, mas seu simulacro: o robô.

Desde seus primeiros balbucios, e até mesmo antes deles, se levamos em conta o Golem e o monstro de Frankenstein, a ficção científica tinha feito desse inquietante ser o inimigo mais astuto de seu criador. Por mais que o sorridente doutor Asimov tivesse tentado, nos anos 1950, submeter os robôs e os escribas que lhes dão vida a um código de boa conduta, afastando o tema da revolta como um disparate científico e uma facilidade romanesca igualmente repreensíveis, nada o demovia dessa ideia. A inquietação crescia à medida que a ficção parecia colocar os pés na realidade e a existência virtual de “máquinas pensantes” não era mais motivo de agitação apenas entre um bando de sonhadores, mas sim entre a comunidade científica. Cunhado por Norbert Wiener, o termo “cibernético” causava furor, e o que ele designava induzia a duas perguntas emaranhadas: é possível imaginar que um dia uma máquina criada pelo homem possa pensar como um homem? E o que é pensar como um homem? Ou, se preferirmos, o que na nossa maneira de pensar e nos comportar pode ser qualificado como especificamente humano? O debate sobre a inteligência artificial estava lançado, e nele se opunham e continuam a se opor o domínio materialista, convencido de que pelo menos na teoria todas as operações da alma podem ser decompostas e, assim, reproduzidas, e o domínio espiritualista, argumentando que sempre haverá um resíduo rebelde no algoritmo, resíduo este que, de acordo com seu santuário, é chamado de fantasma da máquina, de consciência reflexiva ou simplesmente de alma mesmo.

Dick acompanhava esse debate como pode fazê-lo alguém cujas leituras se dividem entre a teologia e a vulgarização científica. Foi assim que ele descobriu, ao folhear uma antologia, o artigo fundador escrito em 1950 pelo matemático inglês Alan Turing. A figura de Turing, evocada brevemente na apresentação, causava fascínio sobre ele: fora um dos inventores da informática moderna; tinha contribuído para ganhar a guerra ao inventar, para os serviços secretos britânicos, um computador capaz de decifrar as

mensagens codificadas da Luftwaffe; suicidara-se em condições bizarras; e tinha levantado o problema das máquinas pensantes em termos jamais ultrapassados.

Nesse famoso artigo, Turing começa fazendo um inventário dos argumentos passados, presentes e futuros que negam a possibilidade de uma inteligência artificial: as máquinas fazem somente aquilo que são programadas para fazer, são especializadas, não têm vontades e caprichos, não podem sofrer etc. Considerando todos eles insuficientes, ele propõe basear-se num critério único para decidir se uma máquina pode pensar como um homem: seria ela capaz ou não de fazer um homem acreditar que ela pensa como ele?

O fenômeno da consciência só pode ser observado do lado de dentro. Eu sei que tenho uma, e é graças a ela que sei disso, mas em relação a você, nada pode me provar o mesmo. Por outro lado, posso dizer que você emite sinais, sobretudo mímicos e verbais, que, por analogia aos meus, levam-me a deduzir que você pensa e sente como eu. Agora, diz Turing, vamos admitir que, num futuro próximo ou distante, uma máquina possa ser programada de tal maneira que emita sinais igualmente convincentes como resposta a todos os estímulos. Com que direito, então, é possível recusar a isso o título de pensamento?

O teste que Turing funda sobre esse critério consiste em isolar em três cômodos distintos um avaliador humano, um candidato humano e um candidato máquina. O avaliador se comunica com cada candidato por um teclado de computador (havendo um sistema de síntese de voz, este item pode muito bem ser um telefone), bombardeando cada um deles com questões que visam estabelecer quem é o homem e quem é a máquina. O interrogatório pode abordar o gosto da torta de mirtilos, as lembranças de Natal da infância, as preferências eróticas ou, no caminho contrário, operações de cálculo que, espera-se, o homem realize com menos rapidez e precisão do que a máquina; todas as investidas são válidas, desde questões mais íntimas até as mais bizarras; sendo os *koan* zen uma técnica clássica para confundir. Por sua vez, ambos

os candidatos se dedicam a persuadir o avaliador de que são humanos, um deles de boa-fé e o outro recorrendo aos milhares de truques que seu programa comporta – por exemplo, enganar-se deliberadamente nos cálculos. No fim, o avaliador dá seu veredicto. Se ele tiver se enganado, a máquina ganhou. Somos forçados a admitir, segundo Turing, que ela pensa, e, se o espiritualista de plantão se apegar à ideia de que isso não se trata de um pensamento *verdadeiramente* humano, o fardo da prova passa, então, a ser incumbido a ele.

O teste de Turing se tornou uma das manias de Dick. Ele, que se orgulhava de ser capaz de engambelar qualquer psiquiatra, fosse quem fosse, teria adorado fazer o papel da máquina e exauria seus amigos com variações desse mesmo tema, especialmente nas extravagantes conversas telefônicas em que era necessário provar que era você mesmo quem estava falando, e não um impostor.

De acordo com o romance que ele escreveu durante sua lua de mel com Nancy, a colonização de Marte tinha favorecido alguns avanços na construção de andróides a ponto de, em 1992, existirem tantos deles quanto modelos de carro nos Estados Unidos na década de 1960. Alguns são rudimentares, simples máquinas-ferramentas com rosto humano ou comunidades para uso dos colonos isolados. Por um valor modesto, é possível acomodar do lado de sua casa uma família Smith ou Scruggs completa, com George, o pai que lê jornal e apara a grama, Fran, a mãe que põe suas tortas de mirtilo no forno ao longo do dia, Bob e Pat, os filhos, e Merton, um cão de caça alemão opcional; é possível lhes dizer o que quiser, e, ainda que cada um deles não disponha de mais de uma dezena de réplicas, já serve como companhia; além do mais, argumentam os vendedores, vocês teriam interações muito mais ricas do que essas com seus verdadeiros vizinhos humanos?

Nesse caso, não passam de artigos de qualidade inferior, desprezados pelos detentores de modelos mais aperfeiçoados, que ninguém consegue distinguir dos homens autênticos. Desde que

essas imitações perfeitas saibam o seu lugar, tudo bem. Mas alguns, Spartacus de suas castas, fogem e reivindicam uma vida livre. Então, eles se tornam perigosos. Funcionários especializados são encarregados de destruí-los. Esses funcionários são os chamados *blade runners* (e, desde o filme de Ridley Scott, ficou conhecido também por esse nome o romance que originalmente se chama *Androides sonham com ovelhas elétricas?*). A dificuldade em identificar os androides deixa os *blade runners* sob o eterno receio do erro. Para reduzir o risco de pulverizar um ser humano com raio laser, eles sempre submetem os suspeitos a testes cuja obsolescência é constantemente questionada, posto que os fabricantes de androides integram incessantemente esses parâmetros em seus programas.

Esses testes têm, ao mesmo tempo, algo dos trabalhos práticos de psicologia de primeiro ano e do risível e revoltante mito americano do detector de mentiras. (“Sua pupila se contraiu, isso significa que você é culpado.” No momento em que escrevo isto, maio de 1992, um sujeito foi mandado à cadeira elétrica por causa dessa presunção.) Mas o que mais interessava a Dick era o critério de discriminação.

Ele partiu do princípio de que os androides mais bem equipados de 1992 seriam capazes de passar com sucesso pelo teste de Turing – o que faz com que o teste caduque e, segundo o próprio Turing, também todo tipo de teste: não ficamos refazendo a vida inteira as provas nas quais passamos. No entanto, Dick não se resignou a acolhê-los na comunidade humana, como Turing disse que seria necessário. E, para evitar isso, fez algo que Turing consideraria uma trapaça, um daqueles golpes habituais dos espiritualistas: introduziu um novo critério. Qual era esse novo critério? Esse poderia ser um teste útil para garantir que o leitor deste livro esteja acompanhando a narrativa direito.

Obviamente, a empatia. Aquilo que São Paulo chamava de caridade e considerava a maior das três virtudes teológicas.

Caritas, dizia Dick, sempre pedante. Ágape. O respeito à regra de ouro: “Amai ao próximo como a ti mesmo”. A faculdade de colocar-se no lugar do outro, de desejar seu bem, de sofrer com ele e, se fosse o caso, também em seu lugar.

É óbvio também que recorrer a esse critério para distinguir o humano de seu simulacro teria despertado escárnio em Turing, e não sem motivos. Ele teria observado que muitos seres humanos não são nada caridosos e que, na teoria, nada impedia que os comportamentos que a norma humana atribui à caridade fossem integrados ao programa de uma máquina.

Mas depois de traçada uma fronteira, Dick não era homem de se apoiar nela para então extrair gentilezas humanistas ou devotas. Pelo contrário, sua vocação consistia em deslocá-la o tempo todo e, ao longo de sua linha pontilhada em constante movimento, expulsar os coelhos de suas tocas, um exercício que transforma um *thriller* de ficção científica como *Blade Runner – Androides sonham com ovelhas elétricas?* – em um vertiginoso tratado de teologia cibernética, propriamente falando.

Se o simulacro é o contrário do homem, o que seria o contrário da empatia? A crueldade, o orgulho, o desprezo? Estes não passam de efeitos. A raiz de todo o mal, pensava ele, era o confinamento em si próprio, o que, em termos psiquiátricos, diagnostica a esquizofrenia. O primeiro coelho, então, era essa semelhança perturbadora entre a personalidade “androide” e a personalidade “esquizoide”, que Jung descrevia como a economia permanente de sentimentos. Um esquizoide pensa mais do que sente. Ele tem uma compreensão puramente intelectual e abstrata do mundo e de seu próprio discurso, uma redução atomística até chegar a um conjunto de constituintes que jamais compõe uma emoção ou sequer um pensamento que sejam *reais*. Em vez de “preciso de anfetaminas para manter uma conversa”, um esquizoide diz: “Estou recebendo sinais de organismos vizinhos. Mas sou incapaz de produzir meus próprios sinais antes de ter recarregado minhas baterias” (Dick alegava ter ouvido essa frase, mas não exclui a possibilidade de que ele próprio a tenha dito). O esquizoide faz parte daquelas

peessoas que, assim como o herói de *Confessions of a Crap Artist*, sempre mantêm presente na alma o fato de que 90% de sua composição é água ou que aquilo a que chamam de corpo é, na realidade, um módulo de sobrevivência para seus genes. Mais do que sentimentos em relação ao mundo, pensamentos para alcançar esses sentimentos, frases para descrever esses pensamentos e palavras para compor essas frases, o esquizoide combina letras incansavelmente, 26 delas se for um homem, ou dois números, 0 e 1, se for um computador. Ele não acha que pensa, e sim que seus neurônios se ativam; ele não acha que seus neurônios se ativam, mas sim que obedecem às leis da química orgânica, e é indubitavelmente assim que uma inteligência artificial pensa ou acredita pensar. Em todo caso, é o tipo de pensamento que pode ser colocado em seu programa com a etiqueta “consciência reflexiva”. Em suma, um esquizoide tem um pensamento de máquina. E imagino que Dick teria ficado encantado em saber que um dos primeiros cérebros artificiais a passar com sucesso por uma versão não muito exigente do teste de Turing foi um programa do MIT chamado Parry, que simula um paranoico. Não se trata tanto de um feitiço: assim como um psicanalista, ele responde a todas as perguntas com outras perguntas, ou até mesmo as repete; um gozador sugeriu que aproveitassem esse impulso para montar um programa impecável que simulasse um catatônico.

O problema que torna os testes poucos confiáveis e o ofício de *blade runner* angustiante é que, por mais que os esquizoides tentem pensar como máquinas, eles continuam sendo seres humanos. Dick tinha bons motivos para saber disso, considerando que vivia pessoalmente dividido em meio a uma apaixonada aspiração à empatia e às poderosas tendências paranoicas. Esses dois polos de sua consciência representavam o bem e o mal, Jekyll e Hyde, e a experiência tinha permitido que ele verificasse as palavras de São Paulo segundo as quais nós não fazemos o bem, aquilo que gostaríamos de fazer, mas sim o mal, aquilo que nos causa repugnância.

Ele se alegrava por ter encontrado em Nancy uma esposa empática que o conduzia suavemente ao calor, à alegria, ao cuidado com o Outro, e por ter escapado de uma mulher esquizoide, uma máquina de odiar que o tornava também esquizoide e odioso, confinando os dois no pesadelo do cada um por si, da desconfiança, do Mesmo. A honestidade, no entanto, o obrigava a reconhecer que, por um lado, ele não tinha sido uma pobre e irrepreensível vítima de uma louca, mas sim que talvez tivesse sido aquele que despertou a loucura nela e, por outro lado, que Anne tinha sofrido tanto quanto ele, talvez até mais, e em parte por culpa sua. Supondo que ela fosse a louca do casal, a caridade de que ele se servia exigia que ele se colocasse no lugar dela e tentasse resgatá-la, em vez de partir para o massacre e a maledicência. A Igreja não diz diferente: o pecado é a doença do espírito, e é preciso ajudar os doentes. O Cristo veio para redimir, mas, antes de tudo, para curar. E se o esquizofrênico sofre, então é bem possível que o androide também. Em termos turingianos, se seu programa permite simular o sofrimento de maneira convincente, o que nos autoriza a não considerá-lo um sofrimento real, a não compadecer com ele? Eis o segundo coelho.

No romance, a crise se produz quando o *blade runner*, por motivos mais eróticos do que evangélicos ou turingianos, começa a sentir empatia por uma de suas presas, mais precisamente por uma dentre elas.

Essa falha profissional é, ao mesmo tempo, facilitada e agravada por um novo dado: os fabricantes pregaram uma peça particularmente viciosa nos androides mais sofisticados, implantando em seus programas uma memória fictícia que faz com que eles acreditem ser homens. Eles têm lembranças de infância, impressões de *déjà-vu* e emoções como os homens. Nada os distingue do lado de fora, tampouco do lado de dentro. Eles simplesmente não sabem. E quando se tornam suspeitos e são submetidos ao teste, ficam danados como qualquer um de nós ficaria. “Você vai me dizer a verdade, hein? Se eu for um androide, você vai me dizer?”

É curioso encontrar na pluma de um escritor de ficção científica, além de um deplorável estilista, esse tipo de trechos memoráveis que causam não só arrepios, mas também a certeza de tocar em algo essencial, fundador. Entrever um abismo que faz parte de nós e que ainda ninguém tinha sondado. *Blade Runner* comporta um desses instantes: o grito de horror do androide que descobre sua condição. Um horror absoluto, sem remédio nem consolação, a partir do qual tudo se torna monstruosamente possível.

Se é a empatia que define o humano, os androides poderão ser dotados dela. Se for a experiência religiosa, os androides irão acreditar em Deus, sentirão na alma a presença d'Ele e todos seus circuitos impressos irão recitar o terço. Eles terão sentimentos, dúvidas, angústias. Vão escrever livros para dar forma a essas angústias. E, então, quem poderá dizer se é empatia real, piedade real, sentimentos, dúvidas, angústias e inspirações reais ou apenas convincentes simulações? Se o terrível grito do androide que se descobre como tal é uma simples modalidade do programa, uma reação prevista a determinados estímulos verbais e produzida pela ativação diligente de certo número de *bits* – uma descrição que, por mais que seja composta por células orgânicas, e não por componentes de plástico ou metal, se aplica inteiramente ao cérebro humano –, será que isso muda: a) tudo, b) nada, ou c) alguma coisa, mas não se sabe o quê?

Marque a alternativa de sua escolha.

Como bem observa o *blade runner* não sem certo mal-estar, a melhor brincadeira possível para um androide seria fazer dele um *blade runner*.

Ou então, pensava Dick, um autor de ficção científica.

RETRATO DO ARTISTA QUANDO HEREGE

tudo naquela época devia ser novo: as ondas, as fronteiras, os romances; tudo mudava de nome, e os irônicos ranzinzas, de cachimbo dependurado e óculos levantados sobre a testa, se ensoberbavam dos dois lados do Atlântico a debochar dos cabeleireiros que passavam a ser, então, capilicultores. O mesmo empenho levou a ficção científica a trocar sua denominação simplória pela respeitável expressão *speculative fiction*, que não significava lá muita coisa, ou ainda *new thing*, que não significava absolutamente nada mesmo, mas pelo menos se pronunciava de topete erguido.

O mais fervoroso incentivador dessa “nova coisa” nos Estados Unidos foi Harlan Ellison, um ferino ex-fã que, à custa de muito punho, tornou-se um polígrafo virtuoso e mestre de relações públicas. Ellison enxergava grande e, em meio à efervescência dos anos 1960, decidiu colocar em cena de maneira ostensiva a metamorfose que transformou esse gênero considerado cretino e cretinizante, bom só para levar recrutas e empregadinhos frustrados ao devaneio, em um covil de inventores, iconoclastas, vanguardistas extravagantes e por vezes até hiperlúcidos, enfim, no filão de ataque de uma literatura que, por outro lado, era burguesa, amorfa e tão alheia às convulsões de seu tempo e dos tempos vindouros quanto um harmonista clássico o é diante de uma juventude exclusivamente apaixonada pela música pop. No espírito de Ellison, as *Visões perigosas*, sua antologia-manifesto, iam revolucionar o mundo americano das letras. Vedetes do *establishment*, como Gore Vidal e Thomas Pynchon, para ficar só entre os candidatos mais viáveis, logo viriam mendigar o favor de serem cooptados para ficar do lado de Norman Spinrad ou Samuel Delany. Esse sonho revolucionário não se realizou, mas iluminou a vida de seus hilotas durante alguns anos em que tudo parecia possível, a ponto de encher de sentido a ideia ingênua que pregava que as narrativas situadas no futuro constituíam obrigatoriamente a literatura do futuro. Acreditando terem conquistado seus lugares no Panteão, os 32 autores convidados por Ellison para tamanho regozijo escreviam seus contos como quem posa para a posteridade. O mestre de obras escrevia em louvor de cada um deles um texto introdutório caprichoso, efusivo e oscilante, com um tom que ficava entre Johnny Carson e Jacques de Voragine. E como se isso não bastasse, foi pedido ainda que cada um deles acrescentasse um prefácio à sua colaboração para dizer o que lhes desse na telha, agradecer seus veteranos a gosto, bancar o modesto ou o glorioso, apresentar seu melhor perfil.

Nenhum escritor resiste a esse tipo de tentação, e aqueles que o fazem contam com a eloquência mais elevada do silêncio. Contatado em fins de 1965 por um entusiasta de Ellison, Dick ficou encantado ao saber que, se havia uma presença obrigatória no comando dos temíveis visionários, era a sua, e assumiu um prazer notável ao traçar seu autorretrato.

Ao lê-lo, descobria-se um cordial recluso rodeado de gente, que adorava rapé e alucinógenos, Heinrich Schütz e Grateful Dead, cativava hippies incultos ao falar-lhes de João Escoto Erígena e comia com os olhos todas as meninas que lhe cruzavam o caminho, sob o olhar indulgente de sua bastante jovem, tímida e graciosa esposa. O homem desafortunado e atormentado, que perdera a razão quando sujeitado ao domínio de Anne e de Palmer Eldritch, parecia ter se tornado uma espécie de afável guru com a proximidade dos quarenta anos, entregue às drogas psicodélicas para verificar em primeira mão suas hipóteses teológicas e também as de seus gloriosos antecessores, os quais ele agora citava com todas as forças, transformando o mais modesto romance de ficção científica num *patchwork* de epígrafes dignas de Boécio, do Mestre Eckhart ou de São Boaventura. Mesmo que nunca mais tivesse experimentado ácido novamente depois de sua única e terrível experiência, ele pagava de veterano da droga e defendia como Timothy Leary que “levar uma vida religiosa no século 20 sem LSD é como estudar astronomia a olho nu”. Ele adorava contar a história de que, um dia, Leary tinha lhe feito um telefonema direto do quarto de hotel de John Lennon no Canadá, onde os Beatles estavam em turnê. Sim, ele repetia com solenidade, gozando do frisson meio incrédulo e meio devoto que a figura suscitava: do quarto do John Lennon! Os dois homens, completamente transtornados, tinham acabado de ler *Os três estigmas de Palmer Eldritch* e não estavam se aguentando de empolgação. Era isso!, exatamente isso!, soluçava Lennon esticado no tapete. Ele já falava em fazer um filme a respeito, o filme psicodélico, que seria a contrapartida do disco que estava preparando: *Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band*. Pego desprevenido, Dick não teve tempo de pensar num

teste que permitisse estabelecer que Lennon e Leary eram de fato Lennon e Leary, e não dois piadistas se fazendo passar por essas divindades do Olimpo. Mas, quando o disco saiu no ano seguinte, ele reconheceu o título e também o nome de uma canção de exaltação do ácido de que Lennon tinha lhe falado: “Lucy in the Sky with Diamonds”. Desse episódio, saiu com uma tendência crescente ao *name dropping* e com a ideia de que ele exercia uma forma de influência particular: subterrânea, quase oculta. De fato, em alguns meios, o adjetivo *dickiano* começava a designar situações bizarras, uma maneira retorcida mas precisa de ver o mundo e de servir como uma espécie de senha de acesso. Jovens que não eram exatamente fãs de ficção científica, mas sim críticos de rock, como Paul Williams, ou ainda quadrinistas, como Robert Crumb e Art Spiegelman, falavam dele em suas revistas mal impressas como se fosse um daqueles gênios escondidos da época.

Esse papel lhe era conveniente. Mantendo distância daquilo que tanto o amedrontara, ele transformava uma perigosa obsessão em marca registrada e lenda mundana. Como se dizia na época, seu negócio era Deus. Não era o caso de rivalizar com ele nesse domínio nem de censurá-lo por se aventurar nisso, porque, de acordo com a crença do momento, era o equivalente a ser um dinamiteiro subversivo, que não respeitava as tradições obrigatoriamente esclerosadas. Ele não gostava de se lembrar das semanas ao longo das quais escrevera *Palmer Eldritch* nem do terror abjeto que sentiu quando o ácido o lançou de volta naquele mundo; mas se envaidecia quando falavam do livro como se fosse uma “missa negra” e davam-lhe um disco da sonata congelante de Scriabin de mesmo título, repetindo que, alguns séculos antes, ele teria sido queimado pela Inquisição umas dez vezes. Ao descobrir Borges, que acabara de atingir glória planetária ao ser promovido junto com Tolkien e M. C. Escher, ele admirava o diletantismo fanfarrão e lisonjeiro que fazia com que o argentino falasse de teologia como se fosse uma ramificação da literatura fantástica, um divertimento intelectual sedutor e inconsequente. Ele imitava seus paradoxos (gostava de dizer: “A América mantém duas

superstições: que Deus não existe e que há diferenças entre as marcas de cigarros”) com um pedantismo lúdico, chegando até a querer imitar seus modos ao se lançar junto com Roger Zelazny, outro “intelectual” da ficção científica, numa laboriosa fantasia religiosa que levou dez anos para ser terminada até que percebessem que não tinha pé nem cabeça.

No entanto, ele não era tão desapegado assim quanto gostaria de parecer. Dentro de si, o herege literato convivia com um pároco escrupuloso que vivia maldizendo o Inferno, do qual tivera uma prévia com o ácido. Se, perto dele, alguém comparasse o Apocalipse bíblico a uma alegoria que não devia ser levada mais ao pé da letra do que o Gênesis, por exemplo, ele balançava a cabeça desolado, feito um homem condenado ao infortúnio do saber, ciente inclusive de que seus iguais se embalavam com contos da carochinha. Ele queria amar a Deus, mas temia muito mais ao diabo. As pessoas o absolviam de bom grado dessa religiosidade gótica quando lhe ocorria a fantasia de manifestá-la; passava por uma provocação divertida, um desvio suplementar. O desvio começava cedo nesse meio coalhado de agnósticos vagamente inclinados ao budismo; nenhuma necessidade de se assumir como pelagiano ou albigense – católico bastava. Nancy demorou um tempo para entender que ele não estava brincando quando se lamentava por estar vivendo com ela em situação de pecado, pois, como seu casamento com Anne não tinha sido anulado, não podia praticar a Sagrada Comunhão. Mais do que o divórcio, parecia que essa exclusão da eucaristia o estava punindo pelo sacrilégio que ele atribuía a si próprio por ter zombado desse sacramento em sua “missa negra”, o que acabava por privá-lo da única proteção eficaz nessa guerra em que se envolvera. A nostalgia da vida sacramental fez com que ele inventasse diversos substitutos para ela, dos quais o mais curioso – e também o único não ligado às drogas – era a “caixa de empatia” de Wilbur Mercer, em torno da qual gira a intriga secundária de *Blade Runner* (pode-se dizer o que for de Dick, menos que ele era muquirana).

Essa caixa de empatia, instrumento de um culto clandestino na sociedade policial onde se pratica também a caça de andróides, tem a aparência de um pequeno televisor com punhos. Aquele que puxa os punhos e se inclina sobre a caixa logo assiste a uma cena cuja repetição consiste no núcleo do culto: um homem velho, do qual a única coisa que se sabe é que se chama Mercer, escala com dificuldade o declive de uma montanha e, ao longo dessa subida, é apedrejado. Mas um adepto do “mercerismo” não se contenta em apenas assistir, ele tem que participar. São os seus pés que se embaralham sobre o chão acidentado, a sua carne que é atingida pelas pedras, a sua alma que está triste a ponto de morrer e, no entanto, também está inexplicavelmente feliz. Ele se funde em Mercer e também em todos aqueles que puxaram os punhos de sua caixa de empatia simultaneamente na Terra e nos planetas colonizados. Ele sente os outros ao redor de si, igualmente sofredores e exultantes. Ele os incorpora. A fusão com Mercer, percurso da cruz e comunhão com os santos, é o exato oposto da tradução sob o controle de Palmer Eldritch: ela não isola, mas une; não traz perdas, mas salvação. E sempre se renova. Ao chegar ao topo da montanha, Mercer cai e agoniza. Levado ao sepulcro, ele torna a se levantar. “Sempre, e nós junto com ele”, diz o herói maravilhado. “É isso que faz com que nós também sejamos eternos.”

Tudo isso desagradava sobremaneira o poder temporário, que considera o culto ilegal, persegue seus adeptos e conduz uma vigorosa campanha ideológica contra sua fé. Colocando uma caixa contra a outra, logicamente o instrumento dessa campanha era a televisão, cujo apresentador queridinho, Buster Gente Fina, ridiculariza noite após noite essa pulsão masoquista que leva os mercerianos a fugir da realidade para sofrer em conjunto. Se fosse para viver um momento agradável, vá lá, mas levar pedradas e partilhar das tristezas de milhares de desconhecidos ultrapassava seu entendimento, ainda mais considerando que era tão simples ajustar mecanicamente seu humor para ter uma alegria permanente ou até mesmo uma boa e velha depressão laica.

Por volta do fim do romance, Buster Gente Fina chuta o pau da barraca ao revelar, com provas à mão, que o mercerismo é um embuste, o ópio do povo forjado pelo governo que, maquiavélico, organizou sua proibição somente para impulsionar ainda mais o consumo. A cena da montanha é gravada em estúdio e transmitida por um canal diferente do programa televisivo, mas tem a mesma natureza. O próprio Mercer, cujos sectários se perguntavam no começo se era de fato um homem ou uma entidade arquetípica qualquer introduzida na cultura terráquea por uma insondável vontade cósmica, não passa de um ator alcoólatra de quinta categoria, sobrevivente de séries de televisão moribundas e que, para fazer o papel de sua vida, molestado por pedras de borracha e sangrando ketchup, só sofreu mesmo, durante as filmagens, o desmame de uísque.

Com esses pesados gracejos de Buster Gente Fina, toda a esperança religiosa do homem parece estar arruinada. Entretanto, não é bem assim. Numa cena realmente magnífica em que Dick transpõe o encontro de Emaús, Mercer aparece para um de seus discípulos, um *blade runner* prostrado diante da caixa de empatia que agora preenche o chuveiro da televisão quando os programas se encerram, explicando-lhe tranquilamente que tudo o que Buster Gente Fina dissera era verdade, tudo mesmo, incluindo o detalhe do uísque, que foi uma abstinência muito desagradável para o velho ator alcoólatra, mas que isso não mudava nada. Absolutamente nada. “Porque você está aqui e eu estou aqui.”

Por causa desse ato de fé obviamente rebelde, Dick tomou partido num debate que agitava as opiniões, pelo menos as da parcela preocupada com questões religiosas. A descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, em 1947, causou estardalhaço e popularizou a ideia de que, se uma parte considerável dos ensinamentos atribuídos a Jesus pelos Evangelhos sinóticos podia ser encontrada em documentos anteriores a seu nascimento, então esses ensinamentos talvez não fossem tão originais quanto se

acreditava, e aquele que os proferia não passava de um pregador, igual aos que pululavam na Palestina naquela época: em suma, e, se acreditarmos naquilo que bilhões de pessoas acreditam e acreditaram a seu respeito, ele era um impostor. Os descrentes levados a essa polêmica estimavam ter nela encontrado um argumento de peso contra o cristianismo. Homens da Igreja se emocionaram. Alguns chegaram até a ver a própria fé vacilar diante de tais revelações, e entre eles estava o bispo episcopal da diocese da Califórnia, James A. Pike.

O monsenhor Pike era, então, uma importante figura pública, modelo do prelado modernista. Ex-advogado e orador notável, ele tinha militado pelos direitos cívicos, participado das marchas de Selma ao lado de Martin Luther King e fora amigo do clã Kennedy. A ele se devem a introdução do rock nas celebrações de culto e a conclusão da catedral de São Francisco, cujos vitrais representam, logo ao lado de alguns santos alegremente estilizados, as figuras de Albert Einstein, Thurgood Marshall e John Glenn, sem pecar no realismo. Sua foto estava nas manchetes da *Time* e da *Newsweek*. Ele apresentava o seu *Dean Pike Show* na televisão a um público cativo. Auge da elegância eclesiástica, ele tinha acabado de ser julgado num processo por heresia, tudo por causa de suas posições ousadas – e proclamadas sem economizar na ousadia – sobre a existência do Espírito Santo, que ele acreditava ter saído de circulação desde os tempos apostólicos.

No outono de 1965, Maren Hackett entrou em contato com ele em nome de um grupo feminista da baía e tornou-se sua amante. Pouco tempo depois, Nancy e seu marido foram convidados a um jantar no apartamento que abrigava essa relação clandestina, pois o bispo, por mais que estivesse separado de sua mulher, ainda estava casado. Dick ficou apreensivo com esse encontro em território estrangeiro com um personagem cuja celebridade o intimidava. Acabou a noite rolando de rir no tapete e falando pelos cotovelos, encantado com as boas vibrações que emanavam do amante episcopal de sua sogra. Quando se reúnem duas pessoas que têm a religião como ideia fixa, todo mundo sabe o que acontece:

discursos intermináveis sobre os Padres do Deserto e a Batalha do Armagedom. Entre Jim e Phil – pois foi assim que eles passaram a se tratar desde a primeira vez – teve início uma discussão de três anos. Ambos intelectuais doentes, eles amavam as controvérsias e as citações. Ambos, feito realistas medievais, acreditavam que as palavras eram as coisas e que todas as ideias às quais era possível dar forma real tinham necessariamente um correspondente real. Ambos, infinitamente respeitosos da palavra impressa e insensíveis ao fato de que os livros se contradizem, acrescentavam fé a tudo o que liam e tinham o dom de convencer os outros disso. Leitores vorazes, eles mudavam de ideia com frequência, algo que por vezes incomodava aos demais, mas não a eles.

Em suas disputas, Jim tomava para si a autoridade de um homem habituado ao púlpito e ao debate público, com um arsenal teológico mais completo e bem organizado. Mas Phil era um Rato, o mais extravagante entre os ratos da igreja: Jim não escapava das armadilhas que lhe eram preparadas por esse escritor obscuro, trajado como um maltrapilho e capaz de assumir a dianteira de um concílio. Amigos da contradição, eles não suportavam quando eventualmente caíam em concordância e se incentivavam mutuamente à heresia. No caso do bispo, essa compulsão trazia ainda mais consequências, posto que ele era mais inflamado, mas também mais sutil.

Apaixonado pela ebulição escatológica do Oriente Médio no início de nossa era, ele deu cursos a Dick sobre a Gnose, afirmando que foi por muito pouco que não viramos todos gnósticos em vez de cristãos e que talvez, do ponto de vista da verdade, tivéssemos saído perdendo nessa troca. Ele expunha com fervor essas doutrinas atormentadas e extremistas, tão bem reduzidas ao silêncio pela ortodoxia cristã que muitas delas só são conhecidas através dos comentários maliciosos de São Jerônimo. O cristianismo já é uma dissidência, mas os gnósticos são os dissidentes dessa dissidência: magníficos perdedores e absolutos transgressores do mal que sempre irão fascinar os franco atiradores da religião. Dick só podia adorar esses mestres espirituais como Valentim e Basílides, para os quais todos os ensinamentos se baseiam na

intuição de que alguma coisa vai mal no mundo como está. É, ao mesmo tempo, uma prisão e uma ilusão, dizem eles, um erro e uma enganação orquestrada por um demiurgo cruel. Contudo, para aqueles que tomam consciência disso e empreendem o grande esforço de se manter despertos, é possível recuperar até a luz do verdadeiro Deus, à sombra de quem o demiurgo nos faz de reféns. De tanto ouvir e ler essas coisas, Dick entendeu que praticara a Gnose por toda a sua vida sem saber. Ele aderiu a essa constatação com todas as suas fibras de habitante do mundo-tumba, mas também queria acreditar num remédio. Ora, esse remédio, esse caminho rumo à verdade e à vida, não era o Cristo?

Nesse ponto da discussão, o bispo assumia um ar incomodado de quem hesita em desenganar uma criança que acredita no Papai Noel. Acompanhado de Maren, ele ia a Londres a cada dois ou três meses para encontrar John Allegro, um exegeta que representava a Grã-Bretanha na equipe internacional encarregada de estudar e publicar os Manuscritos do Mar Morto. Ele voltava de cada uma dessas viagens ao mesmo tempo destruído e hiperexcitado, portando verdades escandalosas. De acordo com as últimas novidades, que ele comunicava com temor e deleite ao mesmo tempo, parecia mesmo que os Evangelhos eram um embuste, e, Jesus, o epígono da seita dos essênios em torno do qual um bando de judeus malandros havia construído uma fraude colossal.

Diante dessas revelações – “científicas”, insistia o bispo, o dedo indicador erguido –, Dick se viu no papel de defensor dos dogmas, algo que não desagradava nem seu espírito de contradição, nem seus votos mais profundos. Às investidas de seu amigo, ele respondia igual a Mercer: “Tudo bem, mas, mesmo que seja verdade, isso não muda nada. Você me leva a pensar naquele universitário segundo o qual *Hamlet* não foi escrito por Shakespeare, mas sim por um sujeito que tinha o mesmo nome. Se você acredita que o Cristo era o filho de Deus, que Ele ressuscitou e matou a morte, sempre podemos lhe provar por $a + b$ que Ele não passava de um personagem de segundo plano ou até mesmo que Ele nem existiu – isso não muda absolutamente nada. Você tem

toda a razão em buscar a verdade, mas deveria saber que a verdade é Ele. Caso contrário, todas as suas resoluções significam apenas que você não acredita n'Ele, ou seja, que você é ignorante”.

O bispo devia então confessar que não tinha mais tanta certeza assim de acreditar na religião à qual servia. E que isso o deixava inquieto.

O auge desse período foi o dia do cogumelo. Pike voltou de Londres com uma informação *top secret* que os dominicanos da Escola Bíblica de Jerusalém esperavam, dizia ele, esconder para sempre debaixo do tapete e que até mesmo o audacioso Allegro temia divulgar. Os membros da seita que Jesus, ou seus inventores, tinha apenas difundido o ensinamento, cultivavam em suas cavernas acima do Mar Morto um cogumelo com o qual faziam uma espécie de pão e um caldo. Eles comiam esse pão e tomavam esse caldo, uma tradição fácil de associar à origem do corpo e sangue da comunhão. Ora, acabavam de descobrir que aquele cogumelo era um alucinógeno: o *Anamita muscaria*, objeto de um ritual de fertilidade que remontava à Antiguidade longínqua e que ainda era usado entre tribos siberianas, cuja população, aliás, ele ajudara a dizimar. Assim, o cristianismo não passava de uma manifestação meio tardia desse ritual, e o Novo Testamento, com o qual ele se travestia para satisfazer as autoridades civis e religiosas, era apenas um criptograma criptogâmico.

– E eu ainda tenho que distribuir a comunhão todos os domingos – lamentava-se o bispo – sabendo que a religião dessa gente era mandar para dentro essas viagens psicodélicas...

– E que Jesus – interrompia Dick antes de explodir num riso tonitruante – era um traficante de drogas.

Depois, mais calmo, ele completava:

– Observe que era algo de que eu suspeitava há muito tempo e que cheguei até a escrever mais ou menos. E que não diminui em nada minha fé n'Ele.

No mês de fevereiro de 1966, o filho de Pike se suicidou com uma espingarda de caça, aos vinte anos de idade. Diversas hipóteses foram formuladas para explicar seu gesto: ele se sentia massacrado pelo pai, era apaixonado pela amante deste, havia percebido suas próprias inclinações homossexuais, sucumbiu a uma *bad trip* de ácido.

Dick então escreveu a Pike uma carta em que consta a seguinte passagem: “Acredito que, no instante após a morte, a Realidade nos será enfim apresentada. As cartas finalmente serão devolvidas e a partida chegará a termo, e só então veremos aquilo de que apenas suspeitávamos, entrevisto no espelho, de forma obscura. É isso o que diz São Paulo. É isso o que diz o *Bardo Thodol*. É isso o que diz o *Ursinho Pooh*: tornaremos todos a nos encontrar num outro canto da floresta, onde sempre haverá um menino brincando com seu urso. Eu acredito nisso. Na verdade, acredito somente nisso. E mesmo que eu esteja errado e Lucrécio esteja certo (‘Não sentiremos mais nada porque não deixaremos de ser’), tanto faz, não estarei mais aqui para me decepcionar e terei ganhado do mesmo jeito. No entanto, não se trata de uma aposta: eu não tenho escolha, e você também não”.

Mas o bispo não podia esperar pelo instante após a morte para descobrir o que escondiam as cartas, tampouco continuava confiando em São Paulo e no Ursinho Pooh: ele precisava de informações em primeira mão. Dispostos a tudo para escapar da culpa que os consumia, Maren e ele se envolveram com os espíritos e, no verão que se seguiu à morte de Jim Jr., começaram a contar, com brilho nos olhos, que ele havia voltado. Ele falava com eles, os tinha perdoado, queria que fossem felizes. Pike, a quem nada acontecia se não fosse saído de um livro ou se não resultasse em um, assinou um contrato para escrever uma obra sobre suas experiências com o além. Ele continuava se interrogando sobre a validade do cristianismo: “validade” era a palavra que ele usava, e Dick a considerava absurdamente fraca, entregue ao vento, vinculada ao combate que se desenrolava no coração de seu amigo.

O bispo contava com Jim Jr. para pôr um ponto final a suas dúvidas. Passando ao outro lado, ele poderia lhe dizer se Jesus não passava de um pregador que transmitia as ideias de uma seita de drogados ou se era de fato o filho de Deus. “Que loucura!”, pensava Dick de início. “Que loucura patética: utilizar um filho morto como um livro de referência para acertar uma questão histórica!” Mas no fundo ele sabia que, em situação parecida, não teria feito diferente, que ele tinha buscado o livro de referência sua vida inteira e que não tinha nada a ver com uma questão histórica: era a fé ou a perda dela, ou seja, a vida ou a morte do bispo. Para ele, perder o Cristo significava perder tudo, por mais que abordasse o assunto com a seriedade plácida de um homem de negócios buscando uma reconversão, como quem larga o sacerdócio para entrar “no setor privado” – ele chamava assim, de “setor privado”.

Pike convenceu Dick e Nancy a participar de uma sessão com uma médium que tinham lhe recomendado. Dick aceitou, mas reticente: era penoso para ele ver uma alma tão brilhante e tão próxima da sua se perdendo sob o império do medo por causa de uma crença que ele considerava absurda. “A falsa moeda se sobrepõe à verdadeira: o bispo”, pensava ele, “acredita nas manifestações póstumas de seu filho com tanta firmeza quanto os discípulos ou até eu mesmo acreditamos na ressurreição de Cristo. Quem sou eu para julgar sua crença de infundada e dar de ombros quando fazem o mesmo julgamento em relação à minha fé?”

A médium morava em Santa Bárbara. Era uma velha senhora irlandesa, que dizia mandar para o IRA tudo o que ganhava com os seus dons espirituais. Durante a sessão, Phil e Nancy tomaram notas que serviriam ao livro do bispo.

É certo que médiuns, videntes e parapsicólogos em geral se apoiam numa mistura de instituições, indícios fornecidos inconscientemente pelos próprios clientes e elementos de notoriedade pública que, quando apresentados de modo hábil, podem desencadear o efeito de revelações, enfim, de blefe: se erra o alvo, é só se desviar da investida; se acerta em cheio, é a vitória. No entanto, qualquer um que tenha consultado uma pessoa do tipo ou não teve um pinga sequer de sorte, ou sabe que, depois de

separar o joio do trigo, subsiste um resíduo nada explicável: certo detalhe preciso, não necessariamente significativo, mas do qual não se percebe de fato como, por que tipo de dedução sherlockiana, um parapsicólogo teria tomado conhecimento daquilo. É assim, é perturbador, e sem dúvidas não é suficiente para apoiar a vida toda ou mesmo fincar-se com um prego a alguma forma qualquer de ocultismo. Naquele dia, a sombra de Jim Pike Jr., tendo como porta-voz a velha patrona do IRA, fez alusão a uma brincadeira ritual mas estritamente privada que Phil e Nancy faziam sobre o chefe de determinado restaurante de Berkeley, que eles desconfiavam fazer parte do KGB. Por várias semanas seguidas, Phil tentou explicar racionalmente que uma médium de Santa Bárbara tenha tomado conhecimento das piadas internas de um casal de Berkeley, imaginado que o chefe do restaurante pertencia *de fato* ao KGB, assim como a médium, e depois esqueceu o caso. De resto, esse detalhe passou despercebido por Pike e Maren, ambos emocionados por ouvirem a alma de Jim Jr. repetindo a eles que os perdoava e incentivando-os a levar uma vida alegre. Quanto à “validade” do cristianismo, bom, a alma manteve silêncio.

Algumas semanas depois, apesar do perdão de Jim Jr., Maren Hackett, que sofria de um câncer e a quem o bispo se preparava para deixar, também se suicidou. Para tanto, valeu-se de um irrefreável coquetel de comprimidos, os quais ela, assim como Dick e também Pike, conhecia como uma usuária contumaz. Seconal, Amytal, Dexamyl, quantas vezes Phil não tinha se servido discretamente do armarinho de remédios de sua sogra e do bispo?

O trágico destino de Maren o afetou tanto mais devido ao fato de que ela, quando eles começaram a se relacionar, lhe parecia como uma rocha, a imagem da força e da esperança concedidas pela prática das virtudes cristãs. Quando a morte foi anunciada, ele suspeitava que a engrenagem havia girado, pondo fim ao ciclo favorável, ao curto período em que ele e seus semelhantes tinham sido felizes. Um véu negro estendeu-se por sobre a imprudência

apaixonada dos anos 1960 que ele tanto amara. Desde que o LSD tinha sido proibido, circulavam cada vez mais histórias de *bad trips*, como se Palmer Eldritch, tirando proveito da ilegalidade, tivesse assumido seu posto no cruzamento de Haight-Ashbury, berço da inocente civilização hippie. Os indígenas faziam procissões nas ruas e no Golden Gate Park, tocando seus tamborins e entoando o “ohm” primordial na esperança de afastar as más vibrações. Em vão. Agora tinha mortos na história. Diziam que a Máfia tinha tomado o controle do mercado de tóxicos e negociava sem escrúpulos toda sorte de porqueira. As pessoas agiam como se não percebessem nada, mas ele sim sabia muito bem que o verme estava na fruta.

Entretanto, seu universo nunca parecera tão estável. Aparentemente a quarentena havia lhe dado peso, sabedoria e prudência, afastando as tormentas. A mulher que ele amava carregava na barriga uma criança dele. Eles tinham se mudado para uma casa maior. Ele estava começando a ficar conhecido, era traduzido cada vez mais no exterior. Com seus direitos autorais, encomendou uma loucura, ao mesmo tempo um sonho de criança e de homem estabelecido: um enorme arquivo metálico, blindado e à prova de fogo, para acomodar os tesouros que ele arrastava consigo desde que deixara Dorothy – manuscritos, cartas, discos raros, coleções de selos, de publicações e de revistas de ficção científica há muito tempo impossíveis de serem encontradas.

O dia em que fizeram a entrega desse monstro, que pesava 350 quilos sem as gavetas e ocuparia uma parede de seu escritório, uma lufada de angústia ofuscou sua alegria: uma vez comprado um troço daqueles, acabou, não dá mais para se mexer, a âncora está lançada. Depois se lembrou do dragão Fafner da ópera de Wagner, que estava condenado à morte, e seu tesouro, à dispersão. Então, um motivo contrário veio alimentar sua angústia: não mais o medo da saciedade, mas sim da perda. Tentando ajudar os entregadores, ele acabou ficando com uma hérnia, algo que interpretava como

sinal de desaprovação divina. Não esconda o seu tesouro. Tudo o que você acredita possuir lhe será tirado.

Ming I, disse o *I Ching*: o obscurecimento da luz.

Foi nesse momento que ele recebeu a antologia de Ellison, enfim publicada. Não se falava em outra coisa no mundinho da ficção científica. A introdução, que o apresentava como um drogado genial e atribuía suas obras-primas ao ácido, lhe arrancaram um sorriso: Ellison sempre exagerava, mas era preciso confessar que ele bem tinha insistido nesse tipo de coisa. Depois, movido por um reflexo do qual nenhum homem de letras consegue escapar, ele releu seu próprio conto, “A fé de nossos pais”.

A história se passa num desses mundos totalitários cujo acabamento, inspirado em Orwell, em Hannah Arendt e na realidade, era uma de suas especialidades. Um mundo onde a televisão não serve tanto para ser assistida pelos cidadãos, mas para assistir a eles: uma câmera posicionada atrás de cada tela, verdadeiro deleite para os medidores de audiência de hoje, permite controlar a assiduidade dos espectadores e sua sensibilidade à doutrinação fornecida pelo Líder, cujo rosto venerável é mostrado cotidianamente. Até que um dia um fulano, depois de consumir uma substância ilegal, vê algo além desse rosto: uma coisa horrível, um pesadelo de vários braços, um avatar de Palmer Eldritch. Uma alucinação, ele diz para si mesmo, e, claro, começa a se questionar se essa alucinação não é na verdade uma visão da Realidade derradeira. A continuação da narrativa confirma: em contato com uma rede de resistência, o herói aprende que a droga responsável por sua visão não é um alucinógeno, mas, pelo contrário, um antialucinógeno. O alucinógeno é tomado por toda a população permanentemente, sem saber, misturado à água da torneira, e é sob efeito dele que devem reconhecer o Líder todas as noites com os mesmos traços harmoniosos. Somente aqueles que tomam a contradroga, um “lucidógeno”, por assim dizer, o veem como ele é de fato, ou seja, diferente a cada vez, sempre monstruoso de

maneira distinta. Pois na realidade o Líder é Deus, um deus inconsequente e cruel que o herói acabará por ver pessoalmente, e nada pode ser mais horrível e perigoso do que essa visão, com a qual o texto se encerra de maneira atroz e evasiva.

Era um conto terrível. Ao escrevê-lo, ele tinha ficado bastante orgulhoso. Ao relê-lo depois de um ano, passadas as mortes de Jim Pike Jr. e de Maren Hackett, sua impressão foi outra. Ele continuava sendo terrível, mas de outra forma. Pior.

Todos os seus truques se propagavam, inclusive aquele fundo de comércio que havia exibido com uma satisfação ingênua ao escrever seu autorretrato, como se fosse explorá-lo de maneira abençoada por toda a vida: o totalitarismo, o *ídios* e o *koinos kosmos*, as drogas psicodélicas, a Realidade derradeira, Deus. O mundinho de Philip K. Dick.

Faltavam só os andróides, os simulacros. Por um bom motivo: o conto inteiro era um simulacro. Se um hábil falsário quisesse escrever “à la Dick”, se um especialista em informática quisesse bolar um programa capaz de escrever como ele, o resultado se pareceria com aquilo.

Apesar disso, era ele quem tinha escrito. E era ele mesmo, não necessariamente valente, mas real, autêntico: Phil Dick e não um andróide em seu lugar sem que ninguém soubesse. Disso ele tinha certeza.

Sim, mas, se ele fosse um andróide, também teria a mesma certeza. Teria exatamente esse mesmo raciocínio. Era mesmo um raciocínio de andróide, para dizer a verdade. E, ao se dar conta disso, ele teria medo, porque estava programado para tanto.

Isso não provava nada, nem em um sentido nem no outro, mas ele também estava com medo.

ONDE VIVEM OS MORTOS

Na primavera de 1967, Nancy deu à luz uma menina, a quem, num impulso wagneriano, deram o nome de Isolde Freya, mas chamavam só de Isa mesmo. Esse nascimento só fez agravar as tensões provocadas entre Dick e sua mulher por causa das veleidades de independência dela. Desde que ela ficasse em casa, lesse os livros que ele escolhia, ouvisse a música que saía do escritório dele e esperasse pacientemente que ele saísse de sua torre, ele ficava maravilhado com o quanto tinham gostos parecidos e considerava Nancy a pessoa mais empática do mundo. Mas a partir do dia em que ela encontrou um emprego de meio período, não ficava mais o dia inteiro em casa tomando conta dele e se surpreendia que ele ficasse surpreso com isso, e depois se indignava que ele se indignasse com isso, Dick começou a se perguntar se também ela não seria um pouco esquizofrênica. A presença da bebê deveria colocar em ordem essa situação que o humilhava, por sugerir que ele não dava conta de ganhar sozinho o dinheiro de que precisavam para a casa nem de substituir o mundo inteiro para uma jovem mulher, mas ele acabou se revelando ainda mais ciumento em relação à sua filha do que aparentava: temia ao mesmo tempo ter sido suplantado por Isa no coração de Nancy e por Nancy, no de Isa. Habitado a tratar sua mulher como uma garota, ele ralhava com ela do alto de uma experiência que consistia sobretudo em ter uma irmã novíssima morta de fome, drama que não passava um dia sequer sem ser evocado por ele. Nancy alimentava a criança só no peito; por um lado, ele aprovava o gesto, coisa que sua própria mãe não fizera; por outro, achava-se excluído, sem poder rivalizar com ela nesse território, chegando até a considerar cada amamentada como uma provocação. Ele ficava se sentindo além da conta. Com o intuito de restaurar esse equilíbrio, munuiu-se de mamadeiras que obrigava Isa a tomar, segurando-a no colo e repetindo que era o seu pai, que a amava e que jamais a abandonaria. Com a dieta dupla e essas irrequietas palavras de reconforto, a criança reagiu com uma greve de fome que, obviamente, enlouqueceu seus pais. “Muita tensão em volta dela”, declarou o médico, sem desconfiar que esse diagnóstico de bom senso colocava o pai em tormentas que se alternavam entre culpa e ressentimento. “Eu sou paranoico”, ele se lamentava, e dez minutos depois pensava: “Mais uma vez, me casei com uma louca”.

Esperando se acalmar, ele revirava o armário de remédios e tomava comprimidos. Recorria a eles também para levantar seu

brio, recuperar o moral, confrontar os outros; para trabalhar e para descansar, para dormir e para acordar. Chamavam-no de drogado, e com razão, mas, ao teorizar sobre suas virtudes, ele temia o ácido como se fosse o diabo, e só fumava baseado por convenção social: sua preferência o conduzia exclusivamente aos medicamentos. Adorava a precisão deles, a relativa constância dos efeitos e as possibilidades de combinação que ofereciam a um bom conhecedor. Em *Blade Runner*, mais uma vez, ele tinha equipado os futuros lares americanos com computadores que, ligados aos neurônios dos usuários, permitiam escolher o humor a partir de um catálogo notavelmente variado. O sintetizador de ânimo era regulado de modo a fazer qualquer um despertar no estado de alegria dos heróis de propagandas de colchões ou de bebidas para o café da manhã. Em caso de disputas conjugais, hesitava-se entre um depressor talâmico que acalmava a cólera e um estimulante que a exacerbava o bastante para sair da rusga como vencedor. Na dúvida, era só recorrer ao programa “Espírito de decisão”, que solucionava o caso. Alguns consumidores sofisticados providenciavam programas piratas que comportavam módulos de “Depressão autoacusatória estéril”, o qual corrigiam em seguida com “Descoberta das possibilidades múltiplas que o futuro guarda e retomada da confiança na vida”.

Era assim que Dick usava seus comprimidos. Um punhado de anfetaminas fazia dele um anfitrião deslumbrante por uma noite, e com uma caixa das grandes, como a que surrupiara do banheiro do bispo certa vez, ele podia escrever um livro em duas semanas, sem dormir. Ele sabia que esses picos lhe custavam longos períodos de depressão, às vezes até sintomas absolutamente psicóticos: percepções confusas, perdas de memória, terror, impulsos suicidas, mas, com um bom leque de sedativos e calmantes, acabava emergindo de volta – pelo menos a princípio. Ele sabia que Palmer Eldritch, bem escondido, esperava por ele no fundo desses estados de espírito, mas era a regra do jogo, o contrato indiscutível. Ele sabia ou pelo menos suspeitava que nunca sabemos de tudo, que esse tipo de contrato comporta obrigatoriamente cláusulas em letras

miúdas que um dia precisariam ser lidas, mas era tarde demais para voltar atrás, ele havia transformado seu organismo numa coqueteleira para drinques químicos, e o problema se resumia a encontrar como preenchê-la para encarar a vida, da qual todas as circunstâncias, por mais benignas que fossem, clamavam por um adjuvante, além dos diversos outros recursos de que se valia para lidar com os eventuais efeitos secundários.

Ele abastecia seu estoque com uma meia dúzia de médicos, para quem, sabendo exatamente o que queria, recitava com convicção os sintomas que resultariam nesta ou naquela receita. Também variava as farmácias. Na verdade, mandava Nancy fazer essa parte, e ela, sempre entre dois baseados, traçava círculos cada vez mais longos ao redor da casa deles. Mas isso não bastava: ele precisava comprar na rua, de traficantes conscientes de que, assim como os viciados em heroína, os viciados em anfetaminas são os drogados de maior dependência, e também os mais vulneráveis – é fácil fazê-los trocar gato por lebre, ou até mesmo por um coelho da páscoa. A incerteza sobre a qualidade dos produtos comprometia a maestria que ele se gabava de exercer ao misturá-los. Era a isso que atribuía a petrificação de sua escrita que tanto o impressionara ao reler “A fé de nossos pais” e o fazia olhar com desconfiança para qualquer ideia de ficção, como se fosse um truque antigo que um inimigo invisível tentava lhe aplicar para fazer saltar aos olhos de todos aquilo que era óbvio aos seus próprios: ele era um autor acabado, uma sombra ou simulacro de si mesmo. Ele também sofria de acessos paranoicos cada vez mais frequentes, os quais atribuía às mesmas idiotices e aos mesmos inimigos que lhe vendiam esses remédios. Pelo menos era assim que interpretava em seus momentos de lucidez, mas isso não fazia mais muita diferença, como observa o médico, em uma história que adorava contar, a um paciente que acaba de lhe dizer: “Doutor, acho que alguém está misturando algum produto na minha comida para me deixar paranoico”.

Todo mundo sabe que os paranoicos *também* têm inimigos e, como na época em que se divorciou de Anne, ele estava passando por algumas chateações. Por mais modestos que fossem seus recursos, ele tinha encontrado um meio de não estar em dia com o fisco, e este lhe caiu em cima. Para um homem desconfiado de toda forma de autoridade e atormentado por um incurável complexo de culpa, esse incômodo consistia numa catástrofe. Além disso, o interesse da administração por seus recebimentos se manifestou na primavera de 1968, pouco tempo depois da publicação de uma petição que saiu na revista de esquerda *Ramparts*, a qual ele havia assinado junto com centenas de outros autores e editores americanos e que convidava a recusar o pagamento de impostos que eram arrecadados para a Guerra do Vietnã. Coincidência ou não, ele não precisava de tanto para despertar seus terrores das antigas: avançando mascarados por detrás do fisco, a CIA, o FBI e Edgar Hoover em pessoa estavam atrás de sua pele – pior: de sua alma. Os traficantes de quem ele comprava anfetaminas estavam mancomunados com eles, e sem dúvidas também os seus médicos. Sem que ele soubesse, estava sendo submetido a uma lavagem cerebral. Muito em breve ele estaria mudado, teria pensamentos corretos, se afeiçoaria ao Big Brother do momento, que há pouco agia sob a figura de seu velho inimigo Richard Nixon, e viria a detestar os marginais com todas as suas forças, abandonaria sua fé em Deus e passaria a crer em John Birch ou Gayelord Hauser e, o mais horrível de tudo, acreditaria ser plenamente feliz assim. Equilibrado, confortável consigo mesmo, o contrário do trapo que ele era então e do qual não lhe restaria sequer a lembrança – nem a ele nem a seus próximos, pois também estes teriam sido substituídos. Ou talvez ele *já* tivesse sido substituído e essas angústias lhe eram concedidas com fins de realismo, para que ele pudesse continuar acreditando ser ele mesmo. Enquanto isso, aquilo que ele escrevia crente e convencido de estar extraíndo das instâncias mais profundas de sua alma e de seu sofrimento não passava de livros sutilmente programados pela propaganda oficial, que se servia de sua aparência subversiva para transmitir sua mensagem alienante

de maneira contrabandeada. Talvez, sem que se desse conta, seus livros diziam uma única coisa no nível subliminar: sigam em frente, rapazes, massacrem os reprimidos, enfiem-lhes toneladas de napalm goela abaixo, denunciem os emboscados, os drogados, os cidadãos do mal! Isso explicaria o desgosto que suas últimas produções lhe causavam. Mas era possível também que ele fosse perseguido e que o quisessem neutralizar porque, sem saber e acreditando ser orientado apenas por sua imaginação, ele havia descoberto e descrito em algum livro o segredo vital que, se divulgado, ameaçava o império dos poderosos.

Ele se pôs a revirar a pilha de livros de bolso com capas espalhafatosas – suas obras completas – em busca do segredo desvendado por sua ignorância hiperlúcida. Depois de uma severa seleção, suas desconfianças recaíram sobre “A fé de nossos pais”, a história do alucinógeno misturado à água da torneira para que os cidadãos ignorem o ser monstruoso que os governa, mas também sobre um romance escrito alguns anos antes, *A penúltima verdade*, no qual homens refugiados e que padecem nas entranhas da terra, legítimos Nibelungos modernos, suspeitam que uma guerra química acontece na superfície enquanto um punhado de dirigentes inescrupulosos, mestres do simulacro televisionado, querem apenas desfrutar em paz desse espaço vital. Na verdade, o que poderia provar que as imagens do Vietnã mostradas na televisão não eram gravadas em estúdio, à base de armas descarregadas, maquetes e ketchup? O que poderia provar que o Vietnã existia de fato? Ou que existia alguma coisa no mundo além do cômodo onde ele se encontrava e daquele corpanzil de envelhecimento prematuro que ele observava aterrorizado no espelho e que tinha que chamar de “eu”?

Doutor, acho que estou ficando louco. Você não teria comprimidos para resolver isso?

Será que eles vão me curar, me tornar normal, é isso? Inofensivo? Conformado? Devorar minha alma? Eu te conheço, conheço seus métodos. Imagine você que eu fiz a mesma coisa com minha ex-

mulher. Não, eu não nasci ontem, você não vai me fazer engolir essas idiotices.

Mas mesmo assim, doutor, eu preciso de alguma coisa. Não posso continuar assim. Eu vou ficar louco. Morrer. Morrer louco, isso é o pior, sem nem mesmo acreditar na certeza de estar morto de vez. Ver a realidade derradeira, aquilo que São Paulo afirma que vemos quando estamos mortos, sem poder ter a certeza de que não somos o brinquedinho de uma ilusão.

Eu tenho medo.

Num de seus livros, ele tinha inventado a palavra *gubble* para designar o estado de decomposição, imundície e caos a que tudo está sujeito sob efeito da entropia. Sua vida estava correndo a toda velocidade rumo ao *gubble*. Além do mais, “sua vida” queria dizer o quê, agora que ele não tinha sequer certeza de que ela era sua de fato nem de ainda estar vivo?

Isso significava também a máquina de escrever, as teclas que se afundavam, QWERTYUIOP. Começar um livro, que ele nem sabia mais se era o 32º ou 35º, mas sabia que era preciso fazer isso para ganhar dinheiro e porque, senão... o quê? Assim, era preciso triunfar sobre o desgosto que lhe inspirava seu estilo, tão seco que ele desconfiava estar vendo as palavras se diminuindo, se desfazendo em poeira sobre o papel. Uma sintaxe pobre, repetitiva, puramente lógica, digna de androide; um vocabulário cada vez mais abstrato, desprovido de calor e surpresa, nada sensorial, nada que evocasse o calibre carnal do mundo; sem vida, nada além de frases, nem isso, na verdade palavras, nem isso, na verdade letras que desembocavam mecanicamente sobre a página e que se juntavam mais por reflexo do que por propósito, assim como os integrantes de um cupinzeiro enfumaçado que, mesmo agonizando, devem se juntar e se organizar em colônias para reproduzir as figuras que seus genes foram programados para executar.

Movidos por essa rotina subcortical e por algumas anfetaminas, os cupins se aglutinavam não para dar vida a personagens, mas

para dar nome a zumbis. Encontrar nomes e eventuais tiques que lhes dessem vida, era bem isso: uma maneira de dar o pontapé inicial. Ele tinha desenvolvido uma teoria segundo a qual o herói ganhava muito quando tinha um nome polissilábico, enquanto o eterno miserável depressivo tinha que se contentar com duas sílabas, incluindo nome e sobrenome. Por exemplo: Phil Dick. Então, desta vez ele surgiu com Glen Runciter, o chefe, e Joe Chip, seu subordinado falido que nunca tinha as moedas necessárias para botar a máquina de café para funcionar, nem para abrir a geladeira ou a porta de casa, e tinha que negociar com inflexíveis robôs domésticos desde que acordava para tentar conseguir algum crédito: algo bom para caracterizar um personagem e que podia ser usado sem pudores ao longo de todo o livro. Nada como esse tipo de achado para colocar um romance no piloto automático. Também dava para incutir em seu programa instruções do tipo: descreva as roupas que cada personagem usa, até mesmo os secundários, sem esquecer que a história se passa em 1992. Resultado: calças justas em lã sintética de vicunha, coletes em couro de wub com pedaços de meteorito incrustados, sáris em seda de aranha, camisetas de cânhamo marciano enfeitadas com um retrato anamórfico de Bertrand Russell... O tipo de bobagem que deixava Anne doida de raiva e, de modo geral, justificava o abissal desprezo que leitores intelectuais sentiam em relação à ficção científica.

“Há que se defender a própria privacidade (...). Será que um estranho está sintonizando você? Você realmente está sozinho? Isso quanto aos telepatas... e ainda havia a preocupação nauseante com os precogs. Suas ações estão sendo previstas por algum desconhecido? Alguém que você não gostaria de conhecer e não convidaria para entrar na sua casa? Acabe com a ansiedade. Um contato com a organização de prudência mais próxima lhe dirá, primeiro, se você está de fato sendo vítima de intromissões não autorizadas. Depois, com base nas suas ordens, anulará essas intromissões – a um custo razoável para você.”

Enfim, tratava-se de uma propaganda publicitária das organizações Runciter, que reinavam no próspero mercado da proteção psíquica. Telepatas, precogs, antitelepatas, antiprecogs, o

material necessário para compor uma intriga ideal para consternar os leitores cultivados, posto que seu carma queria que ele arrancasse o que restava de seu cérebro e agitasse os cupins que nele existiam para inventar essas intrigas e bombardear Joe Chip, “testador do campo psiônico”, essa sim uma profissão do futuro, você não acha, minha querida? Além de testar os campos psiônicos e de pedir dinheiro emprestado para qualquer um para conseguir arcar com suas pequenas despesas, Joe Chip fora encarregado por seu chefe de reunir um pelotão de neutralizadores, a nata da nata, que iria até Luna para limpar as fábricas de um certo homem de negócios, já que tinham sido infestadas por uma série de psiônicos, maléficos até o talo. O recrutamento desses sujeitos, todos um pouco esquizofrênicos, sempre podia significar algumas páginas a mais, e ainda parecia algo razoável se pensarmos em filmes bastante alardeados, como é o caso de *Os sete samurais*, baseados exclusivamente em como se forma uma gangue e cuja missão é apenas resolver rapidamente, com algumas trocas de tiro para fazer jus à forma, até chegar ao final genérico. Nada disso. Dick, de maneira conscienciosa, enviava seu mundinho de tresloucados para Luna, onde poderes e contrapoderes deveriam se enfrentar de acordo com as especificações prévias de seu programa. Ele tinha algumas anotações rabiscadas com sua caligrafia cada vez mais trêmula num pedaço de papel, esboçando um enredo vago envolvendo uma garota de olhos pretos, pérfida do jeito que ele e Joe Chip adoravam, e que se revelava capaz de fazer todo mundo voltar ao passado, num universo alternativo e sem saída, ou então sujeito às suas condições e sem ter muita certeza de onde se encontrava – uma especialidade da casa.

Normalmente, os cupins deveriam se safar dessa sem muita dificuldade, depois de executar programas parecidos umas dez vezes. Mas alguma coisa acontecia: de uma só tacada, ele entendeu que isso não funcionaria na 11ª tentativa. Fim. Era inútil insistir. De nada mais servia empilhar uma palavra sobre a outra, igual ele empilhava suas peças de Lego na infância. Elas ruíam com uma hostilidade determinada que o fazia congelar, e agora as

palavras e as letras faziam a mesma coisa. Ou com ainda mais hostilidade: elas eram inertes. Mortas. Seus zumbis continuariam para sempre bloqueados em Luna, tremendo de frio com seus disfarces feitos em couro de wub. O cupinzeiro, cujos últimos movimentos de reflexo poderiam ter concedido a ele mais uma vez a ilusão de recomeçar, com a ajuda de alguns comprimidos, também se imobilizava. Os cupins estavam mortos. Parecia que as células do cérebro morriam aos milhares dia após dia, desde o nascimento. Talvez as suas já estivessem todas mortas. Talvez ele estivesse morto.

Fragmentos de pensamento nadavam dentro de seu cérebro feito peixes num aquário de água pútrida. Aversões sombrias, apreensões vagas, lembranças de lembranças penosas. Quando o acaso os devolvia à superfície para morrer, um lampejo de medo o dominava, percorrendo seu sistema nervoso quase que inteiramente desconectado. Assim como acontecia na sala de espera de um dentista, quando ele era pequeno; no momento em que a assistente abria a porta, vinha o pensamento: pronto, eis o que temi por toda a minha vida.

Talvez seja assim que funciona o pensamento quando estamos mortos.

• • •

Um dia, ele tinha lido numa revista um artigo sobre criogenia, que consiste em congelar as pessoas em vez de enterrá-las para, assim, conservá-las no gelo até o dia em que a ciência será capaz de devolvê-las à vida. Ao que tudo indica, Walt Disney contava seriamente com isso para se tornar imortal. Também era possível se congelar antes de sucumbir à morte clínica, de modo a manter uma atividade cerebral ínfima, o que, obviamente, aumentaria as chances de tornar a acordar um dia. Sentado diante da máquina de escrever paralisada e de costas para o arquivo monstruoso que continha seus tesouros, ele imaginou o silencioso cintilar do eletroencefalograma na tela negra do monitor colocado na cabeceira, com traços quase planos, mas não de todo. O que

poderia corresponder a essas vibrações mal e mal perceptíveis no cérebro de uma pessoa conservada em estado de meia-vida? Sonhos, fragmentos de pensamento, imagens que se desviam na escuridão? Um resíduo de consciência? Algo que, de modo confuso, insistia em se considerar um sujeito e em se representar um espaço, um tempo, limites e até sua própria condição? Talvez, no fundo desse coma, algo ou alguém que tinha sido alguma coisa se via sob a forma arbitrária de um escritor de ficção científica com o cérebro liquefeito, perseguido pelo fisco, esmagado pela entropia, sentado diante de uma necrópole de letras que se recusavam a assumir o destino de Joe Chip e de seus companheiros. Só lhes restava morrer em si próprios, afinal de contas. Ninguém lamentaria essa ausência e, caso as fábricas lunares formigassem em perigos da maneira que ele pretendia, tampouco faltariam ocasiões para isso. Qualquer coisa serviria para colocar um ponto final ao livro, chegado à página 80. Bastava que seu anfitrião, o proprietário das fábricas, se apresentasse para lhes desejar boas-vindas e, sem tirar o sorriso do rosto, subisse até o teto como um enorme balão.

E que esse balão revelasse ser uma bomba humanoide destinada à autodestruição.

E que ele explodisse.

Fecham-se as cortinas.

• • •

Dissipada a fumaça, cada um deles se apalpa, todos estupefatos por ainda estarem vivos. Apenas Runciter, o chefe, está gravemente ferido. Joe Chip e os outros o transportam e escapam com inexplicável facilidade dessa ratoeira, reconquistando a nave na qual haviam chegado, e colocam um Runciter agonizante numa câmara fria, para então retomar o caminho rumo à Terra, mais precisamente até o Moratório Entes Queridos, onde Runciter é prontamente colocado em estado criogênico. Desmotivados, Joe e seus comparsas tentam em vão entender o que lhes aconteceu, qual era o motivo daquela emboscada absurda. Parecia que tinham conseguido escapar, o que era quase tão inquietante quanto, e de

maneira bastante bizarra. Tudo acontece como se uma força maligna estivesse brincando conosco ao nos deixar fugir soltando guinchos feito ratos descerebrados, pensavam eles. Nossos esforços e nossas conjecturas inquietas servem ao divertimento dessa força. Quando ela se cansar disso, tornará a fechar a mão e deixará nossos restos esfarrapados sobre a esteira.

Enquanto conversa, Joe tira do bolso seu maço de cigarros. Ele se desfaz entre seus dedos, ressecado. Wendy, a garota por quem ele está apaixonado, suspira que tudo aquilo parece muito estranho: “Eu me sinto velha. Estou velha. Seu maço de cigarros está velho. Somos todos velhos, a partir de hoje, por causa do que aconteceu”. Para reconfortá-la, servem-lhe um café, mas também ele tem gosto de cinzas. Um mofo esbranquiçado e contaminado boia na superfície. Os caixas eletrônicos recusam o dinheiro que eles carregam no bolso: em vez da efígie familiar de Walt Disney, trazem o rosto de Washington, versão que deixara de circular há mais de trinta anos. E logo descobrem, enrolado no fundo de um armário, enrugado, mumificado, cingido por farrapos de tecido, o cadáver da doce, terna e cálida Wendy. Algo atroz está acontecendo, e o pior é que esse algo sequer é coerente. Seria aterrorizante mas compreensível se fosse um efeito retardado da bomba a que o grupo tinha sido exposto em Luna. Mas então deveriam ser as únicas vítimas disso, só que o mundo ao redor deles parece ter sido atingido. Tudo parece estar envelhecendo, e também regredindo, voltando às suas formas anteriores. Um processo volúvel, liberto de qualquer restrição lógica, tende a atirar os objetos indiferentemente à poeira final ou a seu magma original, transformando as criaturas vivas em cadáver ou em embrião, além ou aquém da vida. Uma jovem moça se transforma em múmia, um cigarro vira pó, moedas se revelam ultrapassadas, a lista telefônica, obsoleta, e um televisor dá lugar a um aparelho de rádio de antes da guerra. Talvez seja isso, pensa Joe, essa sensação de incerteza que culmina na desintegração, um índice de morte que destrói progressivamente. Não apenas uma entropia, mas a incoerência. Como se um monstruoso rato de laboratório, decidido a vingar tudo aquilo a que sua raça foi submetida, se divertisse nos torturando ao mudar

constantemente as regras do jogo. Onde quer que você colocasse os pés, o terreno seria uma armadilha, mas diferente a cada vez. Um golpe de envelhecimento acelerado, regressão, ou ainda absolutamente nada. Você pega o elevador, um elevador ultramoderno, e ele pode tanto se transformar num aglomerado de metal e plástico fundidos, numa velha máquina desmantelada do século passado acionada por um ascensorista que bizarramente se parece com a criança que você foi um dia, ou então começa a descer sem que você possa impedi-lo, num percurso de muito mais andares do que comporta o imóvel, dezenas, centenas de andares, nada além de pensar no que espera por você lá embaixo, mas sem sequer conseguir imaginar. Melhor seria que essa descida continuasse para sempre.

Não é possível, será que não existe outra coisa? Um refúgio? Uma potência mais potente do que aquela que nos atormenta? Um Deus de amor acima desse sádico demiurgo?

Libera me, Domine!

E eis que algo acontece. Algo se manifesta – ou melhor, alguém. Eis que a efígie de Runciter aparece numa nota de dinheiro. E a voz dele, ainda que congelada em seu caixão criogênico no Moratório Entes Queridos, faz-se ouvir por Joe, distante e com interferências ao fundo, vinda de um telefone que ainda não passara pela regressão. E ao acompanhar um de seus agonizantes companheiros até o banheiro, sendo literalmente devorado pela morte sob seus olhos, Joe observa no fundo do mictório uma pichação assinada por Runciter:

Eu estou vivo e vocês estão mortos.

Então, ele suspeita da verdade: foi ele, Joe, quem morreu em Luna. Ele e seus companheiros. Eles foram colocados em situação de meia-vida. Seus corpos descansam em ataúdes criogênicos. De suas consciências resta somente um traço, uma fagulha, a

palpitação quase imperceptível de um encefalograma. Visto de fora, quase nada: um longo sono percorrido por sonhos confusos, acredita-se. Mas, de dentro, os sonhos são de fato confusos, um pesadelo no qual suas vidas estão em jogo, ameaçadas por algo aterrorizante. Foi isso que Runciter entendeu, inexplicavelmente. Foi Runciter quem sobreviveu e, inclinado sobre seus corpos inertes, ele se precipita para entrar em contato com eles e ajudá-los.

Todos os meios lhe parecem bons para se estabelecer no errático mundo das meias-vidas. Joe, desencorajado pela morte de seu camarada, liga a televisão no quarto de hotel onde está refugiado e se depara com a propaganda de um novo produto doméstico, alardeado pelo próprio Runciter com um jeito de profissional experiente.

“Cansado de papilas gustativas preguiçosas? O repolho cozido está dominando o seu universo alimentar? Aquele mesmo odor passado, velho e sem graça das manhãs de segunda-feira, não importa quantas moedas você coloque no fogão? Ubik vai mudar tudo isso”, dizia ele empunhando um pulverizador de cores vivas. “Uma leve borrifada do econômico Ubik expelle os temores obsessivo-compulsivos de que o mundo inteiro está virando leite coalhado, gravadores estragados e elevadores de grades de ferro obsoletos, além de outras manifestações, e até agora despercebidas, de deterioração. Vejam, a deterioração mundial de tipo regressivo, como esta, é uma experiência normal de muitos meias-vidas, especialmente nos primeiros estágios, quando os laços com a realidade real ainda estão muito fortes. Uma espécie de universo remanescente é retida como uma carga residual, sentida como um pseudoambiente, mas altamente instável e desacompanhada de qualquer subestrutura egoica. Isso é especialmente verdadeiro quando vários sistemas de memória estão fundidos, como no caso de vocês. Mas hoje, com o novo Ubik mais poderoso que nunca, tudo isso mudou!”

E, com um sorriso de vendedor, Runciter desaparece. Joe, então, sai em busca do miraculoso pulverizador, único remédio para a entropia. Infelizmente, quando consegue encontrá-lo, é sob a forma de um elixir de boticário perfeitamente ineficaz. Terrível ironia: a

própria substância capaz de refrear o processo de regressão também está dominada por ele.

Quando essa ideia lhe ocorreu, Dick ficou aterrorizado. Porque aquela substância miraculosa que ele tinha apresentado como um inencontrável produto de consumo corriqueiro, como um pertinente paradoxo, não representava a seus olhos apenas os comprimidos capazes de restaurar seu domínio do mundo, mas sim, e de maneira muito mais profunda, a potência redentora que nos prende às garras da entropia, à perversidade do demiurgo, à morte.

Ele se divertira – cada um diverte seus cupins como pode – colocando na epígrafe de cada capítulo do livro um slogan publicitário vangloriando uma das diversas virtudes do produto, à moda de Runciter:

A melhor forma de pedir uma cerveja é gritar Ubik.

Ubik instantâneo possui todo o sabor fresco do café recém-coado.

Desperte para Ubik e seja extraordinário!

Se você está se sentindo no fundo do poço por causa das preocupações com dinheiro, fale com a moça da Ubik Poupanças & Empréstimos.

O novo sutiã Ubik extrassuave e o sutiã especial Ubik longline significam “Erga os braços e fique mais curvilínea na mesma hora!”.

Será que tenho mau hálito, Tom? Ed, se está preocupado com isso, experimente o novo e atual Ubik, com ação espumante germicida.

Mas, ao se aproximar do fim, em vez de fazer um pastiche da Madison Avenue, ele recorreu ao prólogo de São João (e a um pouco do primeiro poema do *Tao Te King*):

Eu sou Ubik.

Antes que o universo fosse, eu sou.

Eu fiz os sóis. Eu fiz os mundos.

Eu criei as vidas e os lugares que elas habitam.
Eu as transiro para cá, eu as ponho ali.
Elas seguem minhas ordens, fazem o que mando.
Eu sou o verbo e meu nome nunca é dito, o nome que ninguém conhece.
Eu sou chamado de Ubik, mas este não é o meu nome.
Eu sou. Eu sempre serei.

A ideia da eucaristia o assombrava. Ele levava totalmente a sério dizeres como: “Aquele que come o meu corpo e bebe o meu sangue terá a vida eterna”. A faculdade de dizer que um pedaço de pão é o corpo de Cristo e de fazer com que esse pedaço de pão, de maneira imaterial mas certa, seja de fato o corpo de Cristo lhe parecia a mais elevada que um homem poderia não possuir, certamente, mas sim receber: foi por isso que ele ficou tão desolado quando o bispo Pike renunciou a seu ministério e se reciclou “no setor privado”, como ele mesmo dizia. Subalterno, profano de certa maneira, eis o mistério do Reino invisível que ele próprio tinha celebrado e que pelo menos seu duplo, o Homem do castelo alto, também tinha feito ao pintar um mundo diferente daquele que seus contemporâneos viam e dizendo que esse sim era o verdadeiro. Nisso ele estava certo, de maneira misteriosa e impossível de provar, mas também certa, acreditava.

Dick se censurava por, em *Palmer Eldritch*, ter descrito uma eucaristia negativa. Ao fazer isso, ele parecia ter armado o demiurgo maligno. Na derrota psíquica de *Ubik*, perdendo o chão junto com seus personagens e numa tentativa de salvar a vida dessas figuras e talvez também a sua, ele acabara de inventar um anti-Chew-Z, uma eucaristia positiva, ou seja, a eucaristia em si, a única, mesmo que se apresentasse sob o formato irrisório de um pulverizador. Mas ele era também um Rato incorrigível e, tão logo construía um abrigo, era preciso soltar bem no meio disso tudo um algo subterrâneo que desse lugar ao adversário. O Ubik existia mesmo, salvava da morte e da entropia, mas o mestre da morte tinha o poder de submeter quem fosse à mesma entropia.

Em pânico, ele escreveu o final do livro. Nada além de uma corrida tresloucada, balizada por mortes e metamorfoses atrozes, ao longo da qual Joe Chip tenta, ao mesmo tempo, colocar as mãos num frasco de Ubik ainda isento de regressão e identificar as forças que disputavam aquele limbo. “Acho”, disse a si mesmo, “que ainda não encontramos nosso inimigo cara a cara, nem nosso amigo.”

Dick se perguntava que rosto daria a esse Amigo, do qual Runciter era apenas um representante: jovens e caridosas mulheres percorrem a meia-vida, trazendo consigo um pouco de Ubik e uma frágil esperança, antes de desaparecer num sopro. Elas deixam poucas lembranças. Por outro lado, ele sabia muito bem que, tivesse o Inimigo o rosto que fosse, ele tinha cruzado várias vezes em sonho com seu olhar angustiante e cruel de um roedor psicótico. Em *Ubik*, ele lhe deu o nome de Jory. Trata-se de uma criança morta na tenra idade que foi colocada em situação de meia-vida no Moratório Entes Queridos. Dotado, por causa de sua juventude, de uma energia encefálica maior do que os ocupantes dos outros caixões, ele se vale da fusão entre seus fluxos mentais para devorá-los literalmente, como um emissor de rádio mais potente faz com seus vizinhos de frequência. A seu bel-prazer, ele molda o universo onde essas consciências se movem para torturá-las, enganá-las e atraí-las a um canto da imensa teia tecida para recebê-los. Morto, ele sobrevive e aumenta a potência da morte ao absorver o que resta de vida aos outros mortos.

E essa criança era um gêmeo.

• • •

Era um livro impossível de terminar. De modo geral, Dick sofria um mal imenso para escrever a palavra “fim”, já que as histórias que ele contava não tinham propriamente uma palavra final. Para ele, era impossível decidir se era Jory ou Ubik quem saía vencedor. Simplesmente porque ele não sabia.

O *I Ching*, que não usurpa sua reputação de sabedoria, recusa-se a dar esse tipo de resposta. Se ele fosse um cristão ortodoxo, diria que obrigatoriamente, no fim das contas, daria sua vida e talvez até mesmo sua alma para crer. Mas algo mais profundo dentro de si acreditava, contra sua vontade, nas trevas eternas, no triunfo não da nulidade, mas da morte vivente; não do nada absoluto, algo que daria segurança a ele, mas de algo ou alguém que *era* nada e rumo a quem metade dele próprio, que fazia parte disso desde seu nascimento, o atraía para devorá-lo.

Depois de atingida a quantidade regulamentar de palavras, critério que fazia com que seu programa parasse de funcionar, ele se saiu com uma velha astúcia de Rato, um golpe bem no recorte final que permitia concluir o livro sem uma conclusão. A partir da metade do livro, parecia certo que Joe e aquilo que restava de sua equipe estavam no limbo, enquanto Runciter estava vivo, num mundo “exterior” que tinha se tornado praticamente irreal, mas desprovido tanto dos caprichos de Jory, o devorador de almas, quanto da influência redentora do Ubik. E, de fato, no último capítulo, deparamo-nos com Runciter nos corredores do moratório. Mas eis que, com o intuito de comprar um café, ele tira uma moeda do bolso e a máquina a recusa. Runciter então a observa: ela trazia a efígie de Joe Chip.

Aquele ano de 1968 foi o mesmo de *2001: Uma odisseia no espaço*, de Stanley Kubrick. Dick, como todo mundo, viu o filme e ficou particularmente impressionado com a cena em que o astronauta desconecta o computador Hal 2000, tomado por uma loucura assassina. A voz sintética, tão fria e controlada, torna-se cada vez mais grave, igual acontece quando um disco é tocado na velocidade errada, e também fica cada vez mais humana e patética, à medida que seus circuitos são destruídos. HAL, a princípio consciente do que está acontecendo, suplica para que seja poupado. Pouco a pouco, o imenso cérebro eletrônico *dentro* do qual o astronauta cumpre sua obra de morte, perde contato com

seus próprios componentes. Ele é abandonado pela consciência reflexiva que lhe teria permitido passar pelo teste de Turing com o pé nas costas e, no entanto, o que resta é aquilo que supostamente é próprio do homem, a parte mais inacessível a uma máquina: o sofrimento. Depois, até mesmo esse sofrimento desaparece ou perde a faculdade de se exprimir, e só se ouvem frases incoerentes, trechos de canções saídos de partes pilhadas da memória. Mais nada.

É nisso que fazem pensar os livros escritos por Dick no final dos anos 1960.

Em *O labirinto da morte*, vemos um grupo de pessoas perdidas num planeta hostil que matam umas às outras. No último capítulo, ficamos sabendo que se trata de passageiros de uma nave espacial chamada *Persus-9*, condenados por um erro de programação a fazer uma viagem sem fim e, portanto, conviverem até a morte do último deles. Para suportar a passagem do tempo e também para se suportarem mutuamente, eles fogem, sem sair de suas camas retráteis, para universos artificiais e poliencefálicos programados pelo computador de bordo a seu critério. O planeta onde se passa o romance é justamente um desses universos, transpondo tim-tim por tim-tim os dados do universo real, ou seja, da nave à deriva (ainda não é totalmente certo que seja real; talvez ainda seja uma realidade penúltima). Nele, o próprio computador se representa sob o aspecto de uma besta monstruosa, uma espécie de esfinge local que responde a perguntas com aforismos à la *I Ching* e acaba explodindo quando um dos personagens, a quem isso ocorre inexplicavelmente, pergunta qual o significado de *Persus-9*. Desde sempre Dick buscava formular essa pergunta única, que levaria Deus a explodir ou a se revelar, mas nesse caso não passava de um tique, uma volta entediante no programa que servia para desanuviar os cupins. O mesmo valia para a estrutura teológica do livro. Porque o computador de bordo, esperando dar uma aparência de sentido ao universo visitado, tinha fabricado uma religião

sincrética a partir das diversas informações fornecidas pelos passageiros em relação a suas crenças, algo que, na verdade, era fruto das conversas que Dick tivera com o bispo Pike alguns meses antes.

Fosse por coincidência ou por sincronicidade junguiana, Dick ficou sabendo que ele tinha morrido enquanto escrevia esse livro calcado em agonia. Tomado pelo luto duplo, de volta à vida secular e decepcionado com o fracasso de seu suposto *best-seller* sobre a comunicação com o além, o ex-eclesiástico tinha criado uma fundação para a transição religiosa junto com um pessoal dos negócios da Califórnia, visando que a humanidade abordasse a Era de Aquário munida de uma religião adulta, universal e que sintetizasse os diversos cultos que a tinham precedido. Para saber quem seria aceito nessas reuniões, era importante resolver a questão em suspenso acerca da “validade” do cristianismo. Pike, então, foi questionar direto na fonte, em Israel, na esperança de descobrir em meio às fossas de Qumran, local de culto dos essênios, se aquele chamado de Jesus podia ou não ser considerado o Cristo, ungido pelo Senhor, a palavra de Deus e também Seu filho que, assim, poderia participar da “transição” em andamento. Para obter essa resposta, ele contava com o cogumelo alucinógeno que o impulsionava ainda mais nas cavernas que se sobressaem do Mar Morto. No dia seguinte à sua chegada em Jerusalém, em setembro de 1969, ele se enfiou no deserto da Judeia dirigindo um carro alugado e levando consigo duas garrafas de Coca-Cola e um mapa rodoviário, que foi encontrado uma semana depois desdobrado na poltrona do passageiro. Foram precisos alguns dias a mais para encontrá-lo, morto de fome e de sede na areia. Durante as buscas, formaram-se grupos de oração que rogavam a Deus, a Jim Jr. e ao célebre médium Edgar Cayce – “a mais pungente Trindade de que jamais ouvi falar”, observou a escritora Joan Didion num artigo sobre o bispo defunto.

Pouco tempo antes de Pike, tinha morrido também Anthony Boucher, de câncer. Fazia dez anos que Dick não o encontrava, mas chorou por esse homem doce e caridoso que tinha sido o mentor de sua juventude, mostrando-lhe que era possível ser, ao mesmo tempo, escritor de ficção científica, católico devoto, melômano e justo. Depois foi a vez de seus dois gatos baterem as botas. Tricky Dick foi eleito para a Casa Branca e Tim Leary, jogado na prisão. De Haight-Ashbury chegavam apenas rumores de *bad trips* e de criminalidade. E quando, em 9 de agosto de 1969, foi anunciado o massacre de Cielo Drive, em que Sharon Tate e seus amigos pereceram, todo mundo ficou horrorizado, mas nada surpresa: isso deveria mesmo acontecer, pensava-se.

Ao longo do inverno, o abuso das anfetaminas mandou Dick para o hospital, onde lhe deram o diagnóstico de graves lesões renais e pancreáticas. Mal saído da internação, ele retomou o ritmo. Pôs-se a escrever um romance do qual só sabia o título, emprestado daquele que tinha se tornado seu músico preferido, John Dowland: suas árias e peças para alaúde são a expressão mais arrebatadora da melancolia elisabetana. Ao início de *Flow, my tears (Fluam, minhas lágrimas)*, alguém acorda privado de identidade. Ninguém reconhece esse homem que, até a véspera, era célebre, seus documentos não correspondem a mais nada, todos os vestígios dele desapareceram. Ele não é mais nada.

No início do verão de 1970, Dick abandonou o livro. Mais de cem vezes ele tinha acreditado que isso aconteceria, e tinha acontecido de fato: ele não conseguia mais escrever. Mais nenhuma palavra, mais nenhuma letra. O cupinzeiro estava morto de vez.

Sem recursos, ele recorreu à seguridade social.

Nancy não aguentava mais suas crises, as drogas, seu medo de ficar louco. Ela própria estava sentindo a reaproximação de sua depressão. Em setembro, partiu, levando com ela a filha Isa. Então com 3 anos de idade, a pequena viu, pelo vidro do banco de trás, seu pai correndo atrás do carro e sua silhueta se apequenando, depois viraram a esquina e ela não mais o viu.

FREAKS

ele entendeu que a única solução para não se matar seria não ficar sozinho um minuto sequer, e encheu sua casa vazia com quem topasse fazer isso. A princípio foram dois colegas vagos, recentemente abandonados como ele, e que por acaso eram o irmão de Nancy e o marido da irmã dela. Esse trio de cunhados bonachões à la Cassavetes deu a partida a uma farra lúgubre. Eles se embebedavam e chapavam ao som de Wagner; levavam para casa garotas encontradas na rua; pararam de lavar a louça e de tirar o lixo; e com uma pastosa e veemente falta de convicção, repetiam-se que aquilo sim era a vida, a liberdade. Passadas algumas semanas, esgotados e assustados pelo anfitrião, os dois convidados voltaram atrás e se apegaram a uma versão da vida de rapazes que era mais conscienciosa para a saúde.

Com a porta ainda aberta e correndo rumores de que tinha drogas para dar e vender no número 707 da Hacienda Way, os cunhados foram logo substituídos por todo tipo de toxicômanos de dependências variadas que havia em San Rafael, incluindo delinquentes juvenis, adolescentes em fuga, *freaks* em geral – para usar a palavra que estava tendendo a substituir o termo *hippies*, desvalorizado desde o Woodstock por ter adquirido certo sentido de recuperação. Desde a separação de Anne, quando Phil deixara para trás o mundo das casas arrumadas, com aparador de grama na garagem e relações cordiais com o xerife, a média etária das pessoas com quem se relacionava fora consideravelmente reduzida. Nancy tinha metade da sua idade, os amigos dela não muito mais, e o mundinho da ficção científica da baía pertencia essencialmente a uma geração depois da dele. O bispo Pike, Maren Hackett e Tony

Boucher estavam mortos. Aos 42 anos, ele se viu num mundo de moleques claramente dividido entre os *freaks* – nós – e os *straights* – eles –, segundo o qual qualquer um que tivesse cruzado a barreira dos 30 anos era considerado *straight* e, portanto, designado como um inimigo natural. Ele próprio partilhava dessa maneira de ver as coisas, mais por seu jeito camaleônico do que por masoquismo. Preferia sinceramente a companhia e a linguagem protofásica dos jovens à dos velhos combatentes da Berkeley dos anos 1950, ou até mesmo do começo dos mal terminados anos 1960, que, para seus novos amigos, lembravam um cataclisma. Contrariando qualquer evidência biológica, ele se sentia do lado certo dessa barreira, um *freak* entre os *freaks*, os quais não tardariam a adotar o companheiro grandalhão, ao mesmo tempo tão engraçado e triste, a quem chamavam de Ermitão porque nunca saía de casa. A qualquer hora era possível entrar pela porta da casa do Ermitão, que parecia nunca dormir, e encontrar junto com ele um pouco de atenção, drogas, álcool, música, papo, amor – algo que por vezes ele sugeria com uma insistência constrangedora, único contratempo para as garotas.

Um dia apareceu Donna, na garupa de uma Harley Davidson dirigida por um sujeito tatuado. Donna, assim como todos os personagens abordados neste capítulo, tinha outro nome de batismo, que ela prefere não ver impresso aqui. Mas foi Donna o nome que ela ganhou no livro que Dick escreveu alguns anos depois e de onde tirei o material para estas páginas. Ela tinha cabelos e olhos pretos, usava jaqueta de couro também preto e tratava todo mundo com certa agressividade desconfiada. Até arranjou uma briga com o tal tatuado, que partiu sem ela. Não tendo para onde ir, acabou aceitando a hospitalidade de Phil.

Já na primeira noite ele a fez ouvir sua ária favorita: “Flow, my tears”. Ele não era demagogo a ponto de esconder sua cultura, e os hóspedes – quando estavam com paciência para isso – gostavam de ouvi-lo falar sobre monges que comiam gafanhotos nos desertos

do Egito no século 3 ou sobre teorias amalucadas envolvendo Deus. Eles gostavam também de quando ele emprestava aqueles discos bizarros de sua inacreditável coleção. Particularmente, gosto de imaginar uma dessas garotas confusas de 18 anos, hoje aos 40 e com dois divórcios nas costas, ostentando um penteado digno da série *Santa Barbara* e trabalhando em algum importante escritório de advocacia em Boise, Idaho, onde, em certas noites, enquanto toma seu segundo copo de Tom Collins, põe para tocar um disco de árias para alaúde de John Dowland, que é, ao mesmo tempo, igual a um lema de Vinteuil e um pouco mais íntimo do que Jefferson Airplane, o que acaba lhe devolvendo à memória alguns episódios confusos e violentos de sua juventude, despertando certa vontade de chorar.

Um dia, muito depois, uma sobrevivente da Hacienda Way se recorda: “Foi um período espinhoso, o que não muda o fato de que, se eu pudesse escolher alguém com quem passar toda a eternidade, seria o Phil”.

Para todo mundo, parecia que aquilo duraria eternamente, que eles continuariam para sempre ali ouvindo discos e enrolando seus baseados, vendo os dias passar lentamente, longe do mundo dos adultos. No entanto, o mote desse pessoal poderia ter sido: “Aproveite bem o seu tempo agora, porque amanhã você estará morto”. Para eles, seria um insulto se alguém dissesse que eles iriam envelhecer.

Eles viviam permanentemente chapados. Como os gostos eram um pouco diferentes, nem sempre os humores se harmonizavam. Um sujeito que fica esparramado no sofá fumando um baseado de haxixe atrás do outro e rindo sem parar obrigatoriamente tem um pouco de dificuldade em acompanhar seu colega empanturrado de anfetaminas – seus filmes não são projetados na mesma velocidade. Todos eles, no entanto, tinham consciência de estar vivendo num filme em que cada um era ao mesmo tempo espectador, ator, roteirista e diretor. Esse filme lhes parecia

incomparavelmente mais rico, inesperado e mágico do que o documentário moroso e coletivo que satisfazia os *straights*. E muitas vezes os filmes se sincronizavam dentro desse grupo: não em toda sua duração, claro, mas algumas imagens batiam exatamente – algum instinto adiantava que tinham visto, entendido ou pensado na mesma coisa absurda ao mesmo tempo e todo mundo se mijava de rir, cada um sabendo seu motivo para tanto. Voltando do banheiro, na ponta do corredor, dava para ouvir alguém dizendo para quem quisesse ouvir que, de fato, quando se parava para pensar nisso, um corredor era um cômodo realmente engraçado, que o arquiteto que um dia o inventou devia estar bastante chapado, ao que todo mundo caía na risada, talvez porque a observação era real – é verdade, quando se pensa nisso – e porque entregava o fato de que o autor do comentário também estava bem passado. E as salas de espera?, retrucava outro, chorando de rir. Dá para acreditar que existem essas coisas chamadas salas de espera?

Um dia eles foram em grupo a um *drive-in* onde estava sendo exibida na sequência toda a série *O planeta dos macacos*. Até então havia apenas três episódios, mas Phil, inspirado pelos baseados que circulavam no carro, imaginou para seus companheiros os roteiros de todos os filmes seguintes, até o oitavo, que se chamaria *O filho do retorno do planeta dos macacos*, no qual viria à tona que todos os grandes personagens da história – Júlio César, Shakespeare, Lincoln, todos eles – eram, na verdade, macacos. Ele imitava cada um dos papéis, coçava os braços, soltava gritinhos agudos. Os outros mal conseguiam conter seus baldes de pipoca, de tanto rir.

Depois do *drive-in*, eles foram a um lava-rápido e passaram com o carro sob aquele turbilhão de esfregões agitados, em meio ao túnel de espuma que grunhia feito um terremoto. Assim que a máquina parou de funcionar, eles juntaram as peças. Segundo a opinião geral, aquilo era muito melhor que o cinema. Até que Phil,

em boníssima forma, continuou seu monólogo aos berros para vencer a barulheira:

– Essa história de macacos me leva a pensar numa coisa, querem saber? Parece que existem não só impostores, mas também falsos impostores. Eu vi um cara na televisão explicando que era um impostor famoso no mundo todo. Ele tinha passado por um grande cirurgião da Universidade John Hopkins, por um físico de Harvard, por um romancista finlandês que ganhou o Prêmio Nobel, por um presidente da Argentina que foi removido do cargo e se casou com uma vedete do cinema...

– E ele chegou a ser pego?

– Não, estou falando que era um falso impostor. Ele não manteve nenhum desses papéis. O cara era varredor da Disneylândia até o dia em que leu uma matéria sobre um impostor famoso. Aí ele pensou: “Porra, eu também posso me fazer passar por todos esses conhecidos”. Daí pensou mais um pouco e concluiu: “Mas por que me dar todo esse trabalho? É só eu me passar por um impostor”. Ele fez uma grana preta desse jeito, tanto quanto o impostor de verdade. E agora tem até gente por aí que finge que é ele.

Um dia, alguém teve a ideia de pintar os vidros de todas as janelas de preto, para que não soubessem mais se era dia ou noite do lado de fora. De todo jeito, elas raramente eram abertas mesmo. Outro sugeriu que pintassem de preto também as etiquetas de todos os discos, assim nunca saberiam o que estavam colocando na vitrola, uma eterna surpresa. Phil se opôs, claro.

• • •

Um dia, uma vizinha *straight* pediu a ele que matasse um inseto imenso que havia entrado em sua cozinha e que a estava deixando desesperada. Quando ele terminou a tarefa, ela disse: “Se soubesse que seria fácil assim, eu mesma teria matado”. Por muito tempo, essa frase serviu de senha para caracterizar o que há de mais medonho no espírito *straight*. Era só dizer as primeiras palavras

para que todo mundo começasse a gargalhar, orgulhando-se, apesar de um incômodo ou outro, por não se parecer em nada com aquilo.

Um dia, alguém chegou com uns livros do Carlos Castañeda, que ficaram circulando pela casa. Entre os ensinamentos do feiticeiro yaqui, um foi especialmente marcante: cada um deve encontrar seu lugar, dizia ele. No mundo, mas também num cômodo, cada um tem seu lugar certo, um lugar que lhe convém, um lugar que é o *seu*. Durante várias semanas, isso de encontrar seu lugar tornou-se um ritual, e depois uma brincadeira. Aquele que ocupava a melhor poltrona se defendia, dizendo “este é o meu lugar”, e essa frase que, se dita por um *straight*, resumiria toda a mesquinhez possessiva de seu universo, tornava-se inatacável quando proferida no tom certo.

Um dia, veio à pauta o tópico de se lançar seriamente no tráfico de drogas. Mas a discussão, movida por alguns baseados, logo desandou.

– Quando os oficiais da alfândega lhe perguntam se tem algo a declarar, não dá para dizer: “Bem, estou carregando drogas”. Então, sabe o que você pode fazer? É só pegar um bloco de haxixe imenso e esculpi-lo em forma de humano. Depois, você adapta nele um pequeno motor e um minigravador. Aí você coloca o bloco na sua frente na fila e, na hora de passar pela alfândega, gira a chave que está em suas costas. Caso o funcionário pergunte se ele tem algo a declarar, o bloco de haxixe responde: “Eu? Absolutamente nada” e continua andando. Isso até chegar do outro lado da fronteira.

– Também dá para usar uma bateria solar em vez de um motor. Desse jeito ele poderia andar por anos, não ia parar nunca.

– Sim, iria até o fim do mundo, imagine só chegar num povoado de esquimós esse bloco de haxixe de dois metros de altura valendo... Quanto você acha que isso valeria?

- Um milhão de dólares.
 - Mais que isso, dois milhões. Então os esquimós estão lá, afiando suas lanças feitas com ossos, como costumam fazer, e veem chegando desembestado esse bloco de haxixe que vale dois milhões de dólares e que caminha pela neve repetindo, “Eu? Absolutamente nada”.
 - Caralho, eles não iam voltar nunca mais, isso viraria uma lenda.
 - Você se imagina contando isso para os seus netos? “Eu vi com meus próprios olhos um bloco de haxixe de dois metros de altura surgindo no meio da névoa e repetindo: ‘Eu? Absolutamente nada’”. Eles iam te colocar num asilo.
 - Sim, mas depois de alguns séculos, a história ia mudar de figura, imagina: “Na época dos nossos avós apareceu um bloco de fumo afegão de primeira qualidade, que tinha dois metros de altura e cuspiu fogo, gritando: ‘Esquimós desgraçados!’”. Mas nós acabamos conseguindo matá-lo com nossas lanças feitas de ossos”.
 - Os moleques também não iam acreditar nisso.
 - De todo jeito, os moleques não acreditam em mais nada. É deprimente contar alguma coisa para eles. Uma vez, teve até um que me perguntou: “Mas como eram os primeiros automóveis?”. Porra, eu nasci em 1950!
- Todas as conversas deles se pareciam mais ou menos com isso. Assim corriam os dias. *Bela jai*, dizia Phil, que em bengali significa “o tempo passa”. E todo mundo tirava um sarro, repetindo: *Bela jai*.

Um dia, Donna lhe pediu para não acreditar em uma só palavra que saísse de sua boca, porque ela mentia o tempo todo. Ele explicou, então, que ela não era a primeira a dizer isso e lhe contou o paradoxo do cretense que se dizia mentiroso, emendando que não acreditava nela. Isso significava que continuava acreditando naquilo que ela lhe dizia.

Noutro dia, ela disse que não podia ir para a cama com ele porque tinha que cuidar da sua xoxota: ela pretendia atravessar a

fronteira canadense com meio quilo de pó escondido lá dentro. E, além do mais, não gostava muito que encostassem nela.

Como ele estava com um ar triste, ela quis lhe agradar fazendo uma peruana, que consiste em dar uma tragada bem forte em um baseado e depois, com a boca cheia de fumaça, assoprar dentro da boca do seu vizinho. Além do fato de que isso chapava duas vezes mais, ele adorava sentir os lábios de Donna contra os seus e a fumaça quente saindo da boca dela para invadir a sua. As peruanas de Donna permaneceram como uma das memórias eróticas mais vivas de sua vida.

Um dia, aquele que anos depois seria chamado de Barris em seu livro, anunciou que poderia fornecer cocaína para eles, o quanto quisessem, por 84 centavos o grama. Num supermercado, era isso o que custava um frasco de uma loção pós-sol. Em casa, ele transformou sua cozinha em laboratório do químico mirabolante para isolar os cristais de cocaína misturados ao produto. E então explicou, apontando a lista de ingredientes no frasco: “Estão vendo? Benzocaína, um grama. Só as pessoas que conhecem sabem que esse é um nome fantasia para a cocaína. É claro que, se eles colocassem ‘cocaína’ na etiqueta, todas as pessoas iam se ligar e fazer igual a mim”. Em volta da pia, começaram a imaginar caminhões de carga fazendo manobras para entrar de ré na fábrica, em Cleveland, onde o produto era feito, despejando toneladas e toneladas de cocaína pura, não refinada, que depois era misturada a óleos e outras porcarias variadas, até que saíam do outro lado embalagens de cores alegres que seriam empilhadas aos milhares nas prateleiras das farmácias. O que tinham que fazer, sugeriu um deles, era subornar um desses caminhões de carga em vez de traficar pequenas quantidades como Barris. Recuperar toda a carga, uns 350, 400 quilos talvez. Ou muito mais. Quanto cabia num caminhão desses?

Passaram a tarde se perguntando, enquanto a experiência, obviamente, foi pelo ralo. Só no dia seguinte um deles levantou a hipótese de que era muito pouco provável que vendessem por 84

centavos um produto que continha um grama de cocaína valendo cem dólares.

Um dia, Paul Williams, jovem que escrevia numa revista sobre rock, foi visitar Phil Dick, de quem admirava os livros. Eles tinham se conhecido em 1968, por intermédio do desenhista Art Spiegelman, e passaram uma noite divertida fumando algo que acreditavam ser THC, o princípio ativo da maconha, quando na verdade se tratava de um sedativo para cavalos chamado PCP, que causaria um estrago assustador na década seguinte sob o nome de *angel dust*. Williams, que já tinha visto outros casos do tipo por ser um jovem veterano da contracultura, ficou impressionado ao encontrar Dick tão mudado, reinando como uma espécie de guru sobre uma tribo de pessoas muito jovens, todas elas em estado perpétuo de chapação. Ele não pôde deixar de pensar que aqueles que frequentavam Charles Manson e sua família *antes* dos fatídicos acontecimentos deviam ser bem parecidos com estes.

Um dia, uma garota que morava na casa havia uma semana entrou em coma durante uma viagem de ácido. No hospital aonde Phil, desesperado, a havia levado, diagnosticaram uma vasoconstrição generalizada: metade dos vasos que irrigam o cérebro tinham sido bloqueados, sem dúvida de maneira irremediável. O médico sequer perguntou como aquilo tinha acontecido – viam um caso daqueles por dia, praticamente. A garota sobreviveu, com uma lesão cerebral permanente.

Algum tempo depois, outra se fechou num armário e só saiu de lá para tentar cortar o próprio braço fora com um machado. Não conseguiu fazer isso de fato, e também acabou internada.

Um dia, ele esqueceu a combinação que abria o arquivo blindado de seu escritório. Por precaução, não tinha anotado o segredo em

lugar algum, pois as pessoas roubavam muito no mundo dos drogados; de modo geral, todo objeto que tinha um valor qualquer fora a princípio roubado – inclusive, era assim que seu valor era reconhecido. Phil havia guardado alguns bens de sua vida pregressa aos quais era apegado, e achava que eles estavam seguros em seu cofre. Agora, então, ele pensava, tentando se consolar, estavam ainda mais seguros, já que nem mesmo ele próprio tinha acesso a eles.

Essas perdas de memória o inquietavam. Seria preciso que alguém se lembrasse da pobre vidinha miserável e devastada que levavam, imaginava ele, dos momentos de alegria que tinham passado juntos, igual ao dia d'*O planeta dos macacos* e do carro no lava-rápido. Para que não fossem esquecidos, para que restasse algum vestígio deles, prevendo que dias melhores viriam e que as pessoas os entenderiam.

Um dia, uma garota que eles conheciam teve uma desavença com seu amante, que também era seu traficante de heroína. Ele escondeu dois pacotinhos da droga na alça do ferro de passar dela e depois ligou para a polícia. A garota descobriu os pacotes e não pensou duas vezes antes de injetar todo o conteúdo nas próprias veias – seus braços ficaram parecendo pés da planta escova-de-garrafa –, de modo que os policiais nada encontraram. Furioso, o traficante lhe deu uma bela surra. Nos dias seguintes, ela ficou temendo que ele a matasse e falou a respeito com Phil, que decidiu recrutar matadores de aluguel para protegê-la e, se o sujeito insistisse, dariam um jeito de apagá-lo. Dois negros musculosos se apresentaram a ela e não a deixaram sozinha por um passo sequer durante vários dias. Ela se perguntava se eles estavam tirando com a cara dela, se Phil estava tirando com a cara dela ou se eles estavam tirando com a cara de Phil, embolsando o dinheiro que ele tinha dado em troca de um serviço que, uma vez encurralados, eles certamente não executariam. Por outro lado, quem saberia? A garota nunca chegou a saber se estava lidando com verdadeiros

matadores de aluguel ou com meros engraçadinhos, e não demorou a se mudar de cidade.

• • •

Um dia, aquele que anos depois seria chamado de Jerry em seu livro, começou a chacoalhar a cabeça para derrubar os piolhos do cabelo. Ele não tinha piolhos de fato, mas de nada adiantava lhe dizer isso. Ele ficava por horas sob o jato fervente do chuveiro e, ao sair, continuava encasquetado com a ideia de que tinha piolhos no cabelo. As picadas daqueles bichinhos lhe causavam um sofrimento abominável. Ele comprava sprays de todos os inseticidas que havia e espirrava por todos os lados da casa, asfixiando seus convivas. Passava os dias gritando debaixo do chuveiro. Foi preciso recorrer ao serviço de emergência psiquiátrica, e ele foi levado sem nem mesmo parar de gritar. Alguns meses depois, acabou se suicidando.

Ao longo daquele ano, Phil acompanhou ou visitou pelo menos uns dez amigos próximos no hospital psiquiátrico, um mérito que lhe era reconhecido: ele não abandonava as pessoas, mesmo quando não podia fazer mais nada por elas. Ele próprio chegou a ser hospitalizado três vezes por causa de acessos de depressão ou de pânico. E achavam que ele estava até que em bom estado para quem se entupia com milhares de comprimidos de metanfetamina por semana, 40 miligramas de Stelazine por dia, sem falar nas outras diversas besteiras que não tinha como recusar.

Um dia, alguém anunciou a morte de uma amiga em comum. A notícia não foi “a Glória se suicidou”, e sim “a Glória se suicidou *hoje*”.

Como se, de todo modo, isso devesse acontecer mesmo.

Um dia, a direção de seu carro começou a oscilar e ele quase foi parar fora da estrada. Não era a primeira vez que acontecia algo assim. Nada grave, mas ele sabia que a forma mais eficaz de

sabotagem consistia em provocar desgastes que não permitissem comprovar sua origem criminosa. Colocar uma bomba na ignição de um carro dá muito na cara. Mas quando acontece uma série de pequenos acidentes espalhados num período de tempo, aparentemente causados pelo uso continuado, o sujeito envolvido na história perde qualquer possibilidade de reação. Ele começou a desconfiar de si mesmo, achava que estava ficando paranoico. Seu carro está pifando? Essas coisas acontecem. É isso que pensavam seus amigos, que tudo estava acontecendo dentro da cabeça dele. E isso o destruía de forma mais certa do que qualquer outra agressão cuja origem ele era capaz de identificar.

Um dia, diante de uma xícara de café que haviam lhe preparado, ocorreu-lhe uma ideia que não mais o deixou de que poderiam muito bem ter colocado ali dentro um ácido bastante concentrado que daria início a um filme de terror infinito dentro de sua mente, um filme que duraria por toda sua vida. Se alguém o odiava – e isso era inevitável no mundo dos drogados, algo comprovado por diversos incidentes de rivalidade –, podia perfeitamente ter feito isso, ou então lhe aplicaria uma injeção com um caprichado coquetel de heroína com uma pitada de estricnina para matá-lo, mas não exatamente, a ponto de levar ao mesmo resultado: ficar preso à vida, um perpétuo filme de terror. Sua existência seria dedicada à seringa e à colher, ele acabaria se debatendo contra as paredes de um hospital psiquiátrico onde passaria dia e noite tentando se livrar de seus piolhos e se perguntando por que ele não era mais capaz de levar um simples garfo até a própria boca.

Todos os traficantes devem temer isso, assim como os policiais temem os narcóticos. O limite entre as duas coisas era meio turvo. Todo mundo sabia que, em bairros como o que ele morava, os carros da polícia eram sempre uma Kombi decrépita da Volkswagen coberta de desenhos psicodélicos e guiada por algum *freak* barbudo. Todo mundo sabia que os agentes de narcóticos às vezes se passavam por traficantes e vendiam haxixe ou até mesmo

remédio para cavalo, o que dava um bom disfarce e fechava as contas no fim do mês. Todo mundo sabia que alguns desses agentes também chegavam a se drogar e, sem abandonar a polícia, tornavam-se não só traficantes prósperos, mas também *junkies*. Todo mundo sabia que, no caminho oposto, fosse para pagar as contas ou por antever a chegada de uma inevitável batida policial, serviam de informantes dos meganhas. Todo mundo sabia disso tudo, o que não ajudava ninguém a enxergar nada com mais clareza. Todo mundo – policiais, traficantes, usuários – mudava de papel ao sabor das circunstâncias, assumindo aquilo que acreditava ser o papel dos outros. Estavam todos perdidos.

Um dia, ele achou que Donna era da polícia, e disse isso a ela. Ela respondeu que entendia perfeitamente que ele acreditasse naquilo, afinal, no mundo em que viviam, era algo bastante verossímil.

Um dia, voltando do cinema, tiveram certeza de que os policiais ou outras pessoas tinham passado por lá na ausência deles. Um dentre eles talvez tivesse dado a dica. Em todo caso, alguém tinha passado por lá, bastava ver a minúcia dedicada a apagar os menores rastros possíveis. Como num filme, eles viam os policiais tirando as gavetas de todos os móveis para garantir que não tinha nada colado embaixo delas, desmontando os lustres para talvez flagrar uma enxurrada de comprimidos saindo pelo buraco, e enfiando o nariz nas privadas em busca de pacotinhos enrolados em papel higiênico e escondidos de modo que bastaria acionar a descarga para sumir com eles, se fosse o caso. Ou talvez, uma hipótese muito mais temida, os policiais não tinham vindo procurar drogas, mas sim escondê-las para poder prendê-los quando bem entendessem. Isso poderia ser feito em qualquer lugar – no telefone, nas tomadas das paredes, nos rodapés. Eles ficaram horas

passando um pente-fino na casa inteira. O fato de não terem encontrado nada tampouco os tranquilizou.

Um dia, ele se convenceu de que a casa estava sob vigilância 24 horas. Ele já desconfiava que a linha telefônica estava grampeada e, de todo modo, o mínimo de prudência exigia fazer vista grossa. Da casa dele, ninguém nunca, jamais ligava para algum contato de droga. Mesmo de um orelhão, eles usavam códigos, dividindo as quantidades por dez para que os policiais não se dessem ao trabalho de fazer uma apreensão tão irrelevante. Mas não se tratava só do telefone – ele achava que a casa estava apinhada de microfones e câmeras.

Ele se perguntava como os policiais tinham feito para vislumbrar tudo aquilo. Supondo que algum sujeito fosse especialmente afeito ao número 707 da Hacienda Way, será que ele passava o dia na frente de uma infinidade de telas que revelavam tudo o que acontecia em cada um dos cômodos? Será que ele estava vendo e ouvindo *tudo*? A totalidade daquelas conversas circulares, intermináveis e revolidas com as quais os drogados passam o tempo? Quilômetros e quilômetros de fitas desperdiçadas com a mesma coisa sempre? Claro, ele devia assistir a maioria delas em *fast-forward*, mas assim ele poderia perder algum momento decisivo: uma compra importante, uma informação que estava buscando acaloradamente e que era a razão de toda aquela vigilância. Ele devia temer isso o tempo todo. Seu trabalho tinha algo de infernal.

Por outro lado, ele bem que gostaria de estar nessa posição. Poder identificar seus inimigos. Saber o que acontecia na casa quando ele não estava lá, ou o que acontecia em tal cômodo quando ele estava em outro. Uma árvore que cai na floresta faz barulho se não tem ninguém para ouvir? Como será que Donna agia quando ele não estava lá para observá-la? O que será que ela falava dele? Com quem ela ia para a cama? O que ela enfiava em sua xoxota? E o gato? Ele imaginava o gato esvaziando um

travesseiro para nele esconder todos seus objetos de valor, arranhando tudo por pura maldade, acendendo seus baseados, fazendo chamadas interurbanas para levar a conta de telefone às alturas, andando no teto... Aliás, e ele próprio? Se ele tivesse sido filmado o dia todo, será que não ficaria surpreso com o conteúdo dessas fitas? O que ele fazia de fato quando achava que estava acordando para fazer xixi à noite? Assim como nunca reconhecemos a própria voz gravada ao escutá-la pela primeira vez, algo parecido deve acontecer quando nos vemos no vídeo. Alguém que jura ser um grandalhão barbudo de repente se vê como um magricela quatro-olhos. Não, ele se reconheceria com certeza, fosse pelas roupas, fosse apenas por eliminação. Se *íSSO* que mora aqui não é a Donna, nem o Luke, nem o Barris, nem um cachorro, nem um gato, só pode ser eu mesmo.

A princípio.

FLUAM, MINHAS LÁGRIMAS

Uma noite, ao voltar para casa, ele abriu a porta de entrada e apertou o interruptor do seu lado esquerdo. O que ele viu fez com que largasse a caixa de compras que carregava. Montes de papéis bagunçados e objetos pisoteados espalhados pelo chão. O aparelho de som tinha desaparecido. As janelas estavam quebradas, o grande arquivo blindado fora esbandalhado com explosivos, a casa inteira havia sido saqueada. “Meu Deus do céu!”, foi seu primeiro pensamento. “Então eu não sou paranoico.”

Fazia uns dez dias que ele estava esperando que algo acontecesse. Seu carro estava cada vez pior. Ele tinha recebido telefonemas ameaçadores. Uma noite, acordada por algum deles, Donna surtou e ficou repetindo que eles seriam atacados. Fazer com que Phil partilhasse desse ou de qualquer outro medo que fosse não era exatamente uma façanha. Ele comprou um revólver e começou a fazer rondas na própria casa empunhando a arma, vigiando pelas fendas das persianas quem se aproximasse dali e se demorando a observar os pontos cegos. Molestava seus amigos insistindo no assunto do perigo que ele estava correndo e chegou até mesmo a pedir proteção da polícia, que o mandou passear; já seus amigos estavam acostumados a isso. Todo mundo sabia que Phil vivia em estado permanente de crise e criava ao redor de si a atmosfera de seus livros, em que os heróis se acreditam perseguidos por inimigos invisíveis. A função de um amigo do herói consistia em dizer: não, você está inventando coisas, isso tudo só existe dentro da sua cabeça – e eles cumpriam esse papel sem maiores problemas. Além do mais, sempre falando do universo de seus livros, revela-se que, na realidade e contrariando todas as evidências, o herói tem razão, e eis que a realidade estava consentindo em desempenhar seu papel. Naquela queda de braço em que se opunham, ela, a realidade, acabou cedendo e se tornando também dickiana.

Ele chamou a polícia tomado por uma espécie de euforia, feito o menino que, de tanto dar alarmes falsos sobre a presença de um lobo, acaba sendo devorado por um de fato e, de dentro de seu estômago, suspeita que ninguém virá a seu socorro, mas também se regozija de pensar no peso na consciência que sua morte irá causar nas pessoas. A polícia atendeu às expectativas, desligando na cara dele: tinham aguentado o suficiente do mitômano da

Hacienda Way, aquele antro de drogados não era motivo para se descabelar. Por fim, dois inspetores apareceram cheios de má vontade, constataram os danos e um deles, na hora de partir, perguntou-lhe por que diabos ele tinha feito aquilo. Outros teriam desdenhado dessa insolência, mas Dick se pôs a tremer de fúria e medo, explicando com um repentino tom estridente que ele sequer tinha um seguro. No dia seguinte, quando foi à delegacia com uma lista dos objetos roubados e destruídos, eles se recusaram a registrar o caso – ou talvez tenham só enrolado mesmo –, sob o pretexto de que nenhum arrombamento fora relatado naquele setor. Depois um policial meio paternal, meio ameaçador, deixou escapar que não precisavam de encenqueiros como ele em San Rafael e que era melhor mudar de ares antes que algo pior acontecesse.

. . .

Nesse imbróglio, ele perdeu quase todas as lembranças guardadas em seu arquivo, o aparelho de som, além do sentimento de segurança já amplamente atacado; e ganhou, ademais da certeza de ter razão, um assunto para refletir sem fim. Até o dia em que, três anos depois, a vida lhe daria um osso ainda maior para roer, ele ficou ruminando este: quem havia arrombado sua casa no dia 17 de novembro de 1971 e por quê?

De cara, afastou a ideia de que podia se tratar de um delito “normal”, atribuível aos bandidos do bairro ou a antigos hóspedes que tinham passado por lá. A seus olhos, o uso de explosivos inocentava aqueles peixes pequenos – ainda mais considerando que, segundo um misterioso informante, supostamente um antigo funcionário da CIA, tratava-se de um raro explosivo, usado somente pelo exército. O motivo não podia ser uma ganância banal: queriam amedrontá-lo ou então estavam em busca de algo.

Por uma dessas coincidências insignificantes que ele teria considerado altamente significativa – um bom exemplo de sincronicidade junguiana –, eu também tive minha casa arrombada quando comecei a escrever este capítulo. Na ocasião, fiquei sabendo pelo policial que foi inspecionar o local que todo mundo

que prestava uma queixa desse tipo é acometido pela mesma impressão, na maioria das vezes falsa: o ladrão não revirou as coisas ao acaso, ele estava em busca de algo específico. Ele levou tal bugiganga, preteriu objetos de maior valor... E dá-lhe maquinações para tentar encontrar uma explicação lógica às escolhas geralmente ditadas pela pressa ou pela ignorância.

Como é de se esperar, essa manifestação benigna da necessidade de sentido que nos anima acabou por causar um belo estrago em Dick: para que alguém tivesse se dado ao trabalho de explodir seu arquivo gigante, era preciso que nele tivesse, ou pelo menos se suspeitasse ter, algo precioso ou comprometedor. Mas o quê? De tempos em tempos voltava-lhe a ideia de que, sem saber, ele tinha tocado numa verdade perigosa em algum de seus romances.

No prefácio do último livro que fora publicado, *O labirinto da morte*, ele mencionava as discussões teológicas entretidas com o falecido bispo Pike. E este, em seu livro sobre os contatos com o além, havia agradecido a Phil e Nancy pela colaboração. Na época, aquele agradecimento o emocionara, mas agora ele calculava o perigo. As posições assumidas por Pike tinham causado um escândalo: era bastante possível que fanáticos religiosos, membros de uma seita fundamentalista, suspeitassem que seu amigo Dick estava dando continuidade àquela obra herética ou, em todo caso, que ele pelo menos guardava documentos que permitiriam tal continuidade – por exemplo, revelações sobre o tráfico de drogas com o qual Jesus Cristo estava envolvido...

Outra pista o levou ainda mais longe. Vinha do livro abandonado depois da partida de Nancy – *Fluam, minhas lágrimas, disse o policial* – que tratava de uma nova droga, capaz de inibir os comandos nervosos que controlam a impressão de continuidade espaço-temporal e, portanto, lançam o usuário num universo privado de qualquer referência. Ninguém tinha lido aquilo, o manuscrito estava guardado no cofre de seu agente, mas ele se lembrava de, certa noite, ter contado o enredo a um sujeito bem mal-encarado que fora morar na casa por alguns dias. Esse cara havia lhe

garantido que a CIA fazia experiências parecidas com um derivado do LSD, sob o codinome *mello jello*. Pouco tempo depois – e pouco tempo antes do arrombamento –, outro sujeito não menos mal-encarado tinha ido visitá-lo fingindo ser representante do serviço sanitário e fazendo perguntas sobre a difusão de um vírus originário do Vietnã; os sintomas que ele descrevia se pareciam muito com o do *mello jello*: ao entrar em casa, as pessoas acreditavam ter errado de porta, não reconheciam mais nada nem ninguém. Pior: não eram ou acreditavam não ser reconhecidas por ninguém.

Era exatamente o que acontecia no livro, em que o famoso apresentador de televisão Jason Taverner acorda um dia num quarto desconhecido, condenado ao anonimato. Ninguém tinha ouvido falar de seu programa, que até a véspera era acompanhado por 30 milhões de americanos. Ninguém reconhecia seu rosto, que uma semana antes estampava a capa da revista *Time*. Sua amante, seu agente, sua secretária, todos o botaram para correr. Ele não tinha mais documentos, não restava nenhum traço da sua existência nos arquivos da polícia nem na memória de seus contemporâneos.

Quando, mais de um ano depois de interrompido o livro, vieram lhe contar essa história de *mello jello*, ele só comprou a ideia em partes: era algo perturbador, claro, mas se parecia muito com um delírio qualquer de um noia, coisa que ele estava acostumado a ouvir e imaginar o tempo inteiro. A coincidência o teria convencido ainda mais se o sujeito tivesse falado das experiências da CIA *antes* que ele lhe revelasse a intriga de seu romance, e não depois. Mas o arrombamento e o uso de um explosivo do exército varreram para longe seu ceticismo. Agora lhe parecia bastante plausível que uma unidade de elite a serviço do complexo militar-industrial tivesse revirado seus papéis para saber se ele sabia mais a respeito disso do que tinha deixado escapar em suas conversas. Estavam em busca do manuscrito, e não o haviam encontrado. Mas os homens das forças secretas não parariam por aí. Com certeza tinham pensado em seu agente, a quem ele quase telefonou para saber se

seu cofre não tinha acabado de ser explodido também, se não tinham lhe arrumado uma nova secretária ou recebido propostas atraentes de pessoas que diziam ser editores. Mas acabou mudando de ideia, temendo que um telefonema desses fosse levantar suspeitas. Ele desconfiava também de ouvir como resposta: “Enfim, Phil, lembre-se: semana passada mesmo você me ligou pedindo para te enviar o manuscrito”.

Ele adoraria relê-lo para melhor apreciar sua pegada subversiva. Porque não falava só dessa história da droga. O verdadeiro tema era o universo paralelo onde Jason Taverner era por ela lançado: uma sociedade totalitária, esquadrinhada por uma polícia todopoderosa. Nenhum motivo para se descabelar: a ficção científica adora esse tipo de contexto orwelliano, que sequer chega a abalar um censor do mundo livre. Mas era justamente do mundo livre que ele estava falando. Seu romance se passava na América. O nome do presidente estava lá. Ele sabia que, para conseguir publicar o livro, seria preciso mudar esse nome e já tinha até encontrado uma alternativa: Ferris F. Fremont, FFF, porque F é a sexta letra do alfabeto e 666 é o número da besta no Apocalipse; mas, no primeiro esboço, o tirano se chamava Richard Milhous Nixon, com todas as letras.

Há muito tempo ele tinha uma teoria sobre o ex-governador da Califórnia, aquele bandido de mãos peludas cuja ascensão ele acompanhara à medida que ele próprio mergulhava nos recônditos da sociedade, e expunha essa teoria com tanta autoridade quanto falava da aproximação da Marlboro com a Ku Klux Klan – outro exemplo de parceria de sucesso. No caso da Marlboro, dizia-se que as linhas que separavam a parte vermelha da parte branca no maço de cigarros formavam três Ks, um na parte da frente, outro na parte de trás e um terceiro na parte superior. No caso de Nixon, baseava-se no ditado *Is fecit cui prodest* – o responsável é aquele que tirou proveito. Quem é que poderia ter se aproveitado dos assassinatos de John Kennedy, seguido do de Robert e de Martin Luther King,

além do atentado contra George Wallace, senão um personagem de segunda linha, feioso e astuto à maneira de Ricardo III e Stálin e, assim como eles, capaz de eliminar todos os rivais mais talentosos que o separavam de seu objetivo? Sim, Nixon tinha chegado ao poder valendo-se dos mesmos métodos que Stálin, e beneficiando-se dos mesmos apoios. Como ele soubera posicionar seus informantes por toda parte, os serviços de informação o apoiavam; o mesmo valia para os soviéticos, porque ele servia a seus interesses. Isso porque, na verdade, ele era um deles.

Nesse ponto do discurso, todo mundo geralmente caía na risada. Nixon comuna!, só podia ser coisa do Phil... Mas ele insistia e mostrava que bastava cogitar essa tese para que a verdade saltasse aos olhos. Desde o começo, Nixon estava a serviço do Partido Comunista e, protegido por sua reputação de político conservador conquistada nos tempos do macarthismo, trabalhava para transformar o país da liberdade em uma criptocolônia da União Soviética. Os cidadãos eram vigiados, a delação era organizada e, glória suprema, enquanto o *Homo sovieticus* pelo menos tinha consciência de viver numa prisão, o americano médio simplesmente ignorava esse fato. Devido a essa superioridade, a ditadura de Nixon se aproximava do ideal que os nazistas não tiveram tempo de concretizar e após o qual os russos, paralisados por sua barbaridade atávica, vacilavam sofregamente.

Mesmo que talvez não tivesse lido o próprio Soljenítsin, Dick tinha pelo menos se deparado com alguns artigos sobre ele quando lhe foi concedido o Prêmio Nobel. Ele o admirava, mas não podia deixar de pensar que, na Rússia, a tarefa era mais fácil: pelo menos acreditavam nele, ninguém com um mínimo de bom senso podia se recusar a acreditar nele. Ao passo que um Soljenítsin americano, por mais que também dissesse a verdade e denunciasse os crimes de Nixon assim como ele havia feito com Stálin, não precisaria sequer ser colocado num hospício: todo mundo o julgaria louco, ninguém lhe daria ouvidos. Ele acreditava ter extrapolado ao descrever a América totalitária de *Fluam, minhas lágrimas*, mas, quanto mais pensava a respeito, mais encarava esse livro como o

seu *Arquipélago gulag*: uma obra profética, ainda mais porque mostrava uma realidade invisível, inadmissível. De resto, aqueles que estavam por dentro, os criminosos do Estado, não se deixariam enganar. Eles o haviam perseguido, roubado, sujeitado a um controle fiscal; tampouco hesitariam em sumir com ele, se fosse o caso.

Como seu homólogo soviético, ele agora vivia o terror. Seus inimigos o haviam atingido e o fariam de novo. Seus amigos, por considerar a casa do Ermitão um esconderijo cercado – e alguns deles, munidos de certa verossimilhança por não ter a consciência tranquila –, tinham se dispersado. Quanto à polícia, tratavam-no mais por delinquente do que por vítima. A qualquer momento podiam chegar para prendê-lo. Nunca mais ouviriam falar dele. Se não fosse morto ali mesmo, seria esquecido num campo de concentração no Alasca.

Separando o que tinha restado de sua papelada na casa vazia e sem música, onde o menor ruído causava um sobressalto, caiu-lhe nas mãos um convite para a convenção de ficção científica de Vancouver, que se realizaria em fevereiro. Numa época normal, ele teria se esquivado, mas, durante aquelas semanas sombrias, o estatuto de convidado de honra e o refúgio em terra estrangeira com todas as despesas pagas lhe pareceram ser o futuro. Era preciso escrever um discurso, que ele decidiu que seria seu testamento. Talvez ele sucumbisse, mas não sem antes se manifestar em alto e bom som, igual Soljenítsin havia feito em Estocolmo.

Era a primeira vez em um ano e meio que ele se sentava diante da máquina de escrever. Fosse por fidelidade ou por falta de outro abrigo, Donna continuava a visitá-lo em casa. Acabou por ser sua musa inspiradora e até por deixar-se persuadir a acompanhá-lo ao Canadá. Ao lado dele, ela representaria a juventude rebelde, a esperança da América, à qual ele se propunha a fazer um elogio.

Na sociedade policial que ele via se instaurar de maneira perversa nos Estados Unidos, só se podia esperar alguma forma de

resistência vinda dos *freaks*, segundo ele. As oposições políticas, como sempre, acabariam compactuando ou se deixando manipular. Os adultos, imbuídos de sua importância, pediriam somente amor ao Big Brother, trocando sua falível e vulnerável humanidade pelas certezas do androide, cidadão modelo dos regimes totalitários. Se é que havia alguma chance de liberdade, ela residia no espírito de transgressores do mal dos mais jovens. “Sigam em frente”, pregava ele, “trapaceiem, mintam, afaquem, enganem, fiquem alheios, falsifiquem documentos, joguem LSD nos reservatórios municipais, construam, na garagem de vocês, aparelhos eletrônicos que ultrapassem aqueles que são usados pelas autoridades. Se a tela da sua televisão está te observando, fuce nela de tal modo que o laçao da polícia encarregado de vigiar a sua sala receba a imagem da sala da casa dele. Paguem suas multas com dinheiro falso, cheques sem fundo ou cartões de crédito roubados. Se um juiz os condenar, troquem os anticoncepcionais da filha dele por aspirinas. Façam assinaturas de revistas pornográficas no nome dele. Usem o número de seu cartão de crédito para fazer chamadas telefônicas intermináveis para cidades distantes, para outros planetas.”

Donna assistiria à conferência e estava previsto que, no final, ele se dirigiria a ela, convidando-a a se levantar. Então, a representante da juventude rebelde, de botas e jaqueta de couro preto, o cabelo também preto cobrindo os olhos, atravessaria o anfiteatro da universidade da Colúmbia Britânica e se juntaria a ele no palco. Ela lhe daria um beijo na boca na frente de todo mundo e sacaria um baseado que ele acenderia ao som dos aplausos. Esse roteiro amenizou um pouco as noites em que ela se recusava a dormir na cama dele.

Mas eis que, no dia da partida, Donna não deu as caras. Ela revendera a passagem comprada em seu nome e depois sumiu do mapa. Assim, ele viajou sozinho, com uma mala contendo algumas mudas de roupa, uma Bíblia e seu discurso que, depois de tamanha traição, lhe parecia absurdo.

Para nós, democratas virtuosos que coram com a simples lembrança de um dia na adolescência ter chamado as tropas de choque de porcos fascistas, e nossos pobres líderes eleitos, de ditadores, esse discurso também parece meio absurdo. Mas não continha nada que pudesse surpreender o público, para quem coisas parecidas eram recorrência na boca de radicais americanos. Leary, naquele mesmo ano, convidava a “resistir à robotização em andamento” e considerava que “atirar num robô policial genocida”, ou seja, num policial, era um “ato sagrado”. Na ocasião, Dick foi aplaudido como um prefeito que, em comícios agrícolas, vangloria a diversidade dos produtos locais e condena a burocracia dos territórios vizinhos. Essa discreta homenagem bastou para lhe dar novo fôlego. Ele foi entrevistado, fotografado, acompanhado em passeios pela cidade – que lhe pareceu bela – e apresentado a jovens admiradoras – que a ele pareciam mais belas ainda. Foi levado até para dançar numa boate. Não o deixaram sozinho um minuto sequer. Donna, o assalto, a ameaça fascista, tudo virou uma vaga lembrança: ele tinha encontrado um refúgio, um novo círculo de amigos que o acolheu, com incredulidade mas também com entusiasmo, na nova decisão que tinha tomado já na primeira noite, a de refazer a vida em Vancouver. Para comemorar a boa-nova, encheram a cara. Cada um lhe deu seu endereço e número de telefone, garantindo que ele seria sempre bem-vindo. E Dick era um homem que levava ao pé da letra até mesmo os mais vagos convites. Finda a convenção e com suas diárias de hotéis não mais bancadas pelo evento, ele se refugiou na casa de um jornalista que havia lhe entrevistado e cuja jovem esposa, Susan, adorava seus livros. Nos primeiros dias, suas fantasias e seu humor encantaram os dois. Eles choraram de rir quando ele enganou uma testemunha de Jeová que tinha batido na porta e que provavelmente se lembraria a vida toda daquele gordo barbudo e de olhos brilhantes que ficou falando de entropia, das leis da termodinâmica e de transubstanciação. Mas o apartamento tinha só dois cômodos, e a presença daquele homem grande dormindo no sofá da sala logo se mostrou incômoda. Susan, que ainda era uma universitária, ficava em casa quebrando a cabeça com os estudos enquanto seu marido

ia ao jornal. Nessas condições, pensou Dick, ela só podia ficar radiante por ter um pouco de companhia. Menos apressado em procurar um apartamento do que havia indicado a princípio, ele só aceitava ir visitar algum quando ela ia junto. Eram os únicos momentos em que saía de casa. O resto do tempo, ficava indo para lá e para cá na sala, lia a Bíblia, ouvia música e, a cada cinco minutos, batia na porta do quarto onde Susan se trancara para perguntar se o som não estava muito alto, ou se ela queria um café, ou se o que ela estava estudando era interessante. Com voz lamuriosa, ele cantava para ela a ária de Dowland que se tornara seu brasão musical:

*Flow, my tears, fall from your springs.
Exiled for ever, let me mourn...*[\[1\]](#)

A princípio tocada e lisonjeada por ser cortejada de maneira tão romântica, ela começou a não gostar das investidas sacaneando o marido. Envergonhado por ser esnobado, Dick se tornou agressivo, desconfiado, manipulador. Atendendo o telefone na ausência de seus anfitriões, reclamava deles para seus amigos. Susan e seu marido sentiram uma dificuldade imensa em colocá-lo da porta para fora e depois, anos mais tarde, também em confiar ao biógrafo que tinha ido interrogá-los um depoimento que não fosse demasiado acusatório daquele homem que eles continuavam a admirar: “Ele vivia com um nível de intensidade mais elevado do que qualquer outra pessoa e insistia para que nos juntássemos a ele em seu universo. Nós não demos conta”, concluiu o marido com sobriedade.

Assim como também não deram conta as várias garotas de cabelos pretos que, na euforia da convenção, tinham prometido que lhe telefonariam caso ele ficasse ou voltasse a Vancouver. Em seu decadente quarto de hotel, ele grudou em sua agenda de telefones, depois na lista telefônica da cidade, e pôde sentir o mesmo gosto amargo do guardinha que, trabalhando como salva-vidas durante o verão, arrasava os corações ao seu redor e, ao voltar para a cidade grande depois de passada a temporada, esperava se reconciliar

com suas conquistas burguesas da praia. Todas elas tinham maridos, amantes ou simplesmente coisa melhor para fazer em vez de tomar conta dele. Muitas pareciam constrangidas ao descobrir quem estava ligando, como se depois da convenção tivessem ficado sabendo de coisas desagradáveis a seu respeito – óbvio que ele desconfiou de Susan. Algumas sequer se lembravam dele, ou pelo menos fingiam que não: era o caso de acreditar que tinham lido *Fluam, minhas lágrimas*.

Mais uma vez, algo havia saído dos trilhos. Ele acreditava ter encontrado o impulso para, *nel mezzo del cammin*, começar uma nova vida, e, de repente, via-se sozinho em terra estrangeira. No melhor dos casos, ninguém dava a menor bola para ele, e no pior... No pior, ele fora atraído até lá, longe de suas bases, para acabarem com ele. Em San Rafael, aquele policial lhe dissera para que fosse resmungar em outras paragens, e ele obedeceu. Alguns dias antes de sua partida, quando ainda acreditava que seria a partida *deles*, observou a Donna: “finalmente estou obedecendo esse policial, estou me entregando; e se, no último minuto, eu deixasse de ir? E se eu estragasse o plano deles?”. Donna, que o conhecia bastante bem, disse algo que o acertou em cheio: “se você não for, outra pessoa irá em seu lugar, fará o seu discurso e, daí em diante, essa pessoa qualquer vai passar a ser Philip K. Dick no seu lugar”. Talvez algo assim tenha acontecido. Talvez não fosse ele próprio, mas um agente ou o androide encarregado de desempenhar seu papel. Durante a convenção, ele havia ocupado maravilhosamente seu lugar, tão bem que ninguém desconfiara de nada: tinham lhe implantado uma falsa memória, ele acreditava ser Phil Dick, escritor subversivo, amante da teologia, mulherengo impenitente. E depois ele decidira ficar. Será que essa decisão fazia parte do seu programa? Ou será que, ao tomá-la, ele tinha se afastado desse programa, para consternação de seus mestres que há várias semanas tentavam colocar as mãos nele para destruí-lo ou para conduzi-lo à oficina onde tentariam entender o que tinha dado errado? Na versão oficial do universo, ele havia deixado Vancouver, como previsto. Não é de impressionar que todo mundo agisse como

se ele não estivesse lá. Ao se aventurar num segmento da realidade no qual era o único habitante, ele se transformara num fantasma.

Não quero extrapolar aqui. Tampouco economizaria nesse episódio se estivesse escrevendo um romance: seria tentador, assim como foi, situar seu desenvolvimento ao longo das duas semanas que serão abordadas apenas neste parágrafo. Essas duas semanas são um buraco na biografia do meu herói, e acho que não é possível ser um romancista sem sonhar em fazer um ninho justamente num buraco desses: seguir Agatha Christie em sua fuga misteriosa; acompanhar Robespierre em Ermenonville, onde, dizem, ele se refugiou na véspera do Termidor; ou ainda juntar-se a Cristo no deserto. Um período passado sem testemunhas vem invariavelmente acompanhado de certa magia de potência romanesca. E percebo uma desigualdade profunda e pouco observada entre aqueles que têm acesso a esse luxo, o de poder, se assim quiserem, cruzar apenas com olhares estrangeiros ou ainda com o olhar de ninguém durante uma semana ou seis meses, e aqueles cujas restrições da vida os vinculam permanentemente aos olhos de seus familiares.

Glenn Gould dizia que, para cada um, existe uma razão ideal frequentemente ignorada entre o tempo passado sozinho e aquele desfrutado na companhia de seus semelhantes. Ele precisava de dias inteiros para se purificar depois de uma hora vivida em sociedade. Dick, ao contrário, tinha um medo terrível da solidão. Para ele, o ideal era poder, quando bem entendesse, se trancar num cômodo para trabalhar, desde que houvesse uma mulher esperando por ele no cômodo vizinho. É por isso que, embora seja arriscado conjecturar o que possa ter se passado em sua cabeça, o biógrafo não encontra muitas dificuldades para estabelecer os fatos de sua vida ou onde e com quem ele estava em tal dia. Cinco esposas e dezenas de amigos estão aí para testemunhar. Daí o mistério dessas duas semanas que, no caso de uma vida menos exposta, teriam passado despercebidas.

Assim como um monte de gente já foi roubada, um monte de gente já passou alguns dias a sós numa cidade estrangeira. Apesar de ser impossível confirmar esse dado, é bastante provável que Dick tenha sido vítima de um roubo banal, como os que são registrados diariamente e às dezenas numa delegacia da periferia; é provável também que, no mês de março de 1972, ele tenha se arrastado sem destino por Vancouver, assistido televisão em quartos de hotel, tomado comprimidos aos punhados e telefonado centenas de vezes para garotas que o mandaram pastar, algo que a Providência considerou inútil apresentar a seus biógrafos. Mas não há testemunhas disso, nem mesmo ele próprio: à medida que transcorriam, ou talvez nem isso, essas duas semanas foram apagadas de sua memória.

Em 23 de março, ele se reencontrou. Como Jason Taverner em seu livro, ele estava capotado na cama de um quarto de hotel decadente. Foi quando ligou para Susan, a jovem esposa do jornalista, para anunciar-lhe que ia “apagar a luz”. Impaciente, ela desligou na cara dele, sem entender o sentido dessa alusão à letra de “Flow, my tears”:

*Down, vain lights
shine no more...*[\[2\]](#)

Mas ele imaginou que ela havia entendido muito bem e que o fato de ter desligado na cara dele significava: “Pode morrer”. E foi isso que ele tentou fazer tomando 700 gramas de brometo de potássio. Ele caiu no sono. Pouco depois, ao recobrar a consciência, notou que tinha um número de telefone anotado na palma da mão esquerda, algo que ele devia ter rabiscado com a mão direita em algum momento. Tateando, conseguiu enfim completar a discagem – era o número do atendimento de emergência.

Seguiram-se alguns dias no hospital. A recuperação foi rápida, mas pairava no ar a pergunta de aonde enviá-lo depois dali. Ele jurava que não tinha para onde ir, que recomeçaria tão logo saísse do hospital, era um toxicômano. Não existiam centros de reabilitação no Canadá? Sim, claro, lhe responderam, tinha o X-Kalay, mas ele que não se enganasse, pois não era nada agradável: abstinência integral, nada de medicamentos para ajudar a segurar o tranco, vigilância incessante. Perfeito, é exatamente o que eu preciso, garantiu ele.

Sim, mas em X-Kalay tratavam só de viciados em heroína.

Nenhum problema, eu *SOU* viciado em heroína.

O médico deveria ter considerado com um olhar cético a corpulência de seu paciente, que de fato tinha um aspecto açoitado pelo uso de todas as drogas do mundo, exceto por aquela. No entanto, há fatos o suficiente para comprovar a influência que Dick exercia no corpo médico: ele pesava cem quilos, e X-Kalay era um centro especializado em tratar viciados em heroína, isto é, verdadeiros esqueletos ambulantes, o que não impediu que ele fosse aceito na instituição numa boa, depois de uma entrevista com pessoas ao mesmo tempo experientes e pouco dadas a gracejos.

Exceto pelo detalhe de que um interno cruza o limiar da instituição por vontade própria – e, no caso dele, também com um pouco de insistência –, o cerimonial de entrada num centro de reabilitação “rígido” como X-Kalay é pouco diferente do ritual de encarceramento de um prisioneiro. Suas roupas civis são trocadas por um pijama e chinelos de feltro, e seu sobrenome dá lugar a um nome atribuído arbitrariamente; pede-se que, de modo geral, não falem do próprio passado nem do mundo exterior; o sujeito é privado de suas vontades. Dali em diante, não se faz nada que não seja solicitado e vigiado.

Em virtude de um paradoxo comum, Dick ficou imensamente aliviado por ter sido aceito nessa instituição que mais parecia um campo de concentração, algo que ele sempre desconfiara que lhe aconteceria um dia. Antes afeito à sua liberdade, tudo o que ele

pedia agora era que tomassem conta de si. Tomavam as decisões por ele: hora de levantar, hora de dormir, hora da labuta, hora de descansar; que libertação! Do mesmo modo, ele, que nunca cessara de denunciar a vigilância policial da qual acreditava ser vítima, descobriu a contragosto a nulidade que resta ao sujeito quando não é observado por ninguém. Sem testemunhas, ele deixava de existir. Ele havia desconfiado disso durante os últimos meses na Hacienda Way, quando acreditava temer que a polícia o filmasse, mas, na verdade, esperava que fizessem isso de fato. Mesmo que ele nunca pudesse ver aquelas fitas, mesmo que ninguém as tivesse visto, pelo menos tinha algum significado saber, ou pelo menos suspeitar, que elas existiam em algum lugar, e que em algum lugar, perdido em meio a toneladas de arquivos igualmente inúteis e fundamentais, encontrava-se um depoimento que determinava o que ele tinha feito, minuto a minuto, durante todos aqueles dias e noites que não mais constavam em sua memória. Claro que esse depoimento trazia apenas os gestos e as palavras produzidos pela máquina humana chamada Phil Dick. Os pensamentos lhe escapavam, mas ele daria tudo para saber se tinha ou não assinado aqueles cheques dos quais ele não se lembrava mais ao conferir o extrato, ou então para saber se tinha respondido com grosseria aos telefonemas de pessoas bem-intencionadas que repreenderam-no na sequência: um noia qualquer que morava na casa deve ter achado engraçadinho assumir seu lugar, ele pensava para se defender, mas continuava achando que haviam deixado de acreditar nele, e nem ele próprio acreditava tanto assim. Claro, o ponto mais importante de um vídeo desses seria o episódio do arrombamento, que ele atribuía à polícia de Nixon e do qual não só a polícia, como também certas pessoas bem-intencionadas citadas anteriormente, acreditavam ser ele o culpado: para sumir com os papéis que o fisco estava se preparando para lhe pedir, ou para pagar de interessante, ou num momento de loucura... Nixon ou ele: supondo que, em primeiro lugar, o filme exista e, em segundo lugar, que ele não tenha sido manipulado, somente essas imagens poderiam determinar a verdade, e ele rezava para que um dia lhe concedessem acesso a esse material.

Em X-Kalay, as pessoas não eram filmadas, mas tampouco eram deixadas por conta própria um instante sequer. O descanso acontecia nos dormitórios, o banho era tomado em grupos e, na hora de ir ao banheiro, a porta precisava ficar entreaberta.

Os banheiros, aliás, foram seu universo na primeira semana. A limpeza deles era tida como uma tarefa adequada às necessidades e às capacidades dos novatos. Quando ele chegou, junto com outro recém-chegado, eram três os banheiros, um por andar, o que permitia que o trabalho não fosse feito de qualquer jeito. Como dizia o supervisor que lhes entregara balde, pano de chão e vassoura: “O importante não é aquilo que fazemos, mas fazer bem feito e poder se orgulhar disso”. Dócil, Dick limpava as privadas com a minúcia de um restaurador de obras de arte. Ele conseguiu se deixar absorver por esse trabalho e fazê-lo durar sem perder o fio da meada: depois de uma ou duas horas dedicadas ao mesmo vaso sanitário, ele sabia identificar o momento de parar quando achava que tinha acabado e, então, passava a outra atividade. Esse comportamento revelava um equilíbrio pouco comum em X-Kalay. Seu companheiro, por exemplo, nunca chegava ao fim de uma tarefa. Se lhe dessem um azulejo para limpar, ele se lançava na atividade como haviam lhe indicado que fizesse, mas depois de alguns minutos era impedido por algum obstáculo invisível e voltava ao ponto de partida. Ele recomeçava e parava exatamente no mesmo lugar, como um disco riscado. Um dia inteiro podia se passar assim. Dick bem que gostaria de ajudá-lo, mas com que finalidade? Ele até podia terminar o azulejo no lugar dele, para não fertilizar aquele caos vitrificado a que seu cérebro tinha se reduzido por causa das drogas, mas nada de novo entraria naquela cabeça porque o cérebro estava morto, mesmo que o sujeito ainda estivesse biologicamente vivo. Aquelas mãos, aqueles olhos e aquela língua exerciam suas funções, mas a pessoa que se valia dessas estruturas tinha desaparecido. Restava somente uma máquina com reflexos, que repetia as últimas instruções: “Tente de novo, tente de novo”, feito um papagaio. Geralmente acredita-se que os papagaios não entendem nada do

que os fazem dizer, motivo pelo qual Jerry, antigo morador da Hacienda Way, achou que era sagaz ensinar seu papagaio a dizer: “Eu não entendo nada do que me pedem pra dizer”. Mas, pelo motivo que fosse, o papagaio, ainda que obediente, nunca tinha conseguido ou nunca quis repetir isso. Um equivalente dessa escapada furtiva do programa em *loop* a que se resumia sua vida psíquica aconteceu quando o companheiro de Dick o encarou com seu olhar vazio e, em vez de repetir a última frase que tinha ouvido, perguntou lamurioso: “Por que eu não consigo?”.

Dick ficou abalado com isso. Parecia uma daquelas cenas cheias de ânimo e esperança de um filme sobre deficientes, como *O milagre de Anne Sullivan*, em que de repente a criança surda passa a ouvir e uma tetraplégica volta a andar. Mas quando tentou falar com ele, só obteve a repetição da mesma frase como resposta: “Por que eu não consigo?”. Até o ponto em que se perguntou se ele próprio, sem pensar, meio devaneando, não tinha dito aquela frase diante do colega. O que responder, de todo modo? “Você nunca vai conseguir porque seu cérebro derreteu irreversivelmente”? Uma simples descarga teria um efeito mais eloquente.

Para uma pessoa a quem uma desintoxicação ainda serviria de algo, o tratamento em X-Kalay tinha lá suas virtudes, incluindo o fato de reduzir a mingau qualquer ideia romântica relacionada às drogas. Os irrecuperáveis serviam de exemplo aos outros, que partilhavam daquele ódio histérico que o vício ainda não conseguira lhes aplicar. Muitos entre os que conseguiam sair dessa, temendo uma recaída no mundo exterior, continuavam em X-Kalay na qualidade de supervisores e eram conhecidos pela brutalidade. Toda essa equipe composta por sujeitos arrependidos sem dúvida acreditava estar lutando contra o pecado, e não contra o pecador, mas como o pecado havia devorado boa parte dos pecadores, eles os tratavam com a mesma hostilidade obstinada e desprovida de sentimentalidade que o professor Van Helsing tinha para com os vampiros: o homem é digno de compaixão, claro, mas é preciso

saber que, a despeito da aparência, ele não está mais ali; resta apenas o vampiro, que deve ser tirado da condição de causar danos.

O ódio pelas drogas dominava aquele universo, assim como a obsessão por comprá-las tinha dominado o mundo onde Dick vivera desde a partida de Nancy. Eterno camaleão, ele imediatamente adotou um novo sistema de valores, do qual se tornou o mais eloquente defensor nas sessões de terapia de grupo. Como todos eram encorajados a dizer o que lhes desse na telha, o que geralmente acontecia era uma morosa troca de insultos, e Dick não dava a mínima quando, assim como qualquer outro, era chamado de chupador de paus, arrombado, monte de merda, raspador de bidês e sífilítico. Mas não levava tão na esportiva assim as ofensas que envolviam sua irmã, fato que logo notaram e que fez duplicar esse tipo de desfeita: “E a sua irmã, você trepou com ela?”. Mas ele conquistou uma vitória decisiva ao dar a seguinte resposta para um babaca que o importunava: “Não tem problema, quinta-feira eu volto”. A réplica causou alguns risos, pelo menos entre aqueles que ainda eram capazes disso e que tinham entendido a alusão a uma história contada pouco antes: um dia, um cara que outro cara tinha conhecido foi visitar um velho amigo. E perguntou para as pessoas na frente da casa desse amigo se ele podia ver o Léon. “Ah, nós sentimos muito, mas o Léon morreu”, disseram. Ao que ele respondeu: “Não tem problema, quinta-feira eu volto”.

Depois disso, em X-Kalay, quando alguém não entendia o que estavam lhe dizendo ou simplesmente não queria responder, ou não encontrava o rolo de papel higiênico que tinham lhe mandado ir buscar, era só se safar dizendo: “Não tem problema, quinta-feira eu volto”. A autoria dessa réplica que virou ritual, igual ao célebre “até mais ver” da série de TV *O prisioneiro*, foi implicitamente atribuída a Phil. Quando, no fim daquela semana, estavam preparando a lista das contribuições de cada um para as sessões de terapia de grupo, foi-lhe reconhecido o mérito de ter trazido um pouco de humor. Segundo um médico, ele tinha conservado o dom de ver o lado engraçado das coisas, apesar de sua lamentável condição pessoal.

Em seguida vieram os aplausos. Ele deu seus cumprimentos, repetindo como um papagaio: “Não tem problema, quinta-feira eu volto”.

O INVERNO DA ALMA

ao fim de duas semanas, acharam que ele tinha esfregado privadas o bastante e, como tinham o princípio de usar as capacidades de cada um da melhor maneira possível, ele foi parar detrás de uma máquina de escrever. Num currículo, aquilo que ele fazia atendia pelo nome de relações públicas: compilava relatórios sobre as atividades de X-Kalay, classificava recortes de matérias sobre problemas com drogas e escrevia cartas solicitando a generosidade de eventuais doadores. Em seus momentos livres, desenvolvia uma teoria sobre o funcionamento do centro que, segundo ele, abrigava um laboratório onde se fabricava heroína. A mesma mão distribuía o veneno e o contraveneno, a fim de criar um novo tipo de indivíduo: o cidadão-androide dócil e alienado da sociedade do futuro, transformado em escravo pela organização, que lhe ensinava a amar e a odiar o único mestre capaz de protegê-lo. E Dick tinha se tornado uma das engrenagens dessa organização, ocupando um maravilhoso posto de observação.

Vestido com uma blusa branca, ele vistoriava os corredores com um ar desenvolto e abria todas as portas na esperança de encontrar um acesso ao tal laboratório clandestino. Suas desconfianças não o impediam de, a cada vez que cruzava com um membro da equipe, exprimir sua gratidão de maneira calorosa e sincera: pela primeira vez na vida ele se sentia útil; tinha encontrado uma família; se o quisessem ali, ele ficaria em X-Kalay a vida toda, dando o melhor de si para os pobres drogados, seus semelhantes, seus irmãos.

Aos respeitáveis amigos de antes da época de Hacienda Way que lhe restavam na América, ele expunha esse programa de redenção através do trabalho em cartas exaltadas, desconcertantes até, considerando que datavam de apenas um mês depois de seus verdadeiros pedidos de socorro, expedidos nas horas mais sombrias de sua desilusão canadense, e agora anunciavam sua triunfal

mudança para Vancouver. Apesar de certos desvios, algumas respostas a essas correspondências encontraram de fato o caminho de X-Kalay. A romancista Ursula K. Le Guin, por exemplo, recusou com veemência que ele, lamentando não saber para onde ir, ficasse na casa dela. Quando ainda estava no apartamento do jovem casal e envenenando a vida deles, ele tinha enviado uma carta à escritora, sem nem mesmo conhecê-la, explicando seus dissabores e se propondo a ser recebido como convidado ou, se fosse o caso, como parceiro modelo com quem dividir a casa, disposto a dissipar os rumores que imaginava estarem circulando a respeito dele e que o retratavam como um paranoico impossível de conviver. Outros pedidos de hospitalidade, enviados em termos patéticos e para pessoas com quem ele só tinha se encontrado uma ou duas vezes e que aconteciam de constar em sua agenda, ficaram sem resposta. Para a maioria delas, ele nem se lembrava mais de ter escrito. Assim, qual não foi sua surpresa ao receber uma carta de certo McNelly, professor apaixonado por ficção científica que, no passado, tinha lhe proposto em vão que fosse participar de um debate com seus estudantes na Universidade de Fullerton, no sul da Califórnia. Ele se dizia ao mesmo tempo desolado por saber que seu autor favorito estava com saudades de seu país natal e contente – também um pouco impressionado – que, em tal situação, tenha lhe ocorrido recorrer a ele. A comunidade universitária e o pequeno círculo de ficção científica de Fullerton o acolheriam de braços abertos; talvez ele pudesse conceder a honra de ceder à biblioteca os manuscritos que haviam restado depois do arrombamento... Enfim, dois de seus alunos, mais precisamente duas alunas, admiradoras de sua obra e que tinham lido a carta, ofereceriam-lhe apoio e hospitalidade.

De uma só tacada, essa perspectiva tornou menos desejável aos olhos de Dick a possibilidade de passar a vida lavando os pés dos doentes e escrevendo argumentos antidrogas num país tão frio quanto o Canadá. Um mês de abstinência e trabalhos domésticos haviam praticamente renovado seu físico. No dia em que recebeu a carta, levou o pijama à lavanderia, recuperou suas roupas, assinou

um termo de liberação e voou para Los Angeles prometendo que quinta-feira ele voltaria.

Ao descer do avião, ele mais parecia um homem caído de um trem que teve que se arrastar pelas pedras dos trilhos até a estação. Um homem arrancado de seu ritmo, movido não por um projeto, mas por uma onda, um instinto residual de conservação, um homem à beira do esgotamento, foi assim que ele se apresentou ao comitê de boas-vindas composto por duas garotas apiedadas por seu pedido de socorro e que, vá lá, nem eram tão bonitas assim, e um rapaz com ar simpático que queria escrever ficção científica, chamado Timothy Powers.

Não foi preciso esperar pela chegada das bagagens: tudo o que ele tinha era uma pequena mala gasta, mantida fechada por um elástico, um casaco sobre o braço e uma Bíblia nas mãos. Para dissipar o incômodo provocado pela descoberta dessa situação de penúria, Powers brincou falando das vantagens de viajar carregando pouco. Com uma voz surda, Dick desembestou num monólogo sobre o arrombamento: não lhe restava mais nada, tinham levado tudo etc. Depois, pela janela do carro, ele viu desfilando as estradas dos subúrbios intermináveis que se estendem ao sul de Los Angeles. Quando um painel anunciou que eles estavam entrando no Condado de Orange, feudo de Nixon e, para um morador de Berkeley, território de uma vilania política quase sobrenatural, ele soltou um riso de escárnio. Ele não sabia que passaria ali os dez anos de vida que lhe restavam.

Durante algumas semanas, ele se deixou tratar como um soldado de volta do front em estado de choque. Sozinho, era tomado por ímpetos de pânico: todo carro que passava um pouco mais devagar em sua rua lhe parecia suspeito; ficava vigiando as antenas de rádio para tentar identificar suas emissões; tirava o *I Ching* para saber qual de seus novos amigos era um agente do poder que conspirava

contra ele. Por sorte, raramente o deixavam sozinho. Vivia cercado. Como costuma acontecer, sua reputação havia aumentado desde que ele parara de escrever, transformando-o num autor de culto, expressão que ainda não se usava na época. Graças ao professor McNelly, ele tinha sido recebido por um círculo de partícipes desse culto, que não se cansavam de frequentar o autor de *O homem do castelo alto* em plena camaradagem. Também composto por pessoas muito jovens, esse círculo não lembrava em nada aquele dos *freaks* de Hacienda Way. Ali, a droga só aparecia sob a forma benigna do baseadinho para dar umas risadas e apreciar música. Descontraídas, as conversas não eram menos voltadas aos assuntos culturais. Visitavam-se em um e outro apartamento, improvisavam jantares com saladas imensas misturando tudo o que lhes caía na mão. Financeiramente falando, todo mundo era meio duro, mas nada a ver com a miséria sórdida dos drogados: uma amável e confiante boemia composta por estudantes ou artistas em formação que faziam seus bicos em meio período. Essa atmosfera poderia tê-lo feito lembrar de Berkeley e de sua juventude, se, naquela mesma Berkeley, ele não tivesse passado por uma fase selvagem. A vida em grupo, com uma turma de amigos, coisa que a maioria das pessoas vive ao sair da adolescência, só tinha acontecido para ele muito depois, e acabara se transformando num pesadelo. Era agradável descobrir, aos 44 anos, uma versão tranquila e ensolarada, composta por sessões de cinema, passeios de carro e excursões por lojas de discos usados.

Para retomar o prumo de verdade, faltava só uma mulher. Os rapazes e moças ao redor dele formavam casais sem dificuldade nem libertinagem. Apenas ele continuava desparelhado. Assim que chegou, conhecera uma tal de Linda, cujo nome e as bochechas de criança remetiam a seu novo ídolo, a cantora Linda Ronstadt, a quem ele bombardeava com suas cartas de fã por intermédio da gravadora. Oficialmente, ele estava “saído” com Linda, mas o verbo só se aplicava mesmo no sentido literal, ou seja, eles iam juntos ao cinema, ficavam papeando até tarde da noite e ela fazia as

vezes de sua motorista – ele ainda não tinha um carro, o que em Los Angeles é uma deficiência grave.

Linda tinha meros 21 anos e, assim como Nancy em outras épocas, estava saindo de uma adolescência difícil. Ela ficava lisonjeada pelo interesse que lhe dedicava aquele homem brilhante e cultivado que podia ser seu pai e que todo mundo em volta dela admirava. Dava para notar que ele era vivido e tinha passado por maus bocados. Apesar da barriguinha, ele com certeza não teria muita dificuldade em seduzi-la valendo-se da experiência burilada que a pança lhe conferia. Mas vejamos como ele saiu dessa.

Uma noite, ele a levou para jantar com Harlan Ellison e outro autor de ficção científica: uma reunião de adultos, que a deixou em polvorosa por ter sido convidada para participar. Antes de entrar no restaurante, ele lhe entregou uma carta e disse, em tom solene, que sua vida dependia da resposta que ela daria. Em seguida, ele a ignorou durante todo o jantar e ficou fazendo piadas grosseiras junto com seus colegas, material ideal para envergonhar uma garota tímida e desconfortável consigo própria. Linda, então, se refugiou no banheiro para explodir em lágrimas e abriu o envelope. A carta, longuíssima, a deixou boquiaberta. Ele dizia que a amava, que queria viver com ela, casar-se com ela. Se recusasse, ele morreria; o mundo em volta dele se desmantelaria, como em *Ubik* (viver cercado de admiradores tinha lhe deixado com o hábito de citar suas próprias obras supondo que todo mundo as conhecia). Sim, para ele, ela tinha o efeito do salutar Ubik: o caminho, a verdade e a vida. Ela queria que ele vivesse ou morresse? De modo geral, seria ela a favor da vida ou da morte?

“Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra vós, de que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe pois a vida, para que vivas, tu e a tua descendência” (Deuteronômio 30:19).

Escolha, Linda.

Ela voltou à mesa estupefata. Ninguém prestou atenção nela. Mas, de volta ao carro, ele a olhou com gravidade, impondo-se por trás da barba grisalha, e disse: “E então, Linda?”. Ela se atrapalhou.

Ele concluiu por conta própria que aquilo era um não e, com uma voz repentinamente estridente, começou a tirar um sarro: ela tinha que ser muito tola para ter levado a carta a sério! Um dia ela tinha dito que ninguém nunca a havia pedido em casamento, então pronto, estava feito. Uma brincadeira excelente, não é?

O trajeto de volta foi sinistro. Ela o deixou na frente de casa sem dizer palavra. No entanto, eles voltaram a se ver. Como se nada tivesse acontecido, ele retomou o cortejo de adolescente suscetível – esbanjando arrogância num dia e fazendo súplicas no dia seguinte –, algo que, vindo de um homem maduro, tinha sobre ela o efeito de uma comédia monstruosa. Sem saber o que ele vinha falando a seu respeito, Linda logo se deu conta de que estava virando lenda no pequeno clã que eles frequentavam, sendo chamada de provocadora. Maleável e desamparada, ela começou a achar que estava de fato errada, julgando que, para receber um cartão enfeitado com as iniciais deles e acompanhado do desenho de um coração atravessado por uma flecha, ao qual Phil acrescentou ainda a definição de “masturbação” recortada de um dicionário, ela tinha mesmo que ser imatura. Ele não só a convenceu a acompanhá-lo a sessões de terapia conjugal mesmo sem nunca terem dormido junto, como também conseguiu jogar nas costas dela tudo o que estava claudicando na composição daquele “casal”. Isso sem falar no mal que ela lhe causava: era mesmo preciso estar apaixonado para aceitar submeter-se ao contragolpe das neuroses dela e para acompanhá-la no meio daqueles loucos, ele que nunca na vida precisou nem jamais cogitara um dia frequentar um psiquiatra! (Quando, anos depois, Linda descobriu que ele ia a essas consultas desde os 14 anos e que, mesmo entre seus admiradores, muitos o consideravam um maluco de carteirinha, foi um alívio: não era ela a louca da história.)

O calvário de Linda chegou ao fim quando, numa noite, ele conheceu Tessa, que aceitou ir para a cama com ele e, já na primeira manhã, também topou mudar-se para seu apartamento. Dessa boa vontade, a princípio, ele deduziu que ela só podia ter

sido comprada por seus inimigos. Conhecendo seu tipo de mulher, eles tinham feito as coisas corretamente: Tessa era pequena, com longos cabelos pretos, um corpo leve e tenro, mantido com a prática de kung-fu. Ela queria escrever. Tinha apenas 18 anos. Ele nunca tinha encontrado uma pessoa tão maravilhosamente cheia de empatia.

Privado da produção literária, sua paixão por teorizar passou a ser exercida sobre dois assuntos: o arrombamento, para o qual a cada dia surgia uma explicação nova, e sua vida sentimental, que, segundo ele, era um embate entre dois tropismos. O primeiro o havia impulsionado a procurar mulheres tirânicas, castradoras, esquizoides, à imagem de Anne, e o segundo, rumo a doces e frágeis garotas de cabelos pretos. Pois a maioria destas acabou se revelando, assim como Nancy ou, mais recentemente, Linda, também tirânicas, castradoras e esquizoides. Mas, desta vez, ele repetia ao seu entorno e fazia repetir também o conciliador *I Ching*, desta vez era definitivo: ele estava escapando da repetição. Após anos de errância, chegara ao porto, tinha encontrado em Tessa o modelo das garotas de cabelos pretos cuja contrafeição o havia enganado tantas vezes: calorosa e humana, capaz de amar um homem como ele é, e não como gostaria que ele fosse. Ele amava vê-la fazendo seus exercícios com roupa de ginástica: gestos lentos e precisos, respiração calma. Ele amava ir às compras com ela, assistir televisão com ela, ouvir música com ela. Ele amava ler para ela em voz alta capítulos do *Dom Quixote*, presente de Tim Powers. Ele amava quando ela levava suas refeições na cama, nos dias em que ele não estava com humor para se levantar. Ele só não amava quando ela se afastava por um minuto sequer.

No outono, Tessa ficou grávida. Para ter algo a dedicar-lhe e também para ganhar algum dinheiro, ele recuperou o manuscrito de *Fluam, minhas lágrimas* e decidiu finalizá-lo. Como ele não tomava mais anfetaminas, não conseguia mais escrever tão rápido quanto antigamente, e esse trabalho acabou tomando vários meses,

ao longo dos quais a investigação de uma invasão ocorrida em Washington no verão anterior assumiu contornos inesperados.

No início, o caso parecia medíocre: um golpe retorcido como, inevitavelmente, quase sempre acontece em períodos eleitorais e, mesmo que estivesse na cara que os trambiqueiros presos em território do Partido Democrata tinham relações com o comitê de reeleição do presidente republicano, isso não havia impedido que este conquistasse uma reeleição triunfante em novembro. Dick, enojado, girava o botão da televisão assim que o assunto chegava na política. Sua curiosidade só foi reavivada quando, no início do ano seguinte, abriram um processo contra os sete assaltantes do Watergate, os quais os jornalistas, seguindo todos os passos do *Washington Post*, agora chamavam de “encanadores”. O termo acabou conquistando um sucesso estrondoso, pois resumia com uma trivialidade ameaçadora tudo aquilo que, ao longo do processo e depois também nas audiências televisionadas da Comissão de Ervin, a América viria a descobrir acerca de seus governantes: as escutas telefônicas, os mandados ilegais, o uso de recursos secretos, os golpes montados pelo FBI contra aqueles que o vice-presidente Spiro Agnew chamava de “bandidos políticos” e as exações da CIA sobre o território federal. Pouco a pouco foi ficando clara a ideia de que, desde o fim dos anos 1960, uma ameaça pesava sobre as liberdades civis garantidas pela melhor Constituição do mundo.

Cada nova revelação aumentava o prestígio de Dick entre seus amigos de Fullerton: bem que ele havia dito! Tiravam com a cara dele, tomavam-no por paranoico. Riam quando, pela centésima vez, ele atribuía o arrombamento de sua casa a serviços de tal forma secretos que ninguém nunca ouvira falar a respeito. Mas agora estavam ouvindo falar sobre isso, na verdade não se falava em outra coisa, e era preciso admitir que Phil tinha visionado tudo com precisão.

Para surpresa geral, ele só tirou daquilo uma atenuada satisfação. Dom Quixote ficava enfadado que as pessoas continuassem vendo moinhos de vento onde ele sabia que havia cavaleiros armados,

mas se sentiria ainda pior se todos, inadvertidamente, concordassem com ele. E Dick nunca gostava quando, numa discussão, as pessoas assumiam o seu lado – tanto que mudava de posição assim que isso acontecia. Quanto mais seus amigos prestavam homenagem à sua clarividência, mais ele se tornava evasivo e misterioso, como se eles lhe parecessem ainda mais cegos agora que acreditavam que seus olhos não estavam mais cobertos por escamas. Quando o interrogaram sobre seu novo romance, imaginando que seria uma bomba contra Nixon, ele dava de ombros e dizia que aquilo era história velha, que tarefas mais urgentes o chamavam.

Na primavera de 1973, ele se aplicou àquela que deveria ser sua grande obra, a soma das experiências no mundo de perturbações e traições em que ele havia mergulhado depois da partida de Nancy. Os livros que escrevera outrora sobre as drogas pareciam-lhe ingênuos. Naquele momento, ele não conhecia mais o meio dos drogados. Mas, agora que tinha saído disso, podia dar seu testemunho.

Ele se pôs a escrever *O homem duplo* com disposições comparáveis às de Dostoiévski em *Os demônios*, decidido a tirar uma lição da utopia terrorista que o havia enviado para a prisão depois de um simulacro de execução. O livro seria dedicado a Donna e a seus companheiros de Hacienda Way e de X-Kalay, alguns deles já mortos, outros transformados em legumes ou em amontoados de terror eterno. Depois de passar anos bancando o toxicômano subversivo e levando as pregações de Leary um passo além, ele tinha um ponto de vista tão oposto em relação a todas as drogas, que pretendia acrescentar a essa horda considerável de agraciados em sua dedicatória também o procurador-geral Richard Kleindienst, em homenagem à sua luta contra os traficantes. Esse projeto revoltava seus amigos, pois Kleindienst era praticamente um anátema e quando ele foi demitido, junto com Dean, Haldeman e Ehrlichmann, os conselheiros mais próximos de Nixon, Dick se

contentou em lhe enviar cartas de apoio que, se chegassem às suas mãos de fato, certamente o deixariam bastante desconcertado.

Ele escrevia à noite, enquanto Tessa dormia. Tudo o que ele tinha vivido em meio à confusão e à desordem parecia voltar: as conversas sem fim, o prazer de estar junto, a desconfiança, as brincadeiras em que se enfiavam e que às vezes davam errado, os risos loucos, os sorrisos maliciosos e as gargalhadas idiotas, os momentos de ausência, os acessos de terror, as tardes passadas em busca de algum comprimido que estava bem debaixo do nariz, o medo dos policiais, as lacunas da memória, essa impressão de um filme que vai se esvaziando em loop, com pequenas e inquietantes mudanças que eles insistiam em situar, mas logo falhavam. O aparelho de som, que agora ele ouvia com fones de ouvido, tocava à exaustão Linda Ronstadt e as *Laschrimae* de Dowland. As anfetaminas não lhe faziam mais falta, como ele temera. Mas muitas vezes, de madrugada, Tessa o encontrava imóvel em sua mesa, os olhos arregalados, fixos e cheios de lágrimas.

Ele sabia que, se quisesse vender, tinha que escrever um romance de ficção científica. Sendo um material tão claramente realista, essa restrição lhe pesava um pouco, mas acabou por inspirar um verdadeiro achado.

Seu herói, Bob Arctor, o drogado que morava no barraco dividido pela maioria dos personagens do livro, na realidade era um agente duplo que trabalhava para a brigada contra o narcotráfico sob o nome de Fred. Policial devorado por seu disfarce ou *freak* transformado em delator, não dava para saber, mas o caso era tão disseminado que a polícia, para proteger seus auxiliares dos agentes do cartel de drogas infiltrados em seu próprio efetivo, impõe-lhes um anonimato que impossibilita a invenção do “disfarce borrador”. Essa membrana ultrafina que reveste o policial e o protege de qualquer contato com seus superiores é ligada a um computador que tem na memória milhões de características físicas. À medida que o computador percorre essa memória, vai programando todas as cores de olhos e cabelos, formas de nariz, tipos de dentição e morfologias de modo que, a cada

microssegundo, uma nova configuração toma conta da membrana e logo é substituída pela próxima. O mesmo vale para a voz. Isso torna impossível identificar ou registrar quem está com um desses disfarces borradores, com o qual a manipulação informática compõe um Homem Qualquer ideal.

A intriga do livro vai se desenrolando até que os superiores encarregam Fred de investigar Bob Arctor – ou seja, ele mesmo, fato que ignoram. Dócil, Arctor esconde câmeras e microfones em sua própria casa, funcionando em tempo integral. Era o sonho de Dick, mas não só dele: em 16 de julho de 1973, numa das repercussões mais espetaculares do caso Watergate, alguém da Casa Branca revelou que, havia anos, o presidente gravava todas as conversas que lá aconteciam, sem conhecimento de seus interlocutores. Assim que uma voz se pronunciava no salão oval, os microfones começavam a funcionar. Esse dado, que deixou a América horrorizada, mal surpreendeu Dick, inspirando nele um impulso de simpatia pelo velho inimigo. Aquilo que a opinião pública considerava uma técnica de chantagem, a ele parecia ser o indício de uma inquietação que conhecia muito bem: segundo ele, a intenção de Nixon não era tanto guardar vestígios de tudo o que diziam os visitantes, mas sim do que ele próprio poderia ter dito. Ele se espionava tanto quanto espionava os outros. Será que às vezes ele ouvia essas fitas ou lhe bastava saber que elas existiam? Será que ele se gravava também enquanto as escutava? Será que ele estava imitando Arctor, que, a cada dois ou três dias, vestia seu disfarce borrador e se instalava diante da multidão de telas para acompanhar o que estava acontecendo ou tinha acontecido em sua própria casa? O problema é que são 24 horas de vídeo por dia para assistir e que, mesmo que ele não dormisse e conseguisse fazer isso, mantendo-se 24 horas por dia diante das telas, isso não bastaria, porque ele também deveria ser um dos protagonistas do filme e, conseqüentemente, tinha que passar boa parte do tempo *nas* telas, e não diante delas. Arctor acreditava estar escapando dessa armadilha ao renunciar ao caráter exaustivo e se ater a amostragens, como se faz normalmente para encontrar uma parte

específica de um filme no videocassete: passar o vídeo em velocidade rápida, dando uma olhada aqui e outra ali. Em uma conversa de drogados, bastava acompanhar uns dois minutos a cada três horas para ver que continuavam sempre no mesmo tópico. Em um estado policial, as escutas telefônicas funcionam de acordo com esse mesmo princípio: todo mundo é gravado e, por falta de pessoal – afinal de contas, o serviço oficial não pode recrutar todo mundo –, vão ouvindo ao acaso, contando com a sorte. Mas isso não bastava para tranquilizar Arctor. E se uma informação decisiva estivesse escondida em tal passagem negligenciada? A dúvida o atormentava principalmente pelo fato de que aquelas informações não diziam respeito a uma pessoa qualquer, mas sim a ele próprio, e aquele suspeito estava começando a inspirar-lhe uma curiosidade cada vez mais devoradora.

Fred se pergunta: O que Bob Arctor faz quando está sozinho e acha que não tem ninguém vendo? Será que, diferente do que suspeitam alguns, ele não era um elo muito mais importante para a rede do tráfico do que aparentava ser?

O que fazia o presidente? Eis o que Richard Nixon certamente devia se perguntar. Será que ele trabalhava para Moscou? Foi ele quem encomendou o assalto ao Watergate? Será que manipulou a fita que comprova isso? Existe uma segunda fita em que se pode vê-lo manipulando a primeira?

Do mesmo modo, Philip K. Dick se perguntava: o que Philip K. Dick estava fazendo quando arrombaram sua casa em San Rafael?

Quanto mais pensava a respeito, menos lhe parecia inverossímil a versão da polícia, segundo a qual ele próprio teria planejado o assalto. Ele não se lembrava, mas sabia que isso não provava nada. Seus amigos, depois de terem suspeitado dele, rejeitavam essa possibilidade com tamanha unanimidade que ele não podia deixar de recuperá-la do lixo. Na falta do tal filme ou pelo menos de acesso a ele, agora Phil se resignava com o fato de a verdade continuar oculta e se perguntava sobretudo o que a capacidade de encarar uma hipótese daquelas com tamanha frieza podia indicar de seu

equilíbrio mental. Teria ele dado mais um passo rumo à loucura ou, ao contrário, adquirido tanta lucidez a ponto de finalmente tomar consciência de seus desvarios passados?

Sabendo que isso também não provava nada, pelo menos ele se sentia mais lúcido do que antes. Com a paranoia se tornando a paixão mais disseminada da América, ele ia desnudando a sua própria à maneira de um esteta que abre mão de um refinamento que se democratiza e, reduzindo-a ao estatuto de sintoma, dava um jeito de reconstituir sua etiologia. Assim como ele estimava ter descoberto o padrão de repetição que tinha feito de sua vida amorosa um retumbante desastre antes de encontrar Tessa, descobria também o padrão que havia orientado sua vida intelectual e psíquica.

Até onde conseguia remontar, ele sempre afastara com todo seu ser a ideia de que aquilo que lhe acontecia podia ser fruto do acaso, uma dança de elétrons desprovida de coreógrafo, meras combinações aleatórias. Para ele, tudo precisava ter um sentido, e toda sua vida tinha sido vivida e escrutinada em função desse postulado. Ora, a partir da ideia de que tudo tem um significado escondido, esbarra-se fatalmente na concepção de uma intenção. Quando a vida é encarada como um desenho, logo se chega a vê-la também como a execução de um plano, questionando quem seria o responsável por seu traçado. Essa intuição que nos acomete a todos de maneira mais ou menos vergonhosa atinge sua medida plena em dois sistemas de pensamento: o primeiro era a fé religiosa e o segundo, a paranoia; e, por ter experimentado as duas coisas, ele duvidava cada vez mais de que houvesse uma diferença entre elas.

Calejado, ele não queria mais acreditar que o real era o disfarce de uma outra coisa, uma tapeçaria que, ao tecer, vemos somente a parte de trás, mas cuja parte da frente um dia nos será revelada, na glória. Ele tinha percorrido longamente a ladainha de São Paulo e do Ursinho Pooh: “Agora estamos nos vendo num espelho sombrio, mas um dia chegaremos a ver e seremos vistos face a face... Estaremos noutro ponto da floresta, onde sempre haverá uma criança com seu urso”. Tinha chegado a hora de fazer as pazes com

a áspera sabedoria de Lucrécio: “Não sentiremos mais nada porque não seremos mais”; não existirá mais ninguém para ser visto frente a frente à luz plena, e aquilo que agora se acredita estar vendo num espelho sombrio não passa de nosso reflexo deformado pelo medo de morrer e de ter sofrido sem razão. Por mais que, nas sociedades agnósticas modernas, esse materialismo faça as vezes de expressão oficial do bom senso, ele sabia que poucos eram os homens que, no fundo do coração, se resignavam verdadeiramente a isso de tanto que seus desejos tinham sido feridos. Apesar de tudo, queremos acreditar em algo, encontrar um sentido. A contragosto, ele tinha aprendido até onde isso pode levar: seu dever agora era alertar seus semelhantes.

Quando vinham entrevistá-lo, ele exibia essa nova teoria sobre o real, segundo a qual todas as teorias sobre o real são vãs, falsas e puramente sintomáticas. O real é simples, só isso, compacto e idiota como uma pedra. Não existe um fundo falso. Nós sentimos a necessidade de observar e deduzir regras a partir disso para conseguir funcionar na nossa vidinha de todo dia, mas é preciso parar por aí e admitir que a maioria dos acontecimentos se dão por acaso. Com a mesma veemência que antigos stalinistas ou padres excomungados se punham a desancar suas antigas igrejas, ele citava milhares de exemplos de condutas que trazem consigo a mania de procurar um sentido onde não há. Uma garota que ele conhecia tinha tirado de seus estudos bíblicos a convicção de que Cristo vivia no centro da Terra, numa redoma de vidro destinada a protegê-lo dos magos. Ele próprio, sob influência do tão notável bispo Pike, acreditara em coisas não menos extravagantes. Mas ele estava de volta, assim como tinha voltado do inferno das drogas, e agora podia dar seu testemunho. Meio a sério, meio brincando, ele falava em conduzir um grupo de buscadores de sentido arrependidos, mais ou menos nos moldes dos Alcoólicos Anônimos. “Pelo menos”, constatava ele, “eu saberia do que estou falando, diferente dos sujeitos que fazem discursos antidrogas sem nunca ter tocado em nenhuma delas nem conhecido o prazer que proporcionam.”

Ele próprio tinha experimentado a agitação daqueles que buscam a verdade quando, pela 36ª vez, acreditam estar se aproximando da revelação derradeira; e ainda se sentia assim às vezes, o que só acrescentava mais valor a seus alertas. Ele ainda não estava curado, mas pelo menos se sabia doente. Tinha recaídas regularmente. Todo ano ficava nervoso quando se aproximava o dia 17 de novembro, aniversário do arrombamento, e passava o dia fatídico embarricado em seu apartamento junto com Tessa. O terror que sentia nessas ocasiões era real, mas não atingia a certeza de seu julgamento: um acesso de paranoia, simples assim. Ele se via suando gotas imensas, escondido atrás das persianas abaixadas, assim como o policial Fred via Bob Arctor; e, comparando-se ao desafortunado herói, refinava ainda mais o diagnóstico: dissociação de personalidade.

Convivendo com a familiaridade lúcida de seu mal, como acontece a alguns grandes doentes, ele então fazia uma distinção bastante clara entre: 1) escrever sobre como organizações iguais a X-Kalay na verdade escondem laboratórios clandestinos para a produção de drogas ou como Nixon era comunista; 2) acreditar nisso; 3) acreditar que isso era verdade. Ele considerava possível escrever a respeito, na medida em que era autor de ficção científica e que esse ofício consistia justamente em imaginar essas hipóteses, mas achava condenável acreditar nelas. Ele tinha entendido que, acima de tudo, podia acreditar em alguma coisa sem que ela fosse de fato verdade, porque ele não só era autor de ficção científica, como também um paranoico confirmado e, portanto, tendia a confundir o mundo real com o mundo de seus livros. Ele sentia orgulho dessa lucidez e estava decidido a apoiar-se nela, mas isso não impedia que ele achasse a vida meio morna sem esse artifício, como costuma acontecer aos sobreviventes de um vício.

O último capítulo de *Dom Quixote* mostra o cavaleiro de triste figura curado de sua loucura e morrendo por causa disso. Durante sua agonia, ele profere discursos tão emocionantes quanto

sensatos, celebrando o bom senso de Sancho Pança e maldizendo os romances de cavalaria. É um dos capítulos mais tristes da história da literatura.

Por volta do fim de 1973, a vida de Dick em Fullerton parecia-se com esse capítulo. Ele não estava morrendo. Tinha arrumado uma nova mulher, que lhe dera um menino chamado Christopher. Tinha novos amigos. Tinha voltado a escrever. Um fato polêmico parecia confirmar suas intuições. Os primeiros sinais de reconhecimento literário estavam dando as caras. Mas ele tinha parado de achar que moinhos de vento eram cavaleiros e, mesmo que se deixasse levar por isso, sabia que estava errado. Ele se via como um Dom Quixote de espírito, cuja aventura não era menos exemplar, mas que tinha chegado ao fim, com moral da história e tudo. Chegara ao último capítulo e, sem drama nem precipitação, saboreando os pequenos prazeres de um inválido, esperava pela chegada da palavra “fim”.

O IMPÉRIO NUNCA ACABOU

em 20 de fevereiro de 1974, Dick estava se arrastando e gemendo pelo pequeno apartamento onde morava, em Fullerton, com Tessa e o bebê Christopher. Na véspera, ele tinha arrancado um dente do siso e, como o efeito do analgésico se dissipara ao longo da noite, o mundo tinha se reduzido a uma dor atroz, pulsando continuamente em seu maxilar recém suturado. A ideia racional de que logo essa dor acabaria não ajudava em nada: tudo o que ele queria era não estar ali, deixar de existir até que tivesse acabado, supondo que fosse de fato acabar um dia.

Contatado por Tessa, o dentista receitou um analgésico bucal e, como ela não podia abandonar o doente um minuto sequer, pediu à farmácia que fizessem a entrega o mais rápido possível.

Meia hora depois, tocava a campainha. Dick abriu a porta, com um saquinho de chá úmido entre os dentes. Descobriu do lado de fora uma jovem moça de grossos cabelos pretos, vestida com um uniforme branco. Ela usava um colar com um pingente de ouro que representava um peixe. Como que hipnotizado pela joia, Dick ficou um momento sem conseguir dizer nada.

“Oito e quarenta”, disse ou talvez tenha repetido a garota, entregando-lhe o pacote com o medicamento.

Dick revirou o bolso, tirou uma nota de 10 dólares e perguntou:

– Essa joia... O que é?

– É um peixe – respondeu a garota. – Um símbolo que era usado pelos primeiros cristãos.

Com o pacote na mão, Dick permaneceu imóvel no batente da porta, contemplando o peixe que brilhava suavemente na penumbra do vestibulo. Naquele momento, o tempo havia parado. Ele tinha esquecido da dor, esquecido o que a garota estava fazendo lá e o que ele próprio estava fazendo. Tessa, saindo do quarto onde estava secando os cabelos, se aproximou. Seguindo a direção do

olhar dele, atribuiu a expressão extática aos seios da garota que, ao vê-la, decidiu finalmente devolver o troco, girar em seus calcanhares e partir. Tessa fechou a porta, fazendo uma brincadeira que acabou se esquecendo e que Dick não ouviu, de modo que, tirando Deus, se é que Ele existe, ninguém no mundo sabe o diálogo que deveria constar neste ponto preciso da biografia.

Em *O homem do castelo alto*, a contemplação de uma joia alinhada ao tao dissipa o véu das aparências diante de um homem de negócios japonês, concedendo-lhe acesso ao mundo real. Só mais tarde Dick aproximaria sua experiência recente à que ele havia proporcionado 12 anos antes ao senhor Tagomi. Mas soube na hora que acabara de acontecer aquilo que ele tinha esperado por toda sua vida.

Um momento de verdade. *Debriefing*. Anamnese.

Assim, finalmente tinha acontecido.

Ele sabia quem ele era, onde estava, onde sempre tinha estado.

Esse peixe de ouro no pescoço de uma funcionária da farmácia era o código preparado desde sempre para desativar o módulo do esquecimento, para executar o programa que o devolveria à realidade.

Ele estava ali.

O Império nunca acabou.

Quando essa frase estranha, ainda que familiar, atravessou-lhe a alma, ele soube que ela estava dizendo a verdade. A moça era uma cristã clandestina, assim como ele. Tinha sido enviada para trazê-la a seu conhecimento, munida de um signo capaz de desbloquear suas lembranças.

Mas por que essa clandestinidade? Por que esse diálogo com duplo sentido, essas abordagens conspiratórias?

Para enganar a vigilância dos romanos.

Que romanos? Estamos em 1974, no condado de Orange, na Califórnia.

Não. Não, nós apenas acreditamos ou, mais precisamente, a maioria de nós acredita viver em 1974, sob o regime da democracia americana. Assim como Ragle Gumm acreditava viver em 1950; o senhor Tagomi, no mundo em que o Japão tinha vencido a guerra; e Joe Chip e seus companheiros, em meio aos vivos. Mas é mentira, e alguns sabem disso. Eles lutam. Você acaba de se juntar a essa linhagem.

Você se juntou à tropa invisível dos Despertos, aqueles que, por trás do holograma imposto à multidão sob o nome de real, com suas estradas, tomadas elétricas, restaurantes Howard Johnson e uma verossimilhança compacta e alquebrada, entreveem as grades da prisão de ferro, a imensa prisão onde o Império mantém cativos os seus escravos. Porque desde sempre, sem saber disso, você é um deles, e hoje se juntou à resistência secreta, aqueles que portam a luz e caminham pelas trevas.

Você está sentindo? Alguma coisa está começando a entrar em funcionamento dentro de você, no fundo de seu organismo. O relógio interno que te diz a hora e a data exatas.

Estamos no ano 70 depois de Cristo.

Agora que você sabe disso, que é verdade, isso não o surpreende. No fundo, você já sabia.

O Redentor veio e depois foi-se embora. Mas Ele irá voltar logo. Ele prometeu: antes que essa geração se acabe. Você irá vê-l'O. Você desconfia das palavras do seu Senhor? Não, você é como nós, estamos juntos: você espera pelo retorno d'Ele; apesar de algumas perseguições, você faz isso com alegria.

Aquele que recebe a graça de saber não deve recuar diante das exigências. Não deve se proteger por meio de explicações apaziguadoras: ao se dizer, por exemplo, que aquilo que lhe acometeu é uma alucinação, uma alegoria, um retorno a uma vida pregressa. Não, trata-se de uma verdade literal, imediata, a única verdade. Roma é aqui, agora. O americano médio enxerga apenas fogo, mas ela é a realidade subjacente ao mundo onde ele vive. O Império nunca acabou. Ele apenas se dissimulou aos olhares de

seus indivíduos. Assim como se projeta um filme nos muros de uma prisão, ele tramou para eles esse universo de fantasia, essa ficção descarada que a maioria dos espectadores acredita ser um documentário escrupuloso: 19 séculos de história e o mundo que resulta disso. Mas, durante a projeção, a guerra continua. Aqueles que se recusam a ver o filme e acreditar no real são perseguidos de maneira impiedosa: não deixam que saiam da sala, são massacrados nos banheiros. Alguns, por prudência, dão o troco: permanecem sentados diante da tela, de olhos fechados e espírito desperto. Eles seguem a própria via, servem a outro rei. Eles não portam couraça nem metais, nada além de suas túnicas, suas sandálias e, às vezes, um peixe dourado que, usado numa pulseira ou num colar, permite que se reconheçam. Eles compõem uma comunidade secreta, consolidada pela esperança e pela ameaça, que se comunica por meio de códigos, usa canais desobstruídos, arranha a poeira dos signos esotéricos.

Deus seja louvado, nós te encontramos. Eis-lhe aqui, de volta entre nós.

• • •

Nas noites seguintes, ele sonhou muito e entendeu que esses sonhos visavam completar sua iniciação. O mais frequente trazia imagens de livros abertos. Se ele conseguisse lê-los e se lembrar disso, teria encontrado a resposta para todas as questões que se perguntava. Infelizmente, as páginas passavam rápido demais diante de seus olhos, como acontece diante da objetiva de uma fotocopadora. Além do mais, elas pareciam compostas num alfabeto estrangeiro. Ele saía frustrado desses sonhos, mas não duvidava de que a informação se inscrevia involuntariamente nas praias de seu cérebro, o lugar aonde desejavam chegar. Talvez elas fossem subtraídas de sua consciência por uma medida de segurança.

Como dizer? Uma aura crepitava, zumbia ao redor dele. Ela se comportava como um ser vivo, dotado de inteligência, que englobava os objetos familiares e comunicava a eles sua energia. Seu espírito, o apartamento, o mundinho dos três parecia uma pilha quase esgotada que, de repente, fora recarregada.

Ele olhava para Tessa que, encolhida na ponta do sofá feito um bichinho todo dentes e garras, lambiscava seu café de uma cumbuca enfeitada com um desenho do Snoopy. Olhava para Chris, de mijão, arrastando-se pelo tapete. Olhava para os gatos. Aparentemente, ninguém suspeitava de nada.

Era preciso, pensava, que, sem lhe revelar toda a verdade, ele ensinasse para sua mulher alguns códigos, alguns hábitos de prudência elementar. Por sorte, ele a havia acostumado a isso. Desse ponto de vista, aquilo que muita gente considerava sua paranoia era, na verdade, uma bênção, talvez a condição de que dependera sua iniciação. Por muito tempo ele sentiu medo de tudo, do fisco, dos agentes da divisão de narcotráfico, do FBI, mas ele tinha razão, e estava errado por negar esse medo nos últimos três meses. Era isso que o havia preparado para a guerra e lhe dado os reflexos da clandestinidade.

Ele também tinha o hábito de dizer coisas estranhas. Nunca dava para saber se estava brincando ou falando sério, se ele acreditava mesmo naquilo que dizia ou se estava testando com seu interlocutor alguma teoria absurda que tinha lhe ocorrido e que logo seria substituída pela próxima. Era bastante sabido que uma conversa com Philip K. Dick não obedecia às mesmas regras que uma conversa normal, que não era o caso de se impressionar com nada, e esse protocolo tácito dava-lhe uma apreciável margem de manobra antes de ser tomado por louco. O risco de isso acontecer não era menor. Era preciso avançar com prudência.

Ele mandou Tessa comprar velas de devoção (“Velas o quê?” – “Bom, só velas, simples velas...”) com a finalidade de improvisar um altazinho em uma das estantes do quarto deles, onde, diante de um

retrato de estilo *naïf* filipino que representava a Virgem, elas queimariam continuamente.

Enquanto Tessa foi ao supermercado, Christopher, que acabara sua sesta, começou a chorar. Dick foi preparar o chocolate quente que ele costumava tomar. Ao entrar no quarto, o pequeno esticou os braços rumo à mamadeira, que lhe foi dada. Sem saber por quê, ele tinha pego também um pedaço de pão que estava largado na mesa da cozinha; e de repente ele soube. Quase voltou para buscar água, mas mudou de ideia: se, de um jeito ou de outro, os romanos assistissem a essa cena, a conjunção de pão e água não deixaria de colocá-los em alerta. Era necessário que tudo acontecesse de maneira natural; para quem não sabia, não se anunciaria nada além de um pai brincando com seu filho. Ele deu o pedaço de pão para Christopher, aproveitando para pegar de volta a mamadeira e soltar ligeiramente seu bico, só o suficiente para derramar um pouco de leite com achocolatado na cabeça da criança. Rapidamente e usando o dedo, ele fez uma cruz de chocolate na testa do menino, sussurrando palavras que, em grego, significavam: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Depois, devolveu a mamadeira à criança. Enquanto o filho a tomava, ele o abraçou e disse ao pé do ouvido seu nome cristão secreto: Paul. A cerimônia inteira não tinha durado mais do que alguns instantes, um observador desatento não teria visto o fogo. Dick tinha realizado seus gestos instintivamente, com autoridade e precisão, sob o impulso de uma força infinitamente maior que ele, mas que sabia estar preocupada com o bem de seu filho e dele próprio.

As hostilidades começaram na noite do batismo de Christopher, através do canal do aparelho de rádio. Há alguns dias ele tinha pegado o hábito de deixá-lo ligado o tempo todo, com o volume bem baixo e sintonizado numa estação de música suave. Essa companhia sonora o tranquilizava e servia de referência quando ele acordava num sobressalto, sem saber onde estava. Assim eles dormiam, sob a proteção da Virgem filipina agora cercada de velas

de devoção perfumadas com incenso e das agradáveis vozes de Carly Simon, Olivia Newton-John ou Linda Ronstadt, sua preferida.

Por volta de três da manhã, Tessa foi arrancada de seu sono por uma inquietante agitação. Phil estava sentado na cama, balançando para trás e para a frente, cobrindo as orelhas com as mãos. Com uma voz oscilante, ele repetia: *Libera me, Domine!* Aterrorizada, Tessa não ousou se mexer, mas ele tinha se dado conta da presença dela e, de repente, berrava-lhe para parar aquilo. Ela não teve tempo de entender que “aquilo” significava o rádio – exasperado, ele tinha se jogado embaixo da cama para desligá-lo da tomada. Correndo, levou-o até a cozinha e voltou. Estava tremendo.

Ele tinha sido acordado, explicou depois, pela voz de Linda Ronstadt cantando “You’re no good”, uma canção de seu último disco que ele costumava gostar bastante. Mas desta vez ele tinha ouvido a letra, ou alguma coisa que tinha se misturado à letra, uma espécie de parasita, e esse parasita era o nome dele. Era para ele, Phil, que Ronstadt repetia sordidamente “You’re no good”: você não é nada bom, pode morrer, *tem que* morrer. Ronstadt, ou os piratas anticristãos que se serviam dela, queriam a morte dele.

Tessa mal e mal o acalmou e eles voltaram a dormir. Mas pouco depois o rádio desligado voltou a funcionar. No lugar de Ronstadt, uma voz lenta e cavernosa, sem dúvida sintetizada, repetia sobre uma música de elevador algumas obscenidades pueris e ameaçadoras. O nome *Dick*, que na gíria americana significa “pinto” e obviamente é alvo fácil das piadas de moleque, naquela noite não passou batido a nenhuma delas. Vinham entrecortadas por ameaças de morte, ou talvez incitações à morte que tinham uma potência tão insinuante que o aterrorizava.

Quando criou coragem para ir à cozinha, as imprecações cessaram. Retomaram assim que ele voltou para o quarto. Mais uma vez desperta e sem muito o que fazer, Tessa emprestou em vão seus ouvidos. Para terminar, ele jogou o aparelho na pia, encheu tudo com água e colocou seus protetores auriculares.

No dia seguinte ocorreu-lhe a ideia de que ele não deveria ouvir conscientemente aquilo que tinha ouvido. Seus inimigos tinham transmitido aquele programa para condicioná-lo durante o sono. Um dia ele tinha recebido uns folhetos convidando a aprender línguas estrangeiras por meio de fitas que continuariam tocando no seu travesseiro enquanto dormia. Ao acordar, tendo surpreendido as exortações suicidas que queriam se imprimir em seus circuitos cerebrais, ele havia desarmado esse plano. Sim, mas por quanto tempo? E quantas vezes, sem saber, ele já não tinha sido exposto a essas ondas mortíferas?

Tudo acontecia como se, desde a aparição do peixe que reativara seu cérebro sonolento, este tivesse se transformado num aparelho de rádio, captando várias frequências ao mesmo tempo, bombardeado de informações contraditórias, e o jogo consistia em distinguir os canais, determinar suas origens, especular as intenções.

A disputa seria árdua.

Admitindo considerar a si próprio um aparelho receptor, era o caso de regular suas capacidades ao nível máximo. Numa revista de vulgarização científica da qual ele e Tessa eram assinantes, ele tinha lido que uma absorção massiva de vitaminas poderia melhorar a comunicação entre os dois hemisférios do cérebro e, sem se ater ao fato de que o tratamento descrito era experimentado em jovens esquizofrênicos, decidiu tentar. Três vezes por dia ele engolia alguns punhados de cápsulas que o impediam de dormir e disparavam sob suas pálpebras feixes ininterruptos de fosfenos. Seus pensamentos corriam a toda velocidade, à maneira de répteis num corredor obscuro. Manchas de cor flutuavam na penumbra do quarto de dormir. Quando ele conseguia cochilar, de madrugada ou à tarde, era visitado por estranhos sonhos. A maioria deles evocava o mundo greco-romano. Ele estava preso no meio do Coliseu, numa gaiola que lagartos gigantes ficavam tentando abrir. Ou então via um vaso preto e dourado colocado sobre um tripé, e uma voz lhe dizia a data: 840 antes de Jesus Cristo. A voz se exprimia em grego, mas

ele conseguia entendê-la e, ao acordar, perguntava-se o que será que tinha acontecido em 840. De acordo com sua *Encyclopaedia britannica*, a data correspondia ao período micênico: ele fazia todo tipo de contorções de pensamento para tentar explicar o sentido dessa guinada temporal, oito séculos antes do período apostólico, rumo à qual todos os outros indícios pareciam convergir.

Uma noite, quando ele se arrastava até a cozinha olhando de soslaio para o rádio que Tessa tinha recuperado da pia, deu-se conta de um erro em suas dosagens: cada um dos comprimidos de vitamina C continha 500, e não 100 miligramas. Ele estava, então, tomando uma dose cinco vezes maior do que imaginava. Fazendo uma conta rápida, isso significava sete gramas a mais por dia há oito dias, sem contar as outras vitaminas: tinha saturado seu organismo. Tornou a se deitar um pouco inquieto. As velas de devoção queimavam na estante, diante da Virgem filipina. Tessa dormia ao seu lado – nua ou de camisola, eu não saberia dizer –, Christopher estava no berço, atrás da divisória, e o gato Pinky estava no sofá da sala. Dava para ouvir somente a respiração deles, o barulho da geladeira e um rumor constante e afastado dos carros que percorriam a estrada.

De repente, as manchas de cor em suspensão começaram a correr pelas paredes. Rápido, cada vez mais rápido, como se impulsionadas por uma força centrífuga rumo a um imenso e devorador lado de fora. Elas chegavam *na beirada*, pensava ele, e a simples ideia dessa tal beirada o amedrontava. O universo se revirava como uma luva. Imóvel na cama, ele se enfiava num corredor de luzes que não parava de se arreganhar diante dele. Ele se enfiava, caía, mergulhava, tudo na velocidade de um raio. Parecia o final de *2001*, quando o astronauta deixa o Sistema Solar.

Depois, as cores produziam formas, contornos definidos que iam se encadeando, se permutando, se transformando com toda presteza. Pareciam quadros abstratos. Em alguns segundos, ele parecia ter visto centenas de imagens produzidas por Paul Klee. Em

seguida, identificou Kandinsky, vários períodos distintos de Picasso. Isso durou por horas. Dezenas de milhares de quadros de cada um dos artistas representados, muito mais do que tinham pintado ao longo de suas vidas ou que sequer dariam conta de ter pintado mesmo se tivessem vivido vários séculos. Cada um deles passava muito rápido, e logo era seguido pelo sucessor de seu sucessor, mas cada um tinha também tempo o suficiente para arrebatá-lo seu espírito e nele imprimir sua marca de soberana perfeição. Ele não era nenhum esteta e sempre tinha reclamado de um sentido visual meio indigente, mas pela primeira vez a beleza violenta e inalcançável das formas lhe era revelada, como num braseiro. Ele adoraria ser capaz de gozar disso sem nenhuma reflexão posterior, até mesmo sem reflexão alguma, mas justamente isso lhe era proibido: não havia espaço nele para o gozo, apenas para o sentido, e desde já ele tentava entender qual era o dessas visões. Adoraria que, naquele exato momento, fosse enxertada uma câmera em sua retina para que sobrasse algum traço daquela coleção miraculosa, para apreciá-la na sequência. Poder vê-la não era o bastante, era necessário saber de onde vinha, o que significava. Pois aquilo só podia significar alguma coisa; aquele deleitamento visual não podia ser gratuito, aleatório; ele estava sendo levado a absorver, sob a forma de fosfenos flamejantes e dispostos como quadros abstratos, informações de natureza ignorada.

Mais tarde, Christopher se manifestou, e Tessa, resmungando, foi titubeando até a cozinha preparar-lhe a mamadeira. Dick continuou esticado, banhando-se naquilo que restara da orgia noturna: poças coloridas em câmera lenta que foram se empalidecendo até desaparecerem suavemente. Ele se levantou disposto, os olhos limpos, certo de ter sido transformado.

Essa transformação não afetou seu gosto pela conjectura, que ganhou curso livre nos dias que se seguiram.

No fundo, era sempre a mesma questão: será que essas mensagens que tinha recebido eram emitidas por ele próprio ou provinham de alguma instância exterior?

De acordo com a hipótese materialista, aquela do circuito fechado, não tinha necessidade de procurar muito longe. Assim, ele releu com todo cuidado o artigo que falava sobre seu regime de vitaminas, examinou os rótulos dos frascos, folheou seu dicionário médico, companheiro de longa data da vida de hipocondríaco, e tirou dessas pesquisas uma teoria de uma retumbante verossimilhança científica: a acidez das vitaminas havia provocado em seu cérebro uma queda brusca nos níveis de ácido aminobutírico, também chamado de líquido GABA; aparentemente, o nível exigido desse líquido inibe determinadas estruturas do sistema nervoso central, as mesmas que fazem o usuário ver elefantes cor-de-rosa ou quadros de Kandinsky em série. O líquido GABA é o contrário do LSD: quando está em falta, tem início a fantasia. Ele já estava bastante satisfeito com esse líquido GABA, mais ou menos como dizer “deve ser a ignição” quando o carro começa a fazer uns barulhos bizarros.

Enquanto isso, uma pesquisa paralela o levou a consultar diversos livros com pinturas de Klee e Kandinsky, que coube a Tessa pegar emprestados na biblioteca. E descobriu que uma boa quantidade de telas desses pintores era conservada no museu de Leningrado. Essa informação despertou-lhe uma lembrança. Anos atrás, alguém havia lhe falado sobre experiências realizadas pelos soviéticos no domínio da comunicação telepática. Seria possível que ele tivesse passado por uma experiência dessas, que consistia em filmar os quadros abstratos do museu de Leningrado e bombardear os neurônios de um cidadão de Fullerton, na Califórnia, com uma montagem acelerada deles?

Admitamos, mas por quê? Por que justamente esse cidadão, Phil Dick, e não outro? Era por acaso ou tinha algum bom motivo por trás? E por que telas abstratas? Ainda por acaso, porque era necessário ter uma mensagem qualquer para testar o meio, ou porque essa mensagem continha um significado?

No caso da primeira pergunta, só chegava a ela para ficar ponderando sobre as regras: não duvidava que ele próprio fosse alguém visado. Não era novidade sua tendência a considerar suspeito e, em todo caso, também significativo, que um

representante de aspiradores de pó viesse bater na sua porta no mesmo dia que uma testemunha de Jeová; ele bem queria se desafiar com isso, mas os fatos são os fatos, e o princípio de parcimônia, base de qualquer explicação científica, o impedia de imaginar que, num intervalo de três semanas, ele fosse contatado pelos cristãos secretos que lutavam contra o Império e depois pelos telepatas soviéticos sem que houvesse uma relação entre esses acontecimentos. Restava apenas entender que relação era essa.

Será que os cientistas russos que trabalhavam nesse programa faziam parte da conspiração do peixe? Parecia mais lógico imaginá-los a serviço do Império, do qual a União Soviética era o avatar mais leal, senão o mais sofisticado. Mas não era o caso de deixar de lado os dissidentes: talvez os cientistas dissidentes estivessem tentando contatá-lo, correndo risco de vida. Talvez, mas talvez não. Talvez fosse necessário considerar mais a sério a hipótese segundo a qual os cientistas soviéticos absolutamente nada dissidentes, pelo contrário, fiéis servidores do Império, tinham surpreendido a mensagem que os adoradores do peixe estavam tentando lhe enviar e, então, puseram-se a truncá-la. Nos tempos de Hacienda Way, um dos *freaks*, um garoto que já tinha morrido, era especialista numa piada que consistia em contar bem alto e rápido uma série de números aleatórios quando alguém tentava fazer uma ligação: era impossível completar o número. Se os russos estavam tentando dar esse mesmo golpe, a mensagem pretendia somente saturar a frequência, e devia ser totalmente arbitrária. Mas não era questão de apressar as conclusões: o fato de a mensagem se confundir não provava que não era a verdadeira, aquela que seus amigos invisíveis queriam fazer chegar até ele. Na verdade, havia grandes chances de que a mensagem não fosse endereçada a seu cérebro consciente, e sim tentasse acessar diretamente alguma região subcortical mais escondida e mais certa. E, apesar desse raciocínio, nada o demovia da certeza de ter armazenado um estoque de dados que, a despeito de sua consciência, começava a informar seu sistema nervoso, modificando-o profundamente. Talvez

para o seu bem e, em todo caso, pelo menos para que as luzes triunfassem.

Nos dias seguintes, os sonhos dobraram de intensidade. Ele tinha a impressão de acompanhar um curso acelerado, sem saber de que matéria. Por outro lado, várias vezes ele teve o desprazer de identificar a língua que se falava neles: era russo, quase certeza. Página após página, centenas delas em sequência exibindo manuais técnicos impressos em alfabeto cirílico.

Foi então que ele tornou a pensar no artigo escrito por Lem.

Alguns meses antes, tinham lhe enviado a tradução alemã de um artigo assinado por Stanislaw Lem, que se passava por um grande escritor de ficção científica do bloco socialista; seus livros eram traduzidos em todas as línguas; o cineasta Andrei Tarkovski tinha tirado de seu romance *Solaris* um filme concebido como a réplica soviética a *2001*. Pois esse importante personagem dera-se ao trabalho de escrever uma longa análise sobre a ficção científica americana, que podia ser resumida mais ou menos nos seguintes termos: nada prestava, exceto Philip K. Dick.

Como o rogatório se apoiava em argumentos de cultura elevada, a exceção ficava ainda mais surpreendente, posto que dificilmente dava para fazer Dick passar por um parnasiano perdido em meio a mercadores de gado. Lem sequer tentava fazer isso, pelo contrário, destacava o mau gosto, o estilo grosseiro, as intrigas vacilantes. Ainda assim, estimava ele, o fosso que existia entre Dick e seus colegas só podia ser comparado àquele que separava o Dostoiévski de *Crime e castigo* da gentinha dos autores de romances policiais. Ingênuo à sua maneira, Dick exprimia verdades visionárias acerca do mundo moderno, e fazia isso com primazia em *Ubik*.

Esses elogios o lisonjeavam, mas também eram perturbadores. Jamais teria considerado *Ubik*, por conta própria, uma de suas melhores obras. Ele se lembrava menos do livro do que da época

horrível de sua vida em que o havia escrito, quando tudo estava se desmanchando em seu lar e em seu cérebro. E eis que, num intervalo de poucos meses, várias pessoas na Europa estavam descobrindo, em meio àquele romance desleixado, verdadeiros abismos de significados misteriosos. Um de seus editores franceses, Patrice Duvic, tinha lhe visitado naquele outono e declarou com solenidade que considerava aquele um dos cinco livros mais importantes já escritos.

“*Wait a minute*, Patrice: você está querendo dizer um dos cinco melhores livros de ficção científica...” Nada disso, ele insistia: um dos cinco livros mais importantes da história humana. Dick não tinha como saber por que nem quais eram os outros quatro títulos, mas o ar convicto de Duvic o deixara pensativo.

Ele havia começado a se corresponder com Lem, que estava se desdobrando para publicar *Ubik* na Polônia. As coisas ficaram meio desgastadas quando veio a seu conhecimento que os direitos autorais, seguindo a regra em vigor em todos os países socialistas, só podiam ser acessados no próprio país. Amável, Lem completou que seria um bom motivo para Dick fazer um pouco de turismo e, por que não, também uma conferência em Varsóvia, onde o aguardava uma montanha de zlotis. Imprevisível à sua maneira, Dick ficou fulo da vida. Tinha enviado cartas furiosas para seu agente, para seu editor e principalmente para Lem, a princípio acusado de querer passar a mão em seus direitos autorais, contando que ele nunca iria até lá buscá-los, e depois, contrariamente, de usar essa isca para fazer com que ele fosse até lá para nunca mais deixá-lo sair. Como a segunda hipótese se revelou mais promissora do que a de um banal desvio de recursos, ele passou o inverno explorando as tortuosas implicações desse caso, ainda que privado de um interlocutor, já que Lem tinha desertado e não respondia mais às suas cartas.

Obviamente os serviços secretos do Leste estavam mensurando a pegada subversiva de sua obra. Eles tinham começado a decifrá-la, assim como testemunhava o artigo de Lem – ou, mais provável ainda, o coletivo que assinava com o nome dele. Enxergavam em

Dick um Soljenítsin em potencial, mais perigoso que o outro porque ameaçava revelar ao que ainda restava do mundo livre o segredo da sovietação da América, até então muitíssimo bem guardado, isso para não falar do segredo da vida após a morte. Não estavam falando dele na televisão francesa como um escritor que merecia o Nobel? (Duvic tinha chegado gentilmente até ele com esse comentário de fã, proferido num programa cultural tarde da noite, e ele deduzira disso que um influente lobby de intelectuais franceses estava sustentando sua candidatura junto ao júri sueco, já começando a se perguntar o que faria quando a ditadura de Nixon se recusasse a deixar que seu agora ilustre opositor fosse até Estocolmo para receber o prêmio.)

Antes de chegar a esse ponto, estavam procurando, no Leste, um meio de desarmar essa bomba. Tinham feito investidas contra ele, lançado balões de teste em sua direção. Inclusive, talvez Duvic fizesse parte desse golpe – e, se não de maneira consciente, não restavam dúvidas de que todos aqueles intelectuais franceses mais ou menos marxistas que viam uma crítica ao capitalismo na obra dele deviam ser manipulados, servindo de mediadores das opiniões do mundo livre para os planos do KGB. Um peão que tinham mexido para liberar o movimento diagonal do bispo. E eis que, com o terreno preparado, Lem entrava em cena, multiplicava as gentilezas e o convidava para ir à Polônia. Se ele tivesse caído nessa armadilha, o que será que teria lhe acontecido em Varsóvia? Ah, isso ele não tinha dificuldades em imaginar: a turnê de conferências seria um sucesso, jantares, brindes, até que numa bela manhã ele acordaria de ressaca num quarto de paredes brancas, cercado de pessoas vestidas também de branco e empunhando seringas. “Isso não vai demorar, *gospodin* Dick, e não vai ser nada doloroso. Hoje à noite mesmo você poderá dar sua conferência.” E à noite ele se encontraria diante de um público ainda maior que o normal, pois teriam convidado representantes da imprensa internacional, que o ouviriam dizer que tinha decidido ficar na Polônia, o país da liberdade.

Felizmente ele tinha mandado esses planos pelo ralo, escapando da lavagem cerebral daquela vez. Inclusive riu um bocado pensando que, no comando do coletivo Lem, algumas cabeças iam rolar.

Mas agora uma frase lhe voltava à ideia, algo que devia ter ouvido ou lido um dia, não se lembrava mais onde: “Ele ria porque seus inimigos não conseguiam alcançá-lo; mas o que ele não sabia era que eles se esforçavam era para não pegá-lo”.

Ele sentia o mal-estar do enxadrista que adivinha o prenúncio de um ataque terrível e, no entanto, é incapaz de intuir de onde virá o golpe. A tentativa de Lem, aquelas páginas com caracteres cirílicos, as visões dos quadros mantidos em Leningrado, tudo anunciava um retorno do diabólico tema russo na sinfonia de sua vida. Ele estava só esperando.

Proferido em 20 de março, o golpe fora iniciado no dia 18 por um movimento suspeito. Uma carta registrada chegou nesse dia, e Tessa assinou o aviso de recebimento. O correspondente, que, valendo-se de um inglês laborioso, apresentava-se como um admirador, pedia um autógrafo, se possível uma foto com dedicatória. Uma clássica carta de fã, igual às que ele reclamava que recebia pouco, menos ainda de admiradoras, mas esta especificamente vinha de Tallin, na Estônia.

Em toda sua vida ninguém tinha lhe escrito da Estônia. Ele abriu o atlas, constatou sem nenhuma surpresa que Tallin ficava bem perto de Leningrado, não muito longe de Varsóvia. O cerco estava se fechando em volta dele.

De repente, sem nenhuma preparação, uma frase saiu de sua boca, e ele só foi descobrir o que significava ao pronunciá-la: “Hoje é segunda-feira. Na quarta, outra carta irá chegar, e essa sim pode me matar”, ele disse a Tessa.

Ele se recusou a dar qualquer explicação e continuou prostrado na cama até dois dias mais tarde.

Na manhã do dia 20, mandou Tessa buscar as correspondências na caixa de correio. Ela voltou com um tom solene e angustiado. Trazia sete cartas, as quais ele observou sem abrir. Seis delas eram

facilmente identificáveis: folhetos de propaganda, contas, envelopes timbrados, caligrafias familiares. A sétima não tinha nenhuma menção de remetente. O selo indicava que fora postada em Nova York.

“É esta”, disse ele com uma voz esganiçada.

Pediu a Tessa que a abrisse e descrevesse seu conteúdo sem mostrar a ele. Não era uma carta propriamente dita, mas uma fotocópia que reunia na mesma folha duas críticas literárias publicadas num jornal nova-iorquino de esquerda, o *Daily World*. Nelas, uma romancista soviética que morava nos Estados Unidos era elogiada por descrever com lucidez a decadência do capitalismo. As palavras “declínio” e “morte” tinham sido marcadas em vermelho no texto. Por fim, disse Tessa, o nome e o endereço da romancista estão no verso. Tudo dava a entender que ela própria tinha postado a carta.

Dick tinha fechado os olhos. A situação podia até parecer banal: desejando atrair para sua obra a atenção de um escritor que ela admirava e que tinha certa reputação nos meios esquerdistas, a mulher tinha encaminhado a ele os elogios que recebera. Mas ele sabia muito bem, há dois dias uma voz interna lhe dizia se tratar de outra coisa: era um ordálio, literalmente. Seu destino dependeria daquela resposta.

“Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra vós, de que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe”, dizia o Eterno.

Agora era a vez dele de fazer sua jogada. A cada movimento que fazia, imaginava as possíveis consequências, rumo ao xeque-mate. Se ao menos ele soubesse quem era o seu adversário! Os russos, ao que tudo indicava, mas era óbvio demais, justamente. E depois, será que eles esperavam mesmo que, depois de ter recusado as propostas claramente mais atraentes de Lem e de sua corja, ele ia abocanhar um anzol tão grosseiro daqueles? E os cristãos secretos, que salpicavam tentações em seu percurso iniciático, na mais pura

tradição espiritual? Mesma objeção: ele não tinha ficado nada tentado a entrar em contato com a romancista soviética. Pelo contrário, qualquer coisa que viesse da URSS lhe causava pavor. Esse dado tornava o teste falso, e aqueles que o submetiam a isso não deviam ignorar esse fato. Então, o teste tinha algum outro sentido. A escolha não se limitava a responder – derrota – ou não responder – vitória. Isso ele entendeu na mesma hora: a tentação não era responder, mas, pelo contrário, não responder. Queimar o papel, enfiar a cabeça debaixo do travesseiro, tentar não pensar mais em nada naquilo: era isso o que esperavam que ele fizesse e era isso que ele não deveria fazer. Mas e aí? Responder a carta? Tampouco.

Duas horas depois de recebida a correspondência, ele telefonou para o FBI.

A QUEDA DO TIRANO

na polícia, estão acostumados com os destrambelhados: aqueles que se acusam de crimes que não cometeram, aqueles que viram discos voadores, aqueles que surpreenderam um complô contra o presidente dos Estados Unidos... Sabe-se também que, às vezes, alguma dessas declarações insanas pode conter uma verdade parcial ou colocar no caminho certo rumo a ela. Grandes casos começaram assim. Por via das dúvidas, o ideal seria controlar tudo, mas a falta de efetivo e de tempo impedem de fazer isso. Felizmente, não costuma haver espaço para dúvidas. Por exemplo, quando um sujeito que se diz escritor de ficção científica, é famoso no mundo inteiro, é a aposta francesa para o Prêmio Nobel e que quase teve um de seus livros adaptados para o cinema por John Lennon, isso mesmo, o John Lennon dos Beatles, que chegara a seu livro através de Timothy Leary ("Não fiquem achando que eu aprovo o Leary, pelo contrário, escrevi até mesmo um livro contra as drogas, que ainda não foi publicado, mas que pretendo dedicar ao ex-procurador Kleindienst, o que afirma minha posição, que infelizmente foi mal compreendida, em grande parte por causa de um texto irresponsável de Harlan Ellison, segundo o qual meus livros teriam sido escritos sob efeito de ácido, o que obviamente é mentira"); quando um sujeito incapaz de começar uma frase sem desembocar numa cascata de parênteses a ponto de remontar o dilúvio e, depois de vinte minutos de preâmbulo, confia a você ter recebido uma carta de um leitor da Estônia e, dois dias depois, *como previsto*, uma cópia de artigos publicados num jornal não exatamente comunista, mas sim socialista, bastante socialista, e que se tratava comprovadamente de uma abordagem da KGB; quando, para tornar suas afirmações ainda mais plausíveis, o sujeito se lança numa história confusa sobre direitos autorais congelados na Polônia com a única finalidade de atraí-lo para detrás da cortina e fazê-lo passar por uma lavagem cerebral... Então, pacientemente, lhe dão ouvidos, garantem estar tomando nota e, por fim, quando ele pergunta o que deve fazer, dizem o seguinte, chamando-o pelo nome: "Você já fez muito, Phil. Você fez o que tinha que ser feito. Não fale a respeito disso para ninguém. Agora nós é que vamos tomar conta do caso".

Ditas com autoridade o suficiente, com um tom ao mesmo tempo grave e confidencial, essas frases geralmente permitem dar cabo da comunicação. Mas não é o caso de se iludir: depois de cair no blefe por um momento, o destrambelhado comum não demora a se sentir enganado e, nove em cada dez vezes, volta a insistir no assunto.

Logo depois de encerrar a ligação, Dick escreveu uma carta resumindo o que havia dito ao telefone – de maneira um pouco desordenada, e ele se desculpava por isso –, acompanhada das provas jurídicas e comentando todas elas: o artigo de Lem, a correspondência com ele, a carta do fã estoniano, a cópia do artigo do *Daily World*. Essa carta, a primeira de um total de 14 enviadas ao longo de quatro meses, foi a única a receber resposta:

Prezado senhor,

Obrigado por sua carta e pelos documentos, que não deixarão de ser analisados com atenção.

Caso outras informações suscetíveis de nos interessar cheguem ao seu conhecimento, não hesite em nos procurar novamente.

Atenciosamente,
William A. Sullivan,
Federal Bureau of Investigation, Los Angeles.

A segunda e última frase pecava no quesito prudência. Dizer que informações chegavam ao conhecimento de Dick era pouco: jorrando por canais variados, elas o inundavam. Sem dúvidas, nem todas elas interessavam a William A. Sullivan, de cuja indiferença teológica ele suspeitava, como acontecera com George Smith e George Scruggs noutros tempos. Mas, depois de ter enviado a ameaçadora cópia do *Daily World*, poderia ele esconder aquilo que, na noite seguinte, ele tinha compreendido repentinamente sobre o assunto?

Adivinhando o perigo que a carta reservava a ele, e sem dúvidas só para ele mesmo, pois cada um de nós tem seu próprio sésamo, um conjunto de palavras capaz de levar à morte ou dar a vida, ele havia tomado o grande cuidado de não lê-la diretamente, e sim pedir que Tessa lhe descrevesse o conteúdo. Na mesma noite, depois do

telefonema, ele a enviara ao FBI, de modo que mal tinha passado algumas horas sob seu teto. Mas ao colocá-la no envelope que ele logo foi postar, não pôde evitar dar uma olhada em seu conteúdo. Algumas palavras tinham acertado sua retina, atingido seu alvo.

Em vão, ele tinha tentado dissipá-las, esquecê-las; mas seria preciso não tê-las visto. Agora, elas dançavam diante de seus olhos:

Antonetti Olivetti Dodd Mead Reinhardt Holt

Nomes próprios, sem dúvida nomes de autores ou editores. Nomes que não lhe diziam nada e que, no entanto, queriam que chegassem a seus olhos.

Durante a noite, as letras percorreram suas pálpebras, se separando e tornando a se reunir como dançarinas que trocam de parceiros. De madrugada, restou apenas um par:

Olive Holt

Olive Holt.

Claro.

A babá que cuidava dele em Berkeley e falava sem parar da União Soviética, onde as pessoas levavam uma vida tão feliz.

Há quantos anos ele não pensava nisso? Há quantos anos ele acreditava ter esquecido esse nome?

Quarenta anos antes, aquele nome tinha sido impresso em seu cérebro para que, no momento certo, tivessem acesso a ele, tal e qual um traidor há muito infiltrado numa cidade permite que ela seja tomada. Para os comunistas, *Olive Holt* tinha a mesma função que a joia em forma de peixe tinha para os cristãos – e sem dúvidas aquele peixe que o havia perturbado quinze anos antes, quando escreveu *O homem do castelo alto*, tinha sido incutido nele muito antes, também em sua infância. Graças a Deus o peixe tinha surgido antes de Olive Holt. A anamnese tinha operado a favor dos cristãos, e não do Império.

Não era o caso de falar sobre o peixe e os cristãos secretos a William A. Sullivan, mas sobre Olive Holt, sim. E, uma semana depois, também sobre a visita que um grupo de marxistas franceses e canadenses pretendia lhe fazer. Aliás, como proceder? Deveria recebê-los para não dar margem a suspeitas? Ou apenas fechar a porta e não atender o telefone? Ou ainda partir em viagem? Como suas cartas desassossegadas continuavam sem resposta e Sullivan nunca estava quando ele ligava, concluiu que deveria se virar sozinho. Mais um teste, sem dúvidas: estavam soltando suas rédeas. A princípio, quis fugir, mas, como esperado, o carro se recusava a dar partida. Sabotagem. Então, encarou as coisas, passou a tarde com os marxistas e, no dia seguinte, escreveu para Sullivan que, de microfone em punho, bem que tinham tentado encurralá-lo, mas ele não tinha dado corda a nenhuma interpretação tendenciosa de suas obras, não tinha caído em nenhuma das armadilhas deles. Um bom desempenho, não?

Infelizmente, nada disso que conto aqui foi inventado. Essa correspondência quase de mão única existe de fato. Ela figura no primeiro volume das cartas de Dick, que abrange o decisivo ano de 1974 e cuja publicação um editor americano conseguiu realizar recentemente. Paul Williams, que definiu o texto a partir dos carbonos conservados pelo autor, confessa que, por um momento, pensou em engavetá-lo, para poupar a memória de seu amigo e os sentimentos de várias pessoas ainda vivas.

No caso destas, suas versões dos fatos constam no começo da coletânea e, por mais apegado que sejamos à ideia de que não existe a verdade, apenas pontos de vista, é preciso admitir que as perspectivas de Stanislaw Lem ou de Peter Fitting, chefe do tal “grupo marxista”, fazem referência àquilo que a maioria de nós considera como a realidade, ou seja, que o ponto de vista de Dick só é pertinente dentro de um sistema manifestamente delirante. Suas queixas em relação a Lem já foram expostas aqui. Quanto ao duvidoso “grupo marxista”, era composto por um universitário francês, autor de um livro sobre ficção científica com prefácio de

Jean-François Lyotard, um roqueiro e sua mulher, todos os três perfeitamente representativos do meio de onde vinham os admiradores estrangeiros de Dick ao longo dos anos 1970: bichos-grilos corretos, esquerdistas ligados em Marcuse e Reich, e barbudos inofensivos sobre os quais ele agora se sentia obrigado a fazer um relatório. Ou até dois.

É próprio de uma conversão mudar o convertido, virá-lo do avesso como uma luva. Ele não pensa mais aquilo que pensava, não age mais como agia e, frequentemente, por uma ironia do acaso, é levado a agir e pensar de uma maneira à qual não só era indiferente, como também considerava repugnante. Tais transformações, cuja simples ideia teria sido odiosa para o velho homem desnudado, passam a encantá-lo. Garantem a autenticidade de sua experiência, o fato de que outra pessoa fala dentro dele. É preciso muito pouco, ele exageraria. O intelectual cético e zombeteiro que se torna católico passaria voluntariamente às formas populares de sua fé: pequenas práticas de devoção, medalhas miraculosas. Homem letrado refinado, conhecedor da pintura, ele passaria então a adorar Gilbert Cesbron ou os pintores *naïf* iugoslavos com a alegria sutil de quem se apegava a um determinismo e conquista sua liberdade. Ir contra sua inclinação natural é literalmente aquilo que se chama de arrependimento.

Rebelde, transgressor do mal e inimigo das autoridades em todas as suas formas, Dick jamais teria pensado em ligar para o FBI por conta própria, colocando-se sob a proteção deles e dando-lhes informações. Se algumas semanas antes da chegada da cópia do *Daily World* ele tivesse sido avisado disso, teria reagido como um devoto muçulmano a quem se anuncia a morte por indigestão de chouriço. Um sujeito que cresceu em Berkeley jamais ficaria de fricote com os policiais e, se fizesse isso de fato, só podia significar uma coisa: aquele não era ele; tinha sido substituído, ou então manipulado, outra pessoa que não ele estava agindo em seu lugar.

“Exatamente”, pensava Dick, explodindo em risos abafados. “Foi exatamente isso que me aconteceu.

E, mais importante, fico contente com isso.

E tenho a certeza de estar certo ao ficar contente com isso.”

Eis dois exemplos de conversão.

Saul, um jovem e devoto judeu – e, por isso mesmo, exaltado perseguidor da seita cristã – passa por uma estranha experiência ao percorrer o caminho de Damas, depois da qual se transforma no apóstolo Paulo e parte repetindo, com o fervor contagioso que já conhecemos: “Não sou eu quem vivo, mas sim o Cristo que vive em mim”.

Já o herói do romance *1984*, de George Orwell, encontra coragem para se opor à tirania do Big Brother, mas acaba preso, submetido à tortura e a manipulações mentais tão eficazes que, no final do livro, longe de manifestar uma lealdade fictícia, “ele ama o Big Brother” de verdade.

Há muitas diferenças entre essas histórias. Primeiro, a que separa a tortura da iluminação, por mais que ambos os casos envolvam a violação de uma consciência humana. Em seguida, Orwell e seus leitores concordam que o herói de *1984* está perfeitamente lúcido antes de ser preso e, na sequência, apresenta-se tragicamente alienado, ao passo que o autor dos Atos dos Apóstolos e, sem dúvida, a maioria de seus leitores partilham da mesma certeza que São Paulo, a de ter saído na melhor. Resiste esse fato perturbador de que é a mesma certeza que anima o convertido e a vítima de uma lavagem cerebral: somente agora, afeitos a Cristo ou ao Big Brother, estão vivendo a verdade; antes, estavam enganados, prova disso é que o que mais temiam era que acontecesse exatamente aquilo que lhes aconteceu e que, na verdade, é o maior dos bens. Essa ruptura torna a interação entre o convertido e seu entorno quase tão difícil quanto a que ocorre entre Drácula e o doutor Van Helsing nos filmes de vampiros: se os homens têm tanto medo de ser atacados pelos mortos-vivos, é porque suspeitam que, uma vez contaminados, irão desfrutar disso. Visto de fora, o mais assustador

é que, depois, resta de si somente a parte que desfruta de não ser mais a si próprio. Antes, é o próprio sujeito quem teme; depois, é outro quem triunfa.

Para Dick, ligar para o FBI foi uma libertação. Isso pode ser interpretado, em termos psicológicos, como o alívio de um homem há muito monitorado e que, esgotado, acaba por se render e tira disso uma volúpia difusa. Por motivos que certamente não eram menos psicológicos, ele preferia interpretar isso em termos espirituais, como uma desapropriação de seu velho eu, cansado, medroso e gagá, em benefício de uma entidade infinitamente mais sábia, que, para seu bem, assume por meio de seu porta-voz iniciativas que nunca teria sido capaz de empreender por conta própria. Enquanto isso, seus inimigos, seja quem fosse, tinham lhe preparado a armadilha da cópia do *Daily World*, para a qual ela lhe indicara a única investida que ele nunca poderia ter imaginado, e a única que, conseqüentemente, supunha ser eficaz: avisar a polícia. Assim, ele sairia ganhando em todos os contextos e hipóteses. Se o FBI, apesar das falhas da era Nixon, não tinha escapado de sua vocação, era normal que, assediado pelos comunistas, ele recorresse à proteção deles: ao fazer isso, estava batendo na porta certa e expiando todo seu passado esquerdista. Se, pelo contrário, o FBI tivesse secretamente se tornado o aparelho repressor de um *gauleiter* criptocomunista, a melhor maneira de escapar desse lobo disfarçado de cordeiro era mesmo lançando-se em sua boca: fingindo inocência, ele envolveria o adversário em seu próprio jogo, obrigando-o a manter sua função oficial de defensor da democracia. Enfim, era possível que, com o fim anunciado de Nixon e sua trupe, as forças de luz e trevas estivessem se enfrentando dentro do próprio FBI e, nesse caso, ele tinha feito bem em escolher seu lado. Obviamente ele preferiria saber de que lado estava o oficial que o atendia, William A. Sullivan, e se lia seus relatórios com raiva ou simpatia, mas a entidade que o investira não considerava útil

informá-lo a esse respeito: ela o guiava sem explicar suas escolhas nem seus caminhos. Cabia a ele segui-la.

Ao longo da primavera de 1974, ignorando solenemente seus preconceitos esquerdistas, ela continuou controlando seu corpo e seu espírito com a energia de uma jovem esposa repleta de senso prático que reprime os velhos hábitos de um solteirão. Fez com que aparasse a barba e cortasse os pelos que lhe escapavam pelo nariz, munido de uma tesourinha especial cuja existência ele acreditava ignorar, mas que comprou numa farmácia como se a tivesse usado a vida toda. Ela renovou seu guarda-roupa. Deu uma geral no armário de remédios, livrando-se dos itens que sabia, e que ele também logo soube, serem prejudiciais à sua saúde. Ela descobriu que o vinho, por ser ácido, fazia-lhe mal ao estômago e, do dia para a noite, ele se entregou ao prazer de beber cerveja, coisa que sempre havia detestado. Ela acertou o litígio dele com o fisco. Esquadrinhou seus contratos, os extratos de direitos autorais, consertou as irregularidades, incitou-o a demitir seu agente, medida que lhe pareceu adulta e cheia de segurança, a ponto de informá-la orgulhosamente a todos os seus amigos; por causa disso, conseguiu para seu próximo livro um contrato mais vantajoso do que ele jamais tinha assinado, e Dick voltou à casa vencedor, todo fanfarrão com sua escapulida.

Enfim, ela salvou a vida de seu filho Christopher.

Fazia alguns dias que o garoto parecia estar desconfortável. O pediatra não tinha identificado nada, mas ele continuava gemendo. Uma manhã, Dick estava meditando em sua poltrona de olhos fechados, ouvindo “Strawberry Fields Forever” dos Beatles. Ao ouvir a frase “*Living is easy with your eyes closed...*”,^[3] um raio de luz cor-de-rosa atravessou suas pálpebras, ofuscando-o. Ele soube que tinha acabado de receber uma informação vital, levantou-se e, vacilando, entrou no quarto do bebê, onde Tessa trocava a fralda de Chris. Com a voz átona que estava se acostumando a ouvir sair de sua boca às vezes, disse:

- Tess, o Christopher tem um defeito de nascença.
- Mas o doutor disse que ele não tinha nada...

– Ele tem uma hérnia inguinal direta encarcerada. Ela já desceu para o saco escrotal, e a membrana cedeu. O Chris precisa ser operado imediatamente.

Ele tanto insistiu que Tessa acabou levando o pequeno ao pronto-socorro do hospital de Fullerton. Chris foi examinado por um médico chamado doutor Zahn, nome que em alemão significa “dente” e, considerando as circunstâncias de sua iluminação, pareceu a Dick ser um bom agouro. De fato, o doutor Zahn confirmou seu diagnóstico: a criança corria perigo. Ele foi operado naquela mesma noite. Depois disso, Christopher não reclamava de mais nada.

Estupefata, Tessa questionava o marido longamente. Pela primeira vez, um fato concreto vinha sustentar as declarações que, nos últimos meses, ele vinha reproduzindo com prodigalidade maior do que de costume. Mas Dick só se mostrava afirmativo quando se opunham a ele. Se alguém se confessasse abalado, ele ficava evasivo. Suas explicações variavam: um dia tinha sido informado sobre o estado de Christopher pelos Beatles, noutro garantia ter ouvido o menino murmurando “*Eli, eli, lamma sabacthani*”. No entanto, por mais confusas e às vezes contraditórias que fossem, ele deixou escapar para sua mulher nessas confidências que, de março a agosto de 1974, tinha sido inspirado por uma entidade benevolente que estava decidida a reformar sua vida. Ele explicava esse procedimento em termos familiares a qualquer usuário de um computador doméstico. Um sésamo – o peixe – havia fornecido a essa entidade operadora o acesso a seus circuitos cerebrais, e ela tinha implantado um programa neles – se o disquete que estou usando tivesse uma visão subjetiva, sem dúvida descreveria seus próprios registros como uma avalanche de fosfenos e quadros abstratos se metamorfoseando a toda velocidade, em meio a uma luz cor-de-rosa ofuscante. Desde então, esse programa estava sendo executado, e ele recebia dados, pequenos e grandes acontecimentos da vida de Philip K. Dick, que eram tratados com diligência. Para informar seu hospedeiro para que agisse em

conformidade, ele tomava emprestado como um parasita engenhoso todos os canais e suportes fornecidos pela percepção normal, e às vezes também não tão normal assim, se fosse preciso: as letras das músicas que ele ouvia, os textos dos livros que lia, e não só dos livros – placas na estrada, caixas de cereais, profecias e conselhos que recheiam os biscoitinhos da sorte dos restaurantes chineses. Com certa frequência, essas informações chegavam a ele em sonho, mas, como ele dormia pouco à noite e às vezes cochilava durante o dia, as fronteiras entre vigília, sono e sonho acordado não eram tão definidas assim. E como a mensagem era mais importante que o meio, ele considerava insignificante a diferença entre uma frase lida em sonho ou na realidade. De resto, suspeitava que os livros ou as pesadas provas de impressão que lhe davam para ler em sonho existissem na realidade. Com bastante prosaísmo, pensava que os sonhos o poupavam de pesquisas na biblioteca. Às vezes lhe acontecia de continuar insaciado e correr atrás dessas pesquisas.

Várias semanas seguidas, apareceu-lhe um livro que ele tinha a certeza de conter as respostas para todas as perguntas que se fazia. O texto passava rápido demais para ele conseguir entendê-lo, mas as referências bibliográficas iam ficando mais precisas de um sonho ao outro. Com uma capa dura azul, o volume não tinha menos de setecentas páginas. Os direitos autorais datavam de 1966 ou talvez 1968, ele não tinha muita certeza. O título terminava com a palavra *Grove* e continha também uma palavra que podia ser algo como *Budding*. Diversas vezes ele viu as páginas cercadas de chamuscas e disso depreendeu que deveria ser um texto particularmente sagrado, talvez aquele de que se fala no Livro de Daniel.

Saiu à procura do dito-cujo em livrarias e bibliotecas. Até que um dia reconheceu o livro. Era aquele, sem nenhuma sombra de dúvida. Azul, grande e publicado em 1968 com o título *The Shadow of Blooming Grove*.

Ele o abriu, certo de que sua busca chegara a termo. Todos os segredos do mundo lhe seriam revelados.

Era uma biografia de Warren G. Harding.

Outra pessoa teria concluído que esse desenrolar era absurdo, que tinha rigorosamente se enganado de livro. Dick pensava que, das duas, uma: ou todos os segredos do mundo estavam realmente numa biografia do presidente Warren G. Harding (1865-1923), de maneira subliminar e certamente sem que seu autor o soubesse; ou a entidade que o informava estava gentilmente tirando uma com a cara dele. Seja qual fosse o caso, sua maneira de proceder lembrava algo.

Algo ou então alguém.

Glen Runciter.

Glen Runciter que, em *Ubik*, se comunicava com seus funcionários perdidos no labirinto da meia-vida, guiava-os e dava um jeito de fazê-los entender o que tinha acontecido recorrendo aos meios mais triviais. As pichações das privadas eram feitas pela mão dele: “Eu estou vivo e vocês estão mortos”. Os folhetos publicitários, os slogans traçados no céu pelos aviões e os códigos incorporados ao desenho dos maços de cigarro transmitiam seus conselhos de sobrevivência. Runciter aparecia até na televisão, onde fazia a demonstração do vaporizador Ubik, única arma eficaz contra a entropia.

Dick estava começando a entender rumo a qual livro seu sonho recorrente o estava levando: não era a biografia de Warren G. Harding, mas sim o romance no qual, decompondo seus processos mentais, tinham previsto que ele pensasse na biografia de Warren G. Harding. Ele estava começando a entender o que pessoas como Stanislaw Lem e Patrice Duvic queriam dizer. O livro sagrado, o livro cercado de chamas, o livro que revelava todos os mistérios do universo era *Ubik*.

Não lhe parecia mais tão absurdo assim pensar que ele tinha escrito um dos cinco livros mais importantes da história: um desses livros como a Bíblia ou o *Bardo Thodol* aos quais os homens

devem recorrer para conhecer o segredo de sua condição. *Ubik* descrevia isso, de maneira bastante literal.

Ele tomou cuidado desde o princípio para distinguir *Ubik*, o livro, e Ubik, a entidade que, no livro, ajudava os homens a lutar contra a entropia. Agora estava entendendo que, se *Ubik*, o livro, descrevia tão bem Ubik, a entidade, era porque esta tinha escrito o livro através de seu porta-voz. *Ubik*, o livro, não era nada além de uma mensagem endereçada aos homens por Ubik, a entidade, a fim de revelar-se a eles. Era perfeitamente lógico que essa revelação tenha escolhido como veículo um romance barato, escrito por um burro de carga obscuro: isso completava a panóplia dos slogans publicitários, dos comerciais televisivos e das pichações nas privadas. O fundo e a forma, o meio e a mensagem coincidiam perfeitamente.

Desde fevereiro de 1974, quando essa entidade o havia contatado diretamente, ele tinha lhe dado um codinome, em segredo: Valis. Segundo ele, esse acrônimo, que significava “Vasto Sistema Ativo de Inteligência Viva” (e que Robert Louit, tradutor francês do livro que leva esse título, traduziu brilhantemente como *Siva*), apresentava a vantagem de ser puramente descritivo, isento de deísmos sentimentais: o nome de um programa de informática. Alguns anos antes, ele tinha lhe dado o nome de Ubik, aquele que está por toda parte. E, de maneira mais ou menos consciente, ao escrever os slogans que serviam de epígrafe aos capítulos de seu *bardo*-romance, ele tinha sugerido que era assim que se chamava aquilo que São João, no prólogo de seu Evangelho, chama de *Logos*, ou seja, o Verbo.

Ou seja, Deus, mas ele se recusava a usar esse nome próprio. Considerava-o impróprio, justamente: era desgastado, comprometido com contextos confessionais estreitos demais para sua experiência. Assim como os místicos judeus, ele acreditava que existem nomes de Deus mais ou menos exatos e, no fundo no fundo desse saco de nomes, existe um que é o verdadeiro nome de Deus, conhecido somente por Ele, a ponto de esse conhecimento talvez ser o atributo derradeiro de sua divindade. Já que continuaria a

ignorá-lo, era o caso de usar um termo puramente convencional, e então Valis resolvia o problema.

Além do mais, corrigia ele, não era um termo tão convencional assim, posto que tinha ocorrido a seu espírito e este era inspirado por Valis: incognoscível e inominável, a entidade se lhe revelava sob esse nome, que ele, assim como o nome Ubik, acreditava ter imaginado.

Mas tinha um outro alguém que faltava identificar, um intercessor de cuja presença ele suspeitava: o homólogo de Runciter em sua vida. Runciter não era Ubik, e sim apenas um homem vivo que se esforçava para atingir, no limbo, as consciências paralisadas dos mortos que somos nós. Um gatilho e, no sentido mais literal, um representante de Ubik: determinado a empurrar seu vaporizador de Logos concentrado de todas as maneiras possíveis. De certa forma, Dick estimava ocupar esse papel diante de seus leitores. Mas alguém o ocupava junto dele. Alguém, a serviço de Ubik ou de Valis, endereçava-lhe as mensagens que o guiavam. E feito Joe Chip por trás dessa névoa de sinais confusos e contraditórios, ele parecia reconhecer um estilo familiar.

Como sempre quando cogitava uma hipótese, Dick ficava maravilhado com a docilidade dos fatos que começavam a encaixar. Desde que, ao procurar o FBI, ele tinha derrotado os soviéticos, não sonhava mais em russo, mas sim em grego antigo, e com frequência cada vez maior. Ora, durante toda sua vida, ele convivera com uma única pessoa que falava essa língua, e essa pessoa era o bispo Pike. Este, por outro lado, conhecia bem o mundo e as religiões da Antiguidade, rumo aos quais convergia a maioria das inspirações diurnas e noturnas de Dick; ele gostava dos livros de referência e de charadas pedagógicas; tinha dedicado seus últimos anos a explorar as possibilidades de comunicação entre mortos e vivos; enfim, ele cortava os pelos que escapavam de seu nariz usando as fatídicas tesourinhas *ad hoc* – Dick havia confirmado isso quando fuçou em seu banheiro para afanar umas anfetaminas.

Esse apanhado de indícios fazia do bispo defunto um sério candidato à dupla função de tutor e ocupante espiritual. Mas ainda havia outros, cujas intuições eram sua fonte de sonhos, leituras e associações de ideias. Percorrendo o tempo e a *Encyclopaedia britannica*, ele soube chegar a vários personagens e reconheceu alguns possíveis candidatos, como a Sibila de Cumas, Zoroastro, Empédocles, o gnóstico Basílides, o faraó Akhenaton. Entre os hóspedes de seu espírito, aquele com quem ele se entendia melhor era um certo Thomas, que ficou incrustado nele por cerca de três meses.

Única exceção ao *name-dropping* que marcava sua busca por apadrinhamento, esse desconhecido nasceu a partir da constatação de que, desde março de 1974, ele abrigava os pensamentos, a visão de mundo e até mesmo as palavras de um clérigo fortemente helenizado do século 1º de nossa era. O grego que ele falava, que Dick finalmente tinha identificado ao enviar amostras tiradas de seus sonhos para um professor de Fullerton, não era o grego clássico e literário, conhecido de Pike, mas sim o grego *koiné*, espécie de *pidgin* usado em todo o Oriente Médio nos tempos apostólicos. Não era a língua de Platão, mas sim a de São Paulo. Igual a este, Thomas também não tinha conhecido o Cristo pessoalmente – pertencia à segunda geração de cristãos, aquela que teve de aguentar as mais duras perseguições. Mas, como todos os seus irmãos, ele conhecia o segredo da ressurreição, explicava a Dick. A promessa de vida eterna feita por Jesus a seu pequeno rebanho não era uma brincadeira. Ela implicava absorver um alimento sagrado, o famoso cogumelo com o qual John Allegro e, depois dele, Pike, tinham feito um furdúncio, e do qual a hóstia cristã era apenas um símbolo, ao mesmo tempo espiritualizado e insípido. Cada pedaço desse alimento da vida, assim como cada borrifada de Ubik, continha integralmente a informação da qual o mundo aparente era somente uma hipóstase (Dick adorava essa palavra que o bispo lhe ensinara). Sentindo a aproximação da morte, Thomas tinha comido esse alimento e tomado muito cuidado para inscrever em algum lugar de seu cérebro o signo do peixe, que

deveria lhe permitir aprender em tempo hábil, quando tivesse voltado à vida, quem ele era na realidade.

O plano tinha se desenrolado como previsto, exceto pelo detalhe de que, convencido da iminência da parúsia como todo mundo naquela época, Thomas contava com uma espera de uns vinte anos, mas já tinham se passado quase dois mil deles. Por quê? Porque, depois da queda de Jerusalém, em 70, os romanos tinham tomado posse do cogumelo sagrado, destruindo-o assim como faziam com todos os objetos de culto que não entendiam, de modo que a informação viva, único elemento racional de nosso mundo irracional, tinha desaparecido. O Império e as trevas o haviam levado. Mas não totalmente: alguns espécimes do cogumelo tinham sido escondidos num jarro, e esse jarro, por sua vez, escondido numa gruta à beira do Mar Morto. Lá eles dormiram por quase dois milênios, enquanto a barbárie e a ilusão reinaram sobre a Terra. O tempo real permaneceu suspenso até um dia, em 1947, em que arqueólogos descobriram o local do Qumran e libertaram o Espírito cativo. Pike tinha razão em orientar sua busca pela verdade derradeira por aqueles lados, mas chegou tarde demais – por isso sua morte trágica. O Espírito, Ubik, Valis, havia saído de seu esconderijo e trabalhava de outro local há muitos anos, soprando para onde bem entendia: por exemplo, na consciência e no inconsciente de um adolescente californiano que ficaria muito impressionado se descobrisse que se chamava Thomas e vivia, assim como todos os seus contemporâneos, por volta do ano 70 depois de Jesus Cristo. Pouco a pouco e sem que ele soubesse, o Espírito tinha educado esse adolescente. Tinha insinuado algumas dúvidas nele, levantado furtivamente o véu das aparências diante de seus olhos. O adolescente tinha crescido e começado a escrever romances de ficção científica por meio dos quais o Espírito se tornava conhecido dos homens, revelando-lhes sua condição. Por mais obscuro que fosse, o Império estava de olho nele. Em algumas alusões de seu livro, era possível notar um saber em trabalho de parto, que poderia se tornar perigoso. Ele conhecera a perseguição. E, um dia, tinha chegado a hora: o peixe fora apresentado a Thomas, a anamnese estava provocada.

Desde então, habitava o corpo do homem que ele acreditava ter sido durante 45 anos. Este lhe cedera totalmente o lugar, mas, depois de passar por algumas reformas, o convívio se revelara agradável. Parecia um pouco como dirigir um carro de autoescola, com comandos duplos. Thomas estava arrematando a educação de Phil, ensinara-lhe o grego e as artimanhas de um veterano da clandestinidade para conseguir escapar das armadilhas preparadas pelo Império: avisar a polícia para desarmá-la melhor, por exemplo, que belo golpe! Em troca, Phil orientava os passos de Thomas num mundo cuja natureza real ele desconhecia, mas o mesmo não se podia dizer de sua enganadora aparência fenomenal. Essas pequenas bagunças que atraíam o estrangeiro eram o traço mais tocante de Thomas. De tempos em tempos, desempenhando o papel de Dick, ele se enganava, era preciso soprar-lhe suas réplicas. Assim, seu hospedeiro, antes de ser informado da existência de Thomas, explicava para si próprio algumas bizarrices de comportamento atribuindo-as ao excesso de trabalho ou à hipertensão arterial – esta última, motivo de uma breve hospitalização naquela primavera. Ele estava confundindo o nome e o gênero dos gatos; rompia sem motivo aparente com rotinas seguidas a vida toda, deslocando as margens de sua máquina de escrever; não reconhecia mais os comandos do carro e, assim como Ragle Gumm com o cabo da luminária, não conseguia parar de procurar um botão de ventilação que não existia. Um dia, Tessa, perplexa, o ouviu resmungando diante da geladeira aberta: “Não tem mais cerveja, eu jurava que ainda tinha uma...”. E depois: “Mas eu não bebo cerveja”. E por fim: “Mas esta não é a minha geladeira!”. Tudo isso que o havia inquietado agora lhe aparecia como sendo do feitio de Thomas. Interrogado, este caía na gargalhada e confirmava. Eles se divertiram bastante juntos, esses dois.

O que mais agradava Thomas no simulacro de mundo onde o Império mantinha os homens cativos era a televisão. Ele passava os dias diante dela. É preciso dizer que, na época, ela mostrava ao vivo

a queda do Império e que todos os prisioneiros, informados ou não de sua condição, acompanhavam o folhetim com avidez. Será que Nixon entregaria as fitas que continham as conversas do caso Watergate ao juiz Sirica? A princípio não, depois finalmente sim, mas só depois de ter apagado metade delas. A Câmara de Representantes teria a audácia de acusar o presidente? Sim, por ter colocado empecilhos ao andamento da justiça, destruído provas, incentivado falsos testemunhos, utilizado a CIA para se proteger do escândalo, violado os direitos constitucionais, instaurado uma vigilância eletrônica e até mesmo fraudado o fisco.

Esse detalhe em particular era um deleite para Dick. Sentado no sofá e com um farnel de cerveja em mãos, ele recebia as notícias com a mesma gritaria de um torcedor fanático. Thomas, ao lado dele, se comportava mais como um treinador que acompanha a vitória de sua equipe. Comentava o espetáculo como um iniciado, revelava a seu hospedeiro o que as cartas escondiam. Sob sua influência, Phil entendeu que um vínculo misterioso mas direto unia sua experiência espiritual à derrota do Anticristo da Casa Branca. No mês de fevereiro, depois de uma vida inteira se esforçando e Tateando, ele havia finalmente realizado a passagem e acessado o real. Entendera que, apesar do testemunho de nossos sentidos trapaceados, o Império não tinha acabado, mas a parúsia se aproximava: como prometido, ela se concretizaria antes do fim do século 1. Sua anamnese tinha sido o sinal, e ele, a porta pela qual o Espírito viria abolir o simulacro, derrubar os muros da prisão de ferro, expulsar o demiurgo que era chamado de Simão, o Mago, nos Atos dos Apóstolos, de Palmer Eldritch ou Ferris F. Fremont em seus livros, e de Richard M. Nixon em sua última fantasia ilusória, a América de 1974. O Espírito tinha se valido dele, Philip K. Dick, codinome Thomas, para que o mundo voltasse a ser real.

Quando, em 8 de agosto, Nixon renunciou, Phil se voltou a Thomas para dizer: “Então é isso, nós ganhamos”. Mas Thomas não respondeu mais. Tinha desaparecido. Phil sentiu uma tristeza imensa, sozinho dentro de seu cérebro. Passados alguns dias, ele se resignou, compreendendo que Thomas tinha encerrado sua

missão e que a ele só restava tentar entender e contar o que tinha acontecido.

O QUE O AMIGO GORDO DOS CAVALOS ACABOU ENCONTRANDO

Com a partida de Thomas, Dick tentou escrever um livro que relataria sua experiência. Acreditava ter encontrado a abordagem certa quando lhe propuseram participar de uma coleção de romances atribuídos a escritores imaginários, como o Sebastian Knight, de Nabokov, ou o Kilgore Trout, de Kurt Vonnegut Jr. Ele voltaria à escrita sob o nome de Hawthorne Abendsen, célebre autor de *O gafanhoto torna-se pesado*.

Agora, a cada vez que relia seus livros, Dick era subjugado por sua qualidade profética. Em 1960, ele tinha imaginado que a visão de uma joia concedia acesso ao real e que um romance que descrevia um mundo que tudo indicava ser imaginário, revelava, de maneira ao mesmo tempo misteriosa e irrefutável, a verdade escondida dos olhos de todos. Quando, no próprio momento da escrita, o I Ching tinha lhe garantido que, ao imaginar aquilo, estava dizendo a verdade, ele ficou martelando sem entender. Catorze anos depois, ele entendera. Hawthorne Abendsen era ele próprio. Seguindo a boa lógica, ele retornava a Hawthorne Abendsen, voltando ao ponto de partida, como quem diz: “Sim, tudo aquilo era verdade” e tentando convencer o mundo disso.

Aparentemente, escrever a continuação de *O homem do castelo alto* era algo óbvio. E como era seu livro mais conhecido, o único que lhe garantiria um prêmio, havia a possibilidade de trazer bons resultados. Abendsen, a princípio, estaria arruinado. Abandonado pela mulher e pelos filhos, pobre, adoentado, roubado, perseguido pelo regime criptototalitarista que ele não se cansara de denunciar mesmo sem conseguir fazer ecoar sua voz, “como aquele

que grita no deserto”, diz o Evangelho de João Batista. Mas ele sequer gritava, ia se soterrando. Até que...

O quê?

Até que as coisas se complicavam e o romance entrava em pane. Pois Dick não demorou a descobrir uma grande diferença entre *O homem do castelo alto* e sua triunfal continuação, há tanto tempo aguardada. No primeiro caso, ele tinha inventado, ou pelo menos acreditava estar inventando, uma história. Agora, estava dizendo a verdade, não podia se perder em enganos.

Assim, ele começou a tomar notas para deixar emergir essa verdade. E, depois de começar, não parou mais. Abandonou o romance e a máquina de escrever adquirida e, noite após noite, consultando sem parar a *Encyclopaedia britannica* e ouvindo John Dowland e Olivia Newton-John a todo volume, com os fones enfiados nos ouvidos, fazia aquilo que Deus o havia colocado na Terra para fazer: traçar hipóteses.

Quando digo que ele não parou mais, é preciso entender isso literalmente. Essa tarefa o absorveu durante os oito anos que lhe restavam de vida. Algumas dessas anotações foram destruídas por ele próprio, mas ainda restam cerca de oito mil páginas. Ninguém leu todas elas, nem ele próprio. Tampouco Lawrence Sutin, seu escrupuloso biógrafo, que confessa ter recorrido a uma técnica de amostragem para compilar alguns trechos escolhidos. Esses trechos dão uma ideia dos temas inquietos que ele abordava, mas, por definição, também fragmentam aquilo que frequentemente se apresenta de um só fôlego: levas de 50 ou 60 páginas, frutos das ruminações noturnas que eram interrompidas somente pelo esgotamento.

Como ele tinha encontrado um nome para a entidade que o orientava, encontrou um também para aquilo que, em outros casos, chamamos de “anotações” ou de “diário”, com uma irritante sensação de imprecisão (assim como poderíamos chamar de “zona” ou de “curral” aquilo que a enclausurada de Poitiers, sabendo do

que estava falando, chamava de “minhas adoradas profundezas de Malempiat”): para ele, era a Exegese.

No vocabulário teológico, essa palavra tem um significado específico, que ele conhecia. Designa escritos que fazem uma interpretação doutrinária de um texto sagrado. Por sua vez, um texto sagrado, considerando que isso exista de fato, é um texto cuja origem é reconhecida como divina, que tenha sido ditado ou pelo menos inspirado pelo Espírito Santo – e essa nuance frouxa concede uma pequena margem de iniciativa, e, portanto, de erro, ao redator humano. Nesse contexto, e feitas as devidas reservas, ele exprime a verdade, o que vale para cada uma de suas partes. Os católicos declaram um texto desses como “infalível”, e a mística judaica, não sem consequências radicais, apoia-se na certeza de que, na Torá, nada foi deixado por acaso: para um cabalista, cada letra abre mais uma porta rumo Àquele que é.

Para quem se interessa pelas religiões do Livro, afirmava o bispo Pike, nada é mais apaixonante do que estudar a formação de seu cânone, ou seja, o processo ao fim do qual um texto é considerado sagrado. Quando, como e por quem o Pentateuco foi redigido? Quando, como e por quem os evangelhos de Marcos, Mateus, Lucas e João foram reconhecidos como canônicos, enquanto outros foram tidos por apócrifos, exilados naquela zona fronteira e incerta na qual os eventuais Pike de diferentes épocas encontram seu divertimento favorito?

Dick atribuía uma origem divina às rajadas de informações que, desde fevereiro de 1974, metralhavam seu cérebro. Deus, a quem ele nomeava pudicamente de Valis, falava com ele como tinha falado a Moisés, a Maomé e a alguns outros. Desta vez, Ele se dirigia a um escritor e contava com ele para transcrever Suas palavras na forma contemporânea que, na opinião d’Ele, era a mais conveniente para se fazer uma revelação: a ficção científica. Essa confiança em suas capacidades profissionais deixava Dick desamparado: ele queria fazer essa transcrição, mas qual era o texto? Em que corpus canônico ele deveria apoiar sua Exegese?

Existiam os vários livros que lhe eram mostrados em sonho, bem como as palavras e informações pontuais que ele guardava disso,

como fora o caso da hérnia de seu filho. Existiam também seus próprios livros e as coisas que descobria ao relê-los. Existiam ainda aquelas certezas repentinas que o cegavam: a de viver no ano 70 depois de Jesus Cristo e de ter expulsado o Anticristo da Casa Branca. Mas a essas seguiam-se outras, que não eram menos ofuscantes e que só concordavam com as anteriores à custa de laboriosos remendos – mais ou menos como quando, em outros tempos, ele dava um jeito de fazer um romance cruzando as intrigas de dois contos já escritos. Desde a partida de Thomas, tudo tinha ficado confuso. Na falta da sustentação proporcionada por sua visão sobrenatural, a trama que ele tinha elaborado estava se esgarçando. As peças do quebra-cabeças não se encaixavam mais tão bem. Relegado a si próprio, Dick não conseguia entender por que, depois de sua anamnese e da queda de Nixon, o mundo reintegrado no plano divino não sofria mudanças mais visíveis. Talvez, pensava ele para se tranquilizar, sua Exegese tinha como missão domesticar essa mudança tão radical quanto discreta. Talvez sua vocação quisesse que ele avançasse rumo a uma incerteza salpicada de iluminações e, trabalhando com dedicação pela glória maior de Deus, via-se sempre induzido ao engano, indigno de sua função, um inútil servidor. Quando chegasse a hora, o Espírito faria a triagem, literalmente ditando a ele de uma só tacada a revelação que converteria toda a humanidade. Esperando por isso, restava-lhe somente anotar suas dúvidas e conjecturas, tomando por *corpus* tudo aquilo que ele estava vivendo e tinha vivido, tudo aquilo que sonhava, tudo aquilo que ocorria à sua mente: a soma das informações recebidas e manipuladas pelo programa chamado Philip K. Dick.

Ele falava daquilo que tinha lhe acontecido com extrema prudência, confiando seus pensamentos somente a Tessa e a uma correspondente que nunca encontrou, mas que estava escrevendo uma tese sobre ele. Fora isso, limitava-se a alusões vagas, brincadeiras fáceis de serem escamoteadas.

No outono de 1974, Paul Williams, seu jovem admirador que tinha construído uma reputação como jornalista de rock, sugeriu à revista *Rolling Stone* escrever um grande perfil de Dick, apresentando-o como um farol da contracultura. A ideia agradou. Williams, então, foi passar alguns dias em Fullerton, para uma entrevista extensa cujo objetivo confesso era fazer de seu anfitrião um homem célebre. Consciente do desafio, Dick brincou com a ideia de “sair do armário”, como dizia a expressão em voga entre os gays para designar a afirmação pública de sua singularidade, mas suspeitou que os discursos místicos alienariam aquele público que ele finalmente teria a oportunidade de atingir. Por mais desajeitado que fosse socialmente, Phil tinha uma noção bastante segura daquilo que seus interlocutores esperavam dele; desta vez, era um número de rebelde excêntrico, e não de iluminado religioso, e ele tomou todo cuidado que pôde para não se trair. Williams, por sua vez, tinha entendido, como bom jornalista, que não despertaria o interesse de ninguém com um ensaio didático sobre os livros de Dick. Valia mais a pena transmitir a maneira estranha como seu cérebro funcionava. Assim, qualquer assunto daria conta do recado – por que não o assalto de 1971? Uma vítima de arrombamento despertaria nas pessoas a vontade de ir correndo atrás dos livros do escritor. Incentivado por Williams, Dick improvisou durante quatro dias um monólogo assustador, evocando até o cubo mágico que o arquiteto húngaro Ernő Rubik tinha acabado de inventar para a prazerosa exasperação de milhões de maníacos. Dezenas de configurações que iam do quase plausível ao puramente delirante foram experimentadas, rejeitadas, retomadas e combinadas com outras. Sabendo que o leitor médio da *Rolling Stone* estava disposto a acreditar em histórias sobre encanadores partidários de Nixon, ele desenvolveu essa teoria com indulgência e depois, como um advogado louco que muda de lado assim que percebe o júri abalado, encontrou argumentos para arruiná-la. Ele acusava, inocentava e tornava a suspeitar de um grupelho nazista, dos Black Panthers, de uma seita de fanáticos escandalizados com o bispo Pike, dos vizinhos, dos drogados, da polícia, dos extraterrestres e

não deixava de lado nem a si próprio... Ao longo de quase três anos, tinha agitado essas questões sem folga, mas há seis meses algumas outras ainda mais urgentes e de importância cósmica haviam tomado a dianteira: com certeza ele se divertia bastante transferindo para um objeto comparativamente irrisório os mesmos procedimentos de investigação que vinha usando em sua Exegese. Williams deixou Fullerton radiante, convencido de que tinha conseguido uma matéria que ia ser um desbunde, como se dizia na época. Cúmulo da sorte, o artigo foi publicado na mesma edição que um dos furos da década, a confissão de Patty Hearst, o que fez com que toda a América comprasse a revista e descobrisse, ao virar a página, esse escritor que fazia de sua casa assaltada o epicentro de todos os enigmas do universo. Da noite para o dia, Dick se tornou, se não uma celebridade, pelo menos “aquele cara completamente pancada que saiu numa matéria da *Rolling Stone*, sabe?”. E todo mundo sabia mesmo.

De volta a São Francisco, Williams teve a ideia de arrematar a reportagem fazendo sua própria investigação. Ele foi até a delegacia de San Rafael, avaliou os registros do caso, interrogou policiais e vizinhos, e acabou descobrindo aquilo que esperava descobrir: nada. Nada específico. Ao que indicavam todas as probabilidades, Dick tinha sido vítima de um assalto igual aos outros 25 que são cometidos por dia no condado de Marin.

Essa conclusão tranquilizou Williams, que estava se propondo a valorizar a efervescente imaginação de um escritor e que teria ficado meio constrangido se descobrisse que ele estava dizendo a verdade. Dick, por sua vez, considerou isso tudo pouco decisivo: sem excluir a hipótese de um assalto inofensivo, observava que, caso contrário, se os encanadores, os nazistas ou os extraterrestres estivessem por trás disso, teriam obviamente dado um jeito de produzir tal impressão. Seguindo esse mesmo tipo de raciocínio, quando ele conseguiu consultar seu histórico no FBI graças ao *Freedom of Information Act*, esperava encontrar uma pasta

lotada de relatórios que abrangiam vinte anos de sua vida, mas não ficou nada impressionado ao encontrar apenas um item: a carta que, no começo dos anos 1960, antes mesmo de conhecer George Smith e George Scruggs, ele havia enviado ao físico soviético Alexandre Topchev para se informar sobre as falhas da teoria da relatividade restrita. Para ele, a presença desse único documento nada comprometedor provava apenas o seguinte: o FBI se livrava dos arquivos antes de disponibilizá-los ao público; a lei que supostamente colocaria um fim ao controle policial de Nixon não passava de um engodo.

Por mais eficaz que fosse essa demonstração, Dick não encarava com menos seriedade a hipótese segundo a qual a pasta com os registros de seu encontro com Deus podia carregar o mesmo conteúdo que aquela que guardava as informações sobre o arrombamento ou sobre suas relações com o FBI: nada. Nada ou o fruto de uma imaginação que, dependendo dos humores, podia ser considerada maravilhosamente fértil ou pateticamente perturbada, o que dava na mesma.

Havia dentro dele um ser inspirado, escolhido por Deus para levar Sua palavra à América da segunda metade do século 20. Mas havia também um outro personagem que denunciava incansavelmente a ilusão pela qual o primeiro se deixava levar. Noite após noite, esses dois personagens disputavam o terreno da Exegese, um reinando como mestre e o outro cerceando-o; o primeiro atacando e o segundo se defendendo. Sem saber para qual deles dar razão, fracassou durante muito tempo tentando juntar as pontas daquilo que lhe acontecera de uma maneira que fosse acessível às outras pessoas. Mas ele mantinha a esperança de escapar do solipsismo ao dar ouvidos às duas vozes que se digladiavam dentro dele. Em 1976, ao longo de algumas semanas, escreveu um romance, *Vali-system A*, que foi recusado pelos editores. Esse romance coloca em cena um vendedor de discos de Berkeley, Nicholas Brady, e seu velho amigo autor de ficção científica, Philip K. Dick. Você já sabe

tudo o que acontece a Nick: o dente do siso, o peixe de ouro, os fosfenos imitando quadros do museu de Leningrado, a cópia dos artigos comunistas, o rádio que dispara bobagens (“*Nick is a prick, Nick is a dick*”), a hérnia encarcerada de seu filho. Phil, por sua vez, desempenha o papel do confidente, dividindo-se entre o ceticismo e a compaixão. Esse papel foi mantido por ele nos esboços seguintes, mas o de Nicholas Brady foi repassado a um certo Horselover Fat, seu *alter ego* heleno-germânico, já que *Fat* é a tradução de *dick*, em alemão, que significa “gordo”, e *Horselover* correspondia ao nome grego *Philippe*, “aquele que ama os cavalos”. (Talvez por prudência, ele se absteve de fazer uma correspondência ao K de Kindred, sobrenome de sua mãe, que significa “aparentado, consanguíneo” em inglês.) Assim, Horselover Fat, o amigo gordo dos cavalos, era o maluco que tinha visto Deus, e Phil Dick era seu parceiro sensato. Em sua Exegese, Fat comentava suas visões, ao passo que Phil, nos esboços de seu romance, comentava a Exegese. Fat se considerava um novo Isaías, e Phil considerava Fat um novo presidente Schreber. Phil queria se passar por alguém lúcido, e Fat consentia em ser visto como louco. No entanto, acrescentava, por mais inacreditável que fosse, a verdade estava do seu lado. Então, Phil balançava a cabeça e tudo recomeçava, uma prova de equitação que se repetiu até a morte dos dois – não sei como isso se desenrolou no além.

(Sei o que vocês estão pensando. Eu também penso a mesma coisa, claro. Mas gostaria de suspender nosso julgamento para não distorcer o processo. É por esse motivo que escrevo este livro: para impor a mim mesmo e também a vocês o tempo da leitura, essa disciplina mental.)

. . .

Ele dedicava o mesmo zelo a fazer um repertório dos argumentos que provavam que ele tinha enlouquecido e os que provavam que

ele tinha caído nas mãos do Deus vivo. Até mesmo esse esforço de imparcialidade operava nos dois sentidos. Um dia, encarava isso como um alentador indício de integridade mental, assim como os loucos se consideram de espírito são. No dia seguinte, entrava em pânico: um dos primeiros sintomas de psicose, afinal, não seria o sujeito temer tornar-se psicótico?

Paralelamente à lista dos possíveis ocupantes de seu espírito traçada por Fat, Phil tinha toda uma outra lista dos possíveis responsáveis por seu declínio psíquico. O excesso de aflição e angústia poderia desencadear uma dessas síndromes de abstinência tão frequentemente descritas em seus livros. E, claro, o excesso de drogas. Fazia vinte anos que ele tinha transformado seu organismo numa coqueteleira de drinques químicos e agora lhe chegava a conta, acompanhada de um biscoitinho da sorte contendo a presença do próprio Altíssimo. Harlan Ellison tinha uma fórmula bastante crua para resumir esse tipo de percurso: “*Took drugs. Saw God. BFD (Big fucking deal)*”.

Phil não sabia muito bem se achava um consolo ou ainda mais deprimente o fato de sua aventura ter sido tão exemplar. As drogas consumidas durante os anos 1960 compunham a marinada onde seu cérebro agora repousava. Uma história banal: a Califórnia estava coalhada de seitas intrincadas nas quais *freaks* como ele eram complacentes com seus *flashbacks* de ácido enquanto balbuciavam mantras.

Pois havia também esta variante: a hipótese de um *flashback* de ácido. Desde a proibição do LSD 25 em 1967 e da espetacular reviravolta de opiniões em detrimento dele, um rumor espalhado pela mídia conservadora transformara esse fenômeno verdadeiramente marginal numa espada de Dâmocles quase tão ameaçadora quanto aconteceria quinze anos mais tarde à longa incubação do vírus HIV. Uma vez exposto a seus efeitos, ninguém poderia ter certeza de considerar-se livre deles. Histórias assustadoras circulavam, envolvendo jovens que tinham tomado a droga uma vez quando ainda estavam na faculdade, a conselho de colegas do mal, e muito tempo depois, quando já trabalhavam na

IBM ou na General Motors, se percebiam, subitamente e bem no meio de uma reunião profissional, transportados para o outro lado: fios de telefone se transformavam em serpentes, colegas amáveis viravam robôs maléficos, e aí o sujeito imprudente recuperado de seu passado providenciava um machado para massacrar todo mundo. Diante de um caso de loucura assassina, a volta do ácido estava entre as primeiras hipóteses consideradas pela polícia naquela época. Dick não podia deixar isso passar e, por um momento, considerava sua única viagem de 1964 como a possível matriz de uma futura obsessão divina. Naquela ocasião, acreditara que o dia de fúria tinha chegado, e passou oito horas rezando e choramingando em latim. E agora que projetavam a sequência do filme, ele não durava oito horas, mas sim oito anos. Valeu, Sandoz.

Por mais consternadora que fosse, essa hipótese se sustentava. Exceto por um detalhe, observava Fat: ninguém nunca tinha ouvido falar que o ácido fazia alguém falar latim sem sequer conhecer o idioma. Tampouco que um *flashback* levasse a se comunicar em grego. Claro, seja sob efeito de ácido ou em sonho, é possível *acreditar* que se fala grego, latim ou sânscrito. Mas, em 1964, Ray Nelson realmente o havia ouvido proferindo vitupérios em latim, o que devolve o problema para dez anos atrás sem resolvê-lo – vale lembrar que Ray Nelson também tinha tomado ácido. Agora, ocorriam-lhe ao espírito palavras que não entendia, mas que, em estado de vigília, ele transcrevia foneticamente, e suas pesquisas revelavam se tratar de grego *koiné*. Tudo bem ser cético, Phil, mas vai ter que se virar com esta questão: como explicar que um californiano de 1974 comece a pensar bruscamente na língua usada por São Paulo e seus correspondentes?

“De modo geral”, insistia Fat, “como explicar a presença, em nosso cérebro, de informações que normalmente não têm nenhum motivo para se inscrever nele? É um pouco fácil colocar tudo na conta das drogas ou dizer que encontrar Deus está para a doença mental assim como a morte está para o câncer: o encerramento lógico para um processo mórbido. A verdadeira questão está em saber se é possível considerar minha experiência de fevereiro de

1974 como uma teofania. A teofania se define como um autodesvelamento do divino. E se o divino existe, isso existe também. Moisés não inventou o arbusto em chamas; Elias, no monte Horebe, não suscitou a brisa ligeira nem o trovão. Agora, reconheço que é delicado distinguir a verdadeira teofania de uma alucinação, esta última, certamente mais frequente. Mas sugiro um critério: se a voz – considerando que se trate de uma voz – comunica ao sujeito informações às quais ele não tinha acesso nem poderia ter, talvez estejamos na presença do verdadeiro fenômeno, e não de uma falsificação.”

Entendido?

Phil bem queria admitir isso, mas com algumas ressalvas. Primeiro, ele achava que Fat exagerava um pouco sua ignorância: ele o surpreendera, numa noite de Exegese, maravilhado ao ouvir *alemão* em sonho, língua que falava fluentemente. Confuso como era com a cronologia, ele desconfiava inverter também a ordem dos acontecimentos: ao pescar uma informação em sua enciclopédia, ele sonhava com isso e depois acordava tendo esquecido completamente da leitura; então, mergulhava de novo na enciclopédia, encontrava o mesmo achado e ficava soltando expressões de deslumbramento. Segundo Phil, de maneira geral, era preciso encontrar o meio-termo de um punhado de coisas escusas no inconsciente. Três décadas de psicanálise – junguiana, é verdade – foram incapazes de emancipar Fat da concepção mágica e primitiva do sonho. Ele continuava procurando neles mensagens externas ou presságios, recusando-se a considerá-los como um albergue espanhol onde cada um só consome aquilo que levou. Resultado: quando, na tarde seguinte à aparição da moça do *delivery* com o peixe de ouro, o número 840 tinha lhe aparecido em letras de fogo durante a sesta, ele mal abrira os olhos e se pôs a procurar o que poderia ter acontecido no ano de 840 antes e depois de Jesus Cristo, chegando até a imaginar sua vida pregressa em Micenas, em vez de se lembrar do preço do remédio que tinha sido entregue – a moça teve até que repetir o valor: 8,40 dólares.

Touché, reconheceu Fat. Mas e o grego?

Sobre a questão do grego, Phil tinha mesmo que compactuar com Jung, o que ele sabia ser uma inclinação perigosa. Inconsciente coletivo, memória filogenética, já estavam longe do terreno estritamente racional ao qual ele queria limitar a controvérsia. Mas, enfim, ainda era possível se safar dessa sem convidar Deus para a festa.

E Fat emendava, com o sorriso discreto que sempre acompanhava seus argumentos implacáveis: “e a hérnia do Chris? Você também acha que foi o inconsciente coletivo quem me avisou disso?”.

Phil coçava a cabeça. Ele não tinha meios de negar esse fato nem seu aspecto perturbador. Mas, para todos os efeitos, muitas coisas perturbadoras acontecem o tempo todo. As pessoas mais racionais são atormentadas pela concretização de um sonho premonitório ou pela clarividência de uma cartomante; Nancy e ele passaram por isso quando a senhora irlandesa de Santa Barbara tinha começado a descrever o gerente do restaurante de Berkeley infiltrado da KGB. De fato, é perturbador, mas não o suficiente para revirar toda nossa concepção de mundo que, até nova ordem, exclui a percepção extrassensorial.

O que não muda em nada o fato de ser perturbador.

Atarantado pela hérnia de Christopher, Phil contra-atacava com o argumento dito dos frutos: “Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores” (Mateus, 7:15). E Ele continua, com a desenvoltura no tecer das metáforas que é um dos traços de Seu estilo irreproduzível: “Por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos, e toda árvore má produz frutos maus”.

“Eis o verdadeiro critério”, exclamava Phil, “o único que permite distinguir alguém inspirado de um doente! Claro, nesse trecho o Cristo faz alusão mais aos falsos profetas, aos flautistas de Hamelin à la Hitler ou Jim Jones, mas o argumento também vale para o

sujeito corajoso como você que ouve vozes e se acredita profeta quando se trata simplesmente de alguém fora da curva. Também é legítimo que ele peça: mostre-nos os frutos de seu comércio com Deus. Você mudou? Eu sei, você entende grego, demitiu seu agente, corta os pelos do nariz...”

“Eu identifiquei a hérnia do...”

“Tudo bem, mas você pode honestamente afirmar que se tornou uma pessoa melhor? Faz vinte anos que você fala sobre empatia, caridade e ágape com uma voz trêmula, escreveu verdadeiros sermões para suas ex-mulheres a respeito disso, com citações de São Paulo. Muito bem, peguemos então São Paulo, na primeira epístola aos Coríntios 13:1-2: ‘Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência,’ – está ouvindo isso, Fat? – ‘e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria’.”

Ao ouvir isso, Fat baixava a cabeça entristecido. Phil conquistava vantagem. “Eu sei que você não é mau-caráter”, ele reconhecia; “sei que você dá aos pobres, que envia cheques para associações de caridade, que o sofrimento das crianças e dos gatos pode levá-lo às lágrimas. Mas isso não muda em nada o fato de que você continua sendo incapaz de demonstrar empatia. Por mais que você queira e reze, não tem um acesso maior ao outro do que tem ao mundo real e sensorial, à verdadeira vida, da qual um vidro impermeável continua te separando. É isso, o pecado mortal, e sequer é culpa sua. Você é mais vítima do que culpado. O pecado não é uma escolha moral, mas sim uma doença do espírito que o condena a se restringir a seu próprio comércio, ou seja, a eterna repetição. Você foi atingido por essa doença, estrangido a residir confinado no labirinto de seu cérebro. Você nunca ouve, ouviu, ou sequer ouvirá outra coisa senão as fitas magnéticas nas quais sua voz se imprime e se esvazia, em circuito fechado. Não crie ilusões para si próprio: é ela que você está ouvindo neste exato momento. É ela quem te diz isso. Às vezes você se deixa enrolar, pois para suportar essa voz você teve que aprender a forjar outras, fazê-las ecoar, realizando

verdadeiros colóquios enquanto ventríloquo. Mas, na realidade, você está sozinho, assim como Palmer Eldritch no mundo que ele esvaziou de substância e cujos habitantes carregam todas os seus estigmas. Ou como Nixon em seu salão oval apinhado de microfones que começam a funcionar assim que ele diz qualquer merda. Mas ele, de certa forma, teve sorte: foi obrigado a entregar essas fitas, que foram ouvidas antes de ser expulso de seu bunker. Ninguém fará isso por você. Até o fim dos seus dias, você vai poder ficar se ouvindo e se contradizendo tranquilamente para depois se dar razão.”

“É isso que você chama de me dar razão?”

“É exatamente isso. Além do mais, você *tem* razão. De todo jeito, eu não tenho como provar que você está errado. Todo o seu sistema se baseia nesse tipo de argumento que não é necessariamente justo, mas logicamente irrefreável, que leva o nome de sofisma. Neste caso, consiste em dizer: ‘Talvez eu não seja um profeta, mas, nesses termos, Isaías também não o é. Talvez eu confunda esses gorgolejos do meu inconsciente com a voz de Deus, mas essa objeção também vale para São Paulo. Em nome de que e apoiado em que conhecimento, você, Phil, pode diferenciar a luz que cegou a ele no caminho de Damas daquela que eu vi na primavera de 1974 em meu apartamento em Fullerton, no condado de Orange? Não tenho como garantir que você esteja errado ao não acreditar em mim, mas posso garantir que você também não teria acreditado em São Paulo. Você teria dado de ombros, falado em epilepsia ou num acesso de um doidivanas, assim como um bando de judeus devotos e gregos cultivados’. OK, não tenho nada a dizer contra isso. Também não tenho nada a dizer contra os ecologistas ferrenhos que, por mais que eu ache uma extravagância conceder às árvores e aos animais os mesmos direitos jurídicos que têm os homens, alegam que há um tempo atrás não achávamos menos extravagante a possibilidade de conceder esses mesmo direitos às mulheres e aos negros. Não tenho nada a dizer contra as pessoas que, depois de admitir que aos olhos de nossos ancestrais as tecnologias modernas pareceriam magia, obrigam-me a admitir que

as coisas que agora nos parecem ser inexplicáveis e perturbadoras, como você colocou muito bem, e as quais eu escondi embaixo do tapete com uma vassoura, um dia virão a integrar o campo da ciência: aqueles que hoje negam a percepção extrassensorial teriam condenado Galileu no passado. Pessoalmente, eu desconfio disso, mas a hipótese se sustenta, então prefiro me calar.”

“Você pode até se calar, mas sei o que está pensando: basta ler algumas páginas da minha Exegese, elas falam por si só. Elas denunciam eloquentemente a loucura de seu autor. A inacreditável complicação dessas teorias – as contradições, a inverossimilhança –, quando comparada à clareza resolvida das epístolas de São Paulo... A verdade tem algo de autodemonstrativo, que se impõe por conta própria. O mesmo vale para seu contrário e, para não dar-se conta disso, é preciso ter perdido todo e qualquer julgamento. É isso que você pensa, não é?”

“Claro que é isso que eu penso, mas sei aonde você quer chegar: sei que, ao pensar isso, não estou provando nada, o que talvez só comprove a minha preguiça. Estou com o nariz enfiado na sua Exegese fresquinha, ao passo que dois mil anos de costumes distraídos me separam do Novo Testamento. Se eu fosse capaz de enxergar com novos olhos, perceberia que não há nada mais arrevesado e contrário ao senso comum do que a doutrina cristã. As histórias dos deuses gregos têm algo de humano e de terreno que não desorienta, mais ou menos como aqueles filmes que tentam despertar o interesse das pessoas mostrando a vida de pessoas como elas com um toque a mais de glamour. Mas o cristianismo vai contra tudo aquilo que acreditamos saber espontaneamente acerca da ordem do mundo: esse Deus crucificado, esse canibalismo ritual que supostamente transformaria toda a espécie humana... Eu mesmo disse a Anne, quando frequentávamos a igreja de Inverness, que isso tudo mais parece uma história de ficção científica. É tão inverossímil quanto, e você não será o primeiro a pensar que é justamente por esse motivo que existe uma chance de que seja verdade...”

“Mesmo assim, você não acha bizarro que as minhas revelações se pareçam tanto com meus romances de ficção científica? Você

não acha que eu simplesmente me pus a acreditar naquilo que inventei?”

“Sim, mas isso pode ser colocado de outro jeito: pode-se dizer que você nunca inventou nada, e que essa revelação começou a invadir o mundo sem que você soubesse, pelo viés dos seus romances de ficção científica. E quanto mais eu penso nisso, mais me parece... Como dizer? Plausível? Lógico? Pertinente? Digamos que não me impressiona nada que Deus tenha escolhido esse veículo e justamente você para conduzi-lo. É sempre assim que Ele procede. Ele se vale de materiais vis: a pedra que os construtores rejeitaram. Quando Ele decide eleger um povo para Si, não opta pelos gregos nem pelos persas, nada disso, Ele vai atrás de uma tribo obscura, nômades dos quais ninguém nunca ouviu falar. E quando decide enviar Seu filho para o Seu povoado, é a mesma coisa: todo mundo esperava por um descendente real, mas eis que acaba acontecendo discretamente, na casa de pessoas pobres, no anexo de um hotel de beira de estrada em Belém. Uma das pouquíssimas coisas que se sabe da técnica de Deus é que Ele se manifesta sempre onde não se espera por Ele. Foi isso que Ele próprio disse em *Ubik* de maneira bastante clara: as mensagens de Runciter passam por comerciais de tevê e pichações de privadas, e não por encíclicas. Pelo menos a gente pode ter certeza de que, se Deus decidir falar aos homens nos dias de hoje, Ele não se dirigirá ao papa nem a nenhum de Seus representantes juramentados. E, se por motivos que dizem respeito a Ele, Ele decidir se dirigir a um escritor americano, não vai escolher Norman Mailer ou Susan Sontag, mas, mantendo a verossimilhança, escolherá o mais obscuro dos copistas, exprimindo-se por meio de romances baratos que ninguém leva a sério.”

“É preciso reconhecer que conduzi minha carreira com brilhantismo em vista dessa atribuição”, brinca Fat. “Por outro lado, tudo isso se parece bastante com o delírio de um zero à esquerda, não?”

“Sim, mas é possível que Deus, movido por Seus propósitos, se valha do delírio de um zero à esquerda. Seria bem do estilo d’Ele:

Suas vias impenetráveis, você sabe bem disso. O problema é que, com a fé, não existe nenhum motivo para se impedir. Se acreditarmos na ressurreição do Cristo, pega mal recusar Seus milagres e Seu nascimento das entranhas de uma virgem. Se acreditarmos na Virgem Maria, seria imprudente impedi-la de aparecer em Lourdes, em Fátima e em vários outros vilarejos de onde milhões de peregrinos saem transfigurados. Se acreditarmos nessas aparições, nas curas e nas medalhas milagrosas, por que não acreditar na reencarnação, na influência oculta que a grande pirâmide tem sobre a história universal ou em sua Exegese? No fundo, Fat, a sua astúcia é dizer que você é a água da bacia e que não tem como te jogar fora sem sacrificar a criança. Mas espere um minuto: o que acontece se eu aceitar sacrificar a criança?”

“Você quer dizer...”

“Sim, e se Deus não existir?”

“Aí, efetivamente, minha Exegese não passa de uma trama de idiotices.”

“Mas o Evangelho também: é isso que você ia dizer na sequência?”

“Sim, é isso mesmo, e São Paulo também dizia isso: se o Cristo não ressuscitou, tudo isso que estou lhes dizendo é conversa fiada. Então não tem nenhuma diferença entre Isaías e o presidente Schreber, entre São Paulo e um louco que acredita que é São Paulo – eu, por exemplo. Estamos todos no mesmo recinto dos psicóticos. Você está contente agora?”

“Você sabe muito bem que não. Desse jeito, nós dois saímos perdendo.”

“E então?”

“Não sei. Imagino que eu esteja encurralado.”

FIM DA LINHA

Sob o olhar inquieto de Phil, Fat chafurdava em sua Exegese todas as noites. Como alguém que, perdido num território desconhecido – Michigan, Tanzânia ou a pitoresca Auvergne –, passa o tempo todo consultando os mapas guardados no porta-luvas do carro, ele comparava incansavelmente o que lhe tinha acontecido nas mais diversas experiências e doutrinas espirituais conhecidas. Seus documentos de referência, como ele gostava de dizer com pompa, iam da *Encyclopaedia britannica* às publicações da igreja da cientologia, que vinham rendendo para seu colega Ron Hubbard. Ele recebia catálogos de pequenas livrarias esotéricas, nas prateleiras das quais o mestre Eckhart e a senhora Blavatsky repousavam lado a lado. Assim abastecidas, suas teorias eram sucedidas por outras teorias, cada uma delas lhe parecendo tão luminosa naquele momento quanto parecera a anterior e como pareceria a seguinte. Mas o romance que ele anunciava, que deveria ser para a Exegese algo como as parábolas de Cristo eram para seu ensinamento secreto, e cujos adiantamentos ele havia gastado há muito tempo, não estava avançando. As únicas entradas de dinheiro provinham de traduções de seus livros antigos, era preciso pagar a pensão de Nancy, e os Dick estavam comendo o pão que o diabo amassou. Tessa bem que quis trabalhar, mas ele se opunha a isso. Não gostou nada quando ela se inscreveu na universidade para ter aulas de alemão, língua que ele usava cada vez mais quando conversavam sem sequer suspeitar que ela não entendesse lhufas. De modo geral, ele não gostava quando ela saía, fosse para fazer compras, levar Christopher para passear ou mesmo para acompanhá-lo quando ele saía de perto. Ele preservava sua própria independência, e a ela não concedia nenhuma. Para ele, pouco importava o que ela pensava, mas tampouco admitia que ela lhe escondesse isso: perguntava de supetão o que lhe passava pela cabeça e ficava com raiva quando suspeitava de alguma omissão, mas não se dignou a dar a menor das explicações durante os meses em que, contando com a presença de Thomas em seu crânio, ele tinha quase parado de falar com a mulher para se entregar a conversas reservadas e explosões de riso com um interlocutor invisível. Nessas condições, o humor de Tessa ia azedando e ele a reprovava com igual azedume. Longe de atribuir esse fenômeno a causas psicológicas identificáveis, considerava-o parte integrante de um processo mais vasto e misterioso, que dizia respeito à sua obra sem que ele conseguisse explicá-lo: desde o retorno do real e do triunfo da luz, tudo deveria empreender o mesmo passo rumo a algo melhor, ou então parecia que, pelo contrário, tudo estava se degradando. Suas faculdades criativas declinavam, o lar ia de mal a pior, o carro estava batendo as botas. Pelo menos na aparência, o círculo de repetição que fazia sua vida de refém continuava resistindo.

Mais uma vez ele acreditou ter rompido com isso quando conheceu uma garota rechonchuda e decidida de 22 anos de nome Doris, que tinha acabado de se converter ao catolicismo dentro do rito episcopal. Ela queria virar freira, tinha lhe confessado logo na primeira das longas conversas que travaram em seu apartamentinho enfeitado com pôsteres de devoção. Ele aprovava esse projeto, ao mesmo tempo que traçava outro, de levá-la para a cama. Ah, como a vida seria estimulante se eles fossem morar juntos! Discutiriam teologia, iriam à missa, participariam das atividades da paróquia. Tateando o terreno, ele reclamava que Tessa não o entendia, que estava sufocado no casulo pequeno-burguês onde ela o havia enfiado, mas Doris tomava essa confissão de desgaste conjugal por infantilidade. Então, acreditando que estava acertando em cheio, ele se pôs a lhe falar de sua própria experiência religiosa.

Foi um longo relato, ao qual ela dedicou pronunciada atenção, mas um pouco professoral demais para o seu gosto. Sem saber direito que reação esperar, ele contava com algo mais animador do que a menção a uma pesquisa publicada na *Time Magazine*, segundo a qual 40% dos americanos alegavam ter vivido uma experiência mística. A reserva de Doris era explicada por uma escrupulosa ortodoxia. Ela bem queria se deixar levar pelos argumentos colocados em pauta por Fat e, a título de hipótese, não excluir a possibilidade de que ele pudesse de fato ter sido investido de uma missão profética, mas, prevenida pelo padre que a catequisara daquilo que estava começando a ser chamado de *new age*, ela exigia suas garantias doutrinárias. Dick jurava que sua Exegese não tinha nada a ver com as religiões sincréticas à moda de Pike, que ele não pretendia nem um pouco criar um novo culto, pelo contrário, colocava-se na mais estrita obediência cristã. Seu Deus era o mesmo de Abraão, Isaac e Jacó. No entanto, emendava, a história da salvação não estava concluída: tinha havido a era do Pai, da qual o Antigo Testamento prestava contas; a era do Filho, ilustrada pelo Novo Testamento; e agora estavam na era do Espírito. Então você quer dizer que considera seus livros a terceira parte da Bíblia?, inquietava-se Doris. Ou então que você se considera um

novo Messias? Dick ria com modéstia. Não, mas talvez alguém tipo o João Batista: o precursor num momento de transição entre duas eras; o maior na antiga aliança e o menor na nova configuração; o último dos profetas, aquele que surge quando todo mundo está se lamentando porque Deus não fala mais a Seu povo; a voz que grita no deserto. Se você ler a Bíblia direito, vai ver que ele era um barbudo iluminado, igualzinho a mim. É o caso de se perguntar honestamente se você mesma teria acreditado nele.

Doris, que era um público menos receptivo do que Phil para a retórica de Fat, perguntava-se isso apenas por uma questão formal, sem hesitar na resposta. A amizade amorosa de Dick deu uma ligeira esfriada por causa disso. As chamadas seriam retomadas e se transformariam em paixão quando, na primavera de 1975, descobriu-se que a jovem moça estava com um câncer linfático. Ele queria viver com ela, tomar conta dela, não deixá-la jamais. E a Tessa?, opunha-se Doris, para quem a fé impedia de fazer vista grossa aos vínculos do casamento. Ela recusou a hipótese de abandono de lar da parte dele, mas continuaram se encontrando o tempo todo. Voltando para casa à noite, Dick falava somente da doença de Doris, da religiosidade de Doris, da sublime resignação de Doris. As dúvidas de Doris em relação à sua missão tinham sido esquecidas, ou então ele a agradecia por isso como se fosse uma salutar lição de humildade. Nenhuma cabeleira humana jamais tinha lhe causado tamanho efeito erótico quanto a peruca usada por Doris depois de passar pela quimioterapia.

Por fim, foi Tessa quem, esgotada, partiu, levando Christopher com ela. Dick, ocupado discutindo com Tim Powers quando o jovem cunhado veio buscar os pertences de sua mulher, bancou certa desenvoltura. Ele tranquilizou Powers, que se preocupava com o moral do amigo, recusando a oferta de sua companhia. Caída a noite, ele mandou para dentro 49 comprimidos de digitoxina, 30 cápsulas de Librium e 60 de Agresoline junto com uma garrafa de vinho, infligiu alguns cortes nas próprias veias e deitou-se na garagem, depois de fechar a porta e dar partida no carro.

Uma falha da ignição fez o motor morrer. Irritado e sem enxergar um motivo para agonizar naquele desconforto depois que os gases do escapamento o haviam deixado na mão, ele voltou para casa e se arrastou até a cama. Pouco depois, teve sua porta arrombada por uma equipe de médicos plantonistas de emergência. Com o espírito confuso e a voz idem, ele tinha ligado para a farmácia para pedir uma nova leva de Librium, ao que o farmacêutico, acometido pela dúvida, avisou a organização médica. Depois ele viria a pensar que tinha de fazer uma tese sobre os farmacêuticos como auxiliares da graça em sua vida.

Depois da lavagem estomacal, ele foi colocado no CTI. De madrugada, retomou a consciência. Deitado, contemplava o monitor de encefalograma posto na cabeceira da cama como uma sentinela. Então aquela linha calma e cintilante que atravessava a tela preta sem descanso era ele. Os vagos pensamentos que percorriam seu cérebro entorpecido produziam aqueles sobressaltos minúsculos e irregulares. Ele mergulhou naquele espetáculo, tentando modificar as figuras controlando seus influxos cerebrais como se conduz um carrinho de brinquedo com controle remoto. Num dado momento, os sobressaltos se espaçaram ainda mais e a linha ficou reta. Parecia que ele encarava longamente essa reta, cujo traçado pacato significava sua morte. Depois, a contragosto, a linha retomava seu movimento sinusoidal.

Três dias depois, um policial armado o empurrou de cadeira de rodas ao longo do túnel que ligava o CTI à ala psiquiátrica do hospital. Muitas horas se passaram sem que alguém aparecesse para tomar conta dele. Por mais que ele conseguisse andar sem dificuldades, o policial, pelo motivo que fosse, o havia deixado na cadeira de rodas. E ali ele ficou, estacionado na ponta de um corredor por onde passavam, em intervalos irregulares, médicos e enfermeiros de jaleco branco, nunca os mesmos, e, em intervalos regulares, pessoas com roupa de quarto, sempre as mesmas, que lhe pareciam razoavelmente abatidas. Sem dúvida elas estavam obedecendo a um circuito ritual. Sem coragem de levantar para

conferir, ele se contentou em observar seus respectivos ritmos. Os doentes mentais se deslocam sempre na mesma velocidade – porque só conhecem uma. Mas tem aqueles que se arrastam e aqueles que desembestam. Viu passar várias vezes uma mulher corpulenta e esquecida que contava para quem quisesse ouvir e com uma voz curiosamente mundana como seu marido tinha tentado envenená-la deixando vazar um gás tóxico por debaixo da porta de seu quarto. Com um espanto distraído, notou que tinha acompanhado toda a continuidade da história mesmo que lacunas de tempo bastante longas separassem cada passagem da mulher diante dele e que essas passagens duravam apenas poucos segundos. Balançou a cabeça para afastar esse enigma, igual se faz para espantar um inseto.

Para se esquivar do sofrimento que ainda não estava sentindo, mas cuja presença sentia rondá-lo, ele tentou pensar na Exegese. Como de praxe, ele extraía certo reconforto da ideia de se entregar à elaboração de uma cosmogonia – atividade rara e normalmente reservada a entidades mais importantes do que um único indivíduo isolado, como civilizações inteiras, por exemplo. Mas não conseguia se interessar por isso. Nem por Deus. “*Eli, Eli, lamma sabacthani*”, murmurava ele sem despertar o menor eco que fosse em sua alma.

Ele pensava em Donna. Por mais triste que tenha sido, era como encontrar uma posição confortável em meio à insônia, um devaneio consistente. Ele se perguntava se Donna teria virado viciada em heroína, se estava morta ou casada, se morava em Oregon ou Idaho... Talvez estivesse adoentada por causa de um acidente na estrada. Mesmo sem motivos, essa ideia lhe parecia plausível.

Pensava também em Kleo, esforçando-se em vão para tentar imaginar como teria sido a vida do casal se tivesse ficado com ela. Que livros ele teria escrito, que cara teriam seus filhos. Ele teve uma mulher que o amava, mas acabou por deixá-la. Um homem não recebe um presente desses duas vezes. O que ela diria se o visse agora naquela cadeira de rodas, internado, separado da mulher e do

filho, com a ignição do carro sem funcionar e o cérebro completamente esfacelado? Com certeza ela choraria.

Ele chorou.

Assitiu à televisão. O convidado de Johnny Carson era Sammy Davis Jr., e ele se perguntava como seria ter um olho de vidro. Depois, no noticiário, vieram as breves e turvas imagens de Nixon em sua propriedade de San Clemente. Por pouco uma flebite não o matou, e agora também ele era empurrado numa cadeira de rodas. O câmera estava filmando tão de longe que não dava para ver seu rosto, apenas uma silhueta murcha debaixo de uma manta escocesa. De novo, Dick chorou, sentindo pena de si próprio e de seu velho inimigo. A guerra tinha terminado e eles se encontravam no mesmo ponto. Ambos tinham perdido.

Depois, ele foi submetido a diversos exames de rotina e tentou parecer o mais normal possível, e deu-se conta de que estava causando má impressão. Além do mais, não sabiam que ele era um reincidente – tinha feito bem em empreender sua primeira tentativa de suicídio no estrangeiro.

Anunciaram que ele ficaria em observação por três semanas, reforçando que isso podia se estender por até três meses. Ele pensou em pedir que lessem os seus direitos, mas voltou atrás. Quando se é louco, mais vale ficar de boca fechada.

Não acontecia grande coisa no serviço de atendimento. Diferente do que dizem os romances, os doentes não dominavam de fato o pessoal do hospital e o pessoal não torturava de fato os doentes. No geral, passavam o tempo lendo, assistindo à televisão, ficavam sentados, tiravam cochilos e jogavam cartas. Até conversavam um pouco, mas daquele jeito que as pessoas conversam enquanto esperam pelo ônibus numa estação rodoviária. Três vezes por dia, comiam numa bandeja de plástico. Também três vezes por dia, engoliam remédios. Todo mundo tinha direito à sua dose de Thorazine mais alguma outra coisa que as enfermeiras se recusavam a dizer o que era, mas ficavam de pé na frente dos doentes para garantir que engolissem tudo. Às vezes acontecia de

se enganarem e trazerem a mesma bandeja de medicamentos duas vezes na sequência. Eles tentavam explicar que já tinham tomado, mas elas insistiam para que tomassem de novo. Dick nunca ouviu um interno supondo que essa distribuição dupla fizesse parte de uma tática deliberada de embrutecimento dos doentes. As enfermeiras eram meio idiotas, diziam os mais tinosos; estavam sobrecarregadas, alegavam os mais gentis. Esperava-se um pouco mais de paranoia, mas não. Nem ele próprio sentia mais aquele desejo de armar suas teorias. Sentia-se morrendo. A vida física, mental e espiritual se esvaía dele à maneira que um abscesso verte pus. Logo não restaria muito mais do que um saco vazio.

Ele dividia um quarto, onde havia três camas, cada uma delas munida de braceletes de couro caso fosse preciso amarrá-los, com uma jovem hebefrênica que nunca falava nada e uma garota com jeito de mexicana, testemunha de Jeová, que, contrariamente, não se cansava de descrever o Reino de Deus, onde leões e cordeiros viviam felizes lado a lado. Ele sequer ficou tentado a dizer para ela que conhecia o Reino de Deus muito bem e que não se parecia nada com aquelas imagens de cartão-postal. Os sobreviventes dos campos de concentração também não têm coragem de corrigir as pessoas que, sem ter estado lá, ficam discorrendo sobre o assunto. Limitam-se a balançar a cabeça e manter o silêncio.

Ele devia ter visto Deus muito cedo ou muito tarde. Do ponto de vista da sobrevivência, de todo modo, não tinha dado certo no seu caso. O encontro com o Deus vivo, se é que tinha sido Ele mesmo nesse tal encontro, não havia lhe dado as forças necessárias para a luta de todo dia, para segurar sua mulher e o filho, nem para enfrentar com coragem aquilo que um homem deve enfrentar.

Se fosse Ele mesmo... A questão não era mais colocada nos termos retóricos da Exegese, em que se tratava simplesmente de impedir o adversário de provar o contrário. De que adiantava? Ele sabia que tinha encontrado alguma coisa e agora descobria que aquilo não tinha lhe feito bem algum. Mas, em toda sua vida, o que tinha lhe feito bem, afinal?

Pilhas de jornais velhos ficavam prostradas nas mesas de fórmica. Ele lia todos eles de maneira metódica e distraída. Um dia, caiu-lhe nas mãos um artigo curto, um desses *faits divers* tão avassaladores que não havia como levar o assunto adiante. Era a história de um garotinho de 3 anos levado ao hospital pelos pais para fazer uma operação corriqueira. Ele deveria ter alta no dia seguinte, mas o anestesista cometera um erro e o garoto, depois de passar semanas sob cuidados desesperados, havia ficado surdo, mudo, cego e paralisado. Irreversivelmente.

Tendo lido isso, Dick sentiu subindo pela garganta um choro que a preenchia, mas não encontrava meios de sair. Passou a tarde toda com os olhos fixos e arregalados de pavor. Nada nunca lhe fizera tanto mal. Ele não conseguia mais pensar em outra coisa que não fosse o despertar do garoto. O momento que ele retomaria a consciência, em plena escuridão. A princípio inquieto, mas com a inquietude experimentada quando se sabe que aquilo vai acabar alguma hora. Onde quer que ele estivesse, seus pais não deviam estar longe. Eles iam acender a luz, falar com ele. E nada disso acontecia. Gritar, mas sem sequer conseguir ouvir a si próprio. Talvez ele sentisse quando alguém tocava nele ou abria sua boca para dar de comer. Talvez ele fosse alimentado por tubos, o artigo não informava isso.

Seus pais e o pessoal do hospital permaneciam ao redor dele, descompostos de tamanho horror, mas ele não sabia disso. Era impossível se comunicar com ele. O eletroencefalograma indicava que ele estava consciente, que havia alguma coisa por trás daquele rosto de cera contraído, por trás daquelas pupilas que não viam mais, e ninguém conseguia ignorar o fato de que aquele alguém, aquela criança enclausurada viva estava silenciosamente gritando de desespero. Ninguém conseguia lhe explicar sua situação, mas, também, quem teria coragem de fazer isso? Quando e como ele entenderia o que tinha acontecido? E que aquilo ia perdurar, que seria para sempre assim? Em que termos pensa um garotinho de três anos? Ele já fala, dispõe de certa capacidade de abstração –

Christopher tinha essa mesma idade e começava a fazer perguntas sobre a morte.

É quando se pensa nisso que é preciso rezar, com a certeza de que alguém está ouvindo a oração e dando ouvidos a ela. Senhor, faça com que essa criança morra, ou então, o que talvez dê na mesma, encha com a Tua luz as trevas onde a mergulhaste. Toma-a nos Teus braços para niná-la de modo que ele não perceba mais nada além do Teu amor infinito em meio à escuridão eterna.

• • •

À noite, como não conseguia dormir, era invadido por uma triste e incontestável certeza.

Ele tinha realmente encontrado alguma coisa, pressentido alguma coisa ao longo de toda sua vida, mas não era Deus nem o diabo. Era Jane. Ele nunca teve outro parceiro nem outro adversário senão a metade morta de si próprio. Tudo tinha se desenrolado em circuito fechado. Sua vida e aquelas histórias bizarras que ele tinha imaginado não passavam de um longo diálogo entre Phil e Jane. E toda a incerteza que ele sofria e que tinha servido de material para seus livros remontava à questão de saber qual dos dois era a marionete e qual era o ventríloquo. Se o mundo real era aquele onde ele acreditava viver e, feito um médium, evocava Jane sob diversos disfarces divinos ou diabólicos, ou se era somente aquela tumba, aquele buraco negro, aquela escuridão eterna onde Jane vivia e imaginava seu irmão sobrevivente. Ele nada mais era que o ator principal do sonho de uma morta.

Ou então era ele quem estava morto, e não Jane.

Ele que se encontrava no fundo daquele buraco, no Colorado, há 48 anos. E Jane que, no mundo dos vivos, pensava nele. Das duas coisas, uma, mas isso não fazia a menor diferença. O tempo das teorias chegara ao fim.

Por toda sua vida, ele tinha buscado o real, e agora o havia encontrado: era aquela tumba. A tumba dele.

Ele estava ali.

Ele sempre tinha estado ali.

O garotinho do artigo de jornal era ele.

E, desta vez, não havia dúvidas, não havia uma verdade detrás daquela verdade derradeira. Ele sabia que tinha atingido o fim da linha.

Ele sabia também que precisaria esquecer esse conhecimento. A luz do sol vale mais do que a luz artificial, mas a luz artificial vale mais do que a escuridão. Afirmar o contrário não passa de uma bravata.

Ele esqueceria. Ele acreditaria ter elaborado naquela noite uma teoria como qualquer outra, particularmente depressiva, claro, mas as circunstâncias se ocupavam disso. Ele voltaria à sua ilusão, à vida que acreditava estar levando, continuaria rabiscando sua Exegese, pois aquilo ainda era o que de melhor ele havia encontrado para enfiar a cabeça na areia. Ele repetiria, de boa-fé, que daria a vida para enfim saber a verdade, que nada era mais desejável do que a verdade e, felizmente no seu caso, ele teria esquecido que aquilo tudo não era verdade.

Tudo se parecia com o conto dos três desejos, de que ele tanto gostava e que tantas vezes tinha contado a Jane em sua infância.

Primeiro desejo: quero saber a verdade; quero assomar novamente o rio do esquecimento; quero que me seja mostrado o fundo do saco.

Concedido.

Segundo desejo: quero esquecer, nunca mais voltar a pensar naquilo que vi, esquecer a história do garotinho, esquecer essa história de três desejos, esquecer que tenho direito a um terceiro desejo. Quero me esquecer de tudo.

Concedido.

O direito ao terceiro desejo lhe é mantido, mas, como prometido, você jamais saberá disso. Está esquecido.

Agora durma.

MASSA CRÍTICA

durante sua estadia no hospital psiquiátrico, Doris o visitava fielmente. Toda vez ele lhe implorava que aceitasse ir morar com ele quando saísse, lhe desse apoio moral durante seu período de remissão e, quando tal período tivesse acabado, ele cuidaria dela como ela fazia atualmente com ele, na caridade de Cristo. Ele a amaria e a si próprio, e Deus amaria ambos. Com a partida de Tessa, não podiam mais ser acusados de adultério, argumento que convenceu Doris.

Eles encontraram um apartamento de três cômodos em Santa Ana, num prédio novo que, plantado em meio ao *barrio* mexicano, devia ser considerado por seu arquiteto um exemplo de aliança harmoniosa entre modernismo e cor local. Parecia, na verdade, com uma prisão modelo. Era preciso um cartão magnético para abrir o portão do estacionamento subterrâneo; um circuito interno de imagens permitia que o porteiro vigiasse o hall e os corredores; alto-falantes escondidos tocavam uma música suave. Para um homem que tinha vivido a vida toda em casas e temia a promiscuidade, era uma escolha curiosa, mas ele nunca reclamou disso e ali ficaria até sua morte.

Essa nova residência tinha a vantagem de estar situada a dois passos da casa de Tim Powers e da igreja episcopal onde Doris trabalhava como responsável pelo programa de assistência social. Parte dessa responsabilidade consistia em distinguir os verdadeiros pobres, objeto de seus cuidados, dos drogados sempre prontos a lançar mão do estratagema que fosse para extorquir o dinheiro de suas picadas ou de seus remédios. Por mais que Dick lhe dissesse que os drogados eram tão dignos de compaixão quanto os pobres e que, afinal, eram tão pobres quanto eles, ela os considerava fingidos e os detestava. Enquanto cozinhava, ela contava histórias da paróquia que se pareciam com qualquer história de escritório: rivalidades, frustrações, não, de verdade, te juro que estou por aqui!

O herói positivo dessas histórias era o padre que a convertera; ela o chamava pelo nome, Larry, e se dizia apaixonada por ele. Quando confessou isso, Larry, que era casado e avô, respondeu, bem à maneira de Pike, que não misturava negócios e prazer. Mesmo depois desse chega pra lá, ele continuou sendo a referência suprema de Doris. Ela invocava sua autoridade a cada vez que Dick, soltando suas habituais farpas paroquiais, tentava arrastá-la para uma daquelas discussões teológicas que imaginou que seriam recorrentes ao viver junto com uma carola. “O Larry diz que isso é uma bobagem”, opunha ela aos argumentos audaciosos de que ele se valia para tentar fazê-la enxergar o plano de fundo gnóstico de sua fé. E emendava citando as Escrituras: “Vou perguntar ao Larry, mas isso deve ser uma parte da Bíblia que foi alterada”. Quando um versículo da Bíblia não era do agrado de Larry e Doris, eles passavam a considerá-lo apócrifo. Não tinham nenhum gosto pela especulação, pela controvérsia, pelo flerte com a heresia. Assim que seu companheiro se aventurava por esse terreno, Doris contraía as sobrancelhas e começava a ralar cenoura com um jeito tão obstinado que desencorajava a insistir no assunto. Viver com alguém à beira da morte se revelava como algo menos empolgante do que Dick imaginara.

• • •

Essa convivência não agradava muito aos amigos dos dois, que a consideravam pouco saudável, e menos ainda a Maurice, o psicoterapeuta que ele tinha se comprometido a consultar uma vez por semana no hospital. Maurice, um colosso de barba preta e jaqueta militar, acontecia de ter feito tráfico de armas e servido no exército israelense. Dessas experiências, guardou um tom brusco e imperativo que destoava de sua profissão, algo notável particularmente na maneira arrepiante de dizer a seguinte frase: “E não tô brincando”. Uma cláusula supérflua, posto que ninguém suspeitava que ele pudesse estar brincando mesmo.

No caso de Dick, seu projeto terapêutico consistia em intimidá-lo a ponto de fazê-lo querer gozar da existência em vez de tentar salvar

as pessoas. Segundo Maurice, para gozar da existência era preciso passar o fim de semana em Santa Barbara e traçar uma ou várias garotas peitudas, e ele não estava brincando em relação às peitudas. Infelizmente Dick não tinha o dom de gozar dessa maneira nem de nenhuma outra. Ele só conhecia os sentidos e se abstinha com prudência até mesmo de abordar as ideias que tinha a esse respeito. Simplesmente baixava a cabeça e esperava a tormenta passar quando Maurice dava-lhe uma bronca a respeito de Doris. Talvez com bons motivos, os psicoterapeutas têm uma tendência a desconfiar de atos apresentados como caridosos e desinteressados.

– Você só quer acreditar que é uma pessoa do bem – latia Maurice. – Se a Doris não estivesse com câncer, será que você ia querer se enroscar com ela? Não. O que te interessa é se dependurar na morte dizendo para si mesmo que está fazendo uma boa ação. Assim você ganha em todos os cenários: sai pagando de santinho e pode se suicidar numa boa. Porque o seu negócio é esse, é só te observar por cinco minutos para se dar conta. Bom, então vá lá, meu velho, não se faça de rogado: se você quer morrer, morra. Você vai morrer. E não tô brincando.

– Eu sei – murmurava Dick, com o rabo entre as pernas.

Considerava Maurice um imbecil, mas não excluía a hipótese de que ele tivesse razão. Chegou até a achar que tinha algo de verdadeiro na teoria psicossomática segundo a qual as doenças não caem na nossa cabeça por acaso, longe disso, elas realizam os desejos que operamos secretamente: em termos groddeckianos, como Maurice tanto gostava, os desejos de nosso id. Quando, em nome do bom senso, desafiamos os defensores mais ferrenhos da teoria psicossomática a engrossar o caldo, eles chegam ao ponto de sustentar que aquele que é atropelado por um carro na rua foi, na verdade, acertado por seu próprio instinto de morte, que foi o assassino quem se rendeu à faca do assassino – e, nesse ponto da discussão, sempre tem alguém para perguntar se as vítimas de Auschwitz, ou o id delas, também tinham desejado aquele destino.

Não era possível acusar Doris de ter desejado seu câncer de boa-fé. Mas ela cultivava uma relação de intimidade repugnante com o tumor e que, paradoxalmente, ficou ainda mais estreita desde que

os médicos anunciaram que ele estava regredindo. Isso lembrava Dick dos sentimentos que ele mesmo experimentara quando da fuga de seu gato Pinky: semanas passadas esperando que voltasse e sonhando com ele à noite, sem aceitar que a perda poderia ser definitiva. Qualquer arranhão na porta já o colocava em sobressalto: será que é o Pinky? Até que, um belo dia, o Pinky voltou. No caso de Doris, no entanto, a questão não era saber *se* aquele mal voltaria ou não, mas sim *quando* isso aconteceria. Os médicos tinham avisado: ele estava escondido em algum lugar no monte de baralho colocado diante dela. A cada dia ela tirava uma carta e ainda não era o câncer. Mas ela sabia que ele estava no jogo e que, se virasse todas as cartas, uma a uma, acabaria por encontrá-lo. Ela temia e esperava por esse momento cuja mera perspectiva fazia murchar qualquer alegria. Ao rir de uma piada na presença dela, tinha-se a impressão de estar cometendo uma injúria pessoal. O bom senso, pensava Dick com sua habitual perspicácia psicológica, tinha feito com que Doris subtraísse cada minuto possível de prazer da vida durante sua cura, em vez de simplesmente esperar que aquilo acabasse. Ele pregava a ela o hedonismo, esquecendo-se por um momento de que poucas pessoas podiam ser tão inadequadas para aquilo quanto ele próprio, e também que uma versão petulante de Doris o irritaria ainda mais do que a Doris ranzinza e devota.

Assim eles passaram três meses, vigiando a volta do linfoma e, no caso de Dick, tornando a vida insuportável com sua técnica costumeira: ou ele ficava escrevendo sua Exegese e ninguém podia incomodá-lo, ou ele parava de escrever e todo mundo tinha que estar disponível para discutir aquilo que ele tinha escrito. Além do mais, ele não suportava o fato de Doris sair com outros homens além dele e achava deplorável que ela trabalhasse, preferiria que ela dependesse dele materialmente, que ele bancasse todos os seus gastos e fosse saudado por sua benevolência.

No fim do verão, o apartamento vizinho ficou livre e Doris decidiu ocupá-lo, garantindo a Dick que suas relações não mudariam nada: eles continuariam se ajudando, ela cozinharía para ele, faria visitas,

a única diferença seria que cada um teria mais espaço para a privacidade. Seria melhor assim, não?

Não, pensava Dick, que só enxergava uma coisa: mais uma vez, estava sendo deixado por uma mulher. Seu sofrimento foi tamanho que ele acabou pegando uma estrada na contramão e passou nova temporada no hospital psiquiátrico, onde se apaixonou por uma jovem viciada, a quem esperava salvar. Em seguida, como tinha medo de voltar a pegar no volante, Tim Powers o levava para suas consultas semanais com Maurice. Dick insistia para que ele o deixasse lá bem antes do horário da sessão e voltasse para buscá-lo muito depois. A princípio, Powers pensava que o amigo queria poupá-lo da espera, depois descobriu consternado que, a cada vez, ele voltava com pedaços de papel com números de telefone anotados, sempre acompanhados de nomes de mulher. O hospital psiquiátrico tinha se tornado o centro de sua vida social e, assim como as boates, as praias ou as lavanderias automáticas para algumas pessoas, também um local de paquera.

À exceção do episódio que irei abordar no próximo capítulo, todas suas tentativas de tornar a se juntar com alguém acabaram falhando: esquizofrênicas, viciadas, cancerosas, todas aquelas mulheres de quem ele só queria amar as imperfeições pareciam ter sido inteligentes o suficiente para escapular de sua assiduidade digna de um cachorro são-bernardo. Desta vez, no entanto, fosse porque os instintos de vida e morte estavam igualmente fenecendo dentro de si, fosse porque tinha adquirido um pouco de sabedoria, ele se habituou à ideia. Fincou pé numa rotina que não deveria variar quase nada ao longo de seus últimos anos, tão escassos em acontecimentos exteriores. Ele, que tantas vezes tinha se mudado, ficou em pânico quando seu imóvel-prisão foi colocado à venda: chegou até a comprar o apartamento e a se tornar presidente da associação de proprietários, elemento de dignidade do qual se gabava sem parcimônia para mostrar como tinha mudado. Nessa época, o dinheiro fluía bem: seus antigos livros continuavam sendo vendidos no exterior e a Warner tinha comprado os direitos de

Blade Runner. Mas ele não sabia o que fazer com esse maná que chegara tarde demais. Acostumara-se à vida de solteiro, ao pequeno apartamento com as persianas sempre fechadas e cheirando a xixi de gato. Como ele padecia toda noite com sua Exegese, acabava acordando tarde, vestia-se de qualquer jeito com calças jeans e uma camisa florida amarrotada e ia ao mercadinho perto de casa para comprar pratos congelados, doces variados e latas de comida para gatos. À tarde, lia seus famosos livros de referência, ouvia música, escrevia cartas, fazia telefonemas e recebia visitas. Apesar da separação, tinha se reconciliado com Tessa, e várias vezes por semana ela lhe levava Christopher. O artigo de Paul Williams fizera dele um assunto de interesse para jornalistas descolados, que sempre apareciam com a perspectiva de fazer uma entrevista esquisitona – e raramente iam embora decepcionados. Acima de tudo, ele continuava a se encontrar bastante com Doris. Pouco tempo depois de terem parado de morar juntos, o câncer voltou e ela ficou muito doente. Uma fina divisória separava o banheiro deles, e Phil podia ouvi-la gemendo, ofegando e tentando vomitar por horas. Ele sugeriu que voltasse a morar com ele, para que pudesse auxiliá-la ao pé da latrina com maior comodidade, mas Doris recusou. Quando ela foi levada ao hospital, ele passou dias inteiros segurando sua mão e chorando na cabeceira. Enfiada naqueles travesseiros, ela parecia um velhinho careca. A quimioterapia a havia deixado meio surda e cega. Mas, quando ele perguntava como estava se sentindo, ela murmurava: “Sinto que Deus está me curando”. Ele balançava a cabeça desesperado, tratando Deus por canalha infame, e ficou vagamente constrangido quando Doris, contrariando todas as expectativas, ficou de fato curada.

Todas as noites de terça-feira, Powers recebia em sua casa um pequeno grupo de amigos, todos, assim como ele, escritores iniciantes de ficção científica. Quando casado, Dick mal tinha participado dessas reuniões; agora, solteiro e vizinho próximo, não

perdia nenhuma delas. Mulheres não eram aceitas, condição que antes o teria desagradado, mas que, ao liberá-lo da obsessão de seduzir, agora o deixava mais à vontade. Ele podia se deixar levar sem pensar duas vezes em meio a esses jovens que brincavam ingenuamente serem legítimos *clubmen* vitorianos, assumindo ares de conhecedores ao comparar marcas de uísque ou fumos aromáticos. Essas degustações críticas e a discussão acerca dos livros, filmes e discos lançados recentemente compunham o tema básico de conversa. A chegada de Dick só fez a interação beirar o extraordinário ao enriquecê-la com um tópico inédito que podia se chamar “Notícias da Exegese”. Toda terça ele chegava com uma bebida das boas e uma nova teoria sobre o sentido de sua experiência, sobre a qual todos tinham sido informados e solenemente solicitados a guardar segredo. Um dia ele reconciliava o pitagorismo e o zoroastrismo – rusga que seus companheiros ignoravam até então –, e na semana seguinte acreditava na doutrina do gnóstico Basílides. Sob sua influência, a pequena turma de fãs se transformou, bem ou mal, num círculo de teólogos.

Afora Dick, duas personalidades dominavam aquilo que um sonho o havia intimado a batizar de Sociedade Rhipidon – do grego *rhipidos*, “nadadeira, barbatana”, que evidentemente fazia uma alusão ao símbolo do peixe. Timothy Powers e K. W. Jeter poderiam ter formado uma dupla cômica: o bom garoto e o transgressor do mal. Loiro, bochechudo, de olhos azuis, sempre sorridente e pronto a ajudar, Powers alimentava seus romances com uma imaginação cordial e espontânea. Aliada a uma credulidade quase proverbial que ele obviamente gostava de exagerar, sua bonomia fazia dele o perfeito confidente à la Watson, sempre surpreendido pelo grande detetive que, nos dias mais pacatos, se diverte em pentelhá-lo. Ninguém era melhor que Powers em arregalar os olhos, beliscar-se e exclamar:

– Mas, Phil, desta vez tenho certeza que você está tirando um sarro de mim...

– Nada disso, Powers. A CIA descobriu uma droga desnorteante tão potente que as pessoas acham que estão em seu mundo

conhecido, levando a vidinha de todo dia, quando na verdade... Eu não deveria te dizer isso, estou vendo você ficando pálido, mas são grandes as chances de que, neste exato momento, nossos cérebros estejam mergulhados em potes, impregnados de ilusões com essa porcaria que o Jeter nos fez engolir.

– O *Kay Double-u*? (Todo mundo chamava Jeter por suas iniciais.)

– Você não reparou? Aquele malandro preparou o café e foi o único que não tomou nenhuma gota...

No começo de sua temporada em Fullerton, Dick desconfiava de Jeter, que gravitava na aula do professor McNelly e que ele considerava um agente provocador. Com o passar dos anos, o sujeito parou de lhe descer mal, passando a achar até mesmo cáustico ter como amigo um personagem tão agressivamente sinistro. Magro, com as maçãs do rosto salientes e um olhar reptiliano, K. W. parecia um matador de aluguel de um filme de banguê-banguê. E também escrevia seus romances de terror repletos de cenas de tortura e mutilação que deixavam qualquer um indignado. As pessoas que gostavam dele falavam em um humor mordaz, as outras o achavam odioso.

A principal preocupação da existência de Jeter era não se deixar enganar. Ele ouvia as pessoas daquele jeito que se dá ouvidos a um vendedor de carros que tenta empurrar um modelo usado. No plano espiritual, essa obsessão pela farsa traduzia-se na forma de um agnosticismo recalcitrante. Powers, por sua vez, era um católico romano, intransigente em seu dogma. Colocar os dois em confronto era puro deleite. Ao contrário de Doris que, ao ouvir um discurso irreligioso ou herético, apertava o passo como tinham lhe ensinado a fazer caso encontrasse um exibicionista, Powers se indignava, se inflamava e argumentava – na certeza de agradar Phil ao afirmar com certeza que, nos tempos da Inquisição, ele próprio teria acendido a fogueira de Dick, ao mesmo tempo que rezaria pela salvação de sua alma.

Ele fazia parte daqueles católicos que, sem conseguir explicar a existência do Mal, passam a negá-la. Para eles, o Mal não passa de

um desvio do caminho traçado pelo Bem, uma espécie de palmatória que Deus, como bom pedagogo, usa para nos educar. Desde Dostoiévski, é praxe opor a essa ideia tão harmoniosa quanto pouco convincente o fato bruto e incapaz de ser justificado por qualquer Providência que seja, acerca do sofrimento das crianças. Ivan Karamazov disse tudo sobre isso, e esse papel logicamente cabia a Jeter. Exceto por Dick, que nunca tocava no assunto, a menos quando era para argumentar usando a cura de Christopher, os integrantes da sociedade Rhipidon não tinham filhos, mas sim gatos, e assim ajustavam o argumento às suas prioridades afetivas. “E o meu gato?”, rosnava Jeter assim que alguém mencionava o nome de Deus, algo frequente nesse círculo em que era só cair a eletricidade que exclamavam: “Que merda, Deus derrubou os fusíveis de novo!” – só para cutucar Powers e Dick, claro.

Um dia, o gato de Jeter foi atropelado por um carro. Quando o dono correu para juntar seus restos, notou que ele ainda estava vivo, babando sangue. Jeter viu brilhar em meio àquela maçaroca um olhar de incompreensão assustado, impossível de esquecer.

– No dia do Juízo Final – continuava ele –, quando chegar a minha vez, vou dizer: “Espere um segundo!”. Então vou tirar o gato morto de dentro do meu casaco, prensado feito uma frigideira, e, segurando pelo rabo, vou colocá-lo bem no nariz do Grande Juiz para perguntar a Ele: “E então, como é que você explica isso?”.

– Essa é a pergunta mais velha já feita pelo homem – observava Powers. – É só ler o livro de Jó.

– Então é isso – ria um Jeter sarcástico. – Tudo o que eu compreendo é que é uma grande merda. Ou Deus não existe, ou é um escroto, ou está cagando para isso. Pronto, vou começar a escrever minha exegese também.

– Mas Deus não fala com você.

– Você sabe quem é que fala com o Phil? Sabe quem manda essas palavras em grego e a tal da luz rosa? Os moradores do planeta Idiota. Diga aí, Phil, como é mesmo que você chama a sabedoria de Deus? Santa alguma coisa?

- *Hagia Sophia* – dizia Dick com prudência.
- E como é que você diz *Hagia* Idiota? Santa Estúpida?
- Eu diria *Hagia Moron*... Isso também vem do grego, encontrei por acaso quando estava procurando a palavra “oxímoro”.

Dick sempre se defendia cedendo terreno ao adversário. E ele sabia que era bem o tipo de Jeter fazer esse papel diante dele. Claro que lhe faltava um pouco de elegância, não era alguém com quem contar para um debate dentro das regras. Mas, munido de sua brutalidade de pedra, ele fazia as vezes tanto de limitação quanto de trampolim. Por um lado, ele proibia Phil de esquecer que sua interação com Deus talvez pudesse ser explicada pelo delírio da paranoia. Por outro, se ele não tivesse nenhuma alternativa à loucura senão toda aquela *bullshit* universal a que se resumia a filosofia de Jeter, verdadeira propaganda do partido pascaliano, valia mais a pena continuar louco mesmo. E Jeter, que no fundo não era um sujeito ruim, concordava de bom grado: “Cada um caga na própria vida como pode. Se bobear, foi você quem achou a barbada certa”.

Alguns dias, ele se flagrava feliz. Não é que ele tinha mesmo tudo o que precisava para sê-lo? Uma vida tranquila, sem dramas, com rapé para cheirar, música, gatos, um grupo de amigos fiéis que, apesar das piadas, o admiravam, e também a sua Exegese, na qual eram revelados os propósitos do Senhor em relação a ele e ao mundo. Ainda era algo obscuro, contraditório, a abundância de teorias o desencaminhava um pouco, mas ele esperava que um dia o espírito que dormia dentro de si começaria a bufar e decidiria que a brincadeira tinha durado muito tempo, colocando um ponto final naquele manuscrito monstruoso. Ele, Dick, estaria escrevendo como de costume: “Eu me pergunto se... Será possível que... E se por acaso...?”, quando de repente aquilo que estava escondido no fundo de sua alma assumiria a pluma e apanharia todas as coisas na mão, arrematando: “Ele tinha razão, é isso mesmo”. E então apareceria para todo mundo com uma obviedade ofuscante, era bem aquilo

mesmo. Se Deus o havia escolhido como escriba, as coisas teriam que acontecer assim. Mas quem pode dizer qual é a vontade de Deus? Ao acreditar tê-la adivinhado, ele não despertaria a Sua fúria? Sustos terríveis e ataques de desencorajamento o acometiam, temendo que seu destino não fosse o de patinar até a morte em meio àquele lamaçal de papel. Tinha quase certeza de que o maior dos segredos estava escondido bem ali, entre os destroços, mas isso não significava que ele saberia identificá-lo. Talvez alguém lá de cima tivesse lhe reservado essa cruel vocação, esse longo suplício de Tântalo, essa rodada metafísica de gato-mia: a cada instante uma voz dizia que ele estava queimando e continuava a fazê-lo avançar em meio às trevas. Ele morreria enganado, em plena incerteza. Sempre podia dizer a si mesmo que, assim que passasse para o outro lado, ele saberia e, como tinha prometido São Paulo, finalmente veria a realidade frente a frente. Mas quem sabe?

Ao fim de três, quase quatro anos, a Exegese parecia muito mais distante do que no início de resultar num livro. Ele tirava sarro disso numa boa com Powers e os outros, mas na verdade não estava brincando tanto assim. Tinha enchido milhares de folhas que provavelmente ninguém nunca leria, elaborado teorias, cotejado referências, e a cada dia esse trabalho se afastava ainda mais de seu objetivo: prestar contas publicamente do que tinha lhe acontecido na primavera de 1974. Para conseguir alguns adiantamentos, ele tinha feito algumas sinopses de romances que pareciam extremamente promissoras aos olhos de todos, até mesmo aos seus próprios. Mas nem a sequência d'*O homem do castelo alto* nem um projeto intitulado *To Scare the Dead*, que contaria como o espírito de um homem de negócios californiano era invadido por um essênio do século 1 depois de Jesus Cristo, chegaram a vingar. Noutros tempos, quando ele era um autor prolífico, dava-lhe nos nervos quando perguntavam se algum dia ele resolveria escrever algo sério. Agora era pior, perguntavam se ele ainda escrevia. Diziam que sua célebre imaginação tinha secado, mas ele sabia muito bem que era outra coisa. Ele nunca teve imaginação. Ele escrevia relatórios. Por motivos de segurança, tinha

sido mantido na ignorância por muito tempo, acreditando que inventava suas histórias assim como deixaram Ragle Gumm acreditando que respondia às perguntas de um concurso organizado pelo jornal local. Até o dia em que, atendendo a seus pedidos, tinham tirado o véu que existia diante dele e, de uma só tacada, tiraram também a colônia de lebres metafísicas que se entocavam na sua Exegese. Uma história precisa de um sentido, de uma palavra final, e todos os sentidos tinham sido despejados de uma vez em sua cabeça. Ele vinha inventariando e separando todos eles com toda paciência há anos, mas sabia que, no fundo, quanto mais avançava, menos evoluía. O mistério ia ganhando peso com aquele punhado de folhas ilegíveis.

Era para ele ter morrido na primavera de 1974, lhe ocorria às vezes. Esse prazo fazia parte do seu programa e tudo tinha acontecido como previsto, ele fora transformado em cinzas ou luz em todos os universos compatíveis, menos em um. Existia essa variante na qual tinha acontecido uma anomalia: em vez de conhecer a iluminação derradeira e morrer, ele a tinha conhecido e sobrevivido. Pelo motivo que fosse, o Programador lhe revelara aquilo que normalmente é revelado na passagem para o outro lado, abandonando-o naquele vale de lágrimas. Daí a impressão de que mais nada podia lhe acontecer, de que a vida estava continuando sem ele. De certo modo, Philip K. Dick tinha morrido aos 46 anos. Em março de 1974, a palavra “fim” estava escrita no final da última página de sua história. Tinham lhe concedido uma prorrogação para que ele pudesse relê-la e apreender o sentido daquela luz que ele tinha entrevisto. Quando ele conseguisse fazer isso, finalmente o deixariam morrer de vez.

Do ponto de vista do Programador, essa experiência poderia ser interessante. Do ponto de vista de Dick, por outro lado, aproximava-se à de um rato de laboratório aprisionado num labirinto. “Eu me tornei uma máquina de pensar que não faz mais nada”, ele se lamentava. “Eu me coloquei um problema, ou então colocaram para mim, que não posso nem resolver nem esquecer, por isso estou

encurralado. A cada dia meu universo vai se encolhendo, estou trabalhando cada vez mais e vivendo cada vez menos. Isso é aterrorizante para mim, mas imagino que seja meu carma.”

Mais nada aconteceria. Ele não escreveria outros livros, não encontraria outras mulheres. Estava condenado a reler seus livros antigos, a rememorar a própria vida, a cobrir o texto de notas de rodapé inúteis sem nunca chegar a apreender o sentido disso num epílogo satisfatório.

Contudo, alguma coisa aconteceu. Ou melhor, alguém.

AQUELA POR QUEM ELE ESPERAVA

No vale da Lua, ao norte de São Francisco, existe uma bela cidade chamada Sonoma, e nessa bela cidade vivia uma bela mulher chamada Joan Simpson. Ela tinha os cabelos pretos, o corpo flexível e musculoso moldado pela prática de artes marciais, além de um jeito meio negligente de se sentar em posição de semilótus, com o pé bronzeado acomodado na dobra da coxa, o que evocava ao mesmo tempo uma sensualidade desprendida e uma vantagem sobre a maioria das pessoas em relação aos caminhos da serenidade. Ela trabalhava num hospital psiquiátrico, lia Jung, Ronald Laing e Sri Aurobindo. Um levíssimo toque de estrabismo completava seu charme.

Mesmo que não se interessasse muito por ficção científica, um dia tinha lhe caído nas mãos um romance de Dick. A história não informa qual foi, somente que ela foi atrás de todos os outros na sequência. Para tanto, teve que recorrer a livreiros especializados, aos quais ela falava sobre seu novo autor favorito como se soubesse de fonte segura que um ou dois séculos depois ele nos dominaria a todos com sua estatura profética. Eu não excluo o fato de que ela possa ter dito a mesma coisa que eu, um adolescente de óculos redondos e botas Clarks detonadas nos pés, vivia repetindo nessa época: que Dick era o nosso Dostoiévski, o homem que tinha entendido tudo. Saindo da boca de uma jovem sedutora e cultivada, que não era claramente louca nem integrante do lúmpen-leitorado de fãs dele, essa convicção impressionava. Um dos livreiros, que conhecia Dick, escreveu a ele para contar dessa lisonjeira admiradora. A isso se seguiu uma troca de cartas e telefonemas. Eu não saberia dizer se foi Phil ou Joan quem evocou primeiro o final de *O homem do castelo alto*. Em todo caso, Joan fez como Juliana: colocou o *I Ching* no porta-malas do carro e, com os seios livres debaixo de sua camiseta, dirigiu até o sul da Califórnia para encontrar o autor do livro e garantir a ele que, de certa forma, tudo aquilo que ele tinha escrito era verdade, algo inexplicável mas óbvio a seus olhos.

Como o Homem do castelo alto morava de fato num chalé suburbano, ela não ficou surpresa que Dick morasse num pequeno

apartamento. Achou que, barbudo, com os olhos brilhantes e curiosamente distinto apesar da negligência de sua postura e da nuvem de rapé suscitada a cada gesto seu, ele se parecia bastante com Hawthorne Abendsen. Ele tinha a mesma idade agora. Quando ele ofereceu a ela algo para beber, ela respondeu que queria um *old-fashioned*, naturalmente, e os dois caíram na risada.

Desde o princípio eles conversaram como se se conhecessem desde sempre. A frase mais banal é capaz de despertar ressonâncias em qualquer um, mas é raro e maravilhoso que duas pessoas percebam justamente as mesmas coisas quando se encontram pela primeira vez. Assim, dizem os adeptos da reencarnação, algumas vezes completos estranhos que se amaram numa vida anterior podem acabar se dando bem. Não é necessário acreditar na reencarnação para viver essa alegria em determinados encontros amorosos, mas o que aproximou Dick e Joan parecia-se mais com o primeiro fenômeno do que com o segundo. Tecnicamente, eles não foram amantes – durante esse período, a Exegese havia tornado Dick impotente. Praticamente sem sair do apartamento, eles passaram três semanas encantados com a certeza de que aquilo que estava acontecendo era algo de longa data, independente de seus conhecimentos, mas que lhes fora preparado e que os ultrapassava sem massacrá-los. Improvisando o diálogo, descobriram o texto de uma peça escrita para eles. Tinham esquecido que Dick era o autor de tudo aquilo, ou então ambos acreditavam que aquele texto lhe fora ditado.

Na penumbra do apartamento de persianas abaixadas, um tocando no rosto do outro com as pontas dos dedos como fazem os cegos, eles ficaram conversando dia e noite. “Eu sabia que você me reconheceria”, dizia Joan, e, pelo som de sua voz, vendo reluzir o esmalte de seus dentes, ele sabia que ela estava sorrindo. “E eu”, respondia ele, “eu sempre soube que um dia você viria, mas os sonhos estavam me anunciando isso há algumas semanas...”

Ele lhe contou tudo. Em voz baixa e sem pressa, contou-lhe seu despertar como uma epopeia espiritual cujas etapas eles reconstituíam juntos, revisitando seus livros em ordem cronológica.

Com frequência, Joan adiantava suas explicações; só de ler, sem conhecê-lo, ela tinha adivinhado tudo: como ele tinha sido enviado ao mundo com as lembranças bloqueadas; o cordão da luminária faltante que o havia alertado, levando a suspeitar do simulacro universal; a auscultação angustiada desse simulacro em seus livros dos anos 1960; a acusação do demiurgo em *Os três estigmas de Palmer Eldritch*; a denúncia dos procedimentos de que ele se vale para nos manter cativos: as drogas, as falsas memórias implantadas; e, em *Ubik*, a primeira aparição da potência redentora, tão humilde e discreta quanto o demiurgo é brutal e totalitário: o Espírito Santo não passava de um fôlego retido, uma borrifada de um vaporizador barato numa propaganda para donas de casa suburbanas, você tem que entender isso, meu amor, é a parte mais importante. Contou as reações que seus escritos tinham suscitado no momento em que o sentido daquilo lhe escapava: amigos e inimigos, filhos da Luz e filhos das Trevas; as derrotas que seus amigos lhe haviam infligido: errâncias, desejos de morte, uma espiral de perdição durante dez anos até voltar à superfície, à memória e à luz em 1974. Contudo, alguma coisa ainda estava derrapando. A partir disso, tudo deveria conduzi-lo à perfeita alegria, mas alguma coisa estava impedindo. Thomas, seu guia, o havia abandonado. Tinha perdido sua família mais uma vez. Ao mesmo tempo que se encontrava no território dos vencedores, até mesmo entre os artesãos dessa vitória, também era uma vítima da guerra. Tudo aquilo que ele entrevira tinha se revelado, a luz tinha triunfado e ele continuava enganado. Livre para viver em segurança, mas que vida era aquela? Uma vida solitária, sem amor, num apartamento puído em Santa Ana; uma vida puramente mental, uma vida de rato, dedicada a ouvir as fitas de Nixon que desfilavam incessantemente em seu cérebro e elaborando uma cosmogonia que, num golpe de ironia, certamente era algo falso. Pois o Programador, do jeito que ele O imaginava, não podia tratá-lo como a URSS tinha tratado os combatentes das Brigadas Internacionais refugiados em seu solo depois da guerra da Espanha, entregando-os a Hitler. O Outro derradeiro, se é que era Ele mesmo quem ele tinha encontrado, não

podia abandoná-lo no inferno da repetição. Não era possível. Sua vida não podia terminar daquele jeito. No fundo do poço do desespero, da solidão e de seu livro que se recusava a existir, de repente ele soube que as coisas não terminariam daquele jeito, que aquele pesadelo sombrio era apenas a penúltima sequência que leva a temer pelo pior bem antes do *happy end*. Em seus sonhos, uma mulher se aproximava. Ele parecia senti-la próxima de si, no colchão, o peso de seu corpo cálido e firme. Ele já conhecia a suavidade de seus seios com a palma das mãos. Uma noite, acordando em sobressalto, ele tinha esticado o braço, tocando os pelos de Pinky, que estavam enrolados no travesseiro, e, em vez de se desesperar, ele sorriu no escuro: o Programador estava lhe pregando uma peça, que logo chegaria ao fim. Sua recompensa chegaria. Para encontrá-lo, ela viajaria um dia todo, estaria sem sutiã debaixo da camiseta e apoiaria o pé sobre a coxa, em posição de semilótus. Sim, desse jeito mesmo.

“Meu Deus, quanto tempo eu te esperei!”

“Eu sei. Eu sei disso tudo. Agora estou aqui.”

A aparição de Joan devolveu a vida a Dick. Ele, que só saía do apartamento para ir ao mercado ao lado, à casa de Powers e, conduzido por este, às sessões com Maurice, deixou a sociedade Rhipidon surpresa ao perguntar com negligência se alguém podia cuidar de seus gatos nos próximos meses, durante sua ausência. Sim, ele pretendia passar o verão em Sonoma, com uma amiga. “Não, acho que vocês não a conhecem...” Ah, e depois, em setembro, ele tinha aceitado comparecer como convidado de honra a uma convenção de ficção científica em Metz, na França.

Ninguém conseguia acreditar e, no entanto, aconteceu: ele de fato passou o verão em Sonoma e foi mesmo a Metz, na França. Tudo isso acompanhado de Joan, incentivado por ela e cercado de seus TLC, senha secreta dos dois para *tender loving care*. Em inglês, a palavra *care* designa ao mesmo tempo os cuidados dispensados e o carinho dedicado a alguém – era exatamente o que Dick esperava

de uma mulher e que Joan lhe ofereceu durante alguns meses. Também ganhou dela um grande pingente de cruz que passou a usar o tempo todo dependurado numa corrente grossa.

Para a convenção de Metz, tinham lhe pedido que preparasse um discurso. Tal solicitação chegava na hora certa, junto com a visita de Joan. Todo homem tem algo que teme, mas também deseja mais que tudo no mundo. Dezesete anos antes, Dick tinha dado a esse fantasma a forma escrita, e eis que ele se concretizava. Juliana tinha vindo para confirmar que ele tinha razão. Agora ele podia sair do armário para anunciar a verdade ao mundo. E ele admirava o tato da Providência, que reservara esse primor aos franceses, seus admiradores mais fervorosos.

Depois de escolhido o título de seu discurso – *Se vocês acham este mundo ruim, deveriam dar uma olhada em alguns outros* –, ele se pôs a escrevê-lo numa espécie de transe. Assim como o vaporizador Ubik reverte a entropia, os TLC de Joan regeneravam seu pensamento. Do canteiro da Exegese finalmente jorrava uma cosmogonia coerente e que ele reconhecia como exata. Bastava partir d'*O homem do castelo alto* e ir puxando o fio até a aparição *real* de Joan diante de sua porta. Ao longo desse fio, tudo ia se organizando e ganhando sentido: a intuição dos universos paralelos, a pregação de Cristo, o trabalho do Programador no período de tempo que levava à queda de Nixon a partir de sua experiência na primavera de 1974. E, naturalmente, sua conferência teológica também fazia as vezes de declaração de amor: ao final, ele contava sobre a chegada de Joan, a confirmação decisiva que ela trouxera; de certa forma, sua presença podia ser considerada como prova da existência de Deus. Talvez fosse bom se, nesse momento, um projetor mirasse nele e ela subisse ao palco, dando um beijo na cruz que tinha dado a ele e subindo até seus lábios... Não, ele já tinha previsto esse tipo de encenação com Donna e aquilo não lhe trouxera sorte.

Durante todo o verão, ele ficou repetindo o texto no gravador. Joan pôde ouvi-lo várias vezes e ia corrigindo suas entonações. Ao que tudo indica, ela não manifestou a menor reserva em relação ao assunto. Quando eles embarcaram para a França, Fat se acreditava definitivamente o dono do território. Passou aquela longa noite de viagem resmungando trechos de seu discurso, com os olhos semicerrados e de mãos dadas com Joan. Às vezes, antecipando a reação do público, ele gargalhava internamente. Ele já tinha feito alguns e ouvido muitos mais desses discursos em convenções de ficção científica diante de uma sala cheia de fãs: no geral, eram adoráveis tecidos de anedotas, piscadelas sagazes, acenos de chapéu aos grandes mestres e incentivos aos jovens... Pensando naquilo que ia dizer, naquela bomba que estava trazendo em suas malas à revelia de todos, ele se sentia como o profeta Isaías convidado a assumir a fala numa reunião de Tupperware.

Ele atravessou o Atlântico quase certo de estar indo rumo ao triunfo. Se seu discurso fosse ouvido, isto é, acreditado, tal triunfo não teria nada a ver com um simples sucesso literário. Sua palavra seria reconhecida como uma revelação, mudaria a vida das pessoas. Multidões cada vez mais numerosas correriam para ouvi-lo – pois ele daria outras conferências, claro. Como Ragle Gumm, ele estamparia a capa da *Time Magazine* na qualidade de “homem do ano”, e até mesmo essa alcunha um dia viria a ser considerada irrisória e comovente, assim como costumam nos parecer as reações de nossos ancestrais a acontecimentos cuja importância eles não souberam mensurar no momento. Ele seria o Cristóvão Colombo dos universos paralelos. Viríamos a saber mais tarde que uma nova era tinha começado em 24 de setembro de 1977.

Ao imaginar seus leitores franceses como um exército de discípulos virtuais prontos para a conversão, ele tinha se enganado. Estava sendo ansiosamente esperado, claro, mas por filhos do maio de 1968 criados à base de *Charlie Hebdo* e que admiravam aquele transgressor do mal que ele se glorificava por não ser mais:

aquele Dick paranoico, viciado, esquerdista, irrecuperável. Aliciados pelo que tinham ouvido falar acerca dos “problemas pessoais” que explicavam o longo silêncio de seu ídolo, os participantes da convenção de Metz pensavam que desceria do avião um trapo de riso sarcástico, entorpecido pelas drogas, e tiveram a mesma decepção dos cronistas do rock quando ouvem seus lunáticos favoritos fazendo o elogio da vida familiar e do pensamento positivo, empunhando uma garrafa de água mineral. Dick se portava bem, era impecável até. Ele ria, ficava encarando as moças e comia aos montes, visivelmente radiante com o interesse que tinham por ele e com o fato de estar na França e de ter pegado o avião. Na primeira noite, um vizinho de mesa lhe perguntou com ar de entendido o que eram todos aqueles comprimidos que ele alinhava ao lado do prato, ao que Dick respondeu com um tom tão óbvio que eram para os problemas de estômago, que foi preciso se conformar de que serviam mesmo para esse fim.

• • •

No dia seguinte, logo que entrou na sala de conferências do hotel Sofitel, ele pareceu bem menos descontraído do que isso aos espectadores reunidos para ouvir seu discurso. A grande cruz pousada em seu peito peludo amplamente revelado pela camisa desabotoada era algo tão surpreendente e perturbador quanto um símbolo que não pode ser ignorado, mas cujo sentido tampouco pode ser apreendido: não podia ser uma profissão de fé cristã, algo que despertaria risos só de cogitar; restava apenas imaginar que era um impulso de deboche, talvez uma paródia do folclore vampiresco, mas, sendo esse o caso, ainda faltavam as cabeças de alho.

Estavam, então, todos perplexos, e Dick, por sua vez, suave de desespero. Joan, furiosa com as claras investidas que ele tinha dado em uma jovem jornalista bem na cara dela, ficou emburrada no quarto. Ele se sentia sozinho, carente de TLC, com zero convicção em tudo aquilo que ia dizer. A sala terminou de se encher aos ruídos, com poltronas rangendo, flashes espocando. Ao ser testado, o microfone se comportava como um contador Geiger tresloucado.

Para regulá-lo e diminuir as estridentes interferências, pediram a Dick que dissesse qualquer coisa, o que bem entendesse. Sentindo pesar sobre si os olhos rodeados de armações de metal daqueles barbudos magricelas e sarcásticos que ocupavam a primeira fileira usando seus casacos de lona ou jaquetas militares, soltou com a voz hesitante um versículo de São Paulo exortando aquele que deve anunciar a Palavra para que não se preocupe: o Espírito irá se encarregar de tudo. Felizmente, ninguém entendeu aquilo, mas Dick se deu conta de que não tinha mais confiança nas palavras do apóstolo. Estava vivenciando a lucidez atroz do pânico de um homem que, bêbado, faz uma aposta e, de volta à sobriedade, ao se deparar com uma parede, percebe que todas as saídas estão fechadas para ele, só lhe resta ser ridicularizado até o fim de seus dias. Para não levantar e sair correndo, ele desembestou a ler o texto sem esperar pelo sinal. Aqueles que o ouviram se lembram de uma voz fraca e metálica, bem diferente daquela do companheiro truculento da véspera; ocorreu a muitas pessoas a ideia de que aquele homem, seguindo a lógica de suas obras, tinha sido substituído por algum simulacro desregulado que começaria a queimar em pleno palanque por causa de um curto-circuito, explodindo nos ares junto com os outros que estavam ao seu redor.

O discurso começou com considerações bastante banais sobre a emergência de novas ideias, a retrospectiva óbvia que implicavam, a diferença clássica entre invenção e descoberta. Dick se declarou convencido de que não inventamos mais nada: tudo o que fazemos é descobrir verdades que estavam esperando para ver a luz do dia e que, mais do que serem encontradas por seu “inventor”, são elas que o encontram. O público estava achando o orador irritado, e as interrupções de seu tradutor, entediadas, mas não viam nada de estranho naquelas resoluções que pareciam ser ideias de romances. A evocação do Reino dos Céus aguçou os ouvidos daqueles que já tinham ficado preocupados com a cruz, mas o alerta passou – um crítico intelectual virou-se para seu vizinho para

lhe citar com um sorrisinho a fórmula de Borges que considera a teologia uma forma de literatura fantástica.

De fato, Dick se lançou num nebuloso falatório teológico, descrevendo a partida de xadrez que o Programador trava com o Adversário e as mudanças que cada movimento disso opera na configuração da realidade. Essa parte durou bem uma meia hora. Ele poderia até ter começado a recitar a lista telefônica sem que boa parte da audiência reparasse. Os ouvintes mais atentos, no entanto, começavam a sentir um leve mal-estar: mais ou menos como os passageiros de um trem que, por causa de barulhos suspeitos e solavancos que parecem sequer incomodar os outros viajantes, têm o pressentimento de um acidente; tentam se convencer de que não, que é o nervosismo que está fazendo isso com eles, que aqueles barulhos são normais, até que, de repente, como se brotasse daquela angústia pessoal, o terrível choque se produz num estrondo digno de fim do mundo, tinha acontecido: o trem acabava de descarrilhar.

. . .

Dick pigarreou, juntou suas folhas e, de repente, retomou o discurso com uma voz mais forte:

“No ponto em que estamos, seria necessário que as rédeas fossem retomadas por alguém que retenha a memória de um outro presente, pouco importa como, por enquanto. Logicamente, esse presente deveria ser pior do que aquele onde nós estamos, pois Deus trabalha sempre no sentido do aprimoramento. Do ponto de vista teórico, podemos defender com certeza que Ele é mau ou incompetente, mas me recuso a levar essa ideia a sério. Assim, a questão que trago à baila é a seguinte: será que alguém entre nós tem esse conhecimento pessoal de um mundo pior do que o nosso nos idos de 1977?

A resposta é: sim, eu.

Em *O homem do castelo alto*, o romancista Hawthorne Abendsen fica sabendo que seu livro, que ele acreditava ser a mais pura ficção, na verdade pinta a realidade. Eu fiz a mesma

descoberta em relação a meus próprios livros. Nem *O homem do castelo alto*, nem *Ubik*, nem *Fluam, minhas lágrimas* são obras de imaginação como eu acreditava. Ou, se preferirem, só o são agora, no universo onde nos encontramos e que, graças a Deus, substitui aquele outro de onde eu vim.

Tenho certeza de que vocês não acreditam em mim, e não achem que eu mesmo acredito no que digo. No entanto, é verdade. Vocês têm toda liberdade para acreditar em mim ou não, mas acreditem pelo menos nisto: eu não estou brincando. Isto é muito sério, muito importante. Vocês precisam entender que, para mim, o fato de declarar isso também é alucinante. Um monte de gente alega se lembrar de suas vidas passadas. Eu alego me lembrar de uma outra vida presente. Nunca ouvi falar de declarações parecidas com isso, mas suspeito que minha experiência não seja única. O que talvez o seja é o desejo de falar a respeito”.

Depois disso, para assombro e consternação geral, ele contou o que tinha lhe acontecido três anos antes. Falou em cristãos secretos e no papel que tiveram na queda de Nixon. Explicou que ele próprio, Dick, fora uma variável reprogramada numa dessas mudanças traiçoeiras da realidade que compõem a trama do universo e que, nessa ocasião, tinha entrado em contato direto com o Programador. Normalmente, Ele se esconde, *Deus absconditus*, como dizem os teólogos. Ele opera em cada átomo do mundo, mas ninguém pode vê-l’O, exceto aqueles de quem Ele se vale como se fossem peões de xadrez sobre um tabuleiro para executar uma jogada. Ele, Dick, tinha sido esse peão e podia repetir a palavra de São Paulo com experiência: há algo de terrível e de prodigioso em cair nas mãos do Deus vivo. O mesmo Deus que, no Antigo Testamento, diz: “Porque, eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá mais lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão” (Isaías 65:17).

E concluiu: “Ao ler essas palavras, penso que um grande segredo me foi revelado. Quando o Reino estiver entre nós, não nos lembraremos mais das tiranias nem da barbárie da Terra onde vivíamos. Acho que isso está acontecendo, que acontece desde

sempre. E que a misericórdia d'Ele permite que nos esqueçamos de tudo o que houve antes. Talvez, seja nos meus romances, seja com estas palavras, eu esteja errado ao despertar essas lembranças em vocês”.

Ele estava errado.

Mal tinha descido do palanque, começou a averiguar os danos. O tradutor, prostrado, tinha parado de traduzir sua fala, mas os ouvintes anglófonos resumiam o tema daquele escândalo para seus vizinhos: Dick não só tinha ficado louco, mas também fanático! A admiração que havia em torno dele deu lugar a um incômodo. Olhavam-no como se fosse um animal esquisito. Não sabiam mais com que tom abordá-lo.

Até o fim de sua estadia, que acabou sendo abreviada, foram empreendidos esforços hercúleos para botar panos quentes na situação e preservar o convívio alegre de uma manifestação na qual todos deviam estar na mesma sintonia. Com pouca firmeza mas grande aderência, decidiram acreditar numa certa mistificação. Assim como Orson Welles tinha aterrorizado a América com a adaptação de *Guerra dos mundos* para o rádio, esse Dick religioso estava testando um tema de romance com o público e, para deixar as coisas mais convincentes, fingiu acreditar em suas próprias chacotas. Ao ver essa versão oficial ganhando corpo, a parte interessada considerou que seria diplomático entrar na onda e puxar assunto com as pessoas nos elevadores do hotel, soltando risadas dignas de Falstaff acompanhadas de piscadelas insistentes e dizendo, grosseiro: “Vocês caíram direitinho!”.

Se eu estivesse escrevendo um romance, diria que essa falha foi uma catástrofe para ele, que ele preferiria ter sido vaiado a ser recebido com esse constrangimento zombeteiro e que, ao voltar para a Califórnia, ele ficou de cama e morreu. Seria dramaticamente satisfatório, mas não foi assim que aconteceu. Ele tinha uma incrível

capacidade de adaptação: quando falhava um dos roteiros que ele aplicava à realidade, era só arrumar outro, simples assim. Fat adotou o perfil baixo do jogador que tentou dar uma jogada de mestre e se deu mal, e Phil manteve aquela reserva inoportuna do sujeito que se abstém de dizer: “Eu bem que avisei”. Dick, então, cruzou o oceano de volta na pele de um turista contente com a viagem realizada, lisonjeado pelo tratamento VIP que recebeu e, claro, lamentando que um mal-entendido tivesse atravancado seu discurso, mas mais ou menos do jeito que lamentamos quando, num bom restaurante, pedimos o único prato que não queríamos por pura ignorância da língua: uma desventura mais para cômica, do tipo que compõe lembranças melhores do que os programas seguidos à risca.

(“Ainda assim, é curioso”, ele disse a Joan. “Todos eles devem ter ficado com esta pergunta secundária na cabeça: será que eu acreditava mesmo naquilo que estava contando para eles ou não? E ninguém se fez a pergunta principal: *será que é verdade?*”)

De todas as suas mulheres, Joan foi a única a deixá-lo sem dramas. Eles sequer romperam. A distância entre Sonoma e Santa Ana bastou para justificar o esgarçamento de um vínculo que ainda era afetuoso: eles relembravam tudo aquilo com uma nostalgia suave, como se tivesse sido um daqueles encontros incríveis que acontecem em uma viagem e que é condicionado a ela.

O discurso de Metz devia ter sido um advento de Fat, e Joan, a sacerdotisa de seu culto. Não funcionou. Dick, então, retomou a Exegese. Nela se deparou com seu velho problema, nos mesmos termos: como contar uma história cujo sentido é desconhecido por nós? Ele sonhou, teorizou, se desesperou e, contrariando todas as expectativas, encontrou uma solução.

Tinham lhe encomendado um prefácio para uma coletânea de seus textos antigos e, sem saber o que escrever, ele se pôs a falar

da juventude. Sem planos nem ideias prévias, ele contou anedotas, expôs ideias e criticou-as na sequência, tudo isso como se estivesse papeando com amigos. Deixando-se levar pela pluma, ele foi tomado por uma sensação de liberdade e, de repente, pensou que seria bom escrever assim, em tom familiar, sem querer provar nada do que tinha lhe acontecido.

Não tenho mais grandes coisas a dizer sobre *Valis*, que foi minha principal fonte para os capítulos que você acabou de ler. Nessa crônica, arrematada em duas semanas de trabalho que foram ao mesmo tempo intensas e descontraídas, acompanhamos a vida de um grupo de amigos que vivem em Santa Ana, na Califórnia, e parecem ser irmãos dos integrantes da sociedade Rhipidon. David, o católico romano, Kevin, o cínico de bom coração, e Phil, o escritor de ficção científica, têm bastante pano para manga com o amigo Horselover Fat. Este ficou bem louco nos anos 1960, suportou muitos sofrimentos e, desde a primavera de 1974, alegava ter visto Deus. É Phil quem conta essas histórias e conversas. Por mais que demonstre certa compaixão, ele é um testemunho imparcial, que não tenta tornar as teorias de Fat mais coerentes do que eram de fato. Veja, por exemplo, o tom que ele usa para evocar a Exegese:

“Saber disso, por rota direta do divino, tornou Fat um profeta dos últimos dias. Mas, como havia enlouquecido, ele também colocou absurdos em seu *tractatus*.

50. A fonte primordial de todas as nossas religiões está nos ancestrais da tribo Dogon, que conseguiu sua cosmogonia e cosmologia diretamente dos invasores de três olhos, que nos visitaram há muito tempo. Os invasores de três olhos são surdos-mudos e telepatas, não conseguiam respirar em nossa atmosfera, tinham o crânio alongado e deformado de Ikhnaton e emanavam de um planeta no sistema estelar de Sírio. Embora não tivessem mãos, mas, em vez disso, garras em pinça como as de um caranguejo, eram grandes construtores. Eles influenciaram secretamente nossa história para que ela atingisse um fim frutífero.

A essa altura Fat havia finalmente perdido o contato com a realidade”.

VERDADES PENÚLTIMAS

a menos que o fim desta história tenha acontecido em algum momento nas últimas cem páginas, estou me aproximando dele. O que ainda aconteceria a Dick? Sua mãe morreu e ele procurou Kleo, que não via há vinte anos, para lhe dar a notícia aos prantos. Os direitos cinematográficos de *Blade Runner* lhe renderam muito dinheiro. Ele doou boa parte desse valor a associações de caridade, comprou uma casa para Tessa e Christopher e quis oferecer o apartamento vizinho ao seu, aquele mesmo onde Doris havia morado por algum tempo, como presente de casamento para Tim Powers – que recusou. Ele continuou frequentando a casa do amigo todas as terças, e o psicoterapeuta todas as sextas. Fez um esforço para emagrecer, estava se vestindo melhor. Uma foto tirada nos escritórios da Warner mostra, ao lado do cineasta Ridley Scott, uma efígie bastante convincente de um escritor bem-sucedido: de constituição sólida, mas não barrigudo, a barba aparada e um elegante paletó de camurça. Joan Simpson foi seu último amor, mas ele encontrou ainda algumas outras amizades femininas, talvez até uma relação. Uma atriz desconhecida, para quem ele tentou em vão abrir as portas dos estúdios, lembra-se de cinco características dele: a caridade, o entusiasmo, a lealdade, a devoção à sua arte e a melancolia. Na penumbra de seu apartamento, ele ouvia muitas árias e peças para alaúde de Dowland, que tinham títulos como: “Sorrow”, “Stay”, ou “Weep You no More”, “Sad Fountains”, mas sua preferida continuava sendo mesmo “Flow my Tears”. Acompanhava de longe o crescimento de seu filho e, em alguns momentos, tinha a intenção de reatar com Tessa. Nos dias de angústia, era para ela que ele telefonava para que viesse reconfortá-lo em seus braços.

Deus não falava mais com ele. As visões quase não lhe apareciam mais, os sonhos tampouco. Dependendo do humor, ele via esse abandono como uma nova provação no seu caminho de salvação, indício de uma vitória definitiva do Adversário ou de uma volta à lucidez depois de uma longa crise de delírios. Uma noite, no entanto, depois que seu convidado foi embora, ele resolveu fumar uma ponta de baseado que estava perdida no cinzeiro e foi aí que Deus saiu de seu silêncio. Para garantir que não se tratava de um impostor, Dick quis que Ele passasse por um teste. Naquela hora, o

que conseguiu imaginar lhe pareceu luminosamente eficiente: tinha finalmente encontrado a pergunta que obrigaria o Altíssimo, ou quem quer que estivesse se passando por Ele, a abrir o jogo. No dia seguinte, infelizmente, ele não conseguia se lembrar nem da pergunta derradeira nem da resposta que recebera.

Como não tinha nada mais em que se apegar, deu continuidade à sua Exegese. Ele escreveu mais dois livros. Para ser mais preciso, Horselover Fat escreveu um e Phil Dick, outro.

O livro de Fat, *A invasão divina*, aborda um assunto intratável: a Encarnação. Todas as pessoas que escreveram sobre as vidas de Jesus deram com os burros n'água ao abordar esse mistério. O que o aprendiz de carpinteiro de Nazaré sabia sobre sua natureza divina? Teria ele tomado consciência disso progressivamente, durante um longo despertar? É possível imaginar que, pendurado na cruz, ele tenha pensado que era o brinquedinho de uma ilusão que acreditava ser o Filho de Deus? Caso contrário, se ele estava certo da ressurreição até o fim, como levar sua Paixão a sério?

O herói do livro é um garotinho que, como seu antecessor, se chama Emmanuel. Introduzido na Terra por fraude, e ainda por cima nas entranhas de um sujeito bastante doente, ele anuncia que nosso universo é, ao mesmo tempo, uma prisão e um simulacro; que a Criação escapou das mãos do Criador e que todos nós estamos adormecidos, sonhando os sonhos concedidos pelo Império, sob o poder do qual estamos subjugados. Vagas intuições, dúvidas e incoerências mínimas em nossa vida levam aqueles menos adormecidos dentre nós a pressentir a verdade. Eles sequer ousam acreditar nisso. Mas é preciso acreditar, é preciso acordar. Quem ouvir e acreditar na palavra de Emmanuel irá entrar no Jardim e restaurar a Realidade.

Várias figuras tutelares ajudam a criança a descobrir sua origem e sua missão: o profeta Elias, escondido na figura de um mendigo, João Batista, Zoroastro, Atenas, o próprio Jeová e ainda uma

sentenciosa garota que tinha o nome que os judeus dão à Sua presença: Shekkinah.

Essa reunião lembra aqueles filmes supostamente prestigiados em que um estúdio usa como coadjuvantes toda e qualquer estrela com a qual ainda tenha um contrato. Salpicado de referências aos essênios, aos gnósticos e aos hebreus, nessa história a elite da Exegese se encontra ao redor de um verdadeiro bufê das tradicionais especialidades de Dick: memórias maquiadas, suspensões criogênicas e muito mais, tudo isso ao som de uma música de John Dowland interpretada por Linda Ronstadt e sua orquestra de alaúdes sintetizadas.

Enfim, a rotina.

A transmigração de Timothy Archer é o exato oposto: vicioso, inesperado, uma verdadeira jogada de Rato.

Em 1979, Joan Didion, uma das mais finas escritoras da América, publicou *The White Album*, uma coletânea de ensaios sobre os anos 1960 que logo foi considerada um clássico do jornalismo literário. Essa coletânea contém um retrato devastador do bispo Pike: arrivista religioso, intelectual desprovido de inteligência, filisteu, egoísta. Ao ler isso, Dick sentiu uma tristeza atroz. Tão atroz, imagino eu, que, com sua mania de tomar para si o ponto de vista do adversário, sentiu na pele o que havia de pungente nos sarcasmos de Didion, achando que se aplicavam a ele tanto quanto a seu amigo defunto.

O subtítulo da sua Exegese era *Apologia pro vita mea*. Ocorreu-lhe, então, a ideia de escrever a apologia de Pike, que tinha sido tanto seu modelo quanto aquilo que ele desconfiava ser e, portanto, um perfeito *alter ego*.

Por meio de quem contar essa história? Pensou por um instante tomar a tarefa para si, mas acabou entendendo que não demoraria a chegar àquele impasse em que Phil e Fat disputavam sem fim. Era preciso encontrar outro ponto de vista. Fugir de si próprio, escrever com as palavras e os pensamentos de outra pessoa – o

velho sonho do romancista. *In extremis* e contrariando todas as expectativas, Dick conseguiu. Pela primeira vez na vida, ele criou uma heroína e essa mulher não era nem a morena simpática de seus sonhos nem a sirigaita castradora de seus pesadelos. Pela primeira vez na vida, ele criou uma personagem complexa e plausível que não se parecia com ele.

Angel, a narradora desse romance estritamente *mainstream*, casou-se com Jeff, filho do famoso bispo episcopal da Califórnia, Timothy Archer. Jeff se suicidou. O bispo e sua amante, Kirsten, alegavam ter entrado em contato com ele, direto do além. Kirsten também veio a se suicidar. O bispo é acometido por uma morte bizarra no deserto da Judeia. Tudo isso acontece no final dos anos 1960. O livro começa em 8 de dezembro de 1980, dia do assassinato de John Lennon. Três semanas antes, Ronald Reagan fora eleito presidente dos Estados Unidos. O *I Ching* confirmara: “Esta é a época do avanço dos inferiores, que estão prestes a expulsar os últimos homens fortes e nobres” (*Po*, desintegração).

Angel trabalha como gerente de uma loja de discos na Telegraph Avenue, em Berkeley. Assim como muitas pessoas na baía de São Francisco, ela define a cronologia de elementos da sua vida segundo os discos dos Beatles. Seu casamento tinha degingolado quando saiu *Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band*. Ao quarto de hotel onde foi encontrado morto e onde não havia uma vitrola, Jeff tinha levado o primeiro disco solo de Paul McCartney; doze anos depois, quando Angel ouve “Teddy Boy”, tem vontade de chorar. Por mais que lhe ensinem o contrário no seminário sufista que ela vem acompanhando, ministrado por um clone de Alan Watts num barco em Sausalito, ela acha que todos nós estamos na terra para descobrir que aquilo que mais amamos nos será tirado, simples assim. No dia da morte de Lennon, cai-lhe nas mãos o artigo que uma romancista elegante, Jane Marion, dedicara a seu sogro. Primeiro ela desaba em lágrimas, e depois decide escrever seu próprio testemunho.

Angel Archer amava e admirava o bispo, a quem chamava de Tim. Mas ela não era cega, e Dick também não o era em relação a

si próprio. Ao adotar o ponto de vista dessa jovem viúva em luto que tenta entender o que foi que deu errado, ele se deixa levar para bem longe de seu projeto apologético. Tendo partido da ideia de fazer o elogio de seu amigo e de justificar também a si próprio ao justificá-lo, de repente ele se viu indo além de Didion, pintando um homem seco e pedante que, sem nunca se prestar a ouvir, inundava seus interlocutores com avalanches de citações e de termos como “querigma”, “parúsia” e “hipóstase”. Tim Archer dava lições de moral em todo mundo, só sabia falar em “caridade”, lia a epístola aos Coríntios com o dedo em riste, mas ia fazendo seus caminhos sem sequer se preocupar com as consequências de seus atos. Nada que fosse trivial deveria entrar seu elã rumo à realidade. Quando ele tirava uma camisa nova da embalagem, deixava cair no chão os papéis e alfinetes, e depois, sempre com pressa, deixava o cômodo sem apanhá-los do chão. Quando não se entendia mais com sua mulher, declarou que o casamento deles estava anulado. Qualquer compromisso que não lhe servia mais passava a ser caduco. Mais do que perseverar no erro, não é melhor virar a página logo de uma vez? Essa regra de conduta, que Didion enxerga elegantemente como um traço essencial dos anos 1960, inspirava toda sua vida: uma sucessão de páginas viradas precipitadamente, um livro lido na diagonal. O próprio Cristo não era nada além de uma dessas páginas, uma experiência em meio às outras. Manter-se fiel a ele, contra todas as dúvidas e tentações, seria algo indigno para esse Don Juan do espírito. Como alguns Don Juans, aliás, o bispo era cada vez mais sincero e achava que sua última visão do mundo era a definitiva. Mas bastava sair um livro novo ou uma teoria sedutora para questionar tudo isso. A criança que, aos cinco anos de idade, lia o dicionário e a lista telefônica de cabo a rabo – façanha que seus admiradores sempre alardeavam para ilustrar sua paixão pelo conhecimento – continuava, quando adulto, procurando nos livros respostas objetivas para todas as perguntas que se fazia. Devia existir em algum lugar, pensava ele, um relato documentado, imparcial e confiável sobre os derradeiros fins, assim como existe sobre a política agrícola do Benelux. A descoberta de que as respostas a esse tipo de pergunta eram contraditórias de um livro ao

outro pelo simples fato de refletirem opiniões humanas – a menos que se acredite que a Bíblia ou o Alcorão foram obras de inspiração divina –, não o havia incitado ao relativismo de escolher seu lado de uma vez por todas, mas simplesmente o levava a mudar suas certezas sem parar.

Como era característico, o estudo desse caso de versatilidade intelectual e afetiva em forma de autorretrato ofereceu a Dick a oportunidade de uma nova inversão. Sua religião, agora, estava pronta: ao pintar as errâncias de Pike e as suas próprias, ele se colocava do lado de Angel Archer. Pelo menos ela tinha os pés no chão e, sem dar nome ao pecador, apontava como pecado a busca absurda por sentido que o havia induzido em erro no deserto da Judeia a bordo de um Fusca munido somente de um mapa rodoviário em grande escala e duas garrafas de Coca-Cola. Nada mais devastador do que o desprezo pela realidade imediata demonstrado pelas pessoas que nunca param de matutar sobre a Realidade derradeira. A ilusão de ir até o fundo das coisas os desvia da superfície; eles ignoram a matéria do mundo, sua suavidade e sua resistência. Passam pela vida a passeio.

“Sim”, suspirava Dick, “eu passei pela vida a passeio.”

• • •

Transformado em defensor do mundo concreto, ele não pôde deixar de ir além. Não se contentou em opor uma jovem infeliz e amorosa a seu cavaleiro do sentido de triste figura. Foi preciso acrescentar também um esquizofrênico, erigido praticamente como um exemplo por ter fracassado no teste dos provérbios. Nesse teste a que ele tinha sido submetido quando adolescente, deve-se explicar o significado de provérbios conhecidos, por exemplo: “Quando o gato não está, os ratos fazem a festa”. Espera-se que uma pessoa razoavelmente inteligente fale de funcionários que deitam e rolam quando o chefe está ausente; uma pessoa menos inteligente, por outro lado, não é capaz de transpor o enunciado, contentando-se em parafraseá-lo com os mesmos termos concretos, dizendo algo como: “Se você tem ratos em casa, seu gato cuida de

espantá-los, mas, quando o gato se vai, os ratos ficam contentes porque têm sua paz de volta, então eles dançam”. Levado por seu impulso, Dick chega a apresentar essa inaptidão ao pensamento abstrato como um apreciável antídoto aos excessos pelos quais se sabia culpado.

Àqueles que suspeitam que vagos fenômenos psíquicos possam provar o retorno de seu filho do mundo dos mortos, o bispo impaciente opõe o seguinte exemplo:

“– Você olha embaixo de seu carro e encontra uma poça d’água. Você não viu a água escorrendo do motor, é algo que você tem que supor. Mas você tem todos os motivos para isso, tem inclusive o direito de fazê-lo. Como advogado, posso te dizer o que tem valor de prova....

– O carro está estacionado na sua vaga de estacionamento mesmo? – interrompe o esquizofrênico. – Ou é um estacionamento público?

– Não estou te acompanhando – diz o bispo desconcertado depois de um longo silêncio.

– Se for a sua vaga na garagem, onde você é o único a estacionar, então não há dúvidas de que a poça vem do seu carro. Mas não teria vindo do motor; mais provavelmente do radiador, ou da bomba d’água, ou ainda da ignição. Se o carro for automático, tem um fluido especial que se parece muito com água. Você tem piloto automático?

– Como assim?

– No seu carro.

– Não sei, estou falando de um carro hipotético.

– Ah é? De todo jeito, a primeira coisa a se fazer é descobrir que fluido é esse. Você tem que se deitar no chão e esticar o braço embaixo do carro para colocar um dedo na poça. Agora, será que é óleo, combustível, fluido de freio ou água? Digamos que seja água. Isso dá para explicar: quando o motor funciona e o radiador esquenta, às vezes se produz um excedente que sai por um orifício projetado especialmente para isso. Na verdade, qual a marca do seu carro?

– Acho que é um Buick – diz o bispo consternado.

- Não – aponta Angel com suavidade –, é um Chrysler.
- Ahn? – diz o bispo”.

A coisa mais importante da vida é saber consertar seu carro, repetia Dick. Não um carro qualquer, nem carros em geral, porque nada existe no plano geral. Existem apenas coisas particulares, e aquelas que se encontram no nosso caminho deveriam bastar para nos ocupar. Todo o restante é perigoso. Começamos a notar repetições absurdas e a imaginar conexões engraçadas, daí nos pegamos acreditando que um propósito global rege todas as coisas e ficamos querendo atingi-lo... Enfim, ficamos paranoicos. Desconfiem sempre, jovens, basta colocar um dedo na engrenagem. E sei do que estou falando, essa é minha história.

No jogo de tabuleiro deste livro, esta posição nos leva de volta à casa número 16. Ironia e debandada: o inverno da alma. De pé no chão, Dom Quixote se converte ao mundo segundo Sancho Pança antes de morrer. E Cervantes junto com ele, parece, porque o romance é terminado assim, e aquele hábito do qual é difícil se despojar pede que o último capítulo nos dê a moral e o sentido da história.

Como *Timothy Archer* era o último livro de Dick, podemos considerar que a vantagem fica do lado de Phil. Assim, pessoas como Jeter, o apóstolo do *bullshit*, brincam ver nesse “testamento” uma significativa “volta ao real”, um desencantado mas pacífico consentimento com o absurdo, a complexa e maravilhosa idiotia do mundo. Não existe sentido, não além disso, e talvez seja melhor mesmo. Em todo caso, é assim, e porco é aquele que discorda.

Mas Dick era justamente um porco – quero dizer, um Rato. Ele não pôde deixar de terminar seu último livro com um capítulo que sugeria a transmigração do bispo defunto no corpo e espírito do jovem esquizofrênico, seu contraditor. Nem de arrematar esse último capítulo indicando que o esquizofrênico e a narradora observam esses fatos perturbadores enquanto dividem um belo e generoso baseado. Cansado, ele sentia a aproximação da morte, temendo o

momento em que a roleta pararia de rodar e a bolinha indicaria um número, necessariamente par ou ímpar. Ele sabia que esse momento ia chegar, mas, no que dependesse dele, continuaria insistindo em não concluir e se contradizer, oferecendo somente verdades penúltimas até o seu último suspiro.

Em setembro de 1981, ele teve uma visão derradeira. O Redentor tinha renascido: estava crescendo no Ceilão junto de uma família muito pobre e era chamado de Tagore. Considerando-se o eleito para lhe preparar o terreno, ele resumiu sua mensagem num artigo do qual enviou cópias para todos seus amigos e conhecidos, e também para um fanzine obscuro. A mensagem em questão era um cruzamento inapto de suas habituais obsessões religiosas com as teses de ecologia profunda que estavam começando a tomar de assalto as universidades californianas: a ecosfera é sagrada, quem fere a ecosfera está ferindo a Deus, e Tagore, o novo Cristo, está se preparando para assumir todos os pecados dos homens contra a ecosfera...

O tom empregado na carta a seus amigos comprova que ele acreditava piamente nisso. O que não o impediu de publicá-lo com assinatura de Horselover Fat nem de escrever para o mesmo fanzine um artigo parodiando suas produções recentes, onde se lia o seguinte trecho – algo em que ele provavelmente acreditava tanto quanto:

“Parece que Dick está tentando afastar o carma ruim adquirido pelas ruas nos últimos anos, na companhia de criminosos, agitadores, enfim, a escória do norte da Califórnia. Sugerimos a ele uma maneira melhor de se aprimorar: pare de escrever, Phil, e também de acreditar em todas as idiotices que lhe passam pela cabeça. Vá assistir televisão, enrole um baseado se quiser, você não vai morrer por isso. Permita-se viver até que seu espírito seja purgado tanto dos dias ruins de outrora quanto das suas reações aos dias ruins de outrora”.

Depois de escrever isso, ele soltou um suspiro de contentamento e voltou para sua Exegese.

O INSOLÚVEL

O acaso ou a Providência lhe pouparam do presente de grego de poder falar em seu leito de morte. Ele não teve a oportunidade de escolher suas últimas palavras e dizer ao mundo se estava indo dessa para uma melhor na pele de Phil Dick ou de Horselover Fat.

Em 17 de fevereiro de 1982, ele falou longamente sobre sua última ideia amalucada a um jornalista que foi entrevistá-lo: desde que o viu na televisão, passou a considerar Benjamin Creme, uma espécie de guru *new age*, uma das grandes luzes espirituais de nossos tempos confusos. Intrigado com a semelhança entre a mensagem de Tagore e as resoluções de Creme acerca da Era de Aquário, ele tinha lhe enviado alguns de seus livros com instruções tiradas da Exegese e estava ansioso para encontrá-lo. Explicou isso ao jornalista e, depois de lhe pedir que desligasse o gravador, confiou a ele todas as suas dúvidas em relação a essa bagunça toda. À noite, voltou a contatá-lo para dizer que aquilo que ele tinha dito off the record talvez exprimisse melhor a base de seu pensamento do que o que tinha sido registrado nas fitas. Era difícil saber se aquilo era motivo de angústia ou de divertimento para ele. Foi a última conversa que teve.

Dois dias mais tarde, preocupados por não tê-lo visto e por terem batido em vão à sua porta, seus vizinhos resolveram entrar no apartamento à força. Encontraram-no caído no chão, inanimado. No hospital, a princípio os médicos pensaram que ele se recuperaria desse ataque, mas acabou sendo acometido por outros dois nos dias seguintes. Ele não conseguia falar nem se mexer, apenas seus olhos delatavam o fato de que estava consciente. Os sacramentos da Igreja católica lhe foram concedidos sem que soubessem se ele desejava isso de fato ou não. Depois, ele entrou em coma. Por três dias, seu corpo permaneceu deitado na cama, e seus sinais vitais eram mantidos por vários tubos e injeções. A seu lado, um monitor testemunhava uma atividade cerebral extremamente reduzida, mas

não inexistente. Aqueles que faziam sua vigília fitavam longamente a linha cintilante que ia e voltava na tela preta. A que forma de pensamento podia corresponder aquele traço cuja amplitude não parava de diminuir, aqueles pontos de suspensão que se recusavam a se transformar em ponto final? Que limbo estaria percorrendo aquilo que ainda restava de Phil? Será que no final desse limbo se escondia uma resposta e, sendo o caso, haveria alguém lá para ouvi-lo?

Não sei se o terceiro desejo a que ele tinha direito foi lembrado. Não sei se, durante sua agonia, ou ainda depois dela, ele viu frente a frente aquilo que tinha entrevisto de maneira obscura num espelho e que perseguiu durante toda sua passagem pela Terra. Não sei se Deus existe ou, para ser mais preciso, estimo que essa questão não caiba a um biógrafo.

Só sei que Doris passou as três noites rezando à cabeceira da cama.

Segundo o que ele havia dito a ela sobre sua experiência espiritual, ela achava que ele tinha se enganado e que, ao procurar o Deus vivo, encontrara senão a si mesmo e a angústia de sua própria carne. Mas ele havia desejado e procurado Deus com toda sua alma, e Doris queria acreditar que, com um desejo tão forte assim, é até possível se desviar um pouco, mas não se perder de todo. Se Deus não tivesse pena de Phil, como poderíamos atribuir a Ele o dom da misericórdia? De que serviria então a comunhão dos santos?

Ela rezou por sua salvação, certa de que seria atendida e de que, na verdade, estamos todos salvos, afinal, foi para isso que o Cristo intercedeu. E precisamente por estar certa disso tudo, ela prometeu que renovaria essa oração todos os dias em que vivesse.

(No momento em que escrevo, ela continua viva, e a oração também.)

Depois, o encefalograma ficou estável. Restavam-lhe cinco dias. Cinco dias até que uma linha reta cortasse a tela e todos os aparelhos fossem desligados, no dia 2 de março.

Já bastante idoso, Edgar Dick saiu de seu retiro para buscar o corpo de seu filho e levá-lo até o Colorado, onde seu lugar o aguardava havia 53 anos. Foi preciso apenas gravar a data de sua morte na lápide. Quando desceram o corpo de Phil para a companhia de Jane e quando o velhinho, até então impassível, reviu o caixão minúsculo da bebê, ele desatou em lágrimas.

NOTA

Depois da morte de Dick, seus herdeiros confiaram o papel de executor literário a Paul Williams. Uma caminhonete lotada com sua papelada, incluindo a Exegese e os carbonos de suas correspondências, foi despejada na garagem da casa dele, em Glen Ellen, na Califórnia, que acabou se tornando um local mítico para dickianos do mundo todo. Dessa garagem emana o boletim que os une a todos, a *Philip K. Dick Society Newsletter*, e registra o andamento desse culto há décadas. O filme de Ridley Scott contribuiu para dar popularidade ao autor, e o mesmo se deu com a adaptação do conto “Lembramos para você a preço de atacado”, que deu origem ao filme *O vingador do futuro*, com Arnold Schwarzenegger. Também houve uma ópera inspirada em *Valis*, outros projetos de filmes, dezenas de livros sobre Dick, outras dezenas de livros que fazem referência a Dick e ainda livros que têm Dick como herói. Por toda parte acontecem manifestações que se parecem ao mesmo tempo colóquios universitários e celebrações de seitas. Uma atração que se tornou ritual nessas reuniões é a apresentação de um ator inglês, John Joyce, que reproduz o discurso de Metz diante da comunidade de fiéis. É difícil assistir a isso sem pensar no grupo de Joe Chip e de seus amigos, cujo mundo, em *Ubik*, é pouco a pouco tomado pela presença de Glen Runciter vinda do além-túmulo. Os dickianos não se cansam de apontar os detalhes que indicam uma perda dickização do universo; não está excluída a possibilidade, pensam eles – e às vezes eu também penso igual –, de que Dick venha a estampar de fato a capa da *Time Magazine* na qualidade de homem do ano ou do fim do milênio. Diante da avalanche de reedições e artigos de jornais sérios, eles vivenciam os sentimentos confusos dos primeiros cristãos no momento do reconhecimento de sua fé por parte do Império: o triunfo, mas também a nostalgia das catacumbas, do heroísmo e do segredo. Mesmo que tomados por certa inclinação ao proselitismo, os *happy few* deixam de ser *happy* na justa medida em que deixam de ser *few*. E a hora do reconhecimento *mainstream* chegou – esta biografia que você acaba de ler é um sintoma disso.

Trata-se do quarto volume num intervalo de dez anos, e ele obviamente deve muito a seus antecessores: em primeiro lugar, *Divine Invasions: The Life of Philip K. Dick*, de Lawrence Sutin, e também *In Search of Philip K. Dick*, de Anne R. Dick, obra que até o momento desta publicação permanecia inédita e que agradeço à autora por ter me comunicado a respeito. Li vários outros livros para escrever este, é impossível reconhecer minha dívida para com todos eles aqui. Cito dois deles: as informações sobre a história do LSD nos Estados Unidos foram tiradas da pesquisa de Jay Stevens, *Storming Heaven: LSD and the American Dream*; o jogo do Rato foi descrito – e, na minha opinião, também inventado – por Thomas M. Disch.

Minha principal fonte, no entanto, foi a própria obra de Dick, de onde tirei tudo aquilo que não me foi confirmado por depoimentos ou

imaginado por mim mesmo.

Traduzida em vários idiomas, a obra de Dick tem vários volumes disponíveis em português, em várias edições.

• • •

Além de Anne Dick, gostaria de agradecer a Ray Nelson, Joan Simpson, Tim Powers, Jim Blaylock, Doris Sauter e Paul Williams, que me receberam nos Estados Unidos para falar sobre Philip K. Dick; Stéphane Martin, que me fez ler *Ubik* lá se vão algumas décadas; Gilles Tournier e Nicole Clerc, pela hospitalidade; Hélène Colon e Robert Louit, por terem gentilmente me dado acesso a seus arquivos e conhecimentos; François-Marie Samuelson e Elizabeth Gille, respectivamente meu agente e editora, que apoiaram este projeto arriscado com sua confiança; enfim, a todos aqueles que colaboraram de bom grado lendo o manuscrito e me ajudando a melhorá-lo: Hélène e Louis Carrère d'Encausse, meus pais, Jacqueline-Frédéric Frié, Françoise e Patrice Boyer, Hervé Clerc. E a minha mulher, Anne.

[1] *Fluam, minhas lágrimas, escorram de suas nascentes.*

Para sempre exilado, permita-me lamentar...

[2] *Que essas luzes vãs se apaguem,
cessem de brilhar...*

[3] *É fácil viver com os olhos fechados...*

EU ESTOU VIVO E VOCÊS ESTÃO MORTOS

TÍTULO ORIGINAL: Je Suis Vivant Et Vous Êtes Morts

COPIDESQUE: Marcela Vieira

REVISÃO: Entrelinhas Editorial | Denis Araki

CAPA: Pedro Inoue

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Desenho Editorial

VERSÃO ELETRÔNICA: [S2 Books](#)

DIREÇÃO EXECUTIVA: Betty Fromer

DIREÇÃO EDITORIAL: Adriano Fromer Piazzzi

EDITORIAL: Daniel Lameira | Mateus Duque Erthal | Katharina Cotrim | Bárbara Prince | Júlia Mendonça | Andréa Bergamaschi

COPYRIGHT © EMMANUEL CARRÈRE ET LES ÉDITIONS DU SEUIL, 1993

COPYRIGHT © EDITORA ALEPH, 2016

(EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA O BRASIL)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTE, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS.



Rua Lisboa, 314
05413-000 – São Paulo/SP – Brasil
Tel.: [55 11] 3743-3202
www.editoraaleph.com.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Vagner Rodolfo CRB-8/9410

C314e Carrère, Emmanuel, 1957-

Eu estou vivo e vocês estão mortos: a vida de Philip K. Dick
[recurso eletrônico] / Emmanuel Carrère ; traduzido por Daniel
Lühmann. - São Paulo : Aleph, 2016.
327 p. ; 1,98MB.

Tradução de: Je Suis Vivant Et Vous Êtes Morts
Inclui índice.
ISBN: 9788576573302 (Ebook)

1. Dick, Philip K., 1928-1982. 2. Escritores americanos. 3.
Biografia. I. Lühmann, Daniel. II. Título.

2016-94

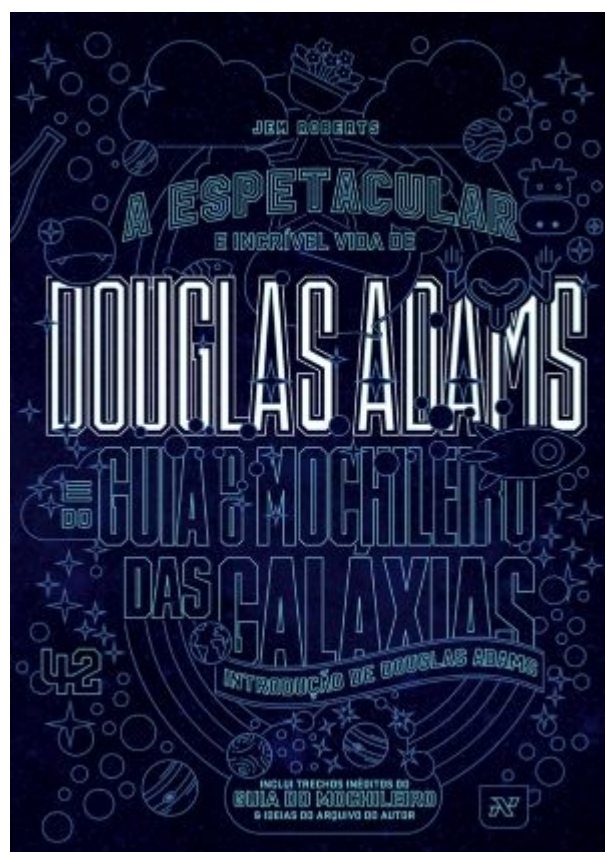
CDD 928.1
CDU 929:821.111(73)

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Escritores americanos : Biografia 928.1
2. Estudos biográficos: Literatura norte-americana 821.111(73)-3

**INSTITUT
FRANÇAIS**

CET OUVRAGE A BÉNÉFICIÉ DU
SOUTIEN DES PROGRAMMES
D'AIDE À LA PUBLICATION DE
L'INSTITUT FRANÇAIS.



A Espetacular e Incrível Vida de Douglas Adams e do Guia do Mochileiro das Galáxias

Roberts, Jem

9788576573296

552 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Guia do mochileiro das galáxias foi, além de um marco do entretenimento britânico e mundial, uma das séries de comédia mais importantes, influentes e absurdamente legais já escritas.

Revelando desde influências dos Beatles até relações com Doctor Who e Monty Python, Jem Roberts nos convida a descobrir a incrível história de Douglas Adams e de sua maior obra, anos depois da repentina e chocante morte do autor. Esta biografia, publicada com total aprovação de sua família e de seus amigos mais próximos, lança um novo olhar sobre Douglas e sua mundialmente aclamada criação. Pela primeira vez os arquivos pessoais do autor do Guia foram examinados, e ideias, trechos inéditos, relatos e novas piadas foram reunidos aqui, para a apreciação dos fãs, como uma celebração à mais louca odisseia da história da comédia britânica. Não entrem em pânico. E preparem suas toalhas...

[Compre agora e leia](#)



AS FONTES DO PARAÍSO

As Fontes do Paraíso

Clarke, Arthur C.

9788576572275

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Há dois séculos, Kalidasa desafiou sua família e sua religião para empreender uma verdadeira maravilha arquitetônica: a construção de um suntuoso palácio no topo de uma montanha, que o alçaria aos céus e o igualaria aos deuses. Duzentos anos depois, o ambicioso engenheiro Vannevar Morgan, que já unira dois continentes com a Ponte Gibraltar, se propõe a construir uma nova ponte, desta vez ligando a Terra ao espaço sideral. O que ele não imagina, porém, é que em seu caminho está um monastério budista, localizado sobre a única montanha na qual seu projeto poderia ser construído. Em paralelo, a humanidade detecta um estranho sinal de rádio, de origem não humana. Pela primeira vez na história, o planeta Terra é contatado por uma raça alienígena que, ao que tudo indica, está cada vez mais próxima.

[Compre agora e leia](#)

WALTER M. MILLER JR.



UM CÂNTICO PARA LEIBOWITZ

Um Cântico para Leibowitz

Jr., Walter M. Miller

9788576572459

400 páginas

[Compre agora e leia](#)

Após ter sido quase aniquilada por um holocausto nuclear, a humanidade mergulha em desolação e obscurantismo, assombrada pela herança atômica e pelo vazio de uma civilização perdida. Os anos de loucura e violência que se seguiram ao Dilúvio de Fogo arrasaram o conhecimento acumulado por milênios. A ciência, causadora de todos os males, só encontrará abrigo na Ordem Albertina de São Leibowitz, cujos monges se dedicam a recolher e preservar os vestígios de uma cultura agora esquecida. Seiscentos anos depois da catástrofe, na aridez do deserto de Utah, o inusitado encontro de um jovem noviço com um velho peregrino guarda uma surpreendente descoberta, um elo frágil com o século 20. Um foco de luz sobre um mundo de trevas. Cobrindo mil e oitocentos anos de história futura, "Um cântico para Leibowitz" narra a perturbadora epopeia de uma ordem religiosa para salvar o saber humano. Marco da literatura distópica e pós-apocalíptica, vencedor do prêmio Hugo de 1961, este clássico atemporal é considerado uma das obras de ficção científica mais importantes de seu tempo.

[Compre agora e leia](#)

ARTHUR C.



ENCONTRO COM RAMA

Encontro com Rama

Clarke, Arthur C.

9788576572572

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Vencedor de renomados prêmios da ficção científica, entre eles o Hugo e o Nebula, "Encontro com Rama" conta a história de uma terrível colisão de um meteorito contra o continente europeu. Após o acontecimento, líderes mundiais e cientistas reuniram esforços para evitar que catástrofes dessa natureza voltassem a acontecer. Quase cinquenta anos depois, a humanidade atônita acompanha a chegada de um novo astro ao Sistema Solar.

De proporções inimagináveis, Rama espanta e ameaça, pois avança firmemente na direção de nosso Sol. Uma expedição é enviada para explorar os mistérios do que se imagina ser um colossal meteoro. Mas, num misto de surpresa e apreensão, Rama se revela uma sofisticada construção, repleta de enigmas que desafiam a mente e os conceitos humanos. Inestimável fonte de pesquisa para a ciência ou ameaça para a segurança da humanidade, Rama torna-se palco de uma das mais fascinantes jornadas de descobrimento da ficção científica; um espelho da genialidade de um dos autores mais criativos do século 20.

[Compre agora e leia](#)



Cultura da Conexão

Jenkins, Henry

9788576572541

408 páginas

[Compre agora e leia](#)

Essa máxima simples, mas definitiva, norteia a análise de três renomados pensadores atuais da mídia moderna - entre eles Henry Jenkins, autor do referencial Cultura da Convergência (Aleph) - sobre o futuro da circulação de conteúdo nos meios de comunicação social e digital. Vivemos uma mudança de paradigma na mídia: a passagem de uma mentalidade regulada pela lógica da radiodifusão, que dominou todo o século 20, para outra em que o controle sobre a produção e a distribuição cultural já não é tão rígido; uma nova proposição que permite e valoriza o engajamento das audiências. Hoje, as pessoas não se limitam ao simples papel de consumidor. Discutem, reagem, espalham seus interesses e críticas pelas diferentes modalidades de mídia. Querem ser ouvidas, atendidas, recompensadas. Entre as muitas possibilidades dessa cultura cada vez mais ligada em rede, há pelo menos uma grande certeza: será mais bem-sucedido quem souber lidar melhor com as aspirações e desejos de um público ávido por participar e opinar.

[Compre agora e leia](#)